

VÂNIA LARA

Acima de TUDO





Copyright© By Editora Coerência 2018

ACIMA DE TUDO © VÂNIA LARA

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil

Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial:	LILIAN VACCARO
Revisão:	HELOÍSA R. DE CARVALHO
Capa:	DÉCIO GOMES
Diagramação:	CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Lara, Vânia;

Acima de Tudo

1a edição — São Paulo — Editora Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-078-1

1. Literatura Brasileira 2. Romance. Título

CDD. 869-3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

VÂNIA LARA

Acima *de* TUDO



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

Alguma vez você vivenciou uma dor ou uma perda extrema e pensou não ter forças para continuar? Complicado, não é? Eu bem sei... Aconteceu comigo e posso garantir que foi muito, muito difícil.

Fui traída duas vezes por uma pessoa que jurou me proteger. Perdi outra que mais precisava de mim, alguém que eu deveria proteger.

Perder quem tanto amava me devastou.

Senti que jamais conseguiria me recuperar desse imenso vazio. Insuportável. Parecia o fim de tudo. As forças se esvaíam e apenas a dor permanecia.

Precisava decidir se deseja recomeçar a viver ou nunca me libertar da dor, da perda e da saudade...

Meu barco se encontrava à deriva e, à frente, o prelúdio da tempestade. No entanto, a âncora veio de quem eu menos esperava numa cidade pequena no interior do estado.

“Histórias de superação são comoventes e nos

inspiram a continuar lutando com força, fé e coragem”, disse Laura, minha amiga de infância. Mas esta não é apenas mais uma história de superação... é a minha vida.

Sou Evelyn Matias e esta é a minha história...

PARTE 1

CAPÍTULO 01

Meses antes

Este foi o dia mais triste da minha vida. O momento mais doloroso, quando segurei seu corpo inerte e sem vida pela última vez.

Olhei ao redor, e me deparei apenas com jazidas de cimento, cercado por um grande muro. Não havia mais ninguém ali comigo. O lugar ermo e vazio tornava o ambiente ainda mais lúgubre e triste.

Ao longe, avistava alguns repórteres buscando as últimas cenas. Esse acontecimento não importava mais, logo estariam em busca de novos assuntos, provocando escândalos ou chocando a sociedade.

Eu estava só, com pensamentos distantes, em frente ao local onde, para sempre, manterá meu maior bem em segurança.

Como era bom estar ao seu lado... Fui feliz nos breves três anos de sua existência. Amei e fui amada.

Senti a raiva tomar o lugar da tristeza no meu coração, se instalando em meu maxilar e em meus punhos. O que aconteceu foi cruel! O que fizeram comigo, o que fizeram com...

Um nó apertava minha garganta.

Abaixei junto ao seu túmulo. As dores provocadas pelos ferimentos me faziam lembrar a todo instante da minha falha e negligência. As escoriações ainda eram visíveis no corpo. O rosto arranhado e o braço imobilizado com tala e gesso, traziam-me o sentimento de culpa.

Apertei os lábios, reprimindo a dor da alma, a dor física não me importava mais, ossos colam outra vez, mas e o coração?

— Como prosseguir? A saudade apertada ainda mais ao pensar que jamais voltarei a vê-lo, meu amado... — falei sussurrando, como uma última prece. — A dor dilacera o meu coração, é inconsolável. É duro aceitar. É difícil de entender. Neste momento tão dolorido, ainda procuro a última rama de força que me resta, para dizer como você foi importante em minha vida.

Olhei em volta. Os poucos que vieram, se foram,

apenas a solidão me acompanhava.

— A sua partida deixará saudades, para sempre! Deixou-me esfaçalhada em mil pedaços, mas por você buscarei forças para sair desse poço escuro, desse luto pesaroso.

Eu me apegava às lembranças, tudo o que poderia carregar a partir de agora, era guardado em uma pequena caixa de couro. Apenas o que restara do que um dia fui e um dia tivera.

Vou me reerguer e honrar a sua morte, prometi diante de seu túmulo, antes de me levantar.

Caminhei para a saída, em direção ao grande portão. A dor não cabia no peito, no entanto, não havia mais lágrimas para chorar. Segui a pé o trajeto até em casa. Era uma caminhada longa, porém, com certeza, me faria bem. Respirar, caminhar e pensar em como seguir em frente.

Às vezes, o que precisamos fazer para mudar o destino e a sorte é, somente, cruzar uma porta. Precisava descobrir qual abrir e tudo iria mudar.

Olhei uma última vez para trás.

— Descanse em paz.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 02

Jim

— Mandou bem no violão hoje! Outra vez, hein, Jim! — disseram os rapazes enquanto batiam em minhas costas, me parabenizando após mais uma noite num dos barzinhos da cidade.

— Quando é o próximo?

— Fim de semana? — perguntou um deles ao me entregar uma cerveja gelada.

— O cara do *Saudosa* quer você lá um dia desses!

— Não sei, não... — respondeu pensativo. — Tô um pouco cansado, desanimado. Acho que vou parar de tocar por um tempo, sabe...

— Que isso, Jim! Não faz isso não!

— Qual é, cara? A grana que tão te pagando tá pouca, é?

— O dono disse que vai te pagar bem, porque na última vez que você se apresentou lá, ele faturou uma *nota*.

— Também, a casa lotou! O cara faturou mesmo — retruquei, sentindo o calor se abrandar pela bebida gelada que descia pela garganta.

— Todos os lugares onde toca estão sempre cheios. Todos curtem quando canta.

— Principalmente as gatinhas! — comentou outro, com um imenso sorriso na cara.

Ouvi uivos e assobios da rapaziada, não deixava de ser verdade.

— Por falar nisso, vai deixar as garotas te esperando, cara? Qual vai levar pra casa hoje?

— Oi, meninos... — falou uma delas, cercada pelas amigas, aproximando-se da nossa mesa, como se a última frase dos rapazes oferecesse passaporte livre para que se aproximassem de nós.

— Oi, Jim, arrasou esta noite! — Uma garota linda, magra e alta, se aproximou com uma saia minúscula e o decote sedutor. Os cabelos loiros e tingidos, grudavam na pele suada.

— E aí, Cláudia... — Puxei-a para o meu colo. — Está a fim de ir pra um lugar mais tranquilo? — Recebi apenas um aceno afirmativo seguido de um beijo molhado no lóbulo da orelha. — Te vejo

PERIGOSAS ACHERON

daqui a pouco, então, quando encerrar a noite, okay?

Os caras mais uma vez gritaram e uivaram excitados, todos com uma garota a tiracolo. Levantei-me e segui ao palco improvisado, onde deixara o violão e o microfone.

...

Acordei na manhã seguinte, sentindo o gosto amargo na boca seca e a cabeça latejar devido à ressaca. Os olhos ardiam com a claridade entrando pela janela da sala.

Os amigos com quem dividia o apartamento tinham passado a noite fora, sempre faziam isso. Então, podia aproveitar o apartamento só para mim, ou melhor, para mim e as garotas.

Levantei-me aos tropeços enquanto as imagens da noite anterior voltavam à memória. Havia trazido uma menina para casa depois do show. Qual era o nome dela mesmo? A ressaca sempre me deixava com a cabeça conturbada.

Cláudia! Era esse o nome. Uma garota linda e estonteante, ardente de desejo!

— Droga! — amaldiçoei após bater o pé na mesinha de centro. — Por que insistem em colocar essa *coisa* no meio do caminho?

Darei um jeito nisso quando melhorar dessa ressaca.

Segui ao meu quarto. Minha cama ainda estava arrumada.

Não levava as garotas para lá, era contra os meus princípios. Contudo, nunca soube explicar o porquê dessa preferência quando elas me questionavam.

Era um canto particular, sei lá, só meu, e seria invasivo demais arrastá-las para lá. Procurava, portanto, outros lugares menos íntimos, como a casa da garota ou, até mesmo, o sofá de casa.

Parei em frente ao espelho fixado na porta do guarda-roupas. A noite fora ótima, obrigado, mas não podia mais continuar assim. Já estava com trinta anos! Embora gostasse dessa vida de solteiro e garanhão, nunca acreditei na historinha do Peter Pan.

Precisava dar um jeito nessa minha existência de moleque, bagunçada.

“Está na hora de encontrar uma garota decente e

PERIGOSAS ACHERON

se casar, rapaz!”, dizia meu pai, toda vez que o encontrava.

A verdade é que nunca me apaixonara, nenhuma das garotas com que saíra havia me conquistado para além de uma noite. Esperava algo mais delas, no entanto, eu nem ao menos saberia dizer o quê.

Talvez essa vida desregrada fosse exatamente o que o destino havia me reservado.

...

Evelyn

Pela janela, avistava a simples paisagem de árvores e fazendas, onde gados e plantações completavam a imagem processada por meus olhos cansados. Horizonte tão comum que muito tinha visto em vinte e oito anos de vida.

Ao meu lado, uma velha senhora contava a história de sua descendência inteira, com nascimentos de lindos bisnetos e casamentos de netos: guerreiros que passaram por dificuldades na vida e se tornaram vencedores.

Eu não estava interessada em sua história, pois tinha a minha que já era bem difícil de aceitar e não

tivera um final feliz, no entanto, ouvia a senhora tagarelar procurando demonstrar interesse. Vez ou outra, fazia comentários evasivos para certificar de que desempenhava bem o papel de passageira ouvinte naquele diálogo.

Gostaria apenas de repousar a cabeça e dormir, embora fantasmas povoassem meu sono com constantes pesadelos nos últimos meses, que ficavam piores a cada noite.

Fugia do passado, na certeza de um recomeço.

Iniciar uma nova jornada em outro lugar seria o mais certo a se fazer no momento, tendo em vista que não conseguiria enfrentar os monstros que me atormentavam na vida real. Fugir era a única opção.

CAPÍTULO 03

Evelyn

Depois de uma viagem cansativa, em que homens, mulheres e crianças se apertavam entre as poltronas com suas bagagens e o suor de 12 horas sofridas dentro do ônibus, chacoalhando pelas estradas velhas que seguiam para o interior do estado, chegamos ao destino.

Desci na rodoviária da pequena cidade, o ponto final para mim. O ônibus ainda seguiria rumo a mais algumas paradas obrigatórias em outras cidades próximas.

Não queria estar ali, mas as circunstâncias da vida me forçaram. Seja qual fosse meu futuro, seria nesta cidade, no fim do mundo, longe do que já havia construído e daquele que tudo me fez perder.

Recomeçar! Essa era a nova etapa da minha vida, uma nova porta, nova cidade, um possível recomeço. Outrora, parti da Capital sem planos, mas com muitas expectativas. No entanto, olhando

à minha volta, não almejava grandes expectativas.

Cidade pequena e simples como qualquer outra: ruas estreitas, construções antigas e povo pacato. Diferente do vai e vem constante de pedestres e intermináveis filas de veículos, além dos inúmeros letreiros, painéis luminosos por todos os lados e da fiel poluição sonora.

Olhei no grande relógio pendurado no alto da parede. Eram treze horas e quarenta e cinco minutos. O ônibus estava previsto para chegar às quinze horas e trinta minutos. Quase duas horas de antecedência! *Bem, antes cedo do que tarde.*

Todos os passageiros sabiam sua rota ao pisar no chão firme daquele lugar. Amigos e familiares os aguardavam com efusiva alegria e triviais abraços de boas-vindas ou bom retorno, outros tantos seguiam pelas ruelas, rumo ao desconhecido.

Segui o cansado motorista ao bagageiro do ônibus e esperei, paciente, no final de uma vagarosa fila, até chegar a minha vez de pegar os pertences após apresentar o cartão de passagem: duas malas, uma de rodinhas e outra que abriguei nas costas com dificuldade. Levava também uma

bolsa de mão que me acompanhou na viagem.

Os pés doíam dentro das sapatilhas. Estava exausta.

Confusa e desorientada, olhei ao redor e verifiquei o que me aguardava. A singela rodoviária contava apenas com mais um ônibus estacionado ao longo da calçada, junto ao meio fio, esperando o horário exato de sua partida, e um guichê para vendas de passagens e informações, que por sua vez, encontrava-se fechado.

Incrível. Fatos que acontecem apenas nas cidades pequenas.

Ao redor, bancos e mais bancos enfileirados e vazios. Ao fundo, uma banca de jornal e revistas, também fechada. *O que havia acontecido a esta cidade? Tinha sido devastada por uma bomba atômica ou a população fora dizimada por zumbis e espectros?*

Parecia cena de um filme de terror ou suspense, onde cidadãos haviam sido abduzidos por extraterrestres, pois, até os que ali estavam segundos atrás, haviam desaparecido. Os ônibus já seguiam seu percurso.

O dia estava agradável, um sol ameno me recebeu na cidade e uma brisa suave e fresca dava as boas vindas. Pude ouvir o canto dos pássaros que atravessavam o espaço azul sobre minha cabeça.

Retirei os fones de ouvido, pendurando-os no ombro, e pude ouvir uma música alta e estridente vinda de um lugar próximo dali.

Do outro lado da rua, a alguns metros de distância, havia uma pequena e abastecida lanchonete com prateleiras expostas com bebidas. No balcão, uma estufa exibia gordurosos salgados. Decidi dirigir-me até lá, tendo em vista que não havia ninguém à minha espera.

Atravessei a rua fazendo rolar as rodinhas da grande mala. A outra me pesava o ombro. Alcancei a calçada abarrotada de mesas e cadeiras, ocupadas por uns vinte, ou mais, jovens e adolescentes rindo e conversando.

Este estabelecimento comercial deveria ser o lugar mais próximo em horário de funcionamento, ou era o *point* da cidade, devido ao grande número de pessoas ocupando um lugar tão pequeno.

Na entrada, vi uma senhora com ar jovial e sua

alegre blusa florida ao lado da caixa registradora. Ela sorriu, cordial, ao perceber a minha entrada, oferecendo um caloroso cumprimento e um trejeito interiorano, arrumando seu coque no alto da cabeça.

Retribuí, procurando transparecer simpatia, com um leve sorriso e um movimento de cabeça. Sentei em um dos bancos altos desocupados em frente ao balcão; e observei as mesas do lado de dentro da lanchonete. Estavam do mesmo modo, lotadas.

— Isso nunca muda. Garotas de minissaias, decotes e rapazes ostentando testosterona, exibindo seus braços musculosos cheios de tatuagens! — falei sem intenção de ser ouvida.

— O que disse? — perguntou o rapaz do outro lado do balcão.

— Um suco de uva para viagem, por favor — pedi.

Era o que ele sempre pedia, afinal. As lembranças trouxeram a nostalgia de sempre.

Ignorando a algazarra que faziam junto ao som alto, deposei a bagagem no chão ao meu lado, enquanto a ligação que fazia caía, mais uma vez, na

caixa de recados de Laura.

O que será que aconteceu? Ela sabia que eu chegaria hoje! Havíamos combinado, porém, por incrível que pareça, o ônibus chegou antes do horário previsto.

Estava em uma cidade desconhecida, sozinha, esperando que uma alma piedosa me orientasse e me livrasse do barulho infernal dos rapazes jogando cartas e meninas parecendo gralhas!

Cansada da viagem e com o celular outra vez entrando na caixa postal, decidi pegar um táxi, se é que existia um nesta minúscula cidade, e encontrar o endereço indicado por minha amiga.

Coloquei novamente os fones de ouvido e me pus à procura da *playlist* arquivada no celular. A voz do vocalista do Guns N' Roses começou a ressoar pelos fones de ouvido. Enquanto ouvia *Patience*, a minha música favorita, lembrei-me da minha amiga de infância.

Com sua pele negra e grandes olhos castanhos, deixava os homens caindo aos seus pés, mas só se rendeu quando conheceu o amor da sua vida, há dois anos, em um cruzeiro. O seu Romeu.

Pois é, esse era o nome do homem afortunado, que trouxe a única amiga que eu tinha para a pequena Borópolis, onde ele residia desde a infância. Tudo aconteceu tão rápido, que eu me perguntava como havia parado ali também. Minha história, entretanto, era mais complicada e não teve um final feliz como o de Laura.

Passei as mãos pelo cabelo na tentativa de afastar as tristes lembranças do passado.

Decidida em encontrar o endereço sozinha, levantei-me, peguei as bagagens e o copo de suco, e segui até a sorridente senhora para obter informações sobre o serviço de táxi ou algo que se equivalha nesta cidadezinha.

Ao som da música alta rompendo meus ouvidos através do fone, não percebi a movimentação ao redor, e, no momento seguinte, uma mancha roxa enorme surgia na minha camisa branca de algodão, que foi encharcada pelo suco que eu segurava.

— Cara, seu imbecil! Você não olha por onde anda? — falei revoltadíssima, arrancando os fones de ouvido, com fúria, enquanto ainda segurava o copo quase vazio, fuzilando a grande mancha que

se formava na minha roupa. — Olha o que você fez!

Ao olhar para cima, vi um par de lindos olhos brilhantes, como pedras esmeraldas, me encarando, seguidos por um sorriso largo de menino maroto, em um rosto esculpido com extremo cuidado, se divertindo às minhas custas.

— Me desculpe, Coelhinha, mas acho que foi *você* que não olhou direito pra onde ia e trombou comigo! — disse alegre, com os olhos fixos nos meus. — Mas deixa eu te ajudar! Vejo que é nova na cidade.

Desviei de suas mãos quando percebi a intenção do rapaz em limpar minha camisa com um pano qualquer que buscou no balcão.

— Nem pensar! Tira essas mãos de cima de mim — retruquei cuspendo de raiva. — Eu nem te conheço...

— Não seja por isso, deixe-me apresentar — ele me interrompeu, estendendo a mão. — Meu nome é Jim. Bom, pelo menos, é como me chamam por aqui. E você, como se chama?

Cansada da viagem, sentindo-me largada e

PERIGOSAS ACHERON

esquecida por Laura — e humilhada, é claro —, não queria conversa com o cara que me envergonhou na frente de todos. Revirei os olhos e, ignorando a mão estendida, continuei o percurso rumo à senhora simpática do caixa, que me olhava espantada.

Belo comitê de boas vidas!

De repente, percebi que não havia mais o barulho alegre e ensurdecedor de outrora. Cautelosa, olhei em volta e constatei o que imaginara. Todos os olhos estavam voltados para aquela cena cômica em que eu era a atriz principal.

Inacreditável! Sempre procurei passar despercebida, nunca chamar a atenção, e, agora, passava por uma situação ridícula, numa cidadezinha no meio do nada.

— Triunfante chegada! — murmurei.

— Desculpa, não foi minha intenção! Eu queria apenas...

— Esquece, cara! — comentei levantando a mão para silenciá-lo.

Ai, como eu queria sumir dali e me enfiar num buraco. Não. Antes iria picotar esse... esse...

imbecil, que me fez passar por ridícula. Sentindo a raiva aumentar dentro de mim, respirei fundo, e dirigi-me à caixa registradora.

...

Jim

Observei a garota descer do ônibus e, sozinha, com sua bagagem a tiracolo, dirigir-se à Lanchonete da Celeste, onde eu jogava cartas com um grupo de amigos. Não esbarrei e a sujei de propósito, mas desde o momento em que a vi descendo do ônibus, usando uma calça jeans surrada e justa, e uma camisa branca com mangas semidobradas, não consegui desviar de seus lindos olhos desconfiados, como uma gata arisca.

No mesmo instante, me senti fascinado, impelido a desvendar o segredo que a envolvia e revelar os mistérios que havia em seu olhar. Além de me perder em sua beleza.

Com altura mediana e pele clara, seus cabelos longos e castanhos destacavam os olhos, contornados com perfeição pela maquiagem. Seus lábios estavam com um leve brilho molhado, como

se pedissem para serem beijados. Ela parecia uma pintura dessas telas que se via nos museus das cidades grandes.

Não era apenas a sua beleza que me atraiu. Sim, era uma linda mulher, mas havia tantas outras naquela cidade que se insinuavam a todo tempo. O que mais me atraiu foi o mistério. Seu olhar perdido, porém, com um andar firme e confiante que a trazia em minha direção em um balanço suave e ritmado.

Não era muito comum a chegada de visitantes na cidade e, pelo que parecia, a garota estava ali para ficar, visto o tamanho e número de malas. Precisava me aproximar e descobrir porque veio parar nesta cidade.

Eu estava sentado em uma mesa perto do balcão com meus amigos, quando ela se aproximou, ignorando minha presença e os olhares, depositando suas malas rente aos meus pés.

Não pude deixar de admirar a mulher que estava em minha frente, não perderia a oportunidade de verificar como era mesmo linda! Eu a vi mexer no celular, frustrada por não ser atendida. Alguém

deveria estar à espera desta bela mulher, não deveria? Minha visão era privilegiada. Ela estava tão perto, no entanto, me ignorava por completo.

— Presta atenção no jogo, cara! — interceptou o amigo que jogava comigo.

— Não acredito que deixou passar aquela carta! — berrou o outro.

Os rapazes começaram a implicar, pois já não me concentrava mais e acabei fazendo meu parceiro perder a partida.

— Preciso encontrar um jeito de me aproximar desta garota!

— Que garota? Do que você está falando? — interrogou distraído um terceiro colega.

— Esquece o *rabo de saia* um pouco e presta atenção na próxima rodada, cabeça de vento!

Isso não me preocupava mais. Os caras, o jogo, as outras meninas... só observava, curioso, a garota.

Por um breve instante, pensei que ia perdê-la, pois ela se levantou de forma abrupta e dirigiu-se para pagar a conta à Celeste, a senhora proprietária da lanchonete que cuidava do caixa.

Instigado a não deixar que isso acontecesse, comecei a me levantar para ir atrás dela e iniciar uma conversa, entretanto, com a menção de sair do jogo no meio da partida, os rapazes fizeram uma algazarra me impedindo de sair da cadeira.

Enquanto tentava me livrar das muitas mãos que me seguravam e me puxavam de volta, colidi de maneira desastrosa com ela, entornando o conteúdo do copo em sua roupa e nos óculos de sol pendurados no decote discreto de sua camisa. Ela pulou, como uma coelhinha assustada.

A garota falava e gesticulava furiosa, procurando me insultar e me ofender, sem sucesso. Em qualquer circunstância, ela era linda! E eu me sentia um idiota, com todos ali testemunhando aquela cena ridícula em que havia nos colocado.

O que eu podia fazer? O estrago já tinha sido feito e, se o que dizem é verdade, minha boa primeira impressão fora por água a baixo.

— Desculpa, não foi minha intenção! Eu queria apenas...

A garota não me deixou terminar, pois estava enraivecida. Uma cena ridícula de filmes! Cheio de

clichês! Condenei-me pela atitude grotesca.

Ao vê-la dirigir-se ao caixa, fui atrás com sinceras intenções de ajudá-la e desfazer a má impressão. Quem sabe não conseguiria descobrir algo sobre ela, já que não quis nem sequer dizer seu nome.

— Oh, minha querida! Desculpe pelo ocorrido! Esses rapazes quando estão jogando se tornam uns cavalos, olha o que fizeram com você! — disse Celeste, com carinho, enquanto saía de onde estava.

— Não se preocupe, está tudo bem. Só não tive muita sorte e entrei na cidade com o pé esquerdo. — Ao falar, a garota lançou um olhar irritado em minha direção. — A senhora poderia me ajudar?

— Claro, minha pequena! Venha comigo, minha casa fica aqui em cima da lanchonete. Vou passar uma água na sua camisa. Você aproveita para se acalmar e se limpar desta bagunça.

— Não é preciso, muito obrigada pela hospitalidade, mas a ajuda que queria é outra... — comentou com voz branda, tentando demonstrar mais tranquilidade. Passou os dedos pelos cabelos soltos e os colocou atrás da orelha.

Percebi um lindo sorriso saindo de seus lábios, no entanto não eram expostos a mim, pelo contrário, em minha direção vinham olhos fumegantes de ódio e descontentamento.

Ela colocou a bolsa de mão sobre o balcão do caixa e recostou-se, apoiando em um dos pés. Aproximei-me, ficando ao seu lado, examinando-a de cima a baixo. Deliciava-me com o aroma de seu perfume e o calor de seu corpo.

— Posso ajudar também, se me permitir, Coelhinha — sorri, e arrisquei, tentando parecer gentil e cordial, mas ela apenas revirou os olhos como fizera outras vezes antes.

— A senhora pode me informar onde encontro um táxi por aqui?

— Olha, querida, Borópolis é tão pequena que as pessoas só usam táxi quando precisam ir até a cidade vizinha e não encontram ônibus. O Gonçalves não fica por aqui, não. Precisa ligar pra ele, então, ele aparece.

— Esse Gonçalves seria o taxista, pelo que entendi, certo? A senhora poderia, por favor, entrar em contato com ele, por mim? Ou me informar o

número, para que eu mesma possa ligar?

— Deixa que eu te levo, Coelhinha! Estou com minha moto aqui fora e num instantinho te levo aonde quiser...

— Meu. Nome. Não. É. Coelhinha! — disse entre os dentes enquanto olhava ao redor, como se procurasse algo. — Será que podia parar de me chamar assim?

— Claro, assim que me disser seu nome, Coelhinha... — Sorri ao perceber que, desta forma, a deixava ainda mais irada. — Abaixei as armas! — continuei, levantando as mãos para cima, em sinal de rendição. — Sou um rapaz de confiança, todos aqui me conhecem e podem confirmar que sou uma boa pessoa.

Olhei para os caras na mesa e todos gargalhavam daquela situação. Com certeza essa história será contada por eles por um bom tempo. Não me importava. Ela, por sua vez, nada dissera, então, continuei:

— E aí, como vai ser? Vai me dizer seu nome e aceitar a minha carona?

— Não! — retrucou a garota, com desdém.

Virou-se para Celeste em busca de socorro.

— Não, o quê? Não vai me dizer seu nome ou não vai aceitar a minha carona? — tentei mais uma vez.

Celeste estava ao telefone falando com o Gonçalves. *Preciso ser rápido, antes que ela vá embora.*

— Não há nenhum motivo para me apresentar a você e, não, não quero sua carona. Obrigada. — exprimiu, evasiva.

Observei-a com atenção e não pude deixar de provocá-la, divertia-me com aquela situação e com a instabilidade que provocava nela.

— Você tem algum problema nos olhos? Porque eles ficam se revirando, de um jeito estranho. — Falei, tentando parecer sério.

Ela, por sua vez, se limitou a bufar de raiva e se virou de costas para mim.

— O Gonçalves está aqui por perto — Celeste veio em seu socorro —, e logo chegará pra te ajudar. Enquanto isso, por que não se senta aqui e me deixa te oferecer um salgado, por conta da casa? Está com fome?

Com as calejadas mãos em seu cotovelo, a senhora guiou-a para a mesa mais próxima, porém longe dos olhares curiosos que ainda restavam. Sem sombra de dúvidas, tentava ser o mais gentil que podia para acalmar a nova integrante de Borópolis, aplacando todo o estrago que eu havia conseguido fazer.

— Agradeço sua atenção e seu carinho, senhora... — disse, sentando-se.

— Celeste — respondeu, se apresentando.

— Prazer, Celeste. Meu nome é Evelyn — sua voz era tão baixa que precisei me esforçar para ouvi-la. — Obrigada pela atenção, mas aceito apenas um copo d'água.

— Por favor, Jairo, traga uma garrafa de água mineral para a garota, depressa — instruiu o atendente do balcão.

Meus amigos, os caras com quem eu jogava nas outras mesas, me chamavam pra voltar ao jogo, à realidade, contudo eu os ignorava, não estava mais interessado.

Enquanto Evelyn e a senhora conversavam, eu as observava, decodificando os enigmas que

envolviam aquela garota. Estava fascinado.

CAPÍTULO 04

Evelyn

Era um homem que conseguia chamar a atenção das mulheres, com certeza, todavia, a mim, deixava apenas nervosa. Não sabia se era pelo fato de ter quase me derrubado, ou acabado com minha camisa favorita ou, ainda, por ter me constrangido em frente à todos aqueles desconhecidos, mas a questão era: tudo nele me irritava!

Tinha o sorriso largo e fácil, como de um menino, e as tatuagens expostas nos braços musculosos através da regata branca atraíam minha atenção. O boné surrado, com a aba para trás e a barba por fazer, deixavam-no ainda mais com jeito de conquistador barato.

Eu me acalmara enquanto conversava com minha nova colega, Celeste. Seu falar doce e ritmado trazia tranquilidade, entretanto, minha nuca queimava e eu tinha certeza de que ele ainda me olhava.

Pelo canto dos olhos, pude constatar que não era mera impressão, o rapaz ainda me encarava. Com um sorriso torto nos lábios e as mãos no bolso da bermuda, encontrava-se recostado ao balcão da caixa registradora.

Vi quando seu par de tênis surrado se aproximou de onde eu estava, acompanhado por outro par de sapatos, sendo este, limpo e lustrado. Meu sistema nervoso, de súbito, se alterou ao me lembrar dos recentes acontecimentos. Tentei ignorar ambos, o tal Jim e meu coração em disparada.

— Seu serviço de táxi, Coelhinha.

Só pode ser para me irritar, não é? Por que me chamar deste jeito?

Eu tinha certeza que era para me desestabilizar. Precisava ignorá-lo.

O senhor que o acompanhava era de estatura baixa e grandes olhos negros, acompanhados por um bigode que o deixava com cara de comediante. Usava calça social e uma camisa de manga curta, muito bem passadas. Impecável.

Ao se aproximarem, Celeste se levantou e lhe deu um selinho nos lábios. Era um casal, quem diria!

Levantei-me logo em seguida.

— Querida, este é o Gonçalves de quem lhe falei. Pode ir em paz que ele é de total confiança! — ela disse, alisando as pregas da saia, encabulada.

— E não é porque sou seu esposo! — Gargalhou o senhor, mostrando os dentes brancos.

— Muito obrigada pela hospitalidade, Celeste! Pessoas como você fazem a diferença na cidade, com certeza. — Olhei para o rapaz e percebi que se fazia de desentendido, com os braços cruzados, também sorrindo. — Quanto lhe devo? Pelo suco e pela água?

— Nada, em absoluto, menina! O suco foi todo derramado por este atrapalhado. A água foi cortesia da casa, fique tranquila.

— Bom, então, agradeço mais uma vez!

— Diga, pretende ficar bastante tempo por aqui ou é uma visita breve a algum parente?

— Se tudo der certo, conforme meus planos, será uma longa estadia.

Ao passo em que eu respondia, o rapaz pegou minhas malas e levou até o meio-fio, onde o táxi estacionara. Sem dúvida, era um enxerido.

— Que bom, então, será um prazer recebê-la outra vez aqui. Nem que seja para me falar um “oi”, está bem?

Ofereceu-me um abraço apertado, como se fôssemos amigas de longa data. Estranho, sentia-me confortável em seus braços, como há tempos não me sentia. Celeste era uma boa mulher.

Finalizamos a despedida com um “até breve”, entrei no carro enquanto o taxista continuava conversando alegre e distraído com meu oponente, na calçada. Pigarreei e remexi na bolsa, demonstrando pressa, e ambos se despediram com um ruidoso toque de mãos.

Quando o motorista se acomodou em frente ao volante e girou a chave na ignição, recitei o endereço de Laura, memorizado dias antes.

— Sem problemas. Chegaremos dentro de oito minutos — informou, confiante.

Eu me acomodei e tentei observar a cidade através da janela do carro, ouvindo o som suave de jazz que saía do alto falante do rádio. Mal observei o caminho percorrido, pois minha mente vagou e se perdeu nos acontecimentos dos últimos anos até

estar de malas prontas e dentro de um ônibus.

Chegando ao endereço indicado, Gonçalves parou junto à calçada de um edifício de oito andares. Enquanto ele descarregava a bagagem do porta-malas e entregava ao porteiro, desci do carro observando a fachada do prédio. O estilo era rústico, gasto pelo tempo, com a cor azul turquesa desbotada.

Fora um prédio bonito em algum tempo do passado, sem dúvida, todavia, ainda conservava sua grandeza, localizada em uma sossegada rua, margeada por casas tão antigas quanto.

Seria a minha morada. Meu lar.

Pelo menos, até encontrar um lugar só para mim. Não gostava da ideia de viver com estranhos debaixo do mesmo teto. Conhecia Laura desde a infância, mas seu noivo eu vira poucas vezes, e ainda havia outro rapaz que dividia o apartamento com eles.

Ao me despedir e pagar a corrida ao taxista, tive uma surpresa que me deixou pasma.

— Não se preocupe, Evelyn. A corrida já foi paga pelo gentil cavalheiro, Jim — percebi certa

insinuação no seu tom de voz, o que me deixou mais fora da sobriedade em que costumava estar.

— Pois eu não vi nada de gentil nele, muito menos cavalheirismo! — retruquei, e fui interrompida pelo som alto de sua gargalhada, me fazendo rir e esquecer de todo o estresse que me acometia.

Por fim, agradeci a ajuda e segui de encontro ao porteiro. Enquanto o aguardava completar a ligação no interfone, para anunciar minha chegada ao apartamento da minha amiga, tive a oportunidade de admirar o hall de entrada.

Dois sofás de couro, um em frente ao outro, podiam ser vistos à minha direita. No centro, entre eles, uma mesinha baixa com um arranjo de flores artificiais e uma pilha baixa de revistas, tudo sobre um tapete aparentemente novo e bem limpo.

Próximo de local onde me encontrava, havia uma mesa de trabalho com uma prancheta ao lado de um telefone. Uma cadeira giratória completava o local de trabalho do porteiro, um jovem rapaz em seu uniforme bem cuidado.

— Olá, Laura, boa tarde! — silêncio. — Evelyn

está aqui comigo, aguardando sua autorização para subir. — Afastou o telefone do ouvido e pude ouvir os gritinhos comuns e eufóricos do outro lado da linha. — Okay, Laura está aguardando — continuou o rapaz, com um largo sorriso, se dirigindo a mim depois de desligar o telefone. — Vou te ajudar a levar as malas para o elevador. Por favor, me acompanhe.

Eu ansiava por rever a amiga que me ajudou em momentos difíceis. Sempre alegre e extrovertida, com seus lindos cabelos na altura do quadril, brilhando de tão negros, fazendo contraste com o sol.

Acompanhei o painel indicando os andares sendo deixados para trás. Seriam cinco deles para, logo, estar a salvo e poder descansar, finalmente. Respirei fundo, buscando o ar rarefeito antes que as portas do elevador se abrissem no quinto andar, sendo recebida por uivos e gritos.

Laura veio correndo em minha direção, com seus sapatos de salto, procurando parecer mais alta, porém, mesmo assim, nunca chegou à minha altura. Ela me abraçou e me apertou, enquanto seu noivo

pegava minhas malas e, sorrindo, seguia pelo corredor entrando no apartamento.

— Eu esperava esta recepção na rodoviária, mas pelo jeito fui esquecida, não fui? — Laura continuava com seus gritinhos eufóricos. — Que surpresa é essa? Você se esqueceu que eu chegaria hoje? — indaguei, me esforçando para parecer chateada.

— Mas o que você tá fazendo aqui? Como chegou? Seu ônibus só ia chegar daqui a uma hora ou mais, sei lá... — Laura parecia incrédula com minha presença, olhando o relógio de pulso.

— Pois é, parece que, por um milagre — juntei a palma das mãos —, o ônibus chegou mais cedo do que o previsto. Peguei um táxi e aqui estou!

— Venha, não vamos ficar aqui no corredor! Você está em casa, agora, e é isso que importa!

Olhei minha amiga de alto a baixo, verificando como ele havia mudado desde a última vez que a vi. Estava mais magra, usava um vestido de verão cor de rosa na altura dos joelhos, estava maquiada e feliz como nunca.

— A vida de casada está te fazendo muito bem,
PERIGOSAS ACHERON

Laura! Fico feliz em ver!

— Casada ainda não, amiga. — Ela me arrastou pelas mãos até o centro da sala grande, arejada e bem iluminada por uma porta de vidro que dava acesso à sacada. — Nossa, mulher, faz tempo que a gente não se vê.

— E aí, Evy, como está? — perguntou Romeu, me abraçando com carinho.

Alto e forte, como um porto seguro. Lembrei-me de como Laura costumava dizer, ao descrevê-lo.

— Ah, estou bem, obrigada por me receberem aqui. — Sentei no sofá ao lado de Laura. Romeu sentou-se no braço de outro sofá, próximo ao qual estávamos.

De onde me encontrava, podia ver a cozinha bem equipada e limpa, separada da sala por um balcão. Também via a sala de jantar, com uma mesa de tampa de vidro, e no fim do corredor, onde, muito provável, se encontravam os quartos e o banheiro, havia um grande espelho emoldurado em estilo rústico, com fotos coladas ao seu redor.

— Mas o que aconteceu com você, Evy? Está com a roupa toda manchada! — Laura disse

espantada, olhando para mim e segurando as minhas mãos.

— Foi o comitê de boas-vindas. — Percebendo que ela nada compreendia, relatei de forma sucinta o ocorrido, porém sem citar o nome do tal cara.

— Não acredito que esse rapaz tratou você desta maneira! Pode ir tomar um banho e trocar de roupa.

— Mas, e o Jim? — perguntou Romeu, roçando sua vasta barba. — Não estava te esperando na rodoviária? Ele me ligou há pouco, dizendo que já estava lá, te aguardando!

Quase não pude acreditar no que ele acabava de me perguntar! *Jim*, me esperando? Seria o mesmo mal educado que tinha me deixado naquelas situações?

Não podia ser! Difícil de acreditar. A cidade era pequena, mas não devia ser tanto assim, não é? Enquanto me indagava, inconformada, o telefone celular do Romeu soou estridente na mesinha, perto do sofá florido.

— Alô, Jim? O que aconteceu? ... ela não chegou? Como assim? ... espera aí, você está dizendo que o ônibus acabou de parar e não desceu

nenhuma mulher desconhecida? — Romeu soltou uma risada estridente. — Você está devagar, hein, rapaz! A Evelyn já está aqui, na nossa frente!

...

Jim

— Você só pode estar de brincadeira! O nome da garota que vai dividir o apê com a gente é Evelyn? Não pode ser a mesma que estava aqui na lanchonete!

Não, não, não pode ser real!

Eu estaria sonhando ou seria mais umas das brincadeiras que Romeu costumava fazer? Aquela linda mulher misteriosa, está neste momento no meu apartamento? Não, não pode ser a mesma!

— Romeu, por acaso, essa Evelyn que você falou, está com a camisa suja de suco?

— Está sim, por quê? Você viu o que aconteceu com ela? Viu quem fez isso?

Como eu iria responder a esta pergunta? Não acreditava na peça que o destino pregava nas pessoas, em especial, comigo! Gargalhei ao telefone.

— Sim, meu *brother*, fui eu que tive a infelicidade de recepcioná-la desta maneira!

Olhei o relógio do celular, faltavam vinte minutos para as quatro. O ônibus que me falaram que ela chegaria estava encostado há cerca de 5 minutos. Eu a esperava, mas a deixei passar. Pior, fui incumbido de recebê-la de maneira calorosa e amigável na cidade, no entanto a recebi de forma tosca e grosseira!

— Não acredito, cara, que você foi capaz de fazer isso com a menina.

— Por que vocês nunca falaram o nome dela pra mim? Tentaria consertar a situação enquanto ainda dava tempo! — lamentei, incrédulo com o que acabara de fazer.

— Claro que nós falamos, mas você nunca presta atenção nas coisas importantes, leva tudo na brincadeira! Agora, corre pra cá, a gente precisa conversar! — Desligou o telefone antes mesmo que eu pudesse justificar ou me defender.

Peguei a carteira e o capacete que estavam sobre a mesa junto às chaves da moto e do apartamento. Os rapazes tentaram me dissuadir a ficar mais um

pouco e as garotas se insinuavam para que eu mudasse de ideia, contudo, estava decidido!

Precisava consertar as coisas com Evelyn, ainda mais porque dividiríamos o apartamento. Era necessário causar boa impressão, já que começara tudo errado.

Juro que se soubesse quem era, não teria brincado dessa forma.

Aconteceu tudo tão rápido e de uma forma tão casual, que não sei se reagiria de outra maneira. Deveria ter esperado por ela na rodoviária, e não ter ido jogar baralho com o pessoal. O pior foi fazê-la passar por uma cena constrangedora.

Depois de longos quinze minutos, consegui desvencilhar dos argumentos que me impediam de sair e, enfim, me despedi. Saí em alta velocidade pelas ruas da cidade, pensando em como contornar a situação.

No entanto, quanto mais pensava, menos encontrava a solução, o que aumentava mais ainda a ansiedade em revê-la. Como consequência, também aumentava a velocidade da moto pelas ruas estreitas, dirigindo distraído.

Poucas ruas me separavam do edifício em que morava, portanto, em poucos segundos, estaria frente a frente com a garota enigmática. E o que lhe diria? Um simples pedido de desculpas resolveria? Um pedido de perdão seria mais cordial? Será que ela era “gente boa” como Laura me garantiu? Se fosse, não teria ficado rancorosa até agora, teria?

Perdido nos pensamentos, aproximei de um cruzamento e fui obrigado a frear de forma abrupta, em frente a um carro que surgiu da rua lateral, com o motorista apressado do mesmo modo.

Seria um sinal de que eu deveria ir com calma com a garota? Utilizando de artimanhas, sortilégios e muita simpatia? Decidi optar por isso enquanto estacionava a moto entre os carros da Laura e do Romeu, no estacionamento privado no subsolo do edifício.

Poucos carros ocupavam suas respectivas vagas naquele momento. Os moradores que não estavam viajando nas férias de janeiro, ainda não haviam retornado do trabalho.

Segui a passos largos, alcançando a porta de acesso ao hall e passando pelo porteiro em sua

habitual mesa de trabalho. O elevador estava parado no térreo à minha espera. Tudo ao meu favor, isso era um bom sinal.

Ao entrar apressado no apartamento, não percebi a porta sendo aberta antes de mim e fui impulsionado com toda velocidade para dentro. Quase caí no chão, próximo aos pés de, nada mais, nada menos, Evelyn. E servi de chacota para os meus amigos que presenciaram a cena cômica.

— Isso que eu chamo de um verdadeiro pedido de desculpas! Muito bem, Jim — disse Romeu, meio às gargalhadas.

— Ra, rá, rá... — zombei da brincadeira que faziam comigo, tentando me recompor. — Mas, sim, com certeza, Coelhinha, quero pedir desculpas pela grosseria mais cedo na lanchonete! Foi um acidente, você sabe, eu nunca a teria constrangido se soubesse que era você... afinal, estava à sua espera e...

— Coelhinha? Que história é essa, Evy? Já existe algum tipo de código amoroso entre vocês? Como assim? Vocês não acabaram de se conhecer? — Laura não conseguia conter a risada.

— Já falei pra ele parar de me chamar desse jeito! Não sei de onde tirou isso!

Ela ainda estava chateada, percebi, e minha entrada triunfal nada tinha ajudado. Para piorar, a chamei de Coelhinha, sem perceber, um apelido que ela tinha detestado.

Evelyn estava sentada no sofá, abraçada a uma almofada, sem maquiagem e, mesmo assim, continuava linda! Havia tomado banho, pois seus cabelos compridos caíam úmidos pelos braços. Trocara a roupa suja por um vestido bem leve, de cor escura, acentuando mais ainda sua suave pele branca e delicada, as alças lhe caíam dos ombros, me deixando ainda mais perdido.

— Hã... desculpe, eu... bem... — gaguejei sem saber o que dizer.

O que era mesmo que eu precisava falar? Desculpar-me? Não, não! Papel de tolo mais uma vez. Inacreditável! Tirei o boné, secando a testa com as costas da mão.

Olhei para ela e seus olhos sustentavam os meus, embora apresentassem certa curiosidade, esperando uma explicação. Isso, uma explicação! Coloquei as

mãos no bolso da bermuda para disfarçar o embaraço e comecei:

— Bem, o nome Coelhinha surgiu em minha cabeça quando, sem querer, é claro, colidi com ela, fazendo-a pular toda assustada parecendo uma coelhinha. Foi por isso. E como ela se fez de difícil, se recusando a me dizer seu nome, foi o que registrei na memória. — Ufa! Respirei, aliviado. Não havia percebido que tinha falado em um só fôlego.

— Fazendo de difícil? Como você queria que eu reagisse? — replicou nervosa, se levantando do sofá. — Que caísse a seus pés, apaixonada e gratificada por ter me feito de palhaça em frente à cidade inteira?

O silêncio reinou por uns breves segundos, porém, para mim, pareceu ser uma eternidade. Ela falava sério, sem sombra de dúvidas. Respirou fundo e continuou:

— Bem, agora, você sabe meu nome, pode esquecer esta história de Coelhinha, não é?

Ela não havia percebido! Eu devia parecer um otário, tinha sido conquistado de imediato por ela e

era ignorado. Está certo que há um ditado popular que diz que a primeira impressão é a que fica, mas com muita força de vontade e algumas cantadas na hora certa, acreditava poder mudar isso.

Não sabia o porquê que tudo o que ensaiara no caminho até aqui, se desmanchou em piada no instante em que coloquei os pés dentro do apartamento.

— Claro, sim... Evelyn. Podemos, então, começar tudo de novo, como se esta fosse a primeira vez que nos vimos? — Tentei, colocando em prática meus novos planos. — Boa tarde, meu nome é Josias, mas pode me chamar de Jim. Posso ter o prazer de conhecê-la e saber seu nome?

Notei um sorriso em seus lábios e um leve rubor em sua face. Acreditei ser um bom sinal.

— Sim, meu nome é Evelyn, e você pode me chamar de Evelyn mesmo — respondeu-me, soando irônica, com um forte aperto de mãos. Claro que todos riram do que ela disse e só me restou rir com eles.

Seria um longo ano...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 05

Evelyn

Depois de um rápido banho morno e roupas limpas, eu estava mais calma quando o vi entrar pela sala. Não pude conter o sorriso e me senti vingada diante aquela cena. Não queria o mal dele, mas a vergonha que me fizera passar, uma hora atrás, ainda ardia na memória.

Ele parecia nervoso, como se não soubesse o que fazer ou falar, diferente do estilo conquistador que tinha apresentado antes.

Não resisti em provocá-lo. Agora, eu é que estava no controle da situação e não podia perder a oportunidade.

— Sim, meu nome é Evelyn, e você pode me chamar de Evelyn mesmo — respondi, tentando ser o mais irônica possível, porém, não consegui o efeito desejado. Com um sorriso fácil, ele olhou em meus olhos e, colocando as mãos nos bolsos da frente da bermuda, mordeu os lábios inferiores, me

deixando constrangida.

Enfim, nada mais poderia ser feito e decidi guardar as armas até ser impelida à guerra outra vez. O ano não seria nada fácil! Na verdade, talvez fosse mais fácil do que os últimos.

— Bom — começou Romeu —, apresentações realizadas, mas a gente deveria deixar Evelyn à vontade para descansar da viagem, antes de sairmos pra comer mais tarde.

— Ou a gente pede uma pizza. O que você acha, Coelhinha?

— É Evelyn! — reclamei no mesmo instante. — Meu Deus, qual é o seu problema, cara?

Inacreditável! O rapaz não deixava barato um único momento. E pensar que cogitei baixar a guarda... como?

Ele se desculpou dizendo que tinha falado sem perceber, mas não caí nessa conversa. Olhando para ele enquanto mexia em seu celular, notei que era mesmo um rapaz bonito, mais do que havia reparado na lanchonete.

Não era à toa que as meninas se insinuavam para ele, quase sentando em seu colo. Seu cabelo todo

PERIGOSAS ACHERON

bagunçado deixava-o com um ar de moleque travesso, o que ele pouco se importava. Jim tinha consciência de suas qualidades e da sua beleza, e também não tinha nenhum escrúpulo em usá-las a seu favor, com certeza.

Um conquistador, um mulherengo!

Fiz uma anotação mental para não me esquecer de ficar longe dele. Um relacionamento com um homem assim era a última coisa com que precisava me preocupar neste ano.

— Não vim para atrapalhar a rotina de vocês. Vamos fazer como estão acostumados. Vocês sempre pedem comida ou saem pra comer? Ninguém tem o costume de cozinhar?

— Cozinhar? Nem pensar! Eu era a única mulher até agora nessa casa, não ia ficar esquentando a barriga no fogão e esfriando na pia pra esses dois folgados! — Laura argumentou, levantando o dedo em riste em sinal de negativa. — Nem pensar!

— Belo pensamento pra quem vai se casar, amiga! — comentei, sorrindo para ela e voltando a me sentar.

— Você fala assim porque gosta deste ambiente

solitário que é a cozinha, e sempre teve que cozinhar para o... — percebendo a tempo o erro que ia cometer ao mencionar o nome dele, Laura refreou-se, levando as mãos na boca.

Olhei para os dois rapazes. Romeu sabia da história apenas o suficiente para entender o que acabara de acontecer, Jim, por sua vez, olhava perdido de um para outro, esperando que alguém lhe contasse os fatos.

— Façam como achar melhor sobre o que comer. Romeu tem razão, preciso descansar um pouco. — Peguei a bolsa de mão no canto do sofá e segui para o quarto para onde haviam levado minhas malas.

Fechei a porta atrás de mim ouvindo leves sussurros na sala, mas os ignorei. Lembrei-me dos momentos em que andava pelas ruas da Capital e desconhecidos teciam comentários à minha volta.

“— Não é aquela ali, que perdeu tudo o que tinha por causa daquele homem?”

“— Coitada daquela mulher, você vê como ela está, agora, depois do ocorrido?”

“— Olha, é a garota do noticiário!”

E vários outros comentários, os quais pensavam

PERIGOSAS ACHERON

que eu não ouvia.

Frases como “O tempo cura todas as feridas” ou “Chore quando precisar e sorria quando puder”, soavam como clichês sem significado.

Pior eram aqueles que, movidos de compaixão, vinham me dar as condolências e dizer que partilhavam a minha dor.

Não... ninguém compartilhava a dor que me corroía! Eu a sentia sozinha. Ninguém conseguia imaginar como doía dentro de mim.

Absorta em pensamentos e tristes recordações, caminhei até a cama onde repousava uma de minhas bolsas de viagem. Busquei, entre meus pertences, uma pequena caixa de couro escurecido. Tudo o que ainda me restava se encontrava ali.

Abraçada a ela, deitei e chorei a dor da saudade. Eu estava sozinha. Adormeci em um sono pesado e sem sonhos.

Quando abri os olhos, vi pela janela que o sol já havia se posto e a escuridão tomava conta do quarto. Esperei alguns minutos enquanto meus olhos se acostumavam à penumbra, me levantei e fui Tateando até a porta, a fim de encontrar o

interruptor. A luz branca e forte ardia em meus olhos, porém, em poucos segundos, pude enxergar à minha volta.

Alojara-me em um pequeno quarto com duas camas, separadas por uma mesinha baixa com apenas uma gaveta, e, sobre ela, alguns livros, um par de óculos e um abajur.

— Não sabia que Laura usava óculos para leitura... — minha voz soou alto no quarto vazio.

Acima da minha cama, na parede, havia uma pequena prateleira com gnomos e duendes. Acima da outra, uma bonita pintura japonesa. Decerto Laura havia se encarregado da decoração.

Na parede oposta, um imenso guarda-roupa ocupava toda a lateral esquerda do quarto. À minha frente se encontrava uma janela aberta, se eu me debruçasse sobre ela, avistava a rua em frente ao edifício e, para além das casas, conseguia avistar os limites da cidade.

A lua brilhava no céu. Uma sensação de tranquilidade se alastrou pelo meu corpo. Era uma cidadezinha agradável, vista daqui de cima. Ia me esforçar ao máximo para fazer dar certo.

Pude ouvir uma leve batida na porta e meu anfitrião entrou, fechando a porta atrás de si, arrancando a camiseta, apressado. Apoiei-me, de costas para a janela e, de braços cruzados, observei-o, indignada, abrir e fechar as portas do guarda-roupa, sem camisa, como se procurasse algo.

— Desculpe, não queria incomodar, Coelhinha, mas se for sair para comer com a galera, é melhor se aprontar rápido porque estou morrendo de fome! — disse, vestindo uma camiseta limpa e empurrando a usada armário a dentro.

— Espera aí! Poderia, primeiro, me explicar o que suas roupas estão fazendo no quarto da Laura? — não sei por que perguntei, pois, por incrível que pareça, já imaginava sua resposta.

— Este não é o quarto da Laura, Coelhinha, e, sim, o nosso! — Sorriu, mostrando vários dentes e lançando uma piscadinha.

Como assim, *nosso*?

Saí do quarto em disparada, procurando Laura. Queria ouvir qual seria sua explicação para aquilo. Ela não mencionou nada sobre dividir o quarto com um homem! Eu me lembraria disso e, por certo,

teria negado tal atrevimento.

— Evy, eu disse que você viria pra cá e que teria que dividir o quarto, não disse? — tentou explicar em meio aos goles de água que bebia direto da garrafa, com uma das mãos apoiada no balcão.

— Sim, disse que dividiria o quarto, com VOCÊ! Não acredito que teve a coragem de aprontar essa comigo! — alterei a voz, tamanha indignação. Estava furiosa.

— Em nenhum momento disse que era comigo... falei que morava com o Romeu e mais um rapaz, primo dele, e...

— E deixou nas entrelinhas que eu dividiria o quarto com ele? Usou de má fé. Justo você que pensei ser meu refúgio nessa tempestade. Fala sério, Laura!

Eu parecia uma louca, histérica e desvairada, diante dos olhares que os rapazes lançavam para mim. Andava pela sala, nervosa, passando as mãos na testa, segurando os cabelos para trás, em um coque apertado, enquanto falava.

— Evy, me desculpe, está bem? Pensei que você tinha compreendido, já que sabia que eu e o Romeu

estamos vivendo juntos. — Ela se aproximou de mim, tentando me acalmar. Levou-me ao sofá onde estavam os dois expectadores da mais nova cena, sendo eu, outra vez, a protagonista.

— Não acredito! Não acredito Laura, que você fez isso comigo! — desabafei, sentando-me com a cabeça entre as mãos e os cotovelos apoiados nos joelhos. — Você, mais do que ninguém, sabia como estava minha cabeça, como estão meus pensamentos até agora...

— Desculpe me intrometer nesse dilema das duas, mas acho que não é o fim do mundo, Coelhinha, a gente dividir o quarto. É só um quarto, não a cama.

Existem pessoas que perdem a oportunidade de ficar de boca fechada! E este foi um destes momentos desperdiçados pelo Jim, meu algoz nesta cidade.

— Tudo bem, então. Vou buscar minhas coisas. — Levantei-me e fui ao quarto, ouvindo o som de protesto dos três.

Não sabia o que ia fazer ao sair dali, aonde ir ou a quem procurar. Enquanto guardava alguns

pertences que se encontravam sobre a cama, lembrei-me da Celeste e do esposo, o taxista da cidade. Busquei o cartão na carteira, discando os números nas teclas do celular.

— Pra onde vai?

— É feriado na cidade, está tudo fechado!

— E o único hotel não é nenhum hotel, apenas uma pousada que precisa ser reservada três dias antes para poder ser faxinado, de tão velha e desabitada que é...

Argumentavam todos ao mesmo tempo.

Eu conseguiria um quarto nessa tal pousada a qualquer custo, nem que eu mesma faxinasse o prédio todo!

A ligação deu sinal de ocupado.

Por que essas coisas só acontecem comigo?

Sei que estava parecendo uma chata ou uma velha encenqueira, mas era errado ficar ali. Eu estava sendo antiquada — essa era a palavra que mais se encaixava na situação —, mas não iria aceitar a ideia de dividir o quarto com um homem. Não parecia certo.

Mas para onde iria, assim, de uma hora para

PERIGOSAS ACHERON

outra? Fui pega de surpresa e isso, por certo, me desestabilizou. Apertei o canto dos olhos, cansada. Respirei fundo, organizando os pensamentos e as novas informações.

— Okay. Ficarei aqui até segunda-feira. Se der certo o emprego, encontrarei outro lugar para ficar, mas gostaria que houvesse respeito de ambas as partes — informei, dirigindo-me ao meu novo colega de quarto. — Não entrar sem bater e não trocar de roupas enquanto o outro estiver dentro do quarto, concorda?

— Sim, claro. Sem problemas. Concordo, com certeza — respondeu com urgência e com um sorriso nos lábios. Havia sinceridade no tom da sua voz?

Terminado o episódio da minha estadia, peguei uma troca de roupas na mala, minha *nécessaire*, e segui Laura até seu quarto, onde nos arrumaríamos, enquanto os rapazes se arrumavam no outro.

— Ai, amiga! Sinto muito por toda essa confusão em que te coloquei. Prometo ser mais coerente daqui pra frente. Você precisa relaxar. Está muito tensa e nervosa! — tagarelava Laura, enquanto nos

trocávamos. Eu permanecia em silêncio, digerindo os acontecimentos. — Você vai aprender a gostar do Jim. Ele é de confiança, eu garanto.

Olhei para o relógio digital na cabeceira da cama de casal no quarto de Laura, eram dez horas da noite. Um horário que já não estava mais acostumada a sair.

— Pois bem, vamos lá. De novo à vida de solteira, amiga! — disse ela, abrindo a porta do quarto.

Ambas vestíamos calça jeans, sandálias de salto alto e blusa, conveniente para o verão. Saímos, prontas e maquiadas, em direção à sala, onde os esfomeados nos aguardavam.

— Sabe que esta não é a minha vontade, né? — suspirei, seguindo pelo corredor ao lado de minha amiga.

— Evy, não começa...

— Desculpe — falei, a interrompendo. — Sei que estou parecendo uma chata desde o momento em que cheguei, mas está sendo muito difícil pra mim desde... bom, você sabe. Mas, tudo bem, prometo melhorar e ser uma boa inquilina.

Lembrei-me de uma frase que sempre diziam: “Nunca desista nas primeiras adversidades”. Um lema difícil de ser seguido na última temporada da minha vida.

— Esquece isso. Você veio pra cá pra mudar de vida, certo? — consenti com um aceno de cabeça. — Pois, bem — continuou, pendurando-se no meu ombro —, estaremos todos aqui pra te ajudar, começando agora. Vamos sair e conhecer alguns gatinhos da cidade!

— Como é? — perguntou Romeu, de braços cruzados, ciumento.

— Quero dizer, *ela* vai conhecer os gatinhos, não eu! Eu já tenho você, gato...

Os dois pombinhos saíram abraçados na frente enquanto me deixei ficar para trás. Jim, com gentileza, esperou que eu passasse para fechar a porta atrás de nós.

— Não sei por que demoram tanto pra se arrumar! Estou esfomeado e vocês dentro daquele quarto! — reclamou Jim, quando entrávamos no carro.

— Fica quieto, garoto. Você vive esfomeado!

Para de reclamar!

— Não é por nada não, Laura, mas vocês, mulheres, enrolam muito mesmo pra se arrumar! Também estou morrendo de fome — acrescentou Romeu.

— Qual é? Clube do Bolinha, agora, é? Evelyn, me ajuda!

— Olha, amiga, prefiro ficar quieta... — comentei, contendo o riso.

— Por quê? Vai se juntar a eles?

— É que a gente se atrasou porque você não se decidia que roupa vestir e eu também... — fiz uma pausa, estudando o caso, vendo se deveria prosseguir ou não.

— Também o quê, amiga ingrata?

— Estou faminta!

Laura ficou furiosa e continuamos a provocá-la. Animada com meus novos amigos e um sorriso no rosto, seguimos rumo à melhor lanchonete da cidade, segundo eles.

CAPÍTULO 06

Jim

— Isso é assunto dela e só compete a ela contar, Jim. Não seja chato, não vou te falar nada! — respondeu Laura, efusiva, quando insisti, curioso, em saber o que estavam falando, assim que a garota se retirou para o quarto.

Algo comprometedor? Com certeza havia um mistério na vida dela, como percebera no momento em que a vi, um segredo que Romeu e Laura sabiam e não queriam compartilhar. Restava-me esperar o momento certo para saber a história pela própria Evelyn.

Logo após a cena dramática sobre o quarto, seguimos rumo à lanchonete da cidade, ambos sentados no banco de trás do veículo, lado a lado. Pude observá-la, entregue a seu silêncio. Vez por outra, Evelyn soltava a respiração, pausada e com intensidade, procurando relaxar ou afastar más lembranças. Optei pela primeira alternativa.

Esperava vê-la feliz.

Romeu dirigia devagar, passando por crianças brincando nas ruas enquanto os adultos conversavam nas calçadas. Cenas típicas do interior. Laura, no banco do carona, falava sem parar, como sempre, esquecendo-se de nos incluir na conversa.

Busquei me aproximar de Evelyn de forma que nossos joelhos se tocassem, no entanto, ela se afastou com movimento abrupto, se sentando na outra extremidade do banco, bem junto à porta, olhando pela janela aberta do carro. Ainda assim, eu conseguia sentir o seu doce perfume, inebriante.

— A cidade parece ser bem...

— Chata? — interrompi.

— Tranquila, eu ia dizer.

— Isso é algo bom ou ruim? — perguntei, aproveitando a oportunidade para quebrar o silêncio que permanecia do nosso lado do carro.

— Diferente do que estou acostumada. Agitação crescente, seja de dia ou de noite, aglomeração de pessoas, trânsito interminável... — sorriu diante do cenário que relatava. — Mas, como estou fugindo

disso, então acho que é bom.

— Pra falar a verdade, não tem muita coisa aqui. Não temos *shoppings*, museus e galerias de arte, muito menos grandes teatros, como na Capital. Mas temos um lago um pouco mais afastado daqui, um parque bem legal, as praças onde o pessoal costuma passear à noite... Tudo muito bonito e bem cuidado.

— Você gosta muito daqui, não é?

— Amo essa cidade. Nasci e cresci aqui. Saí apenas para estudar na universidade da região, onde me formei em psicologia clínica e licenciatura, voltando, após seis anos para trabalhar.

— Sério? Não quis tentar seguir carreira em uma cidade grande? Com mais oportunidades, talvez?

— Não. A cidade é pequena, sabe, falta pessoal para ajudar no desenvolvimento. Muitos jovens não voltam e fazem o que você falou, tentam a vida nas cidades grandes — disse, com pesar. — Eu quis fazer diferente. Gosto de onde sempre estive.

A verdade é que a agitação da cidade grande não me atraía, nunca me atraiu. Gosto da rotina de cidade pequena e sempre pensei em criar meus

filhos aqui, se um dia os tivesse. Soltos e livres, correndo pelas ruas tranquilas e pulando no lago, felizes, como fui com meus irmãos. Mas não ia falar isso para ela, soaria sentimentalista demais. Era algo que guardava apenas para mim.

Enfim, estacionamos em uma vaga próxima à lanchonete e caminhamos lado a lado, conversando, animados, sobre filmes e séries de TV.

— Nós poderíamos fazer uma maratona um dia desses, pra assistir o seriado novo que saiu. Aquele de terror! O que acham?

— Você sempre gostou desse tipo de filme... ainda curte, né, Laura?

— Claro! E você? Escondia atrás das almofadas, morrendo de medo! — Todos riram, descontraídos, enquanto procurávamos uma mesa para nos acomodar.

— Que tipo de filme você curte, Coelhinha?

— Prefiro os romances e as comédias — respondeu, ignorando a maneira como eu a tinha chamado. — A vida por si só já nos prega peças que nos causam medo e tristeza, pra que buscar mais disso?

— Sei lá. Porque é legal enfrentar esses medos, se sentir desafiado? Eu curto!

— Em que lugar preferem sentar? — interrompeu Romeu, olhando as poucas mesas vazias na Lanchonete da Celeste. O lugar estava cheio, como sempre.

— Ali parece bom — disse Laura, seguindo para o fundo da lanchonete. — Está calor, mas longe daquelas oferecidas que se jogam em cima do Jim.

— Você namora com o Jim ou comigo, Laura? — inquiriu Romeu, parecendo aborrecido. — Está tendo ciúmes do meu primo com as garotas, agora? O que está acontecendo?

Rimos daquela cena entre os dois e desviei o olhar quando começaram a se beijar.

Nunca me incomodei antes com o modo que meus amigos se comportavam, a todo instante trocando carícias e beijos, talvez porque eu fazia o mesmo com outras garotas. Entretanto, ao lado de Evelyn, aqueles beijos pareciam desconcertantes. Olhei para ela e vi que também estava embaraçada com a cena.

Sentei-me ao seu lado, procurando colocar minha

cadeira bem próxima à dela, virei o corpo em sua direção, passando os braços por cima para apoiar a mão no encosto da cadeira dela. Pude sentir o calor provindo de seu corpo.

— E você deixou seu namorado na Capital, triste com sua partida, te esperando de volta, ou terminou com ele antes de sair? — arrisquei. O casal à nossa frente parou de se beijar, prestando atenção à resposta. *Seria este o seu segredo?*

— Não há ninguém me esperando lá — Evelyn respondeu, passando as mãos pelo cabelo, movimento que fazia quando estava nervosa, não pude deixar de reparar. — Você, pelo contrário, costuma deixar as namoradas esperando, não é?

Olhei para onde ela indicou com um movimento de cabeça e vi duas garotas paradas, próximas à nossa mesa, olhando para mim, enrolando o cabelo com os dedos de uma mão e acenando com a outra. Expirei fundo, ignorando-as.

— Não. Nenhuma delas é minha namorada, *minha garota* será uma mulher especial, e não uma dessas que sai com todos os caras. — Como se tivessem ouvido, ambas saíram desconsoladas para

o lado oposto da lanchonete.

— Você não é um desses caras, *brother*?

— Não sou mais...

— Desde quando? — perguntou Laura às gargalhadas.

— Sei lá... tem que ter um dia *D*?

— Cansou desta vida? Simples assim? — Laura soou irônica, dei de ombros.

— Olha só! Nunca ouvi você falar deste jeito! Estamos evoluindo! — zombou de mim, Romeu, bebendo a cerveja que havia chegado à mesa. — Quem diria!

— Novo ano, novo Jim! — brindou Laura. Limitei-me a sorrir, gesticulando com as mãos para encerrarem aquela conversa.

Pedimos uma porção de batatas fritas, refrigerante para as meninas e outra cerveja para mim e para o Romeu. Falávamos sobre futilidades do dia a dia.

Era uma noite agradável entre amigos.

— E você? Laura disse que vai falar com o Secretário de Educação, semana que vem, pra

tentar a vaga de professora de literatura e redação?

— Sim. Espero que dê certo — respondeu Evy, e contou, sem muitos detalhes, sobre os anos que lecionou na Capital desde que saíra da faculdade há mais de cinco anos. Falou também que tinha o hábito de correr de manhã e que gostava de ler.

Não era o meu costume conversar com as garotas ou manter um diálogo tão saudável e tranquilo como esse, contudo, com esta menina era diferente, sem dúvida. Uma mulher madura. Bastava uma pequena frase ou uma simples pergunta para surgir a oportunidade de uma conversa fluente e agradável.

Entre uma bebida e outra, contei-lhe partes da minha vida e da minha família grande de cinco irmãos.

— Poxa, deve ser muito animado quando estão juntos! Acho legal família grande. A minha é o oposto, sempre pequena ou apenas eu... — abaixou a cabeça, mexendo, inquieta, no guardanapo de papel sobre a mesa. Percebi uma nuvem passando por seus olhos.

Aproveitei esse momento para me aproximar

mais ainda. Buscando desculpas para tocá-la, brinquei com uns fios de cabelo que pendiam por sua testa, colocando-os atrás da orelha. Evy ajeitou-os, na tentativa de afastar minhas mãos.

Não conseguia desviar meus olhos dos dela e um sorriso teimava em permanecer em meus lábios toda vez que ela falava. Eu estava sendo ridículo, tinha discernimento disso!

Todo o meu corpo dava indícios de estar flertando com ela, usando toda a linguagem corporal que conhecia e tinha à minha disposição, mas ela parecia imune a essas investidas.

— Então, quando a gente se encontrar, levo você junto. O que acha? Isso acontecerá em abril, em um final de semana para comemorarmos o aniversário do meu pai.

— Será um prazer, se eu não for atrapalhar, é claro! — Percebi um brilho em seus olhos. Tinha gostado do convite ou estava, por fim, caindo na minha conversa?

Apesar dos acontecimentos, começávamos a nos entender. Evelyn parecia ser autêntica em seus anseios e forte em sua personalidade. Uma mulher

incrível.

Eu tinha que conquistá-la, viveria para isso. Sempre tive a garota que quis, não seria diferente com ela. É claro que exigiria de mim muito mais artifícios e galanteios que qualquer outra garota, porém, conquistá-la seria meu objetivo.

Eu a conquistaria e descobriria seus segredos! Essa história toda me deixava com as mãos suando e o coração disparado.

— Evelyn! — festejou Celeste com um largo sorriso, ao sair da pequena cozinha cuja porta ficava atrás de nossa mesa. — Que bom revê-la!

Evy levantou-se, acelerada, para cumprimentá-la, o que me fez lembrar do apelido que havia lhe dado.

— Incrível, não é? Vê-la duas vezes no mesmo dia! — Evelyn sorriu e abraçou a senhora, como se a conhecesse há anos.

— Coisas de cidade pequena, querida! Acostume-se.

— Vim com meus velhos amigos. A senhora deve conhecê-los, Romeu e Laura.

— Pois claro que sim, meu bem — disse,
PERIGOSAS ACHERON

cumprimentando-os com um amistoso sorriso, afagando os ombros. — Nesta cidade todos se conhecem! E vejo que Jim também se tornou um amigo?

— Estão tentando mudar a primeira impressão, ruim, por sinal... — retrucou Laura, lançando um olhar impiedoso a mim.

— Isso ficou no passado! Agora somos bons amigos, não é, Coelhinha? — falei, provocativo, dando uma piscadinha a Evelyn.

— Apenas se esquecer este nome horrível que insiste em me chamar!

Não sei por que, mas não conseguia evitar de provocá-la. Evy, por sua vez, revirou os olhos como costumava fazer, soltando um rugido entre os dentes, motivo pelo qual caímos na risada outra vez.

Celeste puxou uma cadeira próxima e se juntou à nós, à mesa. Evelyn continuou a conversa, contando para a recém chegada sobre sua vida na Capital, porém não relatou nada além do que eu já ouvira dela ou por meus amigos. Nascera e crescera na cidade grande, havia sido professora de

educação infantil, mas no último ano se dedicou ao Ensino Médio, em um projeto social com mães adolescentes. Chegara à cidade, convencida pela amiga de infância, Laura, para trabalhar na escola municipal de Borópolis. Nada mais que isso. Não falou de namorados ou anseios e desejos, muito menos os reais motivos que a trouxeram até ali. Apenas fatos.

O que havia acontecido para se fechar em um casulo, escondendo-se desta forma? Algo grave, com certeza. Ou algo que fez sofrer muito, pela maneira como saiu da sala irritada esta tarde. Existia um homem nisso tudo, podia apostar.

Precisava saber até que ponto foi o seu envolvimento com ele e se ainda estava na jogada, para que meus galanteios e cantadas surtissessem o efeito esperado.

Observava-a conversar com a senhora, vendo sua tranquilidade ao falar e seu sorriso gentil ao ouvir Celeste contando seus infortunosos momentos de visita à cidade grande, e esqueci-me de meus outros amigos à mesa e o que se passava à minha volta.

— Oi, Jim! O que houve com você que não me

procurou quando chegou?

Era o que menos precisava neste momento! Uma moça, um pouco mais nova do que eu, com quem eu tinha ficado nos últimos dias, se aproximou, arrumando sua minúscula saia e agitando seus cabelos tingidos. Debruçou-se, provocativa sobre a mesa, deixando os seios à mostra num decote sedutor, e atirou os braços em volta do meu pescoço.

Olhei para Evy, mas não consegui identificar o que passava em sua mente ao ver aquela cena grotesca. Precisava me livrar da garota, e rápido! Levantei nervoso, desviando meu rosto de seus lábios, segurando-a pelos pulsos.

— Se não a procurei é porque não estou interessado, Cláudia.

— Nossa! O que aconteceu com o *gata*, como me chamava até esses dias? — E, percebendo a presença da Evelyn, disse em tom enojado. — Ah, já entendi... deve ser por causa da sua nova conquista, não é? A novata da cidade!

— Dá o fora daqui, garota! Não percebe que está incomodando? — Laura levantou-se, tempestuosa.

— Não se intromete, Laura! — mediu Romeu, fazendo-a se sentar.

— Tudo bem, gatinho... — retrucou Cláudia, com cara de choro e passando o indicador em meu braço. Dirigindo-se à Evelyn, disse agressiva: — Logo, logo ele vai te trocar por outra também, fica esperta, viu? Ele faz isso com todas, parece que se cansa muito fácil. — Afastou-se de nós, mas sem tirar os olhos da nossa mesa.

Evelyn revirou os olhos e ignorou a provocação, voltando-se para Celeste.

— Mais uma vez, muito obrigada pela atenção, mas acho que já vamos voltar pra casa, não é Laura? Ainda estou um pouco indisposta por causa da viagem.

— Sim... acho que a noite já acabou! — Laura lançou mais um de seus olhares acusadores.

Evelyn chamou a amiga com um movimento de cabeça e ambas seguiram ao banheiro feminino.

— Jim, eu conheço a Evelyn a menos de vinte e quatro horas — disse Celeste, quando as garotas se afastaram — mas, posso te garantir que ela não é esse tipo de garota que você está acostumado a sair

e levar pra cama! Você entende o que eu estou falando? — Limitei a acenar com a cabeça, afirmativo. A velha senhora parecia furiosa comigo. — Na ausência de sua mãe, sempre me senti responsável por você. E você terá que se entender comigo se a machucar, combinado?

Como iria discutir com a mulher que conheço desde pequeno e ajudou a me criar? Constrangido, consenti. Dei um beijo em sua testa e apenas disse: — Deixa comigo.

Não tinha intenção nenhuma de feri-la, entretanto, Celeste tinha razão, não podia brincar com os sentimentos da garota. Saí em direção à caixa registradora, seguido por Romeu, para pagarmos a conta. Afinal, como Laura havia me acusado, a noite tinha acabado por minha causa. Eu havia estragado tudo!

Rezava para o estrago proporcionado por Cláudia não ter sido grande demais e abalado minhas investidas em Evelyn, minando o terreno que estava preparando.

Romeu limitava a lançar um olhar inquisidor, porém não disse uma palavra sobre o ocorrido.

Ele é o oposto de mim, burocrático ao extremo em sua profissão, contudo, na vida pessoal era tranquilo e pacato, fazendo constantes piadas e brincadeiras com as pessoas mais próximas.

Sempre ético e correto, nunca traiu Laura, pelo menos não que eu saiba. Duvido muito que isso sequer passou pela sua cabeça, era certinho demais. Como eu disse, ele era diferente de mim, que levava uma vida sem regras e era fiel apenas às minhas prioridades.

O que tínhamos em comum? Apenas o fato de nascer e crescer na mesma cidade e pertencer à mesma família. Romeu trabalhava na escola, assim como eu, todavia, destinava sua tarefa diária à secretaria, controlando horários de trabalho dos professores e demais funcionários, sobretudo a minha. Função perfeita para ele.

Aguardamos nossa vez na fila para pagarmos a conta. O local estava lotado e o caixa também não estava diferente.

Acompanhei, com os olhos, o trajeto das meninas quando saíram do banheiro e seguiram para a calçada a fim de nos esperar, encostadas em um

carro qualquer, estacionado em frente à lanchonete.

Rapazes se aproximavam e Laura os apresentava a Evelyn, que sorria simpática enquanto recebia beijos no rosto.

— Calma, cara, elas estão bem! — Romeu percebeu que aquilo estava me deixando nervoso, tentou me tranquilizar. — Não vá agredir ninguém, como costuma fazer! Relaxa...

— Ah, cara... — resmunguei, passando as mãos no rosto para aliviar a tensão.

— O que está acontecendo com você hoje? Passou o dia todo atrapalhado, trocando os pés pelas mãos. E que história foi aquela de rejeitar a Cláudia? Nunca vi você dar fora numa garota, antes!

— Sei lá, acho que me cansei desta vida de pegador, afinal, não sou mais um adolescente.

— Adolescente? Sua adolescência ficou há anos-luz, meu camarada! Trinta anos nas costas, já é um homem barbado, mas se comporta feito um moleque, isso sim.

— Romeu e sua incrível sinceridade —sussurrei. Ele pareceu não ter ouvido, pois continuou com seu

PERIGOSAS ACHERON

sermão.

— Nunca se importou com ninguém, apenas em se satisfazer e curtir a vida. Só que isso nunca te incomodou... por que se incomoda agora?

Não soube o que responder, precisava pensar no assunto. Já fazia algum tempo que estava cansado dessa fama e queria algo diferente, uma vida mais tranquila, porém, não havia nada que me segurasse ou me impedisse de flertar com as garotas.

Com a chegada da Evelyn à cidade, parece que certas coisas começaram a perder a graça e mudar de perspectiva. Contudo queria conquistá-la, esse era meu objetivo, não era? Não mudara por completo. O velho Jim ainda estava em ação!

Era apenas uma mudança de alvo. Um alvo específico e quase impossível de ser alcançado, um romance que duraria mais de uma noite. Essa ideia me atraía, embora outras coisas nela me irritavam, me deixavam louco.

Enfim, chegou a nossa vez de sermos atendidos e pagar a conta, dividindo-a meio a meio. Como troco, peguei um bombom na prateleira próxima à caixa registradora. Desviando de cadeiras e pessoas

amontoadas no caminho, fomos para fora.

A maioria dos que estavam ali eram jovens, rapazes e moças em busca de diversão. Dias atrás, estaria me divertindo com eles, mas naquela noite, a aglomeração me incomodava, sobretudo, a agitação em volta da Laura e de sua amiga.

Não que eu estivesse com ciúmes, acontece que conhecia os caras e eles não eram boa companhia pra Evelyn. Sei lá, era só... estranho e desconfortável.

— Qual é? Deem o fora! — disse ao alcançar a calçada, lançando um olhar ameaçador aos dois marmanjos que a cercavam. — Parecem um bando de carniceiros! Nunca viram uma garota da cidade grande, não?

— Qual é digo eu, Jim! — disse Laura, vendo os rapazes se afastarem. — Virou pai dela por acaso? A Evelyn é uma garota linda e desimpedida, pode receber cantadas de quem *ela* quiser!

Laura fez questão de frisar as palavras, para eu compreender o papel ridículo que estava fazendo, mas não me importei. Não ia permitir aqueles pervertidos em cima dela.

— Claro que pode! Menos desses dois babacas! O que ela pode querer com esses moleques?

Não queria dar explicações. Perguntei a mim mesmo se estava tendo ciúmes ou se era apenas porque conhecia os caras e sabia que não prestavam para fazer-lhe companhia. Por sua vez, Evelyn permaneceu calada. Ao olhá-la, observei um sorriso sendo reprimido no canto dos lábios.

O que significava?

Na verdade, não queria saber, estava irritado demais para fazer joguinhos de interpretação. Fiquei a noite inteira investindo em cantadas e ela nem sequer percebeu, e agora estava dando atenção àqueles caras?

Virei-me em direção para o local onde o carro estava estacionado e comecei a caminhar, ignorando os protestos escandalosos de Laura às minhas costas.

— Imagina, Rô, se ele pode se intrometer na vida dela!

—Não, meu amor, não pode, mas ele conhece os caras, talvez seja melhor Evy não se envolver com eles.

— Ei, calma, pessoal! Não falem como se eu não estivesse aqui ou fosse uma criança! — Eu estava me afastando deles, mas o suave timbre de sua voz chegava nítido aos meus ouvidos. — Não estou me envolvendo com ninguém. Aliás, acabei de chegar à cidade. Vocês estão fazendo tempestade à toa.

Pude perceber seus passos se aproximarem, apressados.

— Espera! — Evelyn disse, tocando em meu braço. Não interrompi a caminhada e continuei com as mãos nos bolsos da calça. — Obrigada, por me livrar deles. Quero dizer, dos caras, lá atrás. — falou, buscando seguir o compasso de minha caminhada. Como continuei em silêncio, olhando a frente, ela prosseguiu: — Sabe, vim parar aqui porque quero recomeçar, mudar algumas coisas na minha vida e...

— Hu-hum... — balbuciei para que ela soubesse que eu a ouvia, todavia procurando parecer desinteressado.

— E nos meus planos não estão incluídos rapazes e romance, só que a Laura insiste em ser o cupido! Ela sempre foi assim, sabe? Então, obrigada por

fazer seu papel de amigo e ter se livrado deles por mim.

— Amigo? — interroguei incrédulo, parando em frente a ela. Evelyn estava me vendo como amigo? Bufei, percebendo como estava cansado, meus ombros pesavam.

Ela era cega ou eu que estava trilhando o caminho errado? Na verdade, acho que estava se fazendo de boba! Resolvi, então, entrar no jogo, com novas metas para conquistá-la.

Eu não acreditava na possibilidade de amizade entre homem e mulher, e não iria começar a acreditar agora, justo com ela. Faria o papel do amigo que ela precisava até o momento perfeito de dar o “golpe final”, arrastando-a para cama.

Ela acenou a cabeça, consentindo, e estendeu sua mão esperando que eu a cumprimentasse, alheia às minhas investidas e intenções.

— Certo, então. Vamos começar mais uma vez. Guardar as armas e levantar a bandeira da paz! — Lembrei-me do bombom que guardara no bolso e, voltando a caminhar, entreguei a ela. — Pra você, em sinal do começo de nossa amizade!

Deve ter sido uma grande atitude, pois ela abriu um lindo sorriso, um que eu ainda não conhecia. Não era apenas pelo sabor da conquista, eu a queria por perto, mais do que imaginava. Faria o possível e o impossível pra tê-la em meus braços, ao menos por uma noite.

Seguidos e observados por nossos amigos, chegamos ao carro, lado a lado, separados pela distância que ela fazia questão em manter. Continuamos a conversa de maneira tranquila sobre como a noite estava agradável, o tempo bom e o clima ameno.

Trivialidades que são ditas na fila do banco ou do mercado, e funcionou. Pelo menos a margem de erros e de constrangimentos era nula, até chegarmos ao apartamento, onde poderia, enfim, descansar da agitação do dia.

...

Sentei-me no sofá em frente à TV com o controle em mãos, em busca de algo interessante para passar a hora, enquanto as meninas seguiam para o quarto para se trocarem. O sono havia me abandonado.

Entre risadinhas e gritinhos comuns de Laura,
PERIGOSAS ACHERON

ouvi quando se despediram com “boa noite” e “até amanhã”. Percebi que, para Evelyn, o dia já havia terminado. Será que era seu costume dormir cedo ou apenas estava cansada do dia atribulado?

Há pouco tinha dado meia noite. Sempre imaginei que as pessoas nas cidades grandes dormissem tarde, devido à correria dos centros e da vida ativa que levavam.

Romeu também se despediu, bocejando, afinal aquele foi um dia com muitas surpresas e confusões. Decidi ficar por ali mais alguns minutos antes de entrar no quarto, esperando que ela adormecesse, a fim de não constrangê-la.

Quando dei por mim, o celular já indicava duas horas da manhã. Desliguei a TV e fui ao quarto lembrando-me da Cláudia. Devia tê-la levado para casa e passado a noite lá. Agora seria obrigado a dormir sozinho, mesmo tendo uma mulher no mesmo quarto! Sacudi a cabeça para espantar os pensamentos devassos e libertinos.

Almejava uma boa noite de sono, apenas isso. Amanhã seria um novo dia. No escuro do quarto, me livrei das roupas, me deitando apenas de cueca.

Ao meu lado, no escuro, percebi o sono agitado de Evelyn. *Deve estar cansada.*

Fechei os olhos e logo adormeci.

O que parecia ser segundos mais tarde, porém, após verificar, já havia transcorrido mais duas horas, acordei sobressaltado. Acendi a luz ao perceber que minha nova colega de quarto se agitava e se debatia, gritando em meio aos pesadelos.

Corri para o lado de sua cama sem saber o que fazer. Acalmá-la? Acordá-la? A porta do quarto, de súbito, se abriu e Laura entrou, gritando para que eu a soltasse, dando-me tapas e socos gratuitos nas costas e nos braços.

— Eu não estou a machucando! Ela está tendo pesadelos e estou tentando ajudar! — argumentei, me afastando da cama enquanto Laura ocupava meu lugar.

— Evy... Evelyn, acorda! — Laura tentava despertar sua amiga do que a atormentava. — Acorda, Evy...

Evelyn abriu os olhos e, perdida, sem saber o que estava acontecendo, abraçou Laura e ambas

começaram a chorar.

— Amiga, sou eu... já passou!

Fui levado para fora do quarto pelo meu amigo e colocado, a contra gosto, no sofá.

— O que está acontecendo, Romeu? O que agoniza essa menina desta maneira a ponto de atormentar até seus sonhos?

— Essa informação é algo que não pertence a mim, irmão, para dividir com você, sinto muito — respondeu, dando de ombros.

— Sim, você já me disse isso! Vou perguntar pra ela, então...

— Acho que não deveria fazer certas perguntas, pelo menos por enquanto. Espera ela se adaptar à cidade e à nova rotina. Quando sentir confiança em você, ela mesma vai te contar, enquanto isso...

— Enquanto isso — interrompi —, continuo neste sofá até poder ser convidado, no *meu* apartamento, a voltar para o *meu* quarto, sem saber qual motivo me tirou de lá? É isso?

— Creio que sim!

— Fala sério...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 07

Meses antes

— Vocês estão bem, aí atrás? — perguntou o policial limpando da testa o líquido vermelho. Em seguida, olhou para o oficial, parceiro de muitos anos, ao seu lado, inerte, mas ainda respirava.

— Ele está muito machucado! Não quer acordar... — disse a garota, em lágrimas. Um grito de dor e lamento saiu de sua garganta ao puxá-lo para seus braços.

— Procure não se mexer. Também está ferida!

— O que foi que aconteceu? — o parceiro recobrava a consciência. — Foi tudo tão rápido...

— Aqui é Delta Bravo 7, precisamos de apoio na rodovia... — a voz do policial prosseguiu solicitando o socorro mais próximo via rádio.

A garota no banco traseiro soluçava com medo da morte iminente de seu bem mais querido.

— Temos que tirar os dois do carro! Estou sentindo cheiro de gasolina. — O parceiro se

PERIGOSAS ACHERON

arrastou para fora com certa dificuldade devido aos ferimentos na perna e ombro.

O sangue nos braços e rosto demonstrava que os passageiros da viatura, sem exceção, se encontravam bastante feridos. Usou, em vão, todas as forças para abrir a porta traseira, estava emperrada devido aos graves amassados na lataria. O carro capotara várias vezes, parando apenas quando se chocou na defesa metálica que dividia a pista do barranco.

O carro oficial prosseguiria viagem por mais algumas horas quando fora interceptado por um caminhão. O condutor, em alta velocidade, perdeu o controle do veículo, se chocando de frente com a viatura.

— Dois passageiros! — informou o policial pelo rádio.

Uma voz masculina se ouviu distante, do outro lado da linha, ininteligível, entrecortada por estalos e chiados que se seguiram. Letras e números eram mencionados por ambos. Códigos compreendidos apenas por eles.

— O oficial e eu estamos bem! Feridos, mas bem.

A menina apresenta ferimentos gravíssimos, parece que está em choque, porque...

Fez uma pausa necessária, umedecendo os lábios. Sentiu o nó prender-lhe a garganta ao lembrar-se da família em casa.

— O outro está inconsciente — concluiu.

Foi um acidente grave.

O zumbido eletrônico que vinha do outro lado do rádio e as vozes monótonas dos policiais despertavam, vez por outra, a garota de seu torpor. Ela sentia muita dor, mas apenas o outro importava pra ela naquele momento.

— O condutor do caminhão evadiu-se do local.

—Ai... — um gemido fraco de dor preencheu o silêncio da noite.

— Ajudem-no! Por favor, ajudem! — choramingava ela, ao ser retirada com cuidado por outro policial e um paramédico.

Dor e pesar a invadiam e tomavam conta dos seus sentidos, no entanto, sentiu o alívio e a esperança emergir: o socorro havia chegado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 08

Jim

A claridade entrava pela janela e ardia meus olhos. Olhei à minha volta, desorientado. Não havia bebido quase nada na noite anterior, mas minha cabeça parecia explodir como ressaca após um dia de bebedeira. O pescoço endurecido devido à posição desagradável no sofá.

Como havia parado ali? Não me lembrava de levar garota alguma para casa e acabar adormecendo no sofá.

— Por que não estou no meu quarto, droga?

As lembranças iam surgindo aos poucos. O dia fora bem turbulento com a chegada da garota da Capital.

Os pesadelos, é isso! A garota sofria de pesadelos. Era só o que me faltava! O que poderia fazer? Nada. Como disse Romeu, aguardar o tempo certo.

Aff...

Levantei, tropeçando em tudo o que estava pelo caminho até chegar à porta do quarto.

— Coelhinha? — chamei batendo suave na porta.
— Evelyn, vou entrar pra pegar minhas roupas, okay? — bati outra vez e não houve resposta. A menina deve ter um sono pesado, imaginei. Decidi, então, chamar mais alto com fortes batidas na porta. — Coelhinha...

— Que gritaria é essa, Jim?

— O que está acontecendo aqui?

Laura apareceu na porta do quarto, sonolenta, arrumando os cabelos e, logo em seguida, Romeu surgiu esfregando o rosto para espantar o sono.

— E eu que vou saber? A amiga é de vocês e não minha. — Dei de ombros encostando ao lado da porta.

— Dá pra explicar melhor, cara. Nem amanheceu direito e vocês estão brigando? — Romeu não esperou pela resposta e seguiu para a cozinha.

— Só quero entrar no quarto pra me trocar, mas ela não responde.

— Evy, você está bem? — perguntou Laura ao abrir a porta do quarto. Olhamos para dentro, a
PERIGOSAS ACHERON

cama dela estava arrumada e vazia ao lado da minha, com o lençol revirado. — Ela não está aqui! Pra onde ela foi, Jim?

— Como vou saber se fui expulso do meu próprio quarto de madrugada?

— Você estava dormindo na sala, não viu quando ela saiu?

— Não, eu não vi! Sou babá de mulher adulta, por acaso? — a paciência se esvaía por completo e a cabeça latejava cada vez mais.

— Pessoal, dá pra parar de brigar já cedo? — Romeu nos advertiu, se aproximando do quarto segurando um copo d'água. — Os vizinhos devem estar dormindo e eu pretendo voltar a dormir! São sete horas da manhã e estamos de férias, lembram?

— Romeu, a Evy foi embora!

Laura já estava choramingando nos braços do namorado quando resolvi abrir o armário, a fim de verificar se os pertences da garota haviam desaparecido como ela.

— Fugiu e não levou nada? Estranho pra quem chegou carregando a casa toda nas costas. Suas bolsas estão aqui dentro, vejam.

— Jim tem razão. Há uma mala debaixo da cama também — constatou Romeu.

O barulho de abrir e fechar a porta da sala nos despertou de nossa investigação, e corremos ao mesmo tempo para lá.

— O que aconteceu, Evelyn?

— Você sumiu de repente!

— Onde estava Evy?

— Calma, pessoal? Que desespero é esse? — falou, livrando-se com delicadeza dos braços de Laura. Eu me limitava a observar a cena.

A menina estava na cidade há pouco tempo e já havia arrumado muita confusão: aprontou uma cena histérica por causa de um copo de suco na Lanchonete da Celeste, outra cena por dividir o quarto comigo, mais tarde, os pesadelos, e, pela manhã, desaparece sem avisar ninguém.

Definitivamente, era maluca!

— A gente ficou preocupado!

— Fui até seu quarto, Evy, e você não estava, então...

— Meu quarto! — interrompi, mas ninguém

prestou atenção.

— Desculpa, não queria preocupar ninguém. Só levantei cedo e fui correr, como de costume.

— Correr? Você levantou cedo e saiu pra correr?
— perguntei retórico. Ela, por certo, era doida. Limitou-se a responder com um aceno de cabeça e se sentou no banco em frente ao balcão ao lado de Laura.

— Perfeito! Tudo resolvido. Vou tomar um banho senão chegarei atrasado.

— Vai sair também?

— Vou, cara. Combinei com o pessoal de jogar vôlei lá na quadra central. Na verdade, você disse que ia também, lembra? Preciso de reforço no time.

— Não vou, não, Jim. Fica para a próxima.

— Ah, Romeu, vamos sim! Faz tempo que não joga com o pessoal — insistiu Laura indo ao seu encontro.

— E por que esse interesse todo agora? Quer ficar livre de mim?

— É porque enquanto vocês jogam, posso apresentar a Evy pra algumas pessoas. Vamos?

— Lá vai a Laura com sua mania de querer arrumar namorados para a amiga! — disse Romeu com um sorriso bobo nos lábios, puxando-a pela cintura. Ele fazia tudo o que sua noiva pedia, apaixonado.

Olhei para Evelyn à minha frente, linda em sua roupa de corrida, a pele suada e os cabelos amarrados no alto da cabeça em um rabo de cavalo. O rosto, inexpressivo. A cena de ontem à noite com os caras a sua volta veio à memória e me deixou irritado.

Seria difícil concentrar no jogo vendo outros homens em cima dela, mas não podia fazer nada, Evelyn era livre e solteira. Uma pontada se destacou na dor que martelava em minha cabeça.

— Seja lá o que pretendem fazer, é bom que seja rápido, porque quero passar na padaria e tomar café da manhã. Vou tomar uma ducha. — Virei as costas em direção ao banheiro, já com uma camiseta e uma bermuda na mão, enquanto ouvia meus amigos conversarem na cozinha.

Em poucos minutos, saí descalço do banheiro e a encontrei no quarto, penteando os cabelos

molhados, também de banho tomado. Sorriu quando me viu pelo reflexo do espelho.

— Desculpa, a porta estava aberta.

— O quarto é seu, não quero tirar a sua liberdade. Na verdade, quero pedir desculpas por ontem, foi ridículo de minha parte.

— Qual parte? De colocar exigências ou de me tirar daqui de madrugada por causa dos pesadelos?

— retruquei de forma grosseira, revirando o armário em busca do melhor tênis.

— Desculpa por isso também, mas não precisava sair! Eu... prometo que não vai mais acontecer.

— Quanto aos pesadelos, se eu puder ajudar de alguma forma... algo a incomoda? Sou psicólogo e sei que falar sobre isso ajuda.

— Não tenho nada para falar — respondeu abaixando os olhos para o chão —, mas obrigada mesmo assim. E quanto às exigências...

— Não, você está certa! Tem o mesmo direito ao quarto já que vai dividir o aluguel do apê. Só vou colocar um par de tênis, já estou de saída.

— Se incomoda se a gente for junto? — perguntou, virando-se de frente para mim. — Te

PERIGOSAS ACHERON

ver jogar?

— Não, de modo algum. Vai gostar do pessoal, todos da cidade são gente boa.

— E aí, prontos? — perguntou Romeu de bermuda, camiseta e boné. Levava o par de tênis pendurado nos ombros, calçando os habituais sapatos de camurça.

— Decidiu ir, irmão?

— E consigo dizer não pra Laura alguma vez?

— Ai, lindo! — respondeu a noiva, dando-lhe um beijo no rosto. Depois, chamou a amiga para, logo em seguida, saírem do apartamento com os braços entrelaçados, conversando animadas.

Em meia hora, havíamos tomado o café da manhã e estávamos na quadra pública da cidade. O lugar não estava lotado, entretanto todos os jovens pareciam estar ali, afinal, era período de férias e não havia muito entretenimento em Borópolis.

— Está todo mundo te esperando, cara! Seja mais rápido!

— Já estou indo, mais um minuto — retorqui mal humorado.

Laura arrastou Evelyn assim que passamos pelo

PERIGOSAS ACHERON

portão principal da quadra. No momento, conversavam com outras mulheres, no entanto eu tinha a consciência de que, em breve, os caras perceberiam a presença de “carne nova no pedaço”.

Procurei me concentrar no jogo, começando pelos alongamentos junto ao Romeu.

— Sua Coelhinha parece mais descontraída hoje, você não acha?

Olhei em direção às meninas. Ela ria com Laura e as amigas. Os rapazes chegavam, um a um.

— A Evelyn não é nada minha. Esquece esse apelido idiota.

— O que está acontecendo com você? Ontem, estava todo atrapalhado, hoje, parece nervoso...

— Só quero ganhar desses idiotas que desafiaram a gente semana passada.

— Certo! Então, vamos lá!

Ambos os times eram mesclados por homens e mulheres, todos animados e se esforçando ao máximo em cada movimento. Amigos e rivais desde a infância.

...

O primeiro tempo do jogo foi perfeito, ganhamos de lavada, muito fácil. O outro time não estava de bom humor e prometeu nos massacrar no segundo set.

E falaram sério! A cada bola lançada por eles, minha equipe precisava se desdobrar para não deixá-la cair ou para não perder mais uma oportunidade.

— Um a um, cara! Conseguiram empatar nesse set. Vamos ter que arrebentar no último se quisermos vencer.

— Pediram um tempo de quinze minutos pra descansar — informou Romeu, ofegante. — Vou aproveitar e dar uma olhada nas garotas. Você vem?

— Não — respondi seco, me sentando afastado do pessoal.

Durante o jogo, vi os rapazes conversando com Evelyn, mexendo em seus cabelos soltos, arrumando pretextos para tocá-la. Em certos momentos, a minha vontade era de pular a cerca do alambrado que separava a quadra da arquibancada e fazer os caras voarem de lá, no completo sentido

das palavras.

A *gata* acabara de chegar à cidade e os caras já disputavam e marcavam território. No entanto, ela era adulta e eu não tinha nada a ver com isso, a não ser pelo fato de dividir o mesmo quarto, não tinha o direito de me sentir ofendido.

— Oi — ouvi a voz de uma mulher às minhas costas.

Era só o que me faltava!

Não estava a fim de nenhuma garota no meu pescoço. Ignorei. A dor na cabeça persistia e não ajudava em nada no meu humor. Joguei a garrafa de água vazia no cesto, errando o alvo.

— Ainda bem que sua pontaria na quadra não é a mesma daqui de fora! Errou feio, hein?

Preparei uma resposta grosseira e má educada virando-me para a garota. Qual não foi a surpresa quando vi Evelyn, de pé atrás de mim, sob os reflexos da luz do sol. Estava ainda mais linda. Fiquei sem palavras, boquiaberto. *Babaca!*

— Será que posso sentar aqui um pouco?

Não respondi, apenas afastei meu corpo para o lado dando a ela um pouco de espaço no banco.

— Porque veio até aqui, Evelyn? Quer dar algumas dicas de jogo? — perguntei depois de alguns constrangedores minutos de silêncio.

— Não é uma má ideia. Nesta última parte vocês foram muito mal!

Porque estava cuidando de uma garota na arquibancada, prevendo a hora em que seria devorada por um de meus amigos! Era a resposta que queria dar. Ela não iria gostar de saber que eu cuidava da vida dela, então, procurei por outros motivos.

— Não dormi muito bem esta noite — limitei a responder, cordial.

— Minha culpa! Desculpe de novo...

— Vai passar a vida toda se desculpando, garota?
— minha voz ríspida atraiu olhares curiosos para nós.

— Qual é? Por que tem que ser grosso desse jeito? Estou tentando ser simpática — alterou a voz também —, mas deixa pra lá.

— Espera, Coelhinha! — pedi, segurando-a pelo braço quando se levantou. — Não quis ofender. Pode ficar — esperei que se sentasse de novo. —

Esses caras desafiaram a gente semana passada e sinto a obrigação de, sei lá... — Passei as mãos pela nuca, tenso, preocupado.

— Vencer! Tudo bem, todos queremos vencer. Só acho que deveria colocar aquele ali — apontou para um dos meninos da equipe —, na rede junto com você. O cara tem um bloqueio que parece uma muralha! E outra coisa, o pessoal do time adversário parece que se esconde quando você está perto da rede, então, deveria se aproveitar destas ocasiões para marcar mais pontos.

Olhei para ela admirado, com um sorriso largo no rosto.

— Então, esta é minha dica, caso queira saber.

— Estava prestando atenção no jogo?

— Claro! Curto bastante e sempre joguei.

— Duvido! Não consigo imaginar você, toda delicada, se matando por causa de uma bola! Daqui a pouco vai tentar me convencer de que também jogava futebol.

— Futebol só jogava na zaga. Não era muito boa.

— Riu com as faces coradas.

— Deve estar de brincadeira!

—Pergunta pra Laura, depois! Ela era a atacante do time!

Olhava-a embasbacado. Não conseguia, de modo algum, imaginar aquela garota com as unhas feitas e maquiada, jogando futebol ou se matando numa quadra de vôlei.

Enganara-me a seu respeito ou estava zombando da minha cara?

— Laura está te esperando de volta, Evelyn. — Romeu apareceu para me tirar da hipnose em que me encontrava. — Vamos voltar ao jogo, Jim, ou vai ficar aí com essa cara de bobo?

Acompanhei-a com o olhar até se sentar ao lado da amiga. Ambas nos desejaram boa sorte e acenaram com as mãos.

— Romeu, você sabia que a Evelyn jogava?

— Lembro de já ter visto algumas fotos da Laura em que elas aparecem jogando sei lá o quê. Agora, vamos! — Bateu as mãos em minhas costas, voltando-se para quadra em seguida.

Passei a sugestão da Evelyn ao time e funcionou. A cada toque da bola ao chão, a torcida gritava, aumentando ainda mais nossa vontade de vencer.

Caíamos no piso duro de cimento para levantarmos logo depois. Os passes estavam arrebatadores e os pontos perfeitos, até o momento em que Lúcia, a garota que jogava pelo nosso time, distendeu o músculo da coxa, impedindo-a de voltar ao jogo.

— E agora, o que faremos com um jogador a menos? — queixou-se Romeu.

— A partida já era, cara! Vamos perder — reclamou Magrão, desanimado, um sujeito que fazia jus ao apelido. — Ainda estamos com cinco pontos em desvantagem.

— O que vamos fazer? Cancelar a partida? — Carlos, professor de matemática da escola, procurava soluções alternativas.

— De jeito nenhum! Vamos continuar. A gente consegue.

— Cai na real, Jim! Já estamos nos matando pra tentar ganhar. Com um a menos, a derrota é certa!

Eles tinham razão, mas não podia desistir fácil assim, precisava encontrar a solução. Não ia me dar por vencido.

— Vocês tem dez minutos pra decidirem — alertou o homem que fazia a função de juiz.

Olhei para a arquibancada. Laura e Evelyn estavam em pé, segurando o alambrado, preocupadas.

— É isso! Já volto! — Corri até onde estavam. — Coelhinha, quero ver se o que falou é verdade! Passa pra cá!

— O que ela disse? — perguntou Laura, curiosa.

— Disse que era fera no vôlei!

— Não disse que era fera, apenas que jogava.

— Hora de provar não estar mentindo.

— Uhulll, vai lá Evy! — Laura torcia, animada.

Esperei-a amarrar os cabelos em um rabo de cavalo, segurei em suas mãos e arrastei-a para o centro da quadra.

— Pessoal, esta é a Coelhinha...

— Evelyn! — corrigiu, me lançando um olhar zombeteiro. — Oi, pessoal.

— Vai ajudar a gente a ganhar desses idiotas!

— Bem vinda, Evelyn.

Depois das formalidades das apresentações e animados com a nova perspectiva de ganhar a partida, ou pelo simples fato de não abandonar o

jogo, bradamos, com uivos e assobios, e retornamos cada um para a marcação inicial.

O time adversário tinha a posse de bola, porém não nos deixamos abater, a cada passe virávamos o jogo a nosso favor. Com movimentos precisos conseguimos empatar.

— É isso aí, galera, a gente consegue virar esse jogo! — Romeu nos animava.

— Escutem, eles estão esperando o Carlos e o Jim para atacar na linha de frente, como a gente fez até agora, mas acho que agora é hora do contra-ataque.

— No que está pensando, Magrão?

— Pra finalizar a jogada, vocês dois devem fazer o levantamento para a nova amiga cortar.

— Não, nem pensar, eu não consigo! Não vai dar certo!

— Você consegue, Coelhinha.

— Magrão tem razão, Evy. Eles não te conhecem e não vão esperar por isso. Vão se surpreender e assim a gente marca mais alguns pontos.

— Esqueceu de quando foi sacar? O time adversário não dava nada pelo seu saque e

acabamos fazendo dois pontos sucessivos.

— Olha o meu tamanho e a altura dessa rede! — havia tensão na sua voz, estava apreensiva, mas eu confiava nela e o time também.

— Tudo bem, Coelhinha, se não der a gente tenta outra estratégia, mas topa tentar?

Respirou fundo e respondeu afirmativo com um aceno de cabeça e um sorriso nervoso.

— Okay, vamos lá! — disse Romeu, batendo palmas animado com o iminente fim de jogo. A partida reiniciou após o som estridente do apito.

A bola dançou entre os jogadores, indo e voltando por cima da rede. O clima encontrava-se tenso entre os times. Palavras ríspidas eram trocadas. A torcida aguardava em silêncio. A expectativa era geral.

— Agora! — gritei dando o comando a Evelyn, após lançar a bola em sua direção. O som do apito soou duas vezes indicando que a bola havia tocado o chão.

— Consegui! — vibrou pulando em meus braços. — Nós conseguimos!

Não esperava por essa reação, fora tudo tão

PERIGOSAS ACHERON

rápido e, naquele momento, ela me abraçava.

Havíamos conseguido quebrar o gelo entre nós?

Logo os outros também nos cumprimentavam, a animação era geral, no entanto ainda precisávamos de mais alguns pontos para, enfim, vencer.

Continuamos a partida e conseguimos mais três pontos com a mesma estratégia. Comemoramos a cada vez que a bola tocava o chão do time adversário, trazendo a eles o típico sentimento da perda e derrota, gerando passes errados, e, a nós, vantagens.

Laura e os demais amigos na torcida, invadiram a quadra para festejar conosco o fim do jogo. A exaustão consumia cada parte do meu corpo e sorri, aliviado, quando pude sentar no sofá do apartamento, com uma cerveja nas mãos ao lado dos velhos amigos.

— Parabéns pelas jogadas! — elogiei assim que tive a oportunidade de me aproximar de Evelyn. A casa estava cheia com o pessoal do time.

— Todos jogaram muito! Você arrasou também. Parabéns!

— É... — comentei pensativo. — Acho que

PERIGOSAS ACHERON

contou a verdade! Mas quero ver as fotos que Romeu disse que tem.

— Fotos?

— Sim, suas e da Laura jogando na Capital.

— De jeito nenhum! Nunca verá essas fotos!

CAPÍTULO 09

Evelyn

Inacreditável. Os pesadelos me perseguiram aonde quer que eu fosse! Imaginara que, mudando minha vida de forma radical, iriam me deixar. Havia me enganado.

Era, na maioria das vezes, o mesmo sonho. Aterrador, no qual eu corria pela noite nebulosa, segurando as mãos dele, tentando fugir. Carros, casas, árvores, pessoas... Tudo se passava como *flashes* e não conseguia me mover, sair do lugar. Outrora, quando conseguia, acabava voltando ao ponto de origem. O desespero podia ser visto em seus olhos e eu me sentia impotente, incapaz de ajudá-lo, de salvá-lo.

A minha vida dependia disso, a vida dele estava em minhas mãos e eu não conseguia fazer nada. Não podia protegê-lo! As cenas do acidente passavam em meus pensamentos e as lembranças voltavam, me assombrando. Ouvia gritos. Seus

gritos, e logo vinha a escuridão! Uma sensação de tristeza e solidão me envolvia e sufocava.

Balancei a cabeça para afastar as lembranças. Já estava correndo antes mesmo de amanhecer o dia, e, agora, o sol já apontava no céu. Era uma manhã fresca, diferente do dia anterior.

Havia me divertido na quadra com Jim e os novos amigos que fizera, fazia muito tempo que não me divertia e me sentia tão bem. Precisava de momentos assim para aliviar a tensão e o estresse dos últimos meses, ou melhor, dos últimos anos.

Devia ser umas sete horas da manhã, pelo relógio da igreja local. As ruas estavam quase desertas, poucas pessoas haviam se aventurado a acordar cedo em pleno sábado, uma rotina típica de cidades pequenas.

Nas ruas simples e de estilo colonial por onde eu passava, avistava homens consertando cercas e telhados de suas casas, mulheres lavando calçadas ou carregando seus filhos no colo, ou pelas mãos, crianças sonolentas e chorosas.

Podia ouvir o som constante e ritmado dos martelos se distanciando ao curvar a próxima rua.

Cachorros ladravam ao longe. Um frio passou pela minha espinha se alojando em minha barriga. Outros cães se silenciaram ao ouvir um único uivo longo e persistente, ao longe. Meu coração acelerou.

Lembrei-me de quando era pequena e a mãe de Laura dizia: “Quando um cachorro uiva, minha filha, é porque está predizendo a morte”.

Será que ela tinha razão?

Resolvi contornar o quarteirão e voltar pela mesma rua até chegar ao apartamento. As ruas estavam desertas! As poucas pessoas que ali se encontravam, minutos antes, já haviam seguido com sua vida e sua rotina. Tudo estava silencioso e funesto.

Minhas pernas fraquejaram e meus passos, na corrida, se perderam no ritmo da marcha constante. Minhas mãos transpiravam e meu coração batia forte no peito. O oxigênio não conseguia fazer seu trabalho até o cérebro. Sentia-me tonta e nauseada. Já havia passado por isso antes.

Estava tendo um ataque de pânico.

Procurei respirar fundo, a fim de acalmar o

sistema nervoso. Não estava acontecendo nada, era apenas minha cabeça pregando peças, deixando o medo tomar conta do corpo. Eu precisava ser mais forte, afinal, já superei isso outras vezes. Limpei o suor da testa com a palma da mão trêmula.

Virei a próxima esquina e alcancei o ladrilho da praça, havia passado por ali, tinha certeza! Restavam poucos quilômetros que me separavam da tranquilidade do apartamento e da companhia agradável dos meus amigos. Estaria a salvo.

Encostado a um poste, a certa distância, avistei um homem vestido com uma blusa de capuz cobrindo seu rosto, as mãos nos bolsos. No momento, considerei estranho o uso do agasalho, já que a temperatura era agradável.

Aos poucos, me aproximei do local onde o homem estava. Com certa curiosidade, olhei para ele outra vez. Parecia muito com alguém que eu conhecia e nunca mais pretendia ver.

Não podia ser!

Contudo, eu não pretendia passar por ali, não queria arriscar. Decidi virar a próxima esquina, seguindo em outra direção e me deparei com a

placa de RUA SEM SAÍDA! Não havia outra rota de fuga, teria que passar por ele de qualquer forma.

Apressei o passo atravessando para o outro lado da rua, enlouquecida. Minhas pernas, no entanto, me enganaram e fraquejaram mais uma vez ao subir a calçada. Tropecei, mas após alguns rápidos passos consegui recuperar o equilíbrio.

Não podia ser ele! Como tinha me encontrado nesse fim de mundo? Ninguém sabia do meu paradeiro! Ninguém!

Abaixei a cabeça e continuei em ritmo acelerado. Pelo canto dos olhos, vi seu vulto se movimentando quando passei por ele. Resolvi olhar por cima do ombro. Estava me seguindo a passos rápidos. Era ele, só podia ser. As casas iam ficando às minhas costas e atravessei mais uma rua, com outra rápida olhada para o cara que me seguia.

Foi neste momento que um ruído de motor se aproximou pela rua lateral, freando em cima de mim. Em poucos segundos, eu estava no chão. Atordoada. Mãos enormes me seguravam pelos braços.

Em desespero, tentei me levantar do asfalto,

desvencilhando do homem que tentava me agarrar. Era o cara da moto ou o homem que me seguia?

Meu coração estava prestes a sair pela boca e mal conseguia respirar, ofegante. Não enxergava nada à minha frente, minha visão ficou turva.

Alguém falava comigo, palavras que não podia compreender. Consegui avistar seu capacete e seus braços nus, expostos pela camiseta regata. Uma tatuagem. Onde eu havia visto outra igual a esta? Não era o cara que me seguia, ele não tinha tatuagem alguma... sabia disso muito bem!

Vi o capacete sendo retirado e sua voz chegou mais nítida em meus ouvidos. Ele falava meu nome. Ele me conhecia? Sua voz também não me era estranha... Em meio as tosses e à procura de ar, consegui ficar em pé com o apoio do motoqueiro. Meus pulmões doíam.

— Evelyn? O que está acontecendo? Você está bem? Eu te machuquei?

Eu era incapaz de responder às suas perguntas, mas tamanho foi meu alívio quando o reconheci.

— Jim? — disse incrédula, olhando, pasma, para ele. Eu o abracei como se fosse um colete salva

vidas em um mar revolto. — Ai, que bom que é você! Estava em pânico... não sabia o que fazer!

— Você se machucou? Está pálida! Tremendo...

— Não. Acho que não. Não sei. Desculpe, eu....
— arrisquei olhar para trás e o homem estava lá, um pouco distante, de costas para nós, para não ser reconhecido.

— O que houve? Parece nervosa.

— Um cara... aquele homem... ele está me seguindo... perseguindo... — procurava as palavras enquanto controlava a respiração para voltar ao ritmo normal.

— Que cara? Mostre quem é. Vou resolver isso!

Olhei mais uma vez e não o vi. Ele estava ali, a uma distância curta de nós, a menos de cinquenta metros! Havia desaparecido! Ou fora fruto da minha imaginação, fruto do medo?

— Não sei. Acho que foi embora. Desculpe, não sei nem o que dizer. — Ao olhar ao redor e ver sua moto caída, fiquei mais constrangida com a situação. — Sua moto! Sinto muito! Será que...

— Não se importe com isso — ele me interrompeu e segurou minhas mãos. Falou com
PERIGOSAS ACHERON

outras pessoas que surgiram do nada e, no instante seguinte, sua moto fora colocada próximo ao meio-fio. — Preciso levar você pra casa. Está tremendo.

—Estou bem, agora. Tive um ataque de pânico, foi só isso.

—Só isso? — Riu, com seu sorriso brincalhão e descontraído. Agradeceu ao pessoal que o tinha ajudado e, sem soltar a minha mão, me conduziu pela calçada, rumo ao apartamento onde morávamos.

—Espera! — falei, interrompendo nossa caminhada e soltando suas mãos. — Olha, desculpa pelo que aconteceu...

—Não tem pelo que se desculpar! Na verdade, sou eu que tenho que te pedir desculpas por quase te atropelar.

—Não me interrompa, está bem? — Passei as mãos pelo rosto suado e pelos cabelos presos. Estava nervosa e sendo grosseira com o rapaz que me ajudou. Precisava me acalmar e explicar a situação.

Não, na verdade, não podia falar o porquê de estar fugindo, se bem que nem eu mesma saberia

dizer. Era muito provável de não se passar de um equívoco ou um engano da mente, criados pelo medo do passado.

— Eu me assustei lá atrás, com alguma coisa e atravessei a rua sem olhar. Desculpa pela moto e obrigada por me ajudar, mas...

— Mas... — disse impaciente.

— Quero te pedir para não comentar nada com a Laura e o Romeu. Sabe como a Laura é... vão se preocupar à toa e não quero que ela fique nervosa só porque saí correndo pela rua como uma louca, entende? Já passei por isso outras vezes e sei resolver sozinha.

— Okay, mas não acha que, por ela ser sua amiga, você mesma deveria contar o que aconteceu?

— Vou contar, na hora certa e do meu jeito, está bem?

— Sim, está bem... A vida é sua e não vou me intrometer. — Colocou as mãos em minhas costas com gentileza, me conduzindo. Continuamos a andar a passos lentos.

— Obrigada. Não sei se agradei, mas muito

PERIGOSAS ACHERON

obrigada.

— Por ter quase te atropelado? — Riu.

— Por me ajudar e pelo seu silêncio.

— Vou estar bem aqui para quando precisar, okay?

Limitei a abaixar os olhos e caminhar ao seu lado. Tinha ganhado um amigo, apesar do susto, podia confiar nele.

Olhei mais uma vez para trás, tudo parecia calmo.

CAPÍTULO 10

Evelyn

Após o ataque de pânico, retornando ao apartamento, tomei um banho demorado e um dos calmantes prescritos meses atrás. Em algum momento, antes de sair da Capital, pensei em jogá-los fora. Julguei não precisar mais deles. Enganaram-me.

Meus amigos passaram o dia na rua com seus afazeres habituais. Fiquei sozinha e dormi o dia todo. À noite, os rapazes e a Laura pediram pizza e comeram na sala enquanto assistiam TV.

Evitei ao máximo a companhia deles. Tinha receio de Jim fazer algum comentário ou perguntas e delatasse o ocorrido. Por mais incrível que possa parecer, Jim não tocou no assunto, nem ao menos comigo. Melhor assim.

— Evy, amiga, o que está acontecendo? — perguntou-me Laura, por diversas vezes, indo ao quarto, questionando sobre o meu comportamento.

— Estou preocupada com você!

— Não é nada, Laura — desconversei. Meu isolamento levantara suspeitas. — Estou apenas indisposta, estranhando o clima quente e úmido da cidade. Só isso.

— Só isso mesmo, amiga? — Afagou as minhas mãos e me deixou sozinha outra vez, depois de se certificar que nãoalaria mais nada.

No entanto, sabia que não podia esconder a verdade de Laura por muito tempo, ela me conhecia mais do que podia imaginar.

...

No dia seguinte, levantei cedo para a corrida habitual das manhãs. Enquanto corria, só pensava no ritmo das passadas, na respiração, no suor que corria pelo meu corpo. Todo sofrimento emocional se desviava dando lugar ao sofrimento físico, não me importava de sentir a dor dos músculos e do cansaço.

Procurei outras rotas, diferente das percorridas na manhã anterior. O trajeto não se limitou apenas às casas, adentrei em ruas comerciais do centro da cidade, com pequenas lojas, exibindo roupas da

PERIGOSAS ACHERON

última moda na vitrine, uma papelaria e livraria.

Passei pelo maior mercado da cidade — não tão grande assim — e, como era de se esperar para uma cidade do interior, praças, muitas flores e árvores perfiladas nas calçadas, todas muito bem cuidadas e tratadas.

Verifiquei o cronômetro do relógio, já estava correndo há quase uma hora. Seria mais uma hora até voltar, talvez um pouco mais, pois precisaria encontrar algum lugar aberto para comprar o café da manhã. Fiz o contorno na próxima rua e voltei.

Havia olhado os armários da cozinha e verifiquei que não tinha muita coisa, além de pacotes de biscoitos, salgadinhos e enlatados. Como eles sobreviviam?

Precisava pedir para um dos rapazes me ajudar com as compras, mais tarde. Mais uma anotação na minha lista mental. Precisava me ocupar com alguma coisa, fosse ela insignificante ou não, senão ficaria louca com esta vida ociosa.

Voltar a trabalhar faria com que eu me sentisse importante outra vez. Por enquanto, o que me restava era correr.

Sempre gostei de atividade física, mas depois que me recuperei do acidente, esta era a única maneira de me livrar de qualquer pensamento.

Fazendo o trajeto de volta, diminuí a marcha até estar andando, ao me aproximar da padaria aberta. Pedi alguns pães ao atendente, um dos rapazes que Laura me apresentara na primeira noite quando cheguei. Era dono de um perfeito rosto, altura mediana e pele morena.

— Bom dia, princesa! — exclamou, de maneira gentil, arrumando o boné na cabeça, escondendo alguns fios de cabelo que persistiam em se mostrar.

Bem melhor do que Coelhinha.

— O que está achando da nossa cidade? Pacata e velha, não é?

— Pacata, com certeza! — Rimos juntos. — Mas, sou forasteira, lembra? Forasteiros gostam de cidades assim, para se esconderem — brinquei, lembrando da maneira como ele se aproximara de mim, entretanto, havia certas verdades nesta informação.

— Talvez possa te mostrar a cidade nas horas de folga. Tem alguns lugares muito bonitos aqui e na

região. Quero dizer, isso se o Jim não quiser te esconder dentro da alcova.

Não gostei das insinuações e de seu tom de voz, tratei de justificar as atitudes do meu algoz.

— Desculpa por aquilo, ele só estava sendo gentil e amigo.

— Amigo? O Jim? Será que estamos falando do mesmo cara? — continuou, indignado. — Acho melhor você ficar esperta com ele, se der pra ficar longe, melhor, ou vai acabar no sofá, onde ele arrasta as garotas.

— Acho que está sendo inconveniente! — Não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Desculpe. Não devia ter expressado a minha opinião sem ter sido solicitada, não é? — disse, entregando-me as sacolas com os pães e mais alguns pedidos que fizera. — Espero não tê-la ofendido. — Pegou um pedaço de papel e uma caneta no bolso do avental, anotando o valor a ser pago.

— Bem, obrigada por me alertar e agradeço também pelo convite do passeio. Vejo você em breve.

— Até mais...

Já percebera que Jim era um mulherengo, mas não podia deixar que o rapaz fizesse certas alusões sobre nós dois.

Depois da partida de vôlei, conseguimos nos aproximar um pouco mais e nossa convivência no apartamento poderia ser considerada amigável. Isso sem mencionar o fato do incidente do dia anterior, ou melhor dizendo, da minha fuga desesperada e inútil. Jim fora gentil comigo e não mencionara nada a ninguém.

Depois de pagar pela pequena compra, voltei ao prédio e fui cumprimentada pelo porteiro. Tudo estava silencioso no apartamento. Os pombinhos do quarto ao lado ainda não haviam se levantado e Jim dormia no sofá da sala. Deixei as sacolas na mesa.

Coitado, foi colocado pra fora, mais uma vez, enquanto Laura me acalmava após o pesadelo e acabou adormecendo ali. Precisava mudar isso, era injusto colocar o rapaz para fora do próprio quarto e fazê-lo dormir no sofá, por duas noites seguidas.

Observei-o, em seu sono solto, deitado de costas com a cabeça sob um dos braços e o outro

pendendo na beirada do sofá. Seu peito nu, musculoso, combinando com seus braços e pernas rijos, atraía a minha atenção, dificultando a respiração. Apertei os lábios para afastar os pensamentos carnavais e forcei-me a desviar o olhar.

Aliás, neste momento, lembrei-me do atendente da padaria. Como era mesmo o seu nome dele? Carlos? Marcos? Sei lá! O que ele disse sobre Jim levar as garotas para o sofá seria verdade?

Uma repulsa passou pelo meu corpo, fiz uma anotação mental de não me sentar mais ali e fui tomar um banho, me livrando do suor e dos pensamentos inapropriados.

...

— Bom dia, flor do dia! — disse, ao vê-lo acordar enquanto preparava o café. A mesa já estava posta para o desjejum matinal, como costumava fazer na minha “velha vida”. Certos hábitos eram difíceis de mudar. — Acordou na hora certa, está quase pronto.

Jim levantou do sofá e foi até a mesa, beliscar um pedaço de pão doce.

— Humm... cheirinho bom de café! E isso aqui

PERIGOSAS ACHERON

está delicioso! — elogiou com a boca cheia.

— É só o tempo de você se lavar e vestir algo mais apropriado. — Apontei para ele, lembrando-o que estava só de cueca.

— Desculpe! Foi mal, ainda não me acostumei com você em casa — disse, enquanto corria para o quarto. Não pude evitar de achar graça da situação, ele parecia um moleque, sem juízo nenhum.

Como conseguia orientar os adolescentes e ser respeitado pelos alunos?

Sorri e voltei para as tarefas que me aguardavam.

Um a um, meus amigos foram se levantando, e logo estávamos à mesa, nos deliciando com um simples e delicioso café da manhã.

— Finalmente a mesa está sendo usada! — falou Laura, cortando fatias do pão e untando com uma generosa quantidade de manteiga.

— Mas ela já foi usada muitas vezes, Laura, você que não está se recordando.

— Sim, claro que foi utilizada!

— Pra jogar truco! — falaram os três, ao mesmo tempo.

— E pôquer! — disse Romeu, em meio às gargalhadas.

— Mas há quanto tempo vocês moram juntos? Um ano, dois? — Apenas vi acenos afirmativos, pois estavam todos de boca cheia. — E não fazem as refeições aqui? É difícil de acreditar!

— Quando pedimos comida, cada um senta num canto e ninguém liga para essas formalidades. Nosso dia é atribulado — continuou explicando Romeu. — Quando acabarem as férias, você vai ver. É uma correria danada.

— A gente pede comida ou sai pra comer fora...

— Durante o dia, cada um segue sua rotina de trabalho e, à noite, quando nos encontramos, todos cansados, ninguém pensa em preparar a mesa e a comida. E, assim, a gente vai se virando — argumentou, Laura, debruçando-se sobre a mesa para alcançar as fatias de queijo.

— Não temos este costume, mas podemos começar a ter, se você preferir, Coelhinha.

— É EVELYN! — corrigi mais uma vez.

Rimos e conversamos sobre tantas outras coisas, como se fôssemos uma família de verdade. Estava PERIGOSAS ACHERON

me acostumando àquela cena. Eram como se fossem meus irmãos, uma família que um dia tive e me foi tirada.

— Estava tudo muito bom, tudo muito bem, mas que horas você se levantou para preparar tudo isso? — perguntou Laura, se levantando para ajudar a tirar a mesa, enquanto os rapazes se encarregavam de lavar a louça.

— Levantei pra correr e, no percurso de volta, parei naquela padaria que fica a duas quadras daqui.

— Foi correr de novo? Que horas se levantou desta vez? De madrugada?

— Eram cinco da manhã, Romeu, o sol ainda não havia nem aparecido. Prefiro esses horários pra correr, bem cedinho...

Uma tensão passou pela minha coluna; seria este o momento em que Jim me denunciaria sobre o ataque de pânico de ontem?

— Costuma correr todos os dias? Tipo, um hobby, pra se distrair ou questão de saúde? — perguntou ele, sem fazer contato visual.

— Sempre corri, desde criança. Criei o hábito

PERIGOSAS ACHERON

com meu irmão que participava de pequenas maratonas juvenis na cidade. Parei uma época, mas retornei devido à necessidade física um tempo atrás. Agora, não consigo começar o dia sem correr. Sinto-me bem. — A cabeça girava num turbilhão de pensamentos, a procura de uma fuga para aquele diálogo.

— Ah, então, você tem irmãos? — perguntou Jim, com certeza, se lembrando da nossa conversa na lanchonete, quando eu disse que não tinha família.

— Apenas um — respondi, seca, dando as costas a ele, evitando mais perguntas íntimas.

Laura, percebendo o desconforto, falou em meu socorro, mudando o assunto da conversa.

— Atenção ao cronograma do dia: passeio no parque pela manhã, pique nique na Lagoa na hora do almoço, e, de noite, uma sessão pipoca aqui em casa, ou um cineminha, se preferirem...

— Esta é minha garota, tudo planejado! — bradou Romeu, orgulhoso, enquanto a abraçava feito um troféu.

— Não é muita coisa para um dia só? Evy deve

PERIGOSAS ACHERON

estar cansada.

— Evy dormiu o dia inteiro ontem! Hoje ela precisa de ar fresco!

— O que acha, Coelhinha?

— Para a Coelhinha, não sei, mas para mim, Evelyn, está perfeito — retruquei provocativa, fazendo todos rirem.

Já estava me acostumando com o jeito que Jim me chamava, se tornara um apelido carinhoso que aprendi a aceitar, porém não podia deixar de provocá-lo.

Depois de nos arrumarmos de forma apropriada, a fim de passar o dia todo fora, seguimos todos juntos para a saída.

— Espera! — disse Jim, segurando-me pela mão. — Não vai pegar seu celular? — Apontou para meu aparelho de telefone, que tocava no modo vibração. Havia esquecido dele desde ontem, em cima do balcão da cozinha.

— Não — respondi, olhando o celular tremer sobre a madeira. — Não deve ser ninguém importante. — Sentindo um nó na garganta e uma aflição no peito, virei-me e alcancei os outros no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elevador.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

Jim

Não queria ser indiscreto, mas rendi-me à curiosidade de verificar o celular, que chamava insistente. Os outros já haviam saído e me permiti ficar para trás com a intenção de investigar.

No visor apareceu o rosto de um homem com ar sério e provocativo. Havia um nome, Ricardo, junto à palavra “LIGANDO” que piscava incessante.

Seria dele que ela estava fugindo? Um antigo namorado ciumento, ameaçador, um noivo violento? Ou apenas o irmão, que ela se esquecera de mencionar na outra noite? Mas por que não quis atender? O que estaria escondendo? Fugindo? Mas do quê?

O telefone parou de tremer em minhas mãos, aparecendo, em seguida, uma mensagem na tela.

— “Novas mensagens de voz” — li em voz alta. Perguntei-me se seria invasivo demais ouvir apenas uma dessas mensagens.

Pode ser importante, justifiquei a mim mesmo.

Pensando melhor, não tinha o direito de fazer isso. Com certeza Evelyn ficaria irada comigo se descobrisse. Não quis arriscar; estávamos começando a nós entender. Deixei o aparelho onde estava e saí, fechando a porta atrás de mim.

...

— Vem comigo na moto, Coelhinha — convidei-a, ainda no estacionamento, oferecendo-lhe o capacete.

Ela me olhou espantada.

— Nem pensar que subo nesta moto com você! Apesar dos infortúnios, quero viver por longos anos. Você deve dirigir como um louco pela cidade!

— Só às vezes, quando tenho que correr pra me desculpar com alguém por causa de um suco derramado na camisa ou outras coisas do gênero — disse, contendo um sorriso.

— Não vou subir nisso aí! — Ela ignorou a piada e, cruzando os braços, resignada, prosseguiu: — Vou no carro junto com a Laura.

— Okay, depois não diga que eu não avisei — alertei, olhando para o carro onde estavam nossos amigos. Virei-me e subi na moto, esperando as palavras ditas cumprissem o efeito desejado.

— O quê? O que quer dizer com isso?

— Bom, os dois sempre saíram sozinhos, não estão acostumados com alguém no banco traseiro. Pelo que eu sei, eles vivem se agarrando no carro — continuei falando enquanto Evelyn olhava para eles, vendo-os se beijarem. — Sabe como são as cidades pequenas, não é? Todos comentam que, às vezes, eles param em um lugar afastado para...

— Tá bom! Chega... vou com você, mas, que fique bem claro que só irei para não atrapalhar a intimidade e a privacidade dos meus amigos, entendeu?

— Sim, por mim, tanto faz — retruquei, contendo um sorriso ao colocar o capacete. Depois a ajudei a colocar o dela, demorando-me um pouco mais do que o necessário.

Podia sentir o seu perfume, o mesmo de quando a conheci e que também senti dentro do carro quando fomos à Lanchonete da Celeste. Olhei em seus

olhos enquanto ajustava a fivela do seu capacete. Ela, por sua vez, me ignorava, desviando o olhar do meu.

Acomodou-se na garupa, sem ao menos encostar em mim. Liguei e acelerei, mas sem sair do lugar, percebendo que ela buscava algo para se segurar atrás de si. Desliguei a moto e, sem me virar, agarrei suas mãos, enlaçando-as em minha cintura.

— É aqui, Coelhinha, que você tem que se segurar! Fica tranquila, não mordo.

Ficamos em silêncio durante todo o percurso até o parque, entretanto, o medo que Evelyn sentia fazia com que ela se agarrasse em mim para não cair, escondendo o rosto em minhas costas.

— Você é mesmo um doido! — reclamou, recuperando o fôlego, após descer e tirar o capacete, no mesmo instante em que estacionei em frente ao Parque Municipal. Arrumou os cabelos, desajeitada pelo tremor das mãos, me entregando o capacete. — Não vou voltar nessa coisa! É assinar minha certidão de óbito, com certeza!

Ri à solta do escândalo que ela fazia. Romeu e Laura chegaram em alguns minutos e ela ainda me

recriminava pela maneira de dirigir.

O parque não era muito grande, mas era um espaço bem estruturado e limpo, onde sempre brinquei com meus irmãos na infância. Entrando pelo grande portão principal, podia ver, à direita, um parque infantil muito bem equipado com crianças de todas as idades brincando com suas mães e avós. Do lado esquerdo havia uma academia ao ar livre destinada a adultos, que nos dias de semana contava com dois instrutores, professores de educação física.

O parque era todo gramado, bem cuidado. Árvores seguiam em toda a extensão, cercado por flores coloridas. O dia estava quente, o céu limpo e o ar parado.

Caminhávamos em pares, Laura e Romeu à frente, abraçados, e nós dois deixados um pouco mais para trás. Observei Evelyn olhar, admirada, para as crianças brincando por ali.

— Você trabalhou com crianças pequenas, não foi? Deve gostar desses pestinhas... — comentei provocativo.

— Adoro esses pestinhas! — Riu, olhando com

carinho para elas.

Continuamos o trajeto passando pelo campo de futebol e seguimos para a trilha mais fechada, reservada para as caminhadas. contei algumas histórias envolvendo meus irmãos e aquele parque. Ela ria de cada situação que eu tentava interpretar, de maneira cômica, e eu aproveitava para ver seu lindo sorriso.

— Então, meu pai desceu, ventando de raiva, com o cabo de vassoura na mão, atrás da gente, e eu, como era o mais rápido deles, corri feito um doido, chegando em casa e me trancando no banheiro para não apanhar! Só saí de lá quando ele já estava mais calmo e meus irmãos precisaram usar o banheiro.

— Não acredito que fazia isso com seu pai! Você também era uma peste, hein?

Ela ria e me perguntava sobre minha família, interessada, de verdade, em ouvir. Era uma ótima companhia, olhava em meus olhos, se importando com o que eu falava, diferente de outras garotas que mal conseguiam completar a frase com algo coerente.

No entanto, era difícil fazê-la contar algo pessoal. Toda vez que fiz uma pergunta sobre sua vida ou sua infância, Evelyn respondia com poucas palavras e mudava de assunto, voltando a conversa para mim.

— E sua mãe? Ela nunca aparece nas histórias. Fale sobre ela... — fiquei em silêncio, pensativo. — Oh, me desculpe, me perdoe, estou sendo indiscreta? Não queria te entristecer ou desrespeitar com esse assunto.

— Não. Tudo bem — interrompi. — Não está sendo indiscreta, é que eu quase não me lembro dela. — Parei de falar, procurando um lugar específico em meio à trilha. — Vem cá! Vou te mostrar uma coisa.

Peguei sua mão e a conduzi a um lugar especial para mim, saindo da trilha e adentrando a mata.

— Ei, espera! Pra onde está me levando?

Antes que pudesse reclamar mais, chegamos a um recanto fechado, onde apenas as pessoas que sabiam da sua existência conseguiam encontrar a passagem.

— Coelhinha, este é o Recanto. Meu lugar

PERIGOSAS ACHERON

secreto! — Evy olhava ao redor, com os lábios entreabertos, admirada.

Um campo gramado em meio à mata, com cerca de sete metros quadrados. Ao centro, via-se um chafariz com uma estátua de menino segurando um balde, de onde jorrava um constante filete de água. Pássaros bebericavam na fonte, se movimentando e fazendo ruídos. Ao redor deste chafariz, três bancos de concreto concluía a paisagem.

— É lindo... inacreditável! — ela disse, comovida com a beleza e a tranquilidade do lugar. Eu continuava segurando uma de suas mãos, a outra ela colocara no peito, impressionada.

— Sim, é incrível, não é? — Conduzi Evy ao banco mais próximo. Sentamos lado a lado. — As lembranças que tenho da minha mãe são, a maioria, aqui neste lugar. Ela nos trazia para brincar e nos contava histórias sobre a cidade, a família. Dizia, cheia de orgulho, que meu avô paterno que construiu este parque para a esposa.

— Sério? — perguntou, duvidosa.

— acredite! Foi quando minha avó estava grávida do terceiro filho, por isso os três bancos ao

redor do chafariz.

— História linda tanto quanto este lugar! E um feito muito romântico também, da parte de seu avô. Uma verdadeira declaração de amor, com certeza! — disse emocionada, olhando ao redor.

— Sempre gostei desta história. — Virei-me para ela a fim de vê-la melhor e continuei: — Na adolescência, mesmo sem tê-la mais entre nós, eu vinha pra cá sozinho e me imaginava sentado com minha esposa em um desses bancos, com meus filhos brincando — arrisquei uma cantada singela.

Ela, devagar, se virou para mim, fitando meus olhos. Aproximei meu rosto do dela, olhando-a e desejando-a.

Selei meus lábios junto aos dela, buscando o sabor doce e o frescor de seu hálito. O seu cheiro doce e suave inundou meus sentidos, minhas mãos tocavam a pele macia de seu rosto.

Por um instante, senti-me ser arrebatado por aquele beijo, um único beijo, rápido e ingênuo. O momento perfeito que durou poucos segundos. Evy se afastou, se levantando em passo acelerado, como se nada tivesse acontecido entre nós, e começou a

tagarelar, me surpreendendo.

Pois é, ela que, até o momento, apenas fazia perguntas ou dava respostas evasivas, resolveu falar e a contar sobre os parques que conhecia na Capital, sobre árvores e plantas.

Sáímos do Recanto e continuamos a caminhada pela trilha. Procurava ouvi-la com a mesma atenção a que ela se dispusera para comigo, embora sem compreender aonde fosse chegar com todos aqueles relatos.

Não foi minha intenção inicial provocar aquele beijo. Queria, de verdade, contar-lhe sobre a minha mãe e tudo mais, no entanto, vi Evelyn entorpecida com a história, considerando tudo muito romântico, e não pude perder a oportunidade.

Quem sabe daria certo se a beijasse? Seria uma investida, porém, um tiro no escuro. Tinha que tentar.

Entretanto, não esperava por esta atitude. Desejava que ela correspondesse ao beijo, mas, na verdade, esperava por um tapa na cara, uma discussão... qualquer coisa do gênero, menos a reação que Evelyn estava apresentando.

Ela ignorava por completo o fato de eu ter-lhe roubado um beijo? Ou estava tão nervosa que buscava fugir da realidade adotando uma válvula de escape? Desatara a falar! Incrível!

Não soube identificar se isso era algo bom ou ruim. Deveria ignorar ou pedir desculpas? Meu Deus, que garota difícil de entender!

Terminamos a trilha passando por pessoas indo e vindo, algumas passeando, outras se exercitando, totalmente alheios àquela situação constrangedora entre nós.

— Onde está Laura? — perguntou Evy, assim que reencontramos com Romeu sentado em frente à pequena quadra de vôlei do parque, no fim da trilha.

— Foi ao banheiro. Fica logo ali. — Apontou em direção oposta à nossa. Evelyn, decidiu ir também.

— Que cara é essa? A cara dos dois, na verdade... — perguntou Romeu, assim que Evy se afastou e eu me sentei do seu lado. — O que é, viram um fantasma lá na trilha?

— A gente se beijou!

— O quê? Vocês o quê?

— Quero dizer, eu a beijei, mas dá no mesmo, não dá?

— Não dá no mesmo, não senhor! O que você tem na cabeça, cara? — ele me recriminou, condenando-me pela imaturidade. — Evelyn não é como as garotas que estão acostumadas a sair com você, já te disse isso!

— Ah, não diga? Então, não precisa ser repetitivo! Pode pular esta parte.

— Você não conhece a garota, não sabe nada a respeito dela, cara. E outra coisa: ela é como uma irmã para Laura. Se descobrir que está cantando a garota, desta maneira, ficará uma fera com você!

— Eu sei, eu sei — interrompi seu sermão —, a Evy, é diferente dessas garotas, sim, sem dúvida, mas é isso que me deixa mais louco, Romeu! — argumentei, tentando fazê-lo entender o meu lado.

Romeu, por sua vez, limitava-se a balançar a cabeça em negativa, a boca em uma linha fina de desaprovação.

— Ela não fica se derretendo como as outras mulheres. Pelo contrário, me desafia, me enfrenta, como se não se importasse o fato de eu ser homem

e ela, mulher. As outras garotas aceitam o que falo com sorrisinhos e não consigo manter uma conversa, um diálogo. Mas Evy... ela me contesta, me critica...

— E ela se tornou um desafio para você? — Romeu também me interrompeu, empurrando minha cabeça com as mãos e alterando a voz. — Fala sério, Jim, vê se cresce!

— Não é um desafio, é algo mais que isso. Não sei explicar.

— Mas eu sei. Isso se chama ego ferido, e você, como psicólogo, deveria saber melhor do que eu. Ela não te dá mole, te enfrenta, e ainda por cima te provoca! Sabe que ela nunca vai querer um cara como você, meu camarada. Fala pra mim, se esse algo mais não se chama ego ferido?

Olhei desapontado para meu amigo. Pensei que, como homem, ele entenderia e me apoiaria. Pelo contrário, me criticou e condenou a uma lenta morte, uma em que meu ego e superego rastejavam pelo chão da minha imaginação.

Ficamos em silêncio, esperando as meninas voltarem. Vez por outra ele me lançava um olhar

recriminando pela ousadia, ou limitava-se a balançar a cabeça em negativa, com os braços cruzados.

— Poxa, que demora! — disse a elas quando enfim voltaram, tentando esconder o desapontamento. — Pensei que tinham ido embora.

— Fica na sua, Jim. Não faz nem quinze minutos que saíram daqui. — Romeu me corrigiu, se levantando e indo em defesa das meninas, furioso comigo.

— Ai que fofo, meu amor, nos defendendo! — Laura pendurou-se no seu pescoço e deu-lhe vários selinhos, enquanto falava.

Evelyn colocava os cabelos atrás da orelha e olhava para o outro lado, procurando parecer distraída. Eu me limitava a colocar as mãos nos bolsos da bermuda e assoviar, alheio.

— Mas, e vocês, até onde foram? Estavam atrás de nós e, de repente, sumiram! — perguntou Laura.

Evelyn não havia contado para ela, concluí. Por que escondeu de Laura? Não eram amigas de infância? Fiquei curioso, e contendo um sorriso que teimava em sair pelo canto da boca, olhei para ela,

querendo saber qual seria a resposta.

— Estávamos logo atrás de vocês — começou a se explicar. Parecia constrangida, colocando as mãos no bolso de trás da calça. — Mas Jim ficou um pouco melodramático por causa da história da mãe, então, resolvemos parar para ele se recompor!

Não pude acreditar que ela teve a ousadia de jogar sujo desta maneira. Era tão superior às minhas investidas que conseguiu falar em um tom confiante e verdadeiro, fazendo com que Laura e Romeu caíssem na risada, zombando da minha cara. Fiquei desconcertado, mas precisava “tirar o chapéu” para ela.

CAPÍTULO 12

Evelyn

O que aconteceu? Não acredito que Jim teve o atrevimento de me beijar! Veio com a conversa do avô construir o parque para a amada... tudo de caso pensado, aposto!

É um canalha mesmo. Ficou de papo furado para me conquistar, e não acredito que fui tão tola a ponto de cair na sua conversa fiada! Esta era a verdade, me derreti naquele momento.

Estava inconformada com minha fraqueza, ao ponto de cair na conversa dele, de mãezinha morta e tudo mais.

O rapaz tem um papo que faz as meninas caírem fácil, fácil na dele. Bem, fui avisada, não é? O cara da padaria me alertou para ficar longe, para não cair em sua cama, ou melhor, no sofá, como as outras. Congratulava-me por ter conseguido me afastar antes de prolongar o beijo.

Até que ponto aquela conversa fora sincera e

PERIGOSAS ACHERON

verdadeira? As histórias sobre o pai e seus irmãos foram tudo fachada, porque sabia que eu não tinha ninguém, não tinha família?

— Ei, Evy... Evelyn? Você está me ouvindo? — Laura tagarelava como sempre, e eu estava perdida em meus pensamentos, pensando naquele cara. Meu Deus! — Você ouviu alguma coisa do que te falei?

Estávamos ao banheiro público feminino do parque, próximo à quadra de futebol onde os garotos nos esperavam. Laura retocava a maquiagem e eu, distraída, a aguardava terminar, encostada na pia, enquanto ela falava e falava.

— Sim, Laura. Estava me contando sobre a festa surpresa que o Romeu te fez, no ano anterior e...

— Falei isso no século passado! — interrompeu-me irada, colocando as mãos na cintura. — Acorda, garota! Aonde anda essa sua cabecinha?

— Desculpa, Laura. Eu não sei...

— Falei pra evitar pensar no passado! — Deteve-me outra vez. — É triste, imagino, mas você veio para cá pra esquecer e recomeçar, não foi?

— Sim, recomeçar, mas esquecer é impossível. É

PERIGOSAS ACHERON

fácil falar, mas depois que se tem alguém que era parte de você... impossível esquecer.

— Ok, você está certa, me desculpe. Ainda não conheço um amor assim. — Segurando as minhas mãos, continuou com a voz afetuosa: — Por mais que eu ame o Romeu, nunca será como o seu amor por ele. Eu compreendo, mas tem que seguir em frente e estou aqui pra te ajudar — terminou de falar me olhando nos olhos. — Certo, amiga?

— Certo, amiga! — Ambas sorrimos, sem jeito, e saímos do banheiro ao encontro dos meninos.

Não era sobre o passado que eu estava pensando, mas em outro assunto que me martelava o consciente, ocupando grande espaço em meus pensamentos: o rápido beijo roubado, no Recanto.

No entanto, desconhecia o motivo pelo qual não queria contar a Laura. Eu nem sequer havia gostado do beijo, repreendia a atitude de Jim e a minha também por ser tão influenciável pelo momento, devido à carência atual, sei lá.

Ela, quando soubesse, faria um escândalo, com certeza. Bela amiga eu estava sendo! Escondendo fatos pela segunda vez. Decidida a esquecer o

assunto, continuei a conversar com Laura sobre sua festa de aniversário.

Quando encontramos os rapazes, nem me recordava das investidas de Jim. Quando ele perguntou sobre nossa demora, falei, tentando demonstrar que não me importava com o assunto, de um jeito que ele fosse satirizado.

Da forma como riram, o efeito fora alcançado, porém através da maneira como ele me olhava, percebi que não havia gostado nada daquilo.

Pois é, querido Jim, agora estávamos empatados: um a um.

...

Andamos mais um tempo pelo parque e, desta vez, fui ao lado de Laura. Os dois nos seguiam logo atrás, vez por outra, participavam da conversa, mas na maior parte do tempo, se limitavam a nos ouvir.

Gostava de conversar com minha amiga. Por incontáveis vezes, não era bem uma conversa, e, sim, um monólogo, pois ela falava por nós duas. Mas não me importei, aprendi a respeitá-la e nossa amizade era verdadeira desde a infância.

Diversas vezes precisei de alguém para me confortar ou apoiar, e era ela quem sempre estava ao meu lado, sem pedir nada em troca. Em vários momentos, aguentou calada enquanto eu chorava e gritava minhas dores.

Meses atrás, quando mais precisei, Laura pediu uma licença do trabalho e foi à Capital resolver, por mim, coisas que eu não teria cabeça para fazer.

Desta forma, quando se ofereceu para me receber em seu apartamento, querendo me ajudar a continuar minha vida e seguir em frente, não pensei duas vezes em aceitar. Sabia que podia contar com ela.

— Meninas, o que vocês acham da gente parar pra comer alguma coisa? Em um restaurante, talvez? No meio do caminho que leva ao Lago tem um ótimo! — sugeriu Jim, com as mãos sobre o estômago.

— Mas não íamos fazer um piquenique? — perguntou Laura, fazendo carinha de choro.

— Podemos passar no mercado, comprar algumas coisas e depois seguimos para o Lago, então. Prefere assim, querida?

Romeu era muito carinhoso com Laura, fazendo suas vontades. Mimava-a mais que tudo, era lindo ver o amor dos dois.

— Mas até lá já morri de fome! — reclamou Jim.

— Acho que não teríamos tanta sorte... — ri do que Laura disse, sarcástica.

Notei que Jim me observava, entretanto, desviei os olhos quando encontrei os seus.

Fomos para o estacionamento ouvindo Laura programar o restante de nossas férias com passeios de barco, *shoppings* e cinemas nas cidades vizinhas, maratonas na TV. Sua lista era interminável e, a nós, cabia apenas concordar. Essa garota não tinha mais solução!

— Vem, comigo, Coelhinha? — perguntou Jim, parecendo constrangido ou arrependido.

Deveria ser apenas charme, com certeza. Não iria cair nessa conversa, em suas insinuações ou cantadas outra vez. Porém, não queria demonstrar que ele, por um breve segundo, havia me balançado. Então, decidida, falei:

— Claro, desde que vá com mais calma nessa coisa!

— Que coisa? Minha moto? — disse indignado.
— Essa moto é minha belezura.

— Vai dizer que adora tanto a moto, que ela é a coisa mais importante na sua vida? Sua preciosidade? — perguntei, colocando meu capacete no mesmo instante que ele também colocava.

Ele, sobre a moto, virou-se para trás, olhando para mim entre o visor aberto, e marcou seu segundo ponto:

— Não, Coelhinha, claro que não! A coisa mais importante, minha preciosidade, será a minha esposa, com quem dividirei a minha vida!

Pude perceber seu sorriso largo mesmo sob o capacete. Era irresistível. Revirei os olhos, vencida nesta rodada. Subi na moto segurando em sua cintura, mas evitando, ao máximo, o contato com seu corpo. Meu coração palpitava acelerado.

Ele andou com a moto devagar e, instantes depois, acelerou como um louco, freando, logo em seguida. Com isso, fui com o corpo todo para frente, agarrando a sua cintura, assustada.

— Seu louco, imbecil! O que pensa que está

PERIGOSAS ACHERON

fazendo? — Bati em suas costas, enraivecida.

— Assim está melhor! — falou, segurando minhas mãos em sua cintura, aproximando-me de si. — É assim que se segura. Não tenha medo, eu já falei que não mordo!

— Você é mesmo um babaca, sabia?

Jim, virou para trás, fitando-me, com olhar sedutor e a voz rouca.

— Serei o que você quiser, Coelhinha...

Ponto, mais uma vez para ele!

Mordi os lábios para conter o sorriso. Estava ficando difícil fugir dos flertes e cantadas. Precisaria me preparar para esta batalha, armando-me com todos os recursos e artifícios possíveis!

Nossos amigos passaram por nós, de carro, acenando tchauzinho. Laura estampava um sorrisinho malicioso. Seguimos, vagarosos, pelas ruas, diferente do modo como ele dirigira mais cedo. Tranquilei-me e curti a paisagem até a próxima parada.

...

— O que vamos comprar? Já tem uma lista? —

Jim me perguntou, tirando o capacete e ajeitando a aba do boné para frente. Estávamos em frente ao mercado.

— Pensei em pães com frios, sucos...

— Nesse mercado fazem uma torta doce que é uma delícia! Precisa provar! — disse, puxando-me pelas mãos mercado adentro.

Desvencilhei-me, andando ao seu lado, mantendo uma distância segura.

— Não acha que é melhor esperar pelos dois lá fora? Eles não vão nos encontrar.

— Eles sabem onde estamos, o mercado é pequeno. Encontram a gente rapidinho. Aliás, devem ter dado uma paradinha em algum lugar, logo estarão aqui.

— Você e suas histórias, não é? Laura disse que isso é coisa da sua cabeça fértil! — falei, enquanto cruzávamos os corredores empurrando o carrinho de compras.

— E acha que ela contaria essas intimidades pra você? Essas coisas a cidade vê, comenta...

Jim caiu na gargalhada diante da própria piada. Limitei-me a balançar a cabeça em negativa e

PERIGOSAS ACHERON

seguí-lo pelos corredores estreitos do mercado.

No final da compra, que a princípio seria pequena, estávamos com o carrinho lotado de produtos para os próximos almoços e jantares.

— Enfim teremos comida descente naquela casa — comentou Romeu enquanto passávamos a compra para o porta malas do carro.

— Só se for pra Evy cozinhar, porque eu não coloco a barriga no fogão de forma alguma!

— Que jeito de falar, Laura! Até parece que nunca cozinhou na vida! Lembro-me muito bem das vezes que cozinhamos juntas, em especial, da sua macarronada deliciosa!

— O quê? Laura cozinhou? Como eu não sabia disso? E essa macarronada? Posso saber por que nunca fez para o seu noivo? — Romeu estava parado ao lado do carro, com os braços cruzados, parecendo irado com a noiva.

— Está vendo, dona Evelyn, onde me meteu? — Laura estava furiosa comigo.

— Quê isso, amiga, você cozinha muito bem! Acho que deveria me ajudar na cozinha amanhã, para relembrar os velhos tempos e como a gente se

PERIGOSAS ACHERON

divertia juntas, cozinhando.

— Nem pensar! Aquela era outra época de nossas vidas! Você quer mudança de vida, não é? Eu também! Estou no projeto “Fora Cozinha” até segunda ordem! Terá que providenciar um novo ajudante porque eu estou fora!

— Pode contar comigo — socorreu-me Romeu, prestativo. — Preciso aprender algumas coisas, porque depois de casado, acho que vou morrer de fome!

Laura deu tapinhas nas costas de seu noivo, brava com o que tinha falado e, em instantes, se beijavam. Olhei para Jim e ambos rimos.

— É, estou começando a achar que você tem razão sobre os dois!

— Você ainda não viu nada! — entregou-me o capacete. — Vamos?

CAPÍTULO 13

Evelyn

A vista diante de mim era linda. O famoso lago da cidade fazia jus ao nome que recebia.

— Essa é a Lagoa Formosa — apresentou Jim.

— Imagino que deve ter uma história tão romântica quanto o Recanto do parque — comentei, provocando.

— Romântica, não, mas já trouxe muitas garotas pra debaixo daquelas árvores, na adolescência... — Jim rebateu, apontando para um conjunto de árvores mais adiante.

— E hoje você leva para o seu sofá, não é?

— Como sabe disso? — indagou perplexo.

— A cidade é pequena, todos comentam.... sabe como é... — parafraseei lembrando o que tinha falado sobre Romeu e Laura.

— Tudo bem, eu confesso! — respondeu em sinal de rendição.

Após o piquenique, Laura e eu deitamos à sombra de uma frondosa árvore, enquanto Romeu e Jim foram jogar futebol no gramado mais à frente, com outros rapazes que ali estavam.

O lago não era muito grande, mas o espaço gramado e arborizado ao redor era bem extenso. Era cuidado e limpo do mesmo modo que o restante da cidade. De onde estávamos deitadas, podia ver, à minha esquerda, o campo onde os rapazes jogavam futebol, e à minha direita, um pequeno conjunto de balanços, escorregadores e um tanque de areia, onde famílias brincavam demonstrando afeto e alegria.

Mais adiante, outras pessoas se deliciavam com seus lanches, rindo e conversando, distraídos. Bem atrás de nós, encontrava-se um grande conjunto de árvores e uma antiga gruta de pedras.

Fechei os olhos, deitada de costas na grama. Mesmo na sombra, o suor percorria-me o corpo. A leve brisa acariciava meu rosto. O dia estava quente, embora agradável. Podia ouvir o arrulhar dos pombos, escondidos entre os frondosos galhos das árvores e, vez por outra, seu ruidoso revoar.

Estava quase adormecendo quando ouvi a voz de minha amiga.

— Você gostou dele, né?

— O quê? Está falando de quem? — tentei organizar os pensamentos, a fim de compreender o que ela perguntava.

— Ora, de quem seria? Do Romeu é que não é! Estou falando do Jim.

— Deve estar de brincadeira! — abri os olhos e vi Laura sentada, com as pernas em borboletas e o olhar fixo em mim. Não, ela falava sério!

Fechei os olhos, de novo, cobrindo-os com o braço direito, ignorando-a. Não queria falar sobre isso.

— Okay, não quer responder, tudo bem. Como diz o ditado: “quem cala, consente”, não é assim? Percebi que você gostou dele, não precisa confirmar.

— Ah, sério? — disse irônica, cruzando os braços. — Por favor, me conte mais!

— Você é muito transparente, Evy. Não consegue disfarçar o que está sentindo ou pensando. E eu te conheço muito bem, consigo ler você de olhos

PERIGOSAS ACHERON

fechados.

Sentei de imediato de frente para ela, gesticulando, nervosa, ao falar.

— Tudo bem, o que você quer ouvir? Viva, Laura, sou a garota mais sortuda deste mundo, encontrei o homem da minha vida, para me arrebatara de todo o meu sofrimento e triste destino?!

Falei em um fôlego só. Parei para observá-la, ofegante. Laura olhava séria para mim, em silêncio. Meu sangue fervia diante das insinuações ao nosso respeito.

— Um sem vergonha, um galinha! — arfei de raiva. — Não, Laura! Não gostei dele, ele é um “mala”, convencido a garanhão, um tremendo de um conquistador, que leva todas as mulheres da cidade pra cama! Ah, não... pra cama, não! Corrigindo: para o sofá!

— Como sabe sobre o sofá?

Ri, seca.

— A cidade comenta, querida amiga! Sem contar que ainda estou chateada contigo, sabia? Percebeu isso também? Ou só consegue ver o que essa PERIGOSAS ACHERON

cabecinha casamenteira quer ver?

— Está chateada comigo? Por quê? — pareceu indignada.

— Por quê? Usou de má fé quando omitiu que eu teria que dividir o quarto com ele — desabafei.

— Ainda por isso? Não usei de má fé, amiga, apenas não vi mal nenhum nisso! Você tem a *cabeça* aberta, morava numa cidade grande até esses dias...

— Mas isso não significa que aceitaria uma coisa dessas!

— Evy, vocês pareciam se entender no vôlei dias atrás, se abraçaram, vi vocês rirem juntos e conversarem como amigos em casa! Hoje, mais cedo, pensei que...

— Laura, amiga, escuta! — interrompi. — Em respeito à nossa amizade de tantos anos, é melhor esquecer essa história, está bem? Colegas de quarto? Tudo bem, posso conviver. Amiga do cara? Talvez acabe me acostumando com a ideia devido às circunstâncias. Agora, cogitar um relacionamento? Você deve ter esquecido de todas as coisas pelas quais passei, não é?

— Não fiz por mal, acredite! Mas, com sinceridade, acho que vocês têm tudo pra...

— Olha — interrompi outra vez —, isso não significa nada. Por que insiste em... — arfei —, eu nem sei o que falar pra você. Esquece e me deixa, okay? — Deitei, outra vez no gramado, ignorando o rumo da conversa. Não queria brigar com minha amiga.

— Poxa, Evy, ele é um cara legal, educado, gentil... — Ri, sarcástica, mas não ousava olhar para ela. Refreei as palavras que teimavam em sair. — Ele é um descarado com as mulheres, mas ele disse para o Romeu, lá no parque, que estava disposto a mudar! Que você...

Não ia conseguir ignorá-la. Sentei mais uma vez e a detive de continuar:

— Ah, deixa ver se adivinho! Sou diferente das outras garotas e que ele seria capaz de mudar suas atitudes por minha causa e blábláblá.

— Evy!

— Essa é a conversa fiada que homens como ele contam para seus novos objetos de conquista, ou para quem gosta de ser enganado por essa conversa

fiada. Acorda Laura! — Estalei os dedos à sua frente.

— Pois acho que está sendo sincero! Ele está mudado. Deveria dar uma chance a ele, para se conhecerem melhor.

— E eu acho que você está sendo inocente, Laura. Ninguém muda do dia pra noite. Não caio nessa conversa e você, como minha amiga, melhor amiga aliás, não deveria empurrar os homens para cima de mim.

— Ele é um conquistador declarado, sim, mas nunca magoou uma garota sequer. O outro cara, não sei se você se lembra, era todo engravatado e certinho e olha onde ele te colocou! — Laura falou cruzando os braços.

A verdade nua e crua, em alto e em bom som, que eu não queria ouvir.

Mal Laura terminou de falar, levantei-me, não queria mais conversar com ela. Não naquela hora e muito menos sobre aquele assunto. Apertei os lábios, cerrando os dentes, mordendo a parte interna da boca até sentir o gosto do sangue.

Virei as costas para ela enquanto me ocupava

PERIGOSAS ACHERON

com a organização da bagunça do lanche, separando o lixo e guardando as sobras. Não queria olhar para ela e muito menos que ela visse como a conversa tinha me afetado.

Laura estava sendo inconveniente. Tinha toda a razão sobre o outro cara, mas se equivocava sobre meus sentimentos por Jim. Ela sabia que para ele eu seria mais uma conquista, um passatempo, e eu não estava interessada.

— Está tudo bem? — perguntou Jim, dirigindo-se a mim. Não percebi quando Romeu e ele se aproximaram. — De longe parecia que discutiam.

— Não é nada! Só estou cansada e quero ir embora.

— Claro, vamos, então! — falou compreensivo, se abaixando para pegar os capacetes.

— Se não se importa, Romeu, posso ir no carro com vocês?

— Sem problemas. Vamos lá.

Questionei-me se estaria sendo injusta com Jim. Não, não estava. Ele vinha com insinuações e cantadas para cima de mim o tempo todo, desde que cheguei à cidade e armou uma história para me

roubar um beijo.

Estava chateada com ele, cansada de suas investidas e flertes. Precisava evitar, ao máximo, esse contato. Estava acontecendo muito rápido.

No entanto, minha fúria era com Laura por incentivar esse despropósito. Como se atreveu a me ofender desta maneira? Eu contava com sua ajuda e seu apoio, não para bancar o cupido na minha vida amorosa, mais uma vez.

Terminamos de organizar nossas sacolas e, sem dizer mais nada, caminhamos até o carro. Jim seguia atrás, sozinho, carregando os capacetes.

No trajeto, não dissemos nada. Um silêncio constrangedor tomava conta do automóvel. Romeu olhava para mim pelo espelho retrovisor e para Laura, sentada no banco do carona, porém, sem nada interpelar.

No caminho para o apartamento, concluí não estar irada com Jim, mas, sim, com o que Laura dissera ao nosso respeito e suas insinuações sobre nós dois. Ainda mais por levantar histórias do meu passado que deveriam ficar como estavam: enterradas.

Ao entrar no apartamento, vi que Jim esperava na sala, impaciente. Olhou para mim, buscando uma explicação para o que havia acontecido. Passei direto por ele, ignorando-o. Estava cansada, não tinha mais paciência para brincadeiras de gato e rato ou joguinhos de sedução.

O relógio da cozinha marcava dezoito e trinta, o sol ainda não havia se posto por completo. Fui ao quarto buscar uma troca de roupa e segui para o banheiro. Permiti-me um banho demorado, deixando que a água morna relaxasse meu corpo e levasse com ela as coisas ruins do pensamento.

A porta se abriu e fechou-se em seguida. Parei de me ensaboar e aguardei para saber quem era. Não conseguia ver através do vidro escuro do box. Ouvi a tampa do vaso sanitário batendo ao abrir.

Silêncio.

— Laura? — perguntei. Quem mais poderia ser?

— Sim, sou eu. Queria conversar com você — continuei em silêncio.

Ela fechou a tampa e apertou a descarga. Ouvi o barulho da água escorrendo pela torneira aberta, segundos depois.

— Quero te pedir desculpas. Você já está cheia de problemas e eu enfiando coisas na sua cabeça, te empurrando pra cima do Jim — pausa. — Sabe, queria que namorasse um amigo meu e do Romeu, pra gente sair junto de novo, como fizemos na época da faculdade e...

— Em primeiro lugar — disse, abrindo a porta do box e colocando a cabeça para fora, escondendo o corpo atrás dele —, quero te lembrar de que não vim pra cá com a intenção de arrumar um namorado. Vim para esquecer o que passei e recomeçar a vida! Você sabe que eu não posso me envolver com cara nenhum, isso envolve muitos problemas que não foram resolvidos.

— Sim, eu sei, mas pensei que seria uma boa forma de esquecer tudo o que ficou lá na Capital. Desculpe.

— Segundo lugar, não estamos mais na faculdade, Laura! Já estamos crescidas, não acha?

Olhei para ela. Parecia arrependida, com a cabeça baixa e os olhos tristes. Como eu pude ficar brava com ela, minha amiga de infância, quem tanto me

ajudou e apoiou em momentos difíceis? Continuei a falar, desta vez, de forma mais dócil.

— Em terceiro lugar, você poderia arrumar um amigo menos cafajeste, pra variar, não é?

Laura riu, vibrante.

— Desculpa, amiga! De coração. Estou, de verdade, muito arrependida. Prometo que não vou mais tocar no assunto. Sabe que quero o melhor pra você, não sabe?

— Tenho minhas dúvidas. — Sorri. Minha raiva havia passado e já conseguia brincar com a situação. Fechei a porta e voltei para o banho, entretanto, vi que ela permanecera ali.

— Posso te pedir mais uma coisa?

— Tenho até medo de saber.

— Não fica chateada com Jim. Ele é gente boa, de verdade!

Abri a porta espirrando água nela e a obriguei a se retirar do banheiro para que eu terminasse o banho. *Seria exigir muito, uma tranca na porta do banheiro?*

Assim que ela saiu, me enxaguei e fechei o chuveiro. Depois de me secar, vesti uma roupa

PERIGOSAS ACHERON

mais confortável para dormir. Olhei no espelho para observar a imagem que refletia. Não era eu, era uma desconhecida para mim. Uma mulher mais velha, com ar de cansada e rugas de preocupações. Um esboço do que um dia fui.

Guardei os pensamentos no fundo da memória e meus pertences na *nécessaire*, apagando a luz ao sair.

CAPÍTULO 14

Jim

Acendi as luzes assim que Evy entrou no quarto. Ela me olhava com seus doces olhos, espantada.

— Desculpe, não queria te assustar.

— Tudo bem — respondeu, sentando em sua cama, remexendo na bolsa.

— Você não vai assistir a um filme com o pessoal, lá na sala?

— Não, estou cansada, desculpe — respondeu sem levantar a cabeça.

— Está chateada comigo, não é?

— Briguei com a Laura, foi isso.

— E brigaram por quê? Vocês se dão muito bem, o que houve? Coelhinha? — insisti, percebendo que ela nada falaria.

— Nada! Será que dá pra me deixar em paz? E vê se esquece esse apelido idiota, cara!

— Certo. Está chateada comigo. Só queria saber

qual atitude minha que a desagradou, vou procurar não repetir.

— Não é apenas uma atitude sua, Jim. É tudo! Você me irrita, me deixa louca! É o suco derramado na minha blusa...

Observava a garota gesticular, com veemência, esperando, em silêncio, para ver onde iria chegar.

— É o fato de ter que dividir o quarto contigo, é você ficar se insinuando pra mim o tempo todo, com sorrisos melosos e olhar sedutor, é por ter me beijado lá na trilha... — percebi que este último item saiu de sua boca no calor da emoção, pois se arrependeu assim que terminou de dizer, colocando as mãos nos lábios. — Esquece.

— Esse é o ponto principal, não é? O que aconteceu lá no Recanto. Era sobre isso que conversava com a Laura, no Lago? Sobre isso que discutiram?

Ela levantou, deixando a bolsa sobre a cama. Caminhou até a janela, arrumando os cabelos com as mãos, em um coque, soltando-o em seguida, nervosa.

— Não, eu não conversei com a Laura sobre isso,

PERIGOSAS ACHERON

não da maneira como aconteceu.

— Não contou?

— Não! Não contei a ela, está bem? Porque não há nada pra contar. Nada aconteceu.

— Desculpe por isso! Fui como um conquistador barato pra cima de você, mas me enganei! Prometo não fazer mais isso. Você é diferente...

— Vá a merda com essa história de diferente, tá legal? — interrompeu, lançando sua ira. — Não caio nessa conversa! Não sou uma menininha inocente pra ser levada pra sua cama. Não vim em busca de romance, muito menos de um passatempo! — Agitava suas mãos enquanto falava, sua voz trêmula pela raiva.

— Tudo bem, você está certa. Julguei mal, prometo que isso não vai mais se repetir. Serei apenas seu amigo e te deixarei em paz.

Ela me olhava, desconfiada, encostada no parapeito da janela, com os braços cruzados.

— Parece que eu já ouvi essa história. — Riu, chateada, as palavras saindo entre os dentes. — Tanto faz — falou soltando os braços cruzados, dando de ombros. — Só vou ficar aqui mais

amanhã, mesmo. Então, boa noite. — Deitou e se cobriu até o pescoço com o lençol, embora a noite fizesse calor.

— Evelyn — chamei-a pelo nome.

— Sim?

— Você me desculpa?

— Me deixa dormir, estou cansada — bufou e se virou para o lado da parede.

Mesmo irada, continuava linda!

— Quero consertar as coisas. Somos colegas de quarto, acho que podemos ser amigos.

Fez-se longo silêncio. Evelyn inspirou forte, retendo o ar nos pulmões, e soltou devagar, em seguida.

— Está bem, desde que você não tente mais nada comigo. Seremos amigos e ponto final!

— Claro! — Não pude conter um sorriso que teimava em sair pelo canto dos lábios. — Ah, mais uma coisa...

— O que é? — disse, virando para mim, mostrando impaciência na voz.

— Posso continuar a te chamar de Coelhinha? —

Ela achou graça na pergunta, o que ajudou a quebrar o gelo. Jogou o travesseiro com força em minha direção.

Acreditei ser um bom sinal. Os maus espíritos estavam indo embora. Ia dar certo, precisava de sua amizade.

— E por que te chamam de Jim, se seu nome é Josias? — perguntou-me, apoiando o corpo sobre o cotovelo na cama.

— Ah, essa é uma história que aconteceu quando eu era pequeno — respondi, sentando em minha cama. — Vou te contar: era o aniversário do meu pai e eu queria lhe dar um presente. Na época, minha mãe ainda era viva e eles sempre abriam uma garrafa e sentavam juntos na varanda de casa, depois que eu e meus irmãos íamos deitar.

Ela me olhava, atenta. Deitei na minha cama, ajeitando os travesseiros sob a cabeça e continuei:

— Então, no dia do seu aniversário, fui ao mercado e procurei por essa tal garrafa que, para mim, na época era tudo igual, nem ao menos sabia ler. Como não tinha nenhum dinheiro, coloquei debaixo do braço e caminhei até a minha casa.

Chegando lá, entreguei ao meu pai o meu valioso presente, que nada mais era...

— Uma garrafa de Gim! — falamos e rimos juntos.

— E depois? — perguntou, sorrindo.

— Bom, depois apanhei do meu pai, e minha mãe me levou para devolver a garrafa e pedir desculpas ao dono do mercado. E descobri que o que eles bebiam à noite era só uma cerveja. — Nossas gargalhadas ecoavam pelo quarto. — A partir daí, meus irmãos pegaram no meu pé, por causa da garrafa de Gim. O apelido pegou e eu acabei adotando, me apresentando desta maneira, mas como o nome de meus irmãos, inclusive o meu, começam com J, decidi que meu codinome também seria assim.

— Essa foi engraçada! Chorei de tanto rir! — Secou os olhos.

— Pois é. Não foi fácil sobreviver no meio de cinco irmãos.

— Imagino! E o que mais vocês aprontavam?

Continuamos conversando e esquecemos as desavenças. Horas depois, Laura e Romeu haviam

PERIGOSAS ACHERON

se retirado para dormir. Apaguei as luzes.

— Boa noite, Jim — ouvi-a dizer.

— Boa noite, Coelhinha... — Depois de alguns segundos, arrisquei: — Posso te pedir um favor?

— Depende — respondeu, desconfiada.

— Não vá embora! Fica aqui, com a gente — silêncio. — Coelhinha? — insisti.

— Se você parar de me chamar assim, quem sabe?

— Isso é impossível! O apelido pegou, pelo menos pra mim. Ofende? Se ofender, eu paro.

— Não ofende, só me irrita! — ao ouvir isso, senti uma almofada voando em minha direção, outra vez. — Boa noite, agora vai descansar!

CAPÍTULO 15

Meses atrás

Meu corpo estremecia de dor e frio.

— Vocês demoraram demais! O que aconteceu?
— o policial mais velho cobrava dos que haviam acabado de chegar.

Comprimi os lábios, evitando gritar de dor à medida que era retirada do automóvel. O estômago e o peito doíam, mas nada se comparava à dor alucinante do ombro.

Não! Nada se comparava à angustia de ver meu amor entregue a uma disputa viril entre a vida e a morte.

— Vamos levá-los às pressas ao hospital mais próximo! — gritou um dos paramédicos na noite silenciosa. — Depressa!

— Segura minha mão? — ele pedia enquanto andávamos pelas ruas movimentadas da Capital.

Onde estávamos? Procurava recordar e cobrava-me a consciência. Ele precisava de mim, mas não

conseguia segurar-lhe as mãos, como suplicava. As lembranças divagavam entre realidade, delírios e devaneios.

Muita dor. A ânsia de vômito pressionava o estômago, a cabeça doía e girava.

— Os ferimentos são gravíssimos! Ambos os passageiros.

— Corre! Estamos atrasados! — dizia a ele, na porta de casa. Por que tinha que se atrasar todas as vezes que íamos sair? Isso sempre me deixava nervosa.

Não. Isso acontecera há algum tempo, não agora. Imagens passavam no pensamento, uma após a outra, desconexas e misturadas entre passado e presente. Havia sangue na roupa e em seu rosto. O que aconteceu?

— Onde ele está? Precisa de mim! — tentei, inútil, me levantar ignorando as dores no ombro e no cotovelo, mãos firmes me seguravam. Impeli a vontade de vomitar.

— Procure se acalmar, querida! Vamos cuidar de você — falou carinhosa uma estranha voz feminina. — Está com várias fraturas, precisa

permanecer imóvel.

— Não estão ouvindo? Ele está me chamando! —
Fitava as pessoas que me socorriam, mas tudo era
nebuloso. A escuridão da noite fazia as luzes dos
holofotes ofuscar tudo à minha volta.

— Como ele está?

— Ainda inconsciente! — ouvia-os dizer. — Já
informamos o hospital mais próximo sobre a
gravidade. Estão à espera.

— A quem posso ligar para avisar do acidente?
— perguntou um dos paramédicos com uma das
mãos sobre a minha testa.

— Acidente? Que acidente? O que aconteceu? —
perguntei, desnorteadada.

— Vocês estavam em uma viatura policial e
sofreram um grave acidente na estrada. — O
paramédico verificava minhas as pupilas com uma
forte luz, curvando-se sobre mim. Suas palavras
eram desconexas.

— A quem devo avisar quando chegarmos ao
hospital? — insistiu outra vez.

Eu nada disse. Apenas meneei a cabeça em
negativa, fechei os olhos permitindo que as
PERIGOSAS ACHERON

lágrimas escorressem pelo rosto.

— Sua mãe? Um irmão?

— Não tenho ninguém — disse, por fim, entre soluços. — Apenas ele! Por favor, ajude! — Outra vez, a ânsia e o aperto no estômago, os olhos ardiam e o ombro latejava.

Lembrei-me da primeira vez que o vi e o tive em meus braços. Naquele momento, decidira que nada nem ninguém seria capaz de nos afastar. Ele dependia de mim, e eu, dele. Assim tinha de permanecer, o destino não seria tão cruel desta maneira, seria? Uniu-nos há três anos para separar agora?

— Preciso ficar perto dele! Por favor, não me afastem dele!

— Ele seguirá em outra ambulância, à nossa frente. Você o verá quando estiverem bem, eu garanto. No momento, procure relaxar, tá bem?

— Relaxar? Como vou relaxar? Quero vê-lo! Não posso deixá-lo sozinho!

— Entra com a medicação, agora! Ela precisa descansar — disse o homem, segurando-me pelos braços, impedindo que me levantasse. — Preciso

PERIGOSAS ACHERON

imobilizá-la. Depressa!

A dor na cabeça voltou ainda mais forte enquanto tentava, em vão, soltar das mãos que me seguravam e me faziam permanecer na maca. As dores se apoderavam do meu corpo. A dor da iminente perda rasgava-me a alma.

— O acidente! Um caminhão! Por favor, ajude! Ele está inconsci... — O efeito das drogas deixaram a língua pesada, impedindo de gritar por socorro. Precisavam ajudá-lo. — Estava ferido, não consegui acordá-lo. Muito sangue... — tentei dizer, ninguém ouviu.

Entre a vida e a morte! Nada poderia fazer, apenas ser forte e rezar para que Deus fosse misericordioso conosco e permitisse que continuássemos nossa vida, lado a lado.

Rezei baixinho, suplicando aos anjos para que o protegessem. O sentimento de incapacidade e culpa falou mais alto que a dor física. Virei o rosto para o lado, escondendo as lágrimas que molhavam meus cabelos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16

Evelyn

Abri os olhos, constatando que o sol já havia nascido. Olhei para o lado. Jim estava acordado, olhando para mim, com a cabeça apoiada no punho fechado. Não pude deixar de notar, outra vez, como ele era lindo!

— Você não teve pesadelos hoje! — congratulou-me.

Verdade. Eram raríssimas as noites em que eles não me atormentavam os pensamentos e os sonhos. E esta fora uma delas. *Graças a Deus, uma noite bem dormida!*

Sem nada a dizer, levantei e fui me lavar, no banheiro. Coloquei minha roupa de corrida e voltei ao quarto para amarrar os cabelos em um rabo de cavalo.

— Aonde vai?

— Correr! — respondi.

— Mas hoje é domingo!

— Há uma lei na cidade que proíbe correr aos domingos?

— Não, mas pensei que, ao menos no domingo, você fosse uma pessoa normal!

— Não sou uma pessoa normal porque corro no domingo? Estranha essa sua teoria — rebati, achando graça no que dizia.

— Você não parece uma pessoa normal porque corre todos os dias, inclusive no domingo, essa é a diferença — disse, ao se levantar.

— Domingo é um dia igual aos outros! — Fiz um esforço imenso para não olhar para ele, pois sabia que dormia apenas de cueca.

— Eu faço academia todos os dias, menos no domingo! É meu dia de folga... — rebateu, pegando uma troca de roupas na gaveta.

— Dia de folga? Como ontem, suponho, que era sábado e também não treinou — procurava por meu relógio, abrindo e fechando malas —, ou no dia anterior que foi jogar vôlei...

— Que é? Virou minha mãe agora? A gente passou o dia passeando e te mostrando a cidade, foi só por isso. Não tive tempo. — Sorriu e saiu do PERIGOSAS ACHERON

quarto.

— Ah, agora a culpa é minha? — brinquei, em voz alta para que assim me escutasse.

Depois de ajustado o cronômetro do relógio, tentei organizar um pouco a bagunça das minhas malas. Precisava decidir se ia ficar por ali ou encontrar outro lugar. Não gostava das minhas coisas desorganizadas! Quando retornasse da corrida arrumaria essa bagunça, colocaria de volta na mala ou no guarda-roupa.

Enquanto empilhava as malas no canto do quarto, Jim apareceu do banheiro, usando uma bermuda azul e uma camiseta regata branca, expondo os músculos e as tatuagens nos braços.

— E aí, vamos?

— Vamos? Aonde? — perguntei, não o imaginava correndo quilômetros comigo.

— Vamos correr! Quero ver se consegue me acompanhar! — bateu palmas sonoramente, animando-me.

— Ah, está bem! Acordou cheio de si, hoje, então?

— Hoje não, Coelhinha, todos os dias!

Balancei a cabeça, tentando segurar o sorriso. Era fácil rir com ele. Por breves momentos, me fazia esquecer dos problemas que me rondavam o consciente.

Segui Jim para fora do apartamento. Ele me aguardava em frente ao elevador parado de portas abertas, contudo, dirigi-me à porta de emergência, que dava acesso às escadas.

— O que pensa que está fazendo? — ralhou, observando-me abrir a porta e descer o primeiro degrau.

— Pra quem quer correr quilômetros, está muito preguiçoso descendo de elevador, não acha? Vem, vamos começar pela escada.

— Você é louca! Tem noção de quantos andares são? São Cinco!

— Para de preguiça e vem! — continuei descendo os próximos degraus, aumentando, de forma gradativa, a velocidade. Liguei o cronômetro.

— Você é louca, sabia? Foram cinco andares! — disse, incrédulo, combinando a velocidade de seus passos com os meus.

— Já me disse isso, agora há pouco, se lembra? Agora, para de reclamar e vamos! — Abri a porta que separava as escadas do hall do edifício.

O porteiro já estava em seu local de trabalho, mas não era o mesmo que conhecera na minha chegada. Era mais velho e tinha o mesmo modo cordial, abrindo a porta para que nós não diminuíssemos a velocidade.

— Bom dia, senhor Jim! Senhora...

— Bom dia — falamos juntos.

— Dizem que, quando isso acontece, é um bom sinal.

— O quê? — perguntei enquanto procurava acertar o ritmo da minha corrida. Havíamos chegado à rua.

— Isso. De a gente falar a mesma coisa, ao mesmo tempo! Aconteceu outras vezes, não sei se percebeu.

— Não percebi. Mas, vem cá, você veio comigo pra correr ou bater papo? — Olhei para ele pelo canto dos olhos.

— Pensei que poderíamos fazer as duas coisas!

— Prefiro correr em silêncio, se não se importa.

— Okay, sem problemas! — disse compreensivo.

Corremos cerca de trinta minutos, chegando ao parque e percorrendo a trilha, sem nada dizer um ao outro. Aos nos aproximar da passagem de acesso ao Recanto, um calafrio passou pela espinha e estremeci, lembrando do momento em que ele me beijou. Meus passos vacilaram.

— Você está bem? Quer descansar um pouco? — Jim havia percebido, e um leve rubor surgiu em minha face.

— Não, estou bem, obrigada. — Apertei mais o ritmo da corrida e ele me acompanhou. — E você, precisa descansar?

— Não, estou legal. Posso aguentar mais que isso. — Ri, pois ele já dava indícios de estar cansado, suado e ofegante.

Corremos por mais trinta minutos e nos dirigimos para casa. Alguns quarteirões antes da rua do edifício, diminuímos a marcha, até estarmos andando, chegando ao final de nossa corrida.

Olhei para o relógio e desliguei o cronômetro, corremos por uma hora e meia. O sol queimava a pele, ambos estávamos vermelhos devido ao calor e

PERIGOSAS ACHERON

ao exercício.

Subimos ao apartamento, desta vez não recusei o elevador. Observando o painel com os números dos andares em ascendência, até Jim falar, ofegante:

— A corrida, para você, é uma válvula de escape.

— O que quer dizer com isso?

— Pude te analisar, enquanto corria. Você prefere correr em silêncio, certo? — perguntou retórico. — A princípio, pensei que seria pra poder pensar, remoer algum assunto mal resolvido, mas, em alguns momentos, passava a mãos no cabelo, nervosa, procurando afastar esses mesmos pensamentos e...

— Quando foi que contratei seus serviços de psicólogo? — retruquei, saindo do elevador assim que este abriu a porta em nosso andar. Estava nervosa, cansada e irritada com ele. — Lembro-me de ontem, termos conversado sobre sermos amigos e, não, doutor e paciente! Não pedi nenhuma avaliação psicológica.

Abri a porta do apartamento, que estava apenas encostada e vi Romeu preparando o café da manhã enquanto Laura procurava uma estação de rádio no

aparelho de som da sala, ajoelhada no tapete.

Segui direto ao quarto, a fim de buscar minhas coisas para o banho. Laura levantou-se quando passei por ela, indo atrás de mim.

— O que aconteceu? Fiquei preocupada quando levantei e não encontrei nenhum dos dois, e agora entram discutindo desta maneira! — procurou me segurar pelos braços, porém, desviei, seguindo ao banheiro, sem nada dizer à minha amiga.

— Pensei que tinham se entendido ontem à noite — ouvi a voz de Romeu.

No corredor, precisei desviar de Jim, que também tentou me segurar. Entrei no banheiro fechando a porta atrás de mim e procurei normalizar a respiração, estava segurando o ar, sem perceber.

Despi-me em frente ao chuveiro, deixando a água me acalmar. A porta se abriu e fechou em seguida.

— Espera eu terminar o banho, Laura, depois a gente conversa, está bem?

— Não é a Laura, sou eu! — era a voz de Jim.

— Não acredito! SAI DAQUI! — gritei, com os braços em volta dos seios, tentando me proteger, mesmo sob o vidro fumê do box.— Que liberdade

PERIGOSAS ACHERON

te dei pra entrar aqui enquanto...

— Seria a única forma de você me ouvir sem fugir de mim! — interrompeu-me. — Agora, calma, está bem? Não vou abrir a porta do box, não vim até aqui para te ver nua, tudo bem? Você é minha amiga, e é assim que vai ser! Vou te respeitar da maneira que desejar — falou, alterado. Fez uma pausa e aguardei calada. — Mas pensei que amigos também pudessem ter uma conversa aberta e franca, sem segredos ou restrições! Nunca sei o que passa pela sua cabeça e o que te faz ficar tão irritada. Poxa, só estou tentando acertar, contigo, Evelyn!

Eu continuava escutando em silêncio, sentindo minhas lágrimas misturarem com a água do chuveiro. O que Jim falou no elevador era a pura verdade, e isso me irritou. Eu estava sendo transparente demais em minhas atitudes. Laura me alertou. Precisava tomar mais cuidado.

Jim prosseguiu, mais dócil:

— Está certo que errei desde o começo, na Lanchonete da Celeste, depois no Parque, mas estou a fim de recomeçar e disposto a fazer

funcionar esse negócio de amizade. De verdade!

— Okay — respondi, depois de uma pausa.

— E o que isso significa? Pode ser mais clara, por favor? Falar mais que uma palavra? Estou aqui, preocupado, procurando corrigir e me desculpar por minhas atitudes, e você me diz apenas “okay”?

Passei as mãos sobre o rosto molhado, organizando os pensamentos.

— Está bem, você tem razão, correr se tornou uma válvula de escape, mas não quero falar sobre isso.

— Desculpe se me intrometi na sua vida.

— Tudo bem. Também vou tentar melhorar, mas...

— Tinha que aparecer um “mas”... — interrompeu o que estava dizendo, consternado.

— Mas, não quero um psicólogo, entendeu? Se quisesse, procuraria outro e não você.

Pude ouvir sua risada, alta e descontraída.

— Está bem, Coelhinha, nada de psicologia pra cima de você!

— É Evelyn! — recriminei, contudo já estava me

acostumando com a forma que ele me chamava. —
E, agora, sai do banheiro!

— Já estou saindo, já estou saindo!

Será que não conseguiríamos ter um dia sem discussões?

Esperei que a porta do banheiro se fechasse e abri a porta do box. Fechei o chuveiro e me sequei com a toalha, colocando minha roupa. Penteei os cabelos molhados, deixando-os soltos para secar.

Juntei-me a meus amigos que se encontravam à mesa, pretendia colocar uma pedra naquele assunto. Não fazia sentido tantas discussões. Tomamos o café da manhã juntos, com uma conversa tranquila e agradável.

— Parabéns, Romeu, pela iniciativa em preparar o café, está muito bom.

— Obrigado, fiz com aquela medida que me passou ontem. Foi mesmo muito fácil!

— Está muito bom querido! Parabéns, já pode até casar! — brincou Laura, lançando um beijo a ele.

— Vamos ver como se sai no almoço!

— Cala a boca, Jim! É pura inveja, não é?

— Fazer um café e colocar os pães na mesa é fácil, Romeu! Quero ver preparar o almoço — importunou Jim, empurrando os farelos de pão para o lado, na toalha.

— Se acha que é fácil, porque não vai pra cozinha e prepara alguma coisa? — disse Laura, se intrometendo na discussão dos dois e defendendo o noivo.

— Posso ir. Se a Evelyn tiver disposição para me ensinar, irei com o maior prazer.

Todos me olhavam e Jim me lançou uma piscadinha e um sorriso sedutor.

— Claro, vamos ver como se sai cortando umas cebolas — provoqueei.

— Quê isso, Coelhinha, posso fazer mais que cortar cebola!

— Veremos!

CAPÍTULO 17

Evelyn

— Vamos, Coelhinha.

— Pra onde? — perguntei, ainda bebendo um restante de café da xícara.

— Para o quarto.

— Nossa, mas já estão assim? — insinuou Laura.

— Cala a boca! — dissemos juntos. Tinha acontecido de novo! Rimos e fomos para o quarto, enquanto ele me puxava pelas mãos. — Vamos desfazer aquelas suas malas, agora mesmo!

— Não — relutei — Pode deixar que eu mesma arrumo, não precisa se dar ao trabalho. Eu...

— Disse que vou te ajudar, então, eu vou! — Jim me interrompeu no meio da frase, pegando a grande mala de rodinhas e colocando sobre a minha cama. — Vamos lá! — Começou a abri-la.

Fiquei desesperada ao ouvir o ruído do zíper sendo deslizado devagar, pois, assim que terminasse, ele teria acesso aos segredos ali

PERIGOSAS ACHERON

escondidos e eu ficaria exposta mais uma vez! Não podia deixá-lo ver a pequena caixa de couro preta que se encontrava entre minhas peças de roupas.

Segredos devem permanecer na escuridão e no anonimato. Nem mesmo eu, gostaria de ver e relembrar o que estava guardado nela.

Estava de pé ao lado da cama, mas não conseguia pensar em uma maneira educada, ou menos constrangedora, de impedir que Jim a abrisse. Assim que ele levantou a parte superior da mala, repousando-a sobre o colchão, pude avistá-la entre os revoltosos pertences.

Uma pequena caixa na qual escondia, de mim e de todos, as dores e as alegrias do meu passado. Precisaria agir rápido ou toda a viagem até ali seria nula! Contudo, sentia-me paralisada, impossibilitada de me mover ou falar algo que pudesse distraí-lo ou demovê-lo de sua decisão.

Minhas mãos suavam e meu coração parecia escapar pela boca, senti o estômago revirar o café da manhã. A agonia do suspense latejava em minhas têmporas. As pernas duras, travadas, a boca seca. O que faria?

Neste exato momento, Romeu entrou no quarto, se dirigindo ao Jim, perguntando sobre algum livro que havia lhe emprestado ou algo parecido. Eu estava desatenta e, em absoluto, alheia à conversa, pois foi o tempo necessário para que eu pudesse agir. Peguei meu segredo, escondendo-o sob as cobertas dobradas na cama.

Assim que Romeu se retirou, Jim retornou à tarefa. Não havia reparado em meus movimentos. Respirei aliviada, enxugando a transpiração das mãos na perna da calça legging que vestia.

Ele tirou as roupas da mala, uma a uma, enquanto eu colocava as blusinhas e vestidos nos cabides, e separava outras para serem guardadas nas gavetas.

— O que é isso? — Senti o coração bater forte e acelerado no peito. Olhei em sua direção, ele segurava um dos meus vestidos longos, analisando-o criticamente. — Pra quê tanto pano?

— Fica quieto que você não entende nada de moda! Adoro esses vestidos! — Tirei de suas mãos, colocando-o junto aos outros no guarda-roupa.

— Você não vai usar esses vestidos de velha coroca quando sairmos juntos, e ponto! Pode tratar

de comprar outros, amanhã, mesmo.

— Cala a boca, idiota! — retruquei, dando risadas. — Não vou comprar outros;!E desde quando começou a se importar com as roupas que visto?

— Desde... deixe-me pensar... — Parou no meio do quarto, com um braço cruzado em seu peito apoiando o outro, com a mão no queixo, pensativo. — Acho que desde que te vi na Lanchonete da Celeste com aquela camisa horrível em um dia de calor infernal! Fiz um favor pra você, me livrando dela, entornando o copo de suco!

— Ah, então, confessa que foi proposital aquele banho de suco de uva? — perguntei, indignada, com as mãos na cintura.

— Na verdade, não — disse, se aproximando de mim a passos lentos. — Minha intenção era encontrar uma forma de me aproximar de você, de conhecer a mulher misteriosa que chegava à cidade, ficou perto de mim, mas nem sequer me enxergou...

O ar faltou em meus pulmões, poucos centímetros nos separava. Não sabia se queria essa

aproximação, no entanto, tinha a certeza de que precisava evitar a todo custo. Ele era lindo, charmoso e sedutor! Não podia cair na sua conversa fiada.

— Ah, sei... acho que fez de propósito, isso sim!
— desconversei, empurrando-o com as pontas dos dedos.

Voltei-me à mala, pegando mais algumas peças de roupas, desvencilhando-me de seu contato e do seu olhar, ficando de costas para ele.

— E aí, amigos — Laura entrou no quarto, animada como sempre, se sentando na cama dele.
— Vão ficar o dia todo trancados nesse quarto? Hoje é domingo, o dia está lindo lá fora! A gente podia sair, ir pra piscina, o que acham?

— Ai, Laura, desculpa, mas não estou a fim. Desde que cheguei, nós não paramos em casa!

— Vai ficar fazendo o quê, nesse apartamento, sozinha, Evy? Outro dia ficou, não quis ir às compras comigo, e, hoje, qual vai ser a desculpa?

Laura se sentia contrariada. *Nada bom.* Entretanto eu queria descansar e colocar a leitura em dia. Preferi procurar outra desculpa, a fim de

não chateá-la.

— Quero desfazer as malas, já que decidi ficar, pelo menos, por enquanto. Quero organizar as coisas por aqui. Está tudo uma bagunça! — Apontei para a mala aberta na cama, os cabides jogados e as roupas amarrotadas.

— Vai levar o dia todo, Evelyn! — exclamou mal humorada.

— Mas, vão vocês! Não se prendam por minha causa, não vim para atrapalhar a vida de vocês, lembra?

— E você, Jim?

— Fico com ela. Não quero segurar vela para os dois pombinhos.

— Idiota! — respondeu Laura, jogando nele um dos sapatos que estavam sobre a cama, saindo em seguida. — Evy, se mudar de ideia, me liga, viu? — gritou lá da sala.

— Pode ir também, Jim, ficarei bem. Vou aproveitar para descansar, ler alguns livros...

— Disse que vou ficar, não disse? Não me importa o que vamos fazer, importo-me com você, só isso! — Olhei para ele, estava flertando, com

PERIGOSAS ACHERON

certeza, porém seu semblante era sério.

Continuamos mexendo nas roupas por mais algumas horas, conversando sobre trabalho e família — dele, é claro. Jim olhou várias vezes em seu celular, incomodado.

— Algum problema? Pode ir se quiser, vou ficar bem.

— Não é nada, é só uma pessoa me ligando, mas não estou a fim de atender. — Mudando de assunto, falou: — Já é uma hora da tarde e nem almoçamos!

— A hora passou e a gente não se deu conta.

Laura e Romeu saíram há tempos, e nós, por fim, desfizemos as malas, depois de três horas consecutivas. Olhei ao redor e já não havia mais a bagunça de outrora.

— Vai me ajudar na cozinha ou desistiu?

— Desistir? Nunca! Não costumo desistir quando tenho um objetivo na vida.

O que quis dizer com isso?

Preferi não perguntar.

CAPÍTULO 18

Jim

Acompanhei Evelyn até a cozinha. Seu andar era firme e decidido, porém gracioso. Seu corpo curvilíneo tinha um suave balanço enquanto se movimentava, e isso me atraía, me fazia desejá-la ainda mais, fazia meu coração acelerar e minhas mãos suarem.

Desviei os olhos de seu corpo e dos pensamentos inoportunos que me rondavam minha cabeça, tinha prometido que seríamos apenas amigos e estava disposto a isso, contudo, era difícil não desejá-la. Cada dia mais difícil de resistir aos meus instintos.

Foquei a atenção no que estava fazendo, vendo-a pegar uma tábua que eu nem sabia que existia no armário, além de facas, garfos, cebolas, alho e vários outros utensílios e temperos. Quem a visse ali, com tanta habilidade e desenvoltura, não desconfiaria que acabara de chegar à cidade, em nosso apartamento.

— Vai ficar aí, olhando, ou pretende colocar a mão na massa? — perguntou, me passando a faca e a cebola.

— O que vamos cozinhar? — indaguei, descascando a cebola e jogando partes dela no lixo da pia.

— Pensei em panquecas. O que acha? Gosta?

— Se gosto? Como de tudo, Coelhinha, até pedra, se estiver bem temperada!

Ela sorriu. Gostava de vê-la sorrir, quando o fazia, assim, de verdade, conseguia ver a sua alma! Seu sorriso era...

— Está picando errado a cebola! Os pedaços estão grandes demais — interrompeu meus pensamentos. — Está segurando a faca errado, pra começar. — Evy se aproximou e segurou minhas mãos por cima da faca. — Assim que segura. Percebe a diferença? — Ela movimentava suas mãos para cima e para baixo, junto às minhas.

Era irresistível! Suas mãos, seu toque, seu cheiro... forcei-me a afastar os pensamentos maliciosos pela milionésima vez! Não queria decepcioná-la, no entanto, se continuasse assim,

iria estragar tudo. Respirei, inalando o cheiro de sua pele, memorizando-o.

— Entendeu? Continue, agora. Isso! Melhorou muito. Parabéns!

— Nunca pensei que houvesse um jeito certo para cortar cebolas. — Sorri.

— Pois há um jeito certo pra tudo o que fazemos, e na cozinha não deve ser diferente. “Cozinhar é uma arte”, assim dizia a mãe da Laura. Foi com ela que aprendi a gostar de cozinhar.

— Argh, mas não precisava arder tanto, não é? — Sequei os olhos com a manga da camisa. — Tem alguma técnica pra isso também? Se tiver, por favor, me fala logo!

— Tem, mas você precisa sofrer um pouquinho...

— Ah, então é assim?

— Se quer aprender, será do meu jeito. Acostume-se! — Riu da situação em que eu me encontrava.

— Muito obrigado, por me informar isso só agora.

Terminei de cortar as cebolas enquanto ela batia

PERIGOSAS ACHERON

os ovos e acrescentava os temperos.

— E sua mãe? Também cozinhava?

— Vamos parar de conversa e vamos trabalhar?

— Tive a certeza de que Evy fugiu da pergunta, tinha esse hábito de esquivar. — Agora, pegue uma panela, coloque um pouco de azeite e as cebolas para dourar.

— Sim, *masterchef*! — brinquei.

Seguindo suas orientações, acrescentei os demais ingredientes separados. Ela untou uma frigideira e despejou o líquido amarelado. Em instantes, com movimentos curiosos, jogava a panqueca para cima. Sua agilidade era impressionante!

— Que legal!

— Quer tentar?

— Será que consigo fazer isso?

— Claro que consegue! — ela colocou a massa pronta em um prato e despejou mais uma parte do líquido na frigideira. — Sua vez — disse, me entregando a frigideira.

Minha primeira tentativa foi um fracasso! Girei a panela como havia observado-a fazer, mas derrubei tudo no fogão, fazendo a maior bagunça. Evelyn,
PERIGOSAS ACHERON

com a maior naturalidade, pegou o pano para limpar a baderna. Ela contraía os lábios, se esforçando para não rir da bagunça, ou melhor, rir de mim.

— Pode rir, sem problemas, vai em frente! — Gargalhamos tanto que encontramos dificuldades em voltar a atenção para terminar o almoço.

— Tenta mais uma vez, vai lá. — Despejou mais uma porção do líquido da panqueca, colocando a frigideira no fogo aceso.

— Mas como faço? Você viu a bagunça que fiz. Vamos acabar ficando sem almoço se continuar nessas tentativas terríveis! — Imaginei-me derrubando tudo, mais uma vez, e sendo motivo de chacota pelo resto do ano.

Evy me passou a frigideira e segurou minhas mãos, olhando em meus olhos enquanto explicava. Desviei o olhar, procurando concentrar-me na atividade. Desta vez consegui pegar a massa no ar, antes que ela se espatifasse ao chão.

— Muito bem! Você leva jeito pra cozinha, está vendo? Vou promovê-lo a meu ajudante, que tal?

— Obrigado, obrigado! — respondi, fazendo

PERIGOSAS ACHERON

reverências. — Mas que ninguém saiba da bagunça que fiz antes de acertar, combinado?

— Mas é assim que a gente aprende: tentando, não é? Errando e aprendendo com nossos erros.

— Sim, mas se Laura estivesse aqui, seria meu fim!

— Ah, isso com certeza!

Preparamos mais panquecas e terminamos o molho, organizamos tudo em uma assadeira, colocando o queijo que sobrou do café da manhã e acendemos o forno. O cheiro delicioso pairava pela casa e aguçava a fome.

— E agora? — perguntei.

— Esperamos alguns minutos para aquecer o forno, depois a gente coloca a travessa apenas para o queijo derreter. Enquanto isso, vamos organizando a cozinha, limpando o que sujamos.

— Que tal uma cerveja? — fui à geladeira e tirei duas latinhas, oferecendo uma a ela.

— Obrigada, não bebo.

— Não? E por quê? Sua religião não permite? — perguntei, em tom gozador.

— Não — retrucou, entre sorrisos. — Apenas, não curto o sabor.

— Beleza, sobra mais para mim — brinquei. — A Laura também não bebe, não é?

— Sim. — Parou pensativa e depois sorriu, balançando a cabeça, juntando a louça espalhada.

— O que foi? Agora vai ter que me contar no que está pensando!

— Lembrei de uma vez em que nós duas pegamos uma garrafa de vinho, no ano novo. Éramos adolescentes e a bebemos inteira, sentadas no chão do quarto dela para que seu pai não nos visse.

Evy olhou pra mim e eu incentivei com um gesto de cabeça para que prosseguisse. Queria conhecer mais sobre ela, quebrar esta barreira que insistia em manter sobre a vida pessoal e seu passado. Essa era a primeira vez que me contava algo mais íntimo.

Aos poucos, se sentirá confortável comigo e falará sobre seus segredos, quebrará os muros que nos separa. Eu ansiava por isso.

— Bem, no dia seguinte, você deve imaginar o que aconteceu. Não parávamos de vomitar, de tão PERIGOSAS ACHERON

bêbadas que ficamos. Depois disso, prometemos uma à outra que nunca mais iríamos colocar uma gota de álcool na boca.

— E os pais dela? Acredito que não conseguiram esconder? — estimulei para que continuasse.

— Imagina! Levamos uma bela de uma bronca em um sermão que durou duas horas!

Seu telefone, que pairava sobre o balcão desde o dia em que chegou, começou a vibrar. Pude ver uma nuvem sombria passar por seus olhos e sua expressão era de medo e pavor.

— Não vai atender? — perguntei, olhando dela para o celular e de novo para ela.

— Não! Não deve ser nada importante. — Caminhou até o fogão, colocando a travessa com o almoço lá dentro.

Fui até onde o celular repousava, agora em silêncio. No visor apareciam mensagens de voz e de texto, além de várias ligações perdidas. Em minhas mãos, o telefone móvel tremeu outra vez, insistente. A mesma imagem do rapaz sério apareceu na tela.

Percebi a tensão no rosto de Evy antes de se virar

PERIGOSAS ACHERON

para a pia, iniciando o trabalho de lavar as louças.

Caminhei até ela com o celular ainda em mãos, tocando insistente. Aproximei-me de Evy e, com a outra mão, segurei de leve sua cintura.

— Deve ser importante! Ele está ligando desde o dia em que chegou, não está? — Ela olhou para mim com os olhos envolvidos em lágrimas. Esperei por alguma reação.

— Não quero atender. — Seu olhar parecia distante.

— Não é melhor atender e resolver o que tem de ser resolvido?

Ela se virou apoiada no mármore da pia à minha frente, pegou o celular de forma ríspida, retirou a tampa e, em seguida, a bateria, colocando as três partes de volta em minhas mãos.

— Pronto. Não é nada importante. Resolvido. — Enxugou as lágrimas que brotavam de seus olhos, virando-se outra vez para a pia.

— Me desculpa, não queria te irritar. Imaginei ser importante ou que pudesse te ajudar de alguma forma — falei, com a voz bem baixa, acariciando suas costas.

— Não é sua culpa, eu deveria ter feito isso antes mesmo de entrar no ônibus para cá!

Desliguei a torneira e virei-a para mim.

— Está tudo bem, agora — disse enquanto a abraçava e ela se encostava em meu peito, chorando. — Calma, estou aqui com você. Seja o que for, vai passar. Pode contar comigo.

Evy respirou fundo e intensamente, secando os olhos com as mãos.

— Pode desligar o forno daqui a pouco, por favor? Vou ao banheiro por um instante, já volto.

— Saiu, sem olhar para trás.

— Claro — respondi para ninguém ouvir.

...

Ela surgiu do banheiro, minutos depois. Havia lavado o rosto, mas seus olhos permaneciam inchados. Mesmo assim, continuava linda.

— Espero ter acertado nos pratos e talheres. — Procurei um terreno neutro para iniciar conversa.

— Vou buscar as panquecas.

Sentamos um de frente para o outro, cada um em um canto da mesa.

— Obrigada! — disse ela, forçando um sorriso.

— Quem fez tudo isso foi você, e está divino! — saboreei as panquecas. Eram as melhores que já havia comido.

— Digo sobre o telefonema. Não me encheu de perguntas... foi muito gentil de sua parte.

— Não tenho o direito de me intrometer na sua vida, se você não quer atender ou falar sobre isso, eu respeito, só acho que nenhum homem deve te fazer sofrer. — Fiz uma pausa e ela levantou os olhos, me olhando, esperando que continuasse. — Se precisar, é bom que saiba que tenho um ótimo soco de direita!

Isso a fez sorrir, embora esboçasse um sorriso triste.

— Obrigada, é bom saber! Prefiro não precisar deste tipo de favor. — Colocou uma mecha de cabelos atrás da orelha. — Pelo visto, costumava lutar com seus irmãos?

— Com eles? Sempre! Até hoje, quando nos encontramos — falei, me servindo de mais uma porção do delicioso almoço.

Contei mais algumas histórias sobre minha
PERIGOSAS ACHERON

infância e adolescência, atribulada pelos dois irmãos mais velhos e dois menores, na qual era constante nos envolvermos em brigas e confusões na escola e nas ruas, um defendendo o outro.

— Meu pai ficava louco! Nunca sabia o que fazer com a gente.

— Ah, está explicado! Você é o filho do meio, por isso é do jeito que é. Agora compreendo!

— Que jeito que sou? E o que isso tem a ver com ser o filho do meio?

— Sei lá, você é o psicólogo aqui. Não existe uma teoria sobre os filhos do meio serem mais perturbados psicológica e emocionalmente? Freud deve explicar isso, em algum lugar — disse séria, olhando para mim com o queixo apoiado nas mãos.

— Você deve estar zoando a minha cara, não é? Quer usar de psicologia comigo, depois de ter me dado o maior sermão sobre paciente e doutor? — retruquei, limpando os lábios com o guardanapo de papel.

— O que foi? Usei da mesma arma que você, pra te provocar, só isso! Foi brincadeira, me desculpe. Mas existe essa teoria, não existe?

Amassei o guardanapo e joguei sobre ela. Estava mais calma e voltara a sorrir como antes.

CAPÍTULO 19

Evelyn

— A hora voou, já se foi o domingo! — falou desanimado, ensaboando os pratos na pia. O relógio na cozinha indicava quase quinze horas.

Peguei um pano limpo na gaveta e sequei a louça, enquanto ele terminava de lavar.

Sacudi a cabeça para espantar os pensamentos ruins. Os telefonemas retornaram! O cara estava me ligando outra vez. Não poderia descobrir onde eu estava, seria o fim! Precisava sumir, precisava que ele sumisse.

— O que pretende fazer depois que terminarmos aqui?

Fugir! Era o que gostaria de dizer e fazer, porém procurei meia verdade para responder. A resposta real levantaria perguntas infindáveis.

— Apenas ficar quieta na minha cama.

— Não vou deixar se deprimir como aconteceu dias atrás.

— Não vou, fica tranquilo. — Forcei um sorriso.
— Se não se incomodar, gostaria de continuar a leitura de um livro que comecei no ônibus.

— Deixou a mocinha em apuros pra conhecer o galã aqui, foi isso?

— Quase. — Sorri com suas piadinhas e insinuações.

— Tem um lugar incrível na cidade, que você vai adorar para ler! Quer conhecer?

— Meu Deus, esta cidade é cheia de lugares maravilhosos que vou adorar conhecer!

— Se importa? — perguntou curioso.

— De maneira alguma. Tenho que trocar de roupa. Você me espera?

— Nem pensar, está ótima desse jeito, melhor impossível! Vamos! — ordenou, segurando-me pelas mãos.

— Espera! Deixe-me, pelo menos, escovar os dentes e passar um batom. Não posso sair com o rosto assim — argumentei, indo em direção ao banheiro quando ele me soltou.

— Assim como? Está linda! — Acompanhou-me.

— Nem pensar! E a cara inchada? — Terminei a escovação e fui para o quarto. — Como vou sair assim, pra todo mundo ver? — Peguei vários itens na gaveta e fui me maquiar no espelho do guarda-roupa.

— Eu estava te olhando este tempo todo com a cara inchada e você nem se importou! Porque tanta *frescura* agora?

— Você me vê ainda pior! Acordando, com a cara amassada e toda descabelada! O rosto inchado é o de menos.

— Acorda parecendo um leãozinho! — comentou, provocando e rindo.

— Muito obrigada! Quer dizer que está incomodado com minha cara de leão quando acordo? Vá reclamar para a Laura! Ela nos colocou nessa situação, querido.

— Estou brincando, Coelhinha! Você acorda linda e continua linda, com ou sem maquiagem — falou com seu charme de conquistador. — Agora, vamos!

Peguei meu livro e acompanhei Jim, soltando de suas mãos assim que chegamos ao elevador. Ele e

seu costume de me tocar... O estranho é que eu gostava disso e estava me acostumando.

...

Com o capacete pendurado no braço direito e o livro na outra mão, olhei ao redor, deslumbrada. A praça ficava em um bairro afastado do centro. Localizada em uma região nobre da cidade, avistava as construções imponentes e estruturas soberbas.

No entanto, a praça era de uma singela simplicidade que alegrava os olhos. Um gramado percorria toda a praça, encontrava-se bancos feitos de toras de árvores em toda sua extensão. No canto direito, um espaço com brinquedos rústicos. No centro da praça havia um chafariz com um cupido empunhando seu arco e flecha para cima.

— O pessoal desta cidade gosta mesmo de chafariz! — brinquei.

— Ah, já notou isso?

Do lado esquerdo, haviam inúmeras árvores formando um semicírculo com redes pendurados entre elas.

— É lindo! — disse, olhando em todas as direções. — Perfeito!

— Sabia que ia gostar. Vamos! — Caminhou até a rede mais próxima, guiando-me pela cintura. — Senhorita...

— Obrigada, cavalheiro. — Sentei e observei que ele se acomodava na outra rede, ao lado. Uma revista de psicologia surgiu, não sei de onde, e foi parar em suas mãos. Olhei com curiosidade.

— O que foi? Também gosto de ler alguma coisa, de vez em quando.

— Muito bem! — congratulei. — Pensei que só via revistas de moto, mas vi que gosta de outros temas também.

— Vejo revistas de moto... aquela exclusiva para o público masculino... É bom variar um pouco.

— Ah, não acredito que me disse uma coisa dessas! — disse, envergonhada, escondendo o rosto com o livro.

— Bom, você provocou...

— Está bem, não está mais aqui quem falou! — brinquei, me ajeitando na rede.

Encerradas as brincadeiras de Jim, minutos
PERIGOSAS ACHERON

depois, nos concentramos na leitura. As horas passaram rápido e logo o sol se pôs sob os casarões. Carros chegavam e saíam. Jim adormeceu com a revista sobre o peito. Levantei-me da rede, meu corpo estava todo adormecido.

— Acho que cochilei... — bocejou ao dizer.

— Chegou a roncar!

— Ah, mentirosa!

— Então, vamos? Já está escurecendo e não enxergo mais uma palavra.

— Claro. — Pegou os capacetes e seguimos, lado a lado, até a moto.

Algumas garotas passeavam pela praça e distribuía sorrisinhos a ele, que por sua vez, tentava ignorar, dizendo um simples “olá” ou acenando com discrição.

— Jim... preciso falar com você. — Deteve-se curioso. — Você não precisa parar a sua vida. Por minha causa, quero dizer. Estou morando no apartamento com vocês, mas como disse para Laura, não quero atrapalhar...

— Não está atrapalhando em nada — disse, me interrompendo —, estou fazendo isso...

— Me deixa terminar, por favor? — também não permiti que ele continuasse. — Você tem a sua rotina de sair com as garotas e tem os seus amigos. Vejo-as esperando pela atenção que recebiam antes, e, hoje, percebi que eram seus amigos te ligando, mais cedo, quando me ajudava a organizar as malas.

Ele ajeitou o boné para trás, querendo me interromper outra vez. Levantei uma de minhas mãos como se pedisse que esperasse e prossegui:

— Estou me sentindo péssima com vocês três me carregando para lá e para cá, como se eu fosse uma criança, mostrando a cidade, sendo obrigados a me fazer companhia e tudo mais.

— Não está gostando da minha companhia? — perguntou, tentando parecer entristecido.

— Gosto, não é isso. Estou dizendo que não precisa me carregar e levar para todo canto, entende? Posso me virar sozinha, está bem?

— Está bem. Mas não é nenhum sacrifício como você diz — falou, me conduzindo até a moto, caminhando a passos lentos. — Eu quero estar com você.

— Mas... — Jim me impediu de continuar.

— Você já falou, agora ouça. — Parou, mais uma vez, olhando para mim. — Essas garotas... até me envergonho em dizer... eram só um passatempo, uma distração. E os caras, bem, com eles é apenas zoeira, curtição, sei lá. Posso sobreviver sem isso. Falei a verdade quando disse que estava cansado desta vida. Quero mudar, levar as coisas mais a sério.

Muito em breve, ele ficaria entediado com essa nova vida, sem azarações e curtições, e voltaria à velha rotina.

— Mas não acha que está fazendo de maneira errada?

— E qual é a maneira correta de fazer as coisas?

— Juro que se soubesse, não estaria em Borópolis... — respondi pensativa.

— Fico feliz que não saiba! — Subimos na moto e andamos pelas ruas, sem destino.

— O que foi? — perguntei, depois de vê-lo olhar para mim, por cima dos ombros, pela segunda vez.
— Algum problema?

— Quer ir a mais algum lugar ou prefere voltar
PERIGOSAS ACHERON

para casa?

— Não quero voltar agora. A noite está tão bonita!

— Uma ótima escolha! — disse, lançando uma piscadinha pela abertura do capacete.

Virou a próxima esquina, passando, sem pressa, por casas históricas e patrimônios da cidade, costurando as ruas e os poucos carros que por ali rodavam.

Vez por outra, descansava o braço em minha perna enquanto comentava sobre algum dos lugares, ou contava uma de suas hilariantes histórias dos tempos de menino com seus irmãos e amigos.

Sabia que deixá-lo se aproximar de mim desta maneira era errado, mas não conseguia evitar! Era tudo tão confuso e envolvente. O som da sua voz e da sua risada, o contato com seu corpo...

Por essa noite, deixaria meus problemas guardados na memória, num canto inacessível, para ser apenas uma garota simples e normal de uma cidade pequena.

Será que daria certo?

...

Ao descer da moto retirando o capacete, senti o estômago rugir ao inalar o delicioso cheiro de bacon. Já havia passado cerca de uma hora que andávamos sem destino pelas ruas da cidade.

— Está com fome?

— Morrendo! — respondi, sentando em uma das cadeiras mais próximas ao trailer de lanches estacionado ao meio fio.

Duas outras mesas estavam ocupadas. Uma delas por um casal, que nos cumprimentou com aceno. Na outra, quatro rapazes conversavam animados, quando nos viram, gritaram por Jim.

— Oi, pessoal, essa é Evelyn — falou quando nos aproximamos.

— Olá, tudo bem? — indagou um deles.

— E aí, beleza? — perguntou outro.

— Evelyn, esses são meus amigos, Edu, Beto, Fred e Carlão.

— É um prazer conhecer seus amigos, Jim.

— Agora há pouco, a gente falava de você, cara!
— disse um dos amigos ao Jim. — Está sumido,

mas agora entendo o porquê!

— Com uma gatinha dessas na cintura, também fugiria de vocês! — insinuou o outro.

— Parem de brincadeira, Evelyn é apenas uma amiga que acaba de chegar.

— Certo, sem problemas!

— Se está falando, eu acredito.

— Faz muito bem em apresentar a cidade a ela — falou o primeiro, e, voltando-se para mim: — Já que são apenas amigos, posso te mostrar a cidade amanhã?

Os punhos de Jim se contraíram, apertando minhas mãos. Intuí que não gostara das indiretas do amigo.

— Obrigada pelo convite, mas amanhã já tenho compromisso — incumbi-me de responder. Jim me olhou pelo canto dos olhos e pude sentir sua respiração se abrandar.

— Okay, se mudar de ideia, saiba que estarei à sua disposição. Jim sabe onde me encontrar.

Limitei a responder com um leve sorriso e me afastei, procurando me distrair com o cardápio, para que Jim continuasse a conversa com os

PERIGOSAS ACHERON

amigos. Trocaram mais algumas palavras e seguimos para outra mesa, que estava desocupada.

— Desculpa por isso! São uns idiotas.

— Tudo bem, não me incomoda. O que vamos comer? — mudei o foco de sua atenção, ainda parecia tenso e olhava ríspido para o pessoal da outra mesa.

Jim pediu dois especiais da casa e um refrigerante, chamando, pelo nome, o senhor que estava preparando os lanches.

— Também estou com muita fome, afinal almoçamos há cinco horas.

— Já é tão tarde, assim? Que horas são?

— Passam das oito da noite.

— Laura deve estar preocupada com a gente, não avisamos que íamos sair.

— Liga pra ela e avisa que estamos aqui. Mas seja rápida porquê, como não tem muita gente, o lanche vai chegar bem rápido. — Passou o celular sobre a mesa.

Procurei o nome da Laura em seus contatos, porém nada encontrei.

— Procura na letra M.

— M? Como assim?

— Procura como “Malalaura” — respondeu sério.

— Deve estar de brincadeira... — Pois não é que encontrei? Não pude deixar de achar graça. — Ela sabe disso?

— Claro que não! E você, não vai contar!

Ao primeiro toque de chamada, Laura atendeu, furiosa.

— Seu cachorro, sem vergonha! O que fez com minha amiga? — pude ouvir a estridente voz de Laura do outro lado da linha.

— Calma, Laura, sou eu, está tudo bem! — interrompi, tentando acalmá-la. — Saímos um pouco e acabamos perdendo a noção do tempo.

— Onde estão? Vou até aí pra ver se você está bem mesmo! — escutei a voz do Romeu ao fundo, dizendo algo a ela. — Mas é claro que posso! Ela é minha amiga... — disse, se dirigindo ao Romeu.

— Fica tranquila, Laura. Escuta, dentro de meia hora estaremos de volta. Paramos para comer. Quer que leve algo para vocês?

— Não. Romeu encontrou algumas panquecas que vocês esconderam da gente, vamos aquecer e comer.

— Romeu achou as panquecas escondidas — falei ao Jim.

— Ah, não acredito! Minhas panquecas, não! — reclamou, aproximando o rosto do celular para que Laura o ouvisse. Senti seu hálito em meu pescoço, minha pele se eriçou e meu corpo estremeceu.

— “Perdeu *playboy*”, ela que disse! — repeti a fala de Laura, procurando afastar-me dele.

Rimos juntos e me despedi da minha amiga, devolvendo o celular ao dono assim que um rapaz saiu de dentro do trailer trazendo o que pedimos.

— Valeu, Pedro! — agradeceu ao rapaz.

— Você sabe o nome de todas as pessoas que encontramos até agora! Incrível. Como isso é possível? — perguntei, admirada, quando o rapaz retornou às suas funções.

— Como te contei, moro aqui desde sempre. Conheço muita gente, a cidade é pequena. Esse cara, mesmo, estudou com meu irmão mais novo, se formaram no final do ano passado.

— E onde está seu irmão?

— Na Cidade Universitária, fica a poucos quilômetros daqui. O Pedro, de modo lamentável, não pode ir porque precisa ajudar o pai no trailer.

— Poxa, que pena! — comentei, mordendo meu primeiro pedaço do lanche, recordando-me das mães que eu ajudava no projeto até pouco tempo atrás, as mesmas histórias de vida.

— O lanche daqui é melhor do que o da Capital, não é?

— Devo confessar que sim — retruquei de boca cheia —, uma delícia! Nossa, muito bom, mesmo.

Em algumas mordidas, Jim terminara seu lanche e recostou-se na cadeira, passando a me observar comendo.

— Você come muito rápido! Como consegue? Ainda estou na metade! — disse espantada.

— Aprende-se, quando se tem muitos irmãos.

— Até na hora de comer não te deixavam em paz?

— Ninguém perdoava ninguém. Quando aprendi a comer rápido, também infernizava os menores, e, assim, a gente seguia — disse nostálgico.

— E seus outros irmãos? Onde estão?

— João, o mais velho, é casado, tem dois filhos, mora e trabalha lá na Capital. É advogado. — Cruzou os braços, debruçando-se sobre a mesa. — O segundo, Jair, também é casado, mas sua esposa não pode ter filhos. Eles trabalham com materiais de escritório, em uma cidade vizinha.

— Depois vem você, solteiro, mulherengo, professor e orientador no Ensino Médio, psicológico nas horas vagas, que voltou para trabalhar na cidade.

— Exato. — Sorriu e continuou — O próximo é o Júlio, policial. Também é solteiro, mas está de casamento marcado para junho ou julho, não me recordo ao certo, com uma moça que também é professora. Moram aqui mesmo, em breve você irá conhecê-lo. E, por fim, o mais novo, Jeremias, como comentei, está na Universidade, cursando o primeiro ano de medicina.

— E o seu pai? Mora aqui na cidade? — Eu o ouvia com atenção enquanto terminava o lanche.

— Mora sim, próximo ao hospital. Ele é deficiente físico. Ficou assim depois de um

acidente que ocorreu quando andava a cavalo, há uns dez anos mais ou menos. Sempre precisa ir ao médico, então, se mudou para facilitar as idas e vindas, sem incomodar ninguém.

— Como ele se chama?

— Paulo. Velho e forte, seu Paulo!

— Você não costuma ir visitá-lo? Penso que não deveria deixá-lo tanto tempo sozinho, sobretudo, nas condições em que se encontra! — chamei sua atenção.

— Visito todos os domingos.

— Como? Hoje é domingo e passamos o dia inteiro, juntos. Você deveria ter ido até lá! Não acredito que deixou seu pai esperando! — falei inconformada.

— Fica tranquila, Coelhinha.

— Vai me dizer que era seu pai que estava ligando e você o ignorou? Não acredito, Jim!

— Calma! Não era ele. Eu liguei hoje cedo pra ele, enquanto você tomava banho e avisei que não iria passar por lá.

— Você deve estar de brincadeira! Deixou seu pai esperando, sozinho, em pleno domingo! —
PERIGOSAS ACHERON

disse consternada, colocando o lanche de volta ao prato. — Por minha causa! Já bastam seus amigos. Isso é demais! Ele é seu pai, não deve fazer isso. É sua família!

— Ele não ficou esperando, Coelhinha, liguei e expliquei! Pronto, ele entendeu. Resolvido! Não precisa se irar por causa disso.

— Estou me sentindo a pior das colegas de quarto, sabia?! — Ele riu, dizendo que eu fazia tempestade à toa. — À toa nada! — continuei. — Vai me prometer que irá ligar pra ele, ainda hoje... melhor, liga agora, se não fica muito tarde e ele precisa descansar.

— Tudo bem, eu ligo, se isso vai te deixar mais tranquila. — Pegou o celular do bolso e ligou para seu pai, que atendeu depois de vários toques de chamada. Colocou no viva voz, para que eu pudesse ouvir a conversa, e inclinou-se sobre a mesa.

— E aí, pai. Tudo bem?

— Oi meu filho, tudo bem, sim. Como foi com a garota, hoje?

Jim piscou para mim.

— Tudo perfeito, meu velho. Estou ligando porque ela ficou muito brava comigo, quando falei que não fui vê-lo como faço todos os domingos.

— Imagina, fala para ela ficar tranquila, fiquei muito bem, ainda mais por saber que está com uma boa menina... e, Jim?

— Sim, pai. Pode falar, estou ouvindo.

— Quero conhecer minha futura nora, em breve, viu?!

Não acredito! O que ele tinha falado sobre mim, para o pai? Bati forte em seu ombro.

— Pai, o celular está na viva voz, está bem? — disse, entre sorrisos.

— Ah, sim? Oi, Evelyn, é esse o seu nome, não é?

— Olá, seu Paulo, tudo bem?

— Desculpe pela brincadeira. Espero não tê-la ofendido...

— Imagina... eu é que peço desculpas, pelo senhor ter sido deixado por seu filho, eu não sabia. De verdade, pois, se soubesse, o faria ir até aí, para vê-lo. Ele só me falou agora! Desculpe...

— Fica sossegada, minha querida! É bom ter um dia de folga sem os filhos, de vez em quando. — Gargalhou ao telefone. — Ele nunca deixou de vir aqui, sabe, muito menos por causa de garota, então, vejo que você deve ser muito especial pra ele.

— Valeu, pai! — Jim respondeu, enquanto escondia meu rosto entre as mãos, envergonhado.

— Não é nada disso que o senhor está pensando! Sou nova na cidade e ele quis ser gentil comigo, só isso! Prometo que não irá se repetir.

— Vou esperar que domingo próximo venham os dois para almoçarmos juntos, combinado?

— Ok, seu Paulo, estarei aí com o maior prazer, mas se precisar de alguma coisa durante a semana, pode contar comigo, está bem?

— Certo, querida. E, Jim, cuida dessa menina, viu? Ela é especial, pude perceber.

— Pode deixar, seu Paulo. Estou cuidando... — Lançou mais uma piscadinha para mim e continuou: — Boa noite e bom descanso para o senhor.

— Boa noite, seu Paulo!

— Boa noite, crianças! — E desligou o telefone.

— Pronto, satisfeita? — disse, guardando o celular no bolso da bermuda.

— O que andou falando de mim para ele, posso saber? — Levantei-me e o acompanhei ao trailer, para pagar a conta.

— Apenas que tinha conhecido uma mulher especial, incrível e misteriosa, e precisaria passar o dia com ela, pra desvendar seus segredos — Jim comentou devagar, pousando as mãos em minha cintura.

— Não vai descobrir meus segredos! De forma alguma! — Fiz uma pausa, brincando com o guardanapo de papel sobre o balcão, me distanciando de seu toque.

— Hoje, não consegui, mas quem sabe amanhã...

— Vai sonhando!

— Talvez tenha comentado algumas outras coisas também... — Olhei desconfiada para ele, mas antes que pudesse indagar, Jim desviou o assunto: — Está pronta para voltar?

Consenti, ainda pensativa, mas sem fazer perguntas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

Jim

Olhei-a de cima a baixo, quando acordei. Evelyn estava de pé, em frente ao espelho, colocando os brincos. Um meio sorriso aparecia entre os lábios delicados.

Seus cabelos estavam penteados de forma simples, caindo sobre os ombros, descansando no meio das costas. Usava uma saia preta, discreta, na altura dos joelhos, uma camisa rosa-escuro, com uma leve abertura em seu colo. Ela se movia, graciosa, com uma sandália de saltos altos.

— Uau! — exclamei boquiaberto. — Está linda! Aonde vai? — perguntei, levantando-me da cama e vestindo uma bermuda. Não sei como ela ainda não havia se incomodado de eu dormir apenas de cueca. — Não vai correr hoje?

— Fui e já voltei. Tenho uma reunião daqui a pouco com o Secretário de Educação, a respeito daquela vaga — enquanto falava, olhava-se no

espelho para ver o resultado do seu trabalho.

Linda como sempre.

— É hoje? Tinha me esquecido por completo! —
Procurei, desesperado, por uma troca de roupa mais formal, condizente com a situação, e comecei a me vestir, ali mesmo.

— O que você está fazendo?

— Desculpa, Coelhinha, sei que combinamos de não me trocar na sua frente, mas esse é um caso de vida ou morte! — respondi, vestindo uma calça jeans e uma camisa azul clara listrada.

— Não foi isso que perguntei. Quero saber por que está tão apavorado e o que pensa que está fazendo, apressado desse jeito...

Enquanto dobrava as mangas da camisa, Evy me fitava com as mãos na cintura. Não pude evitar achar graça.

— Vou com você até a reunião com o secretário, ele é amigo de meu pai e pediu para que a levasse até ele — terminei de dizer, colocando, por fim, os sapatos.

— Mas, por quê? — Ela perguntou, desconfiada.
— Posso muito bem chegar lá sozinha. Sei que o

gabinete do secretário fica perto daqui. É ao lado da prefeitura, não é?

— Sim. Sei que pode ir sozinha, mas ordens são ordens! E não pretendo desapontar o senhor secretário, porque meu emprego também pode estar em jogo. E ponto final! — retruquei, levantando-me e indo ao banheiro para me lavar. Perguntei, aumentando o volume da voz, devido à distância: — Que horas é a reunião com ele?

— Daqui a quarenta minutos. Temos tempo, já que vai me levar. Toma pelo menos o café que Romeu fez, antes de sairmos — sua voz vinha da cozinha. Pude ouvir barulho de copos e talheres. — Vou tomar junto com você...

— Ainda não tomou o café da manhã? — Fui à cozinha, onde o café estava servido sobre a mesa, com os pães em uma cesta pequena e a manteiga. Sentei-me ao seu lado, servindo uma xícara.

— Não, e nem sei se vou conseguir tomar agora... estou tão nervosa! — comentou, juntando os cabelos com as mãos num coque e soltando em seguida. — Preciso tanto que dê certo esse trabalho!

— Vai dar certo, fica tranquila e come pelo menos um pãozinho.

— Não, obrigada, vou aceitar apenas um café. — Fez uma pausa para beber um gole do café quente e continuou: — Mas, me diga, como vamos de moto, se estou de saia? Droga, preciso trocar de roupa.

Ela se levantou e eu a segurei pelo braço, antes que se retirasse.

— Vamos no carro do Romeu ou da Laura, qualquer um que estiver lá embaixo. A propósito — continuei, após ela ter se sentado de novo ao meu lado —, onde os pombinhos foram?

— Falaram que iam passar o dia na piscina, de novo. Saíram, faz pouco tempo.

— Podemos ir pra lá, depois da sua entrevista. Pra comemorar! O que acha?

— Não curto muito piscinas, mas podemos ir, se faz questão. Só que, uma coisa de cada vez: primeiro a reunião e garantir meu emprego para este ano.

— Beleza. Depois de garantir o emprego, voltamos para cá e arrumamos as coisas para passar o dia lá com eles, combinado?

— Está parecendo a Laura falando!

— Lembrei-me dela, também! — Rimos, apesar de perceber que ela continuava tensa. Eu precisava ajudá-la a descontraír e relaxar.

O que dissera sobre acompanhá-la ao gabinete do secretário era meia verdade, ele era amigo do meu pai, sim, porém ninguém pediu para que eu a levasse. Queria estar junto a ela neste momento importante e decisivo.

Se não conseguisse a vaga, Evy iria embora. Contudo, jamais me permitiria ficar longe dela, não conseguiria acordar e não tê-la mais ao meu lado no quarto. O simples fato de deixá-la ir, sozinha, para outro lugar, me atormentava.

Ela tinha um segredo, fantasmas a atormentavam dia e noite. Via em seu semblante os momentos em que procurava desviá-los do pensamento. Nas noites de sono, revirava-se na cama, sem conseguir dormir ou sendo assombrada por pesadelos.

Contudo, a verdade era que eu precisava estar junto dela, por mim mesmo! Adorava a companhia de Evy e gostava ainda mais de fazê-la sorrir.

Ela se encaixava em alguma parte da minha vida.

Não sabia explicar, mas era como se, a vida toda, eu estivesse esperando por ela. Algo era preenchido dentro de mim, quando estava ao seu lado.

Não queria mais conquistá-la com simples galanteios e cantadas, com o único intuito de levá-la para cama. Evy era mais do que isso. Sua amizade era importante, seu sorriso me conduzia a ser diferente, a ser melhor.

— Precisamos nos apressar, não é bom chegar atrasada, não é? — ela disse, se levantando e tirando a louça suja, colocando-a sobre a pia.

Faltavam poucos minutos para a sua reunião. Consultei o relógio da cozinha.

— Vamos.

Evelyn foi até o sofá pegar sua bolsa, enquanto busquei as chaves do carro na gaveta do armário. Na porta, ao sairmos, Evy se apoiou em meus braços.

...

Chegando à prefeitura, fomos conduzidos a uma sala de espera enquanto a secretária nos anunciava.

— Fica calma, se for pra ser seu, tudo dará certo!

— disse, tentando tranquilizá-la, amparando, de modo carinhoso e gentil, as suas costas.

Evy respirou fundo e devagar, esperando a porta se abrir, trazendo de volta a secretária.

A sala contava com um jogo de sofás muito confortáveis, sobre um imenso tapete que tomava conta de todo o chão. Em uma das paredes, havia um imenso quadro com a foto atual, aérea, de Borópolis. Atrás de nós, uma estante repleta de livros sobre política e a história da cidade completavam a decoração.

— Estou bem, vou ficar bem! É só mais uma entrevista, das muitas que já fiz ou ainda vou fazer na vida — falou, mais para si mesma, do que para ser ouvida.

Depois de alguns minutos, fomos informados de que a aguardavam, mesmo estando quinze minutos adiantados da hora marcada. A porta se abriu e o próprio prefeito da cidade veio recebê-la.

Aparentando ter uns quarenta anos, usava uma vasta cabeleira, penteada com extremo cuidado para o lado. Vestia um terno impecável, limpo e passado. Sempre com um sorriso político nos lábios

e a fala macia e pausada.

Amado por todos, tal como seu pai e seu tio, também feitos antes dele, por serem homens justos e coerentes, ele governava a cidade com firmeza.

— Bom dia. Creio que você seja a Evelyn, correto? — disse, aproximando de nós e estendendo um das mãos para cumprimentá-la. — Sou Rossi, Vinícius Rossi, o prefeito da cidade. Seja bem vinda.

Evelyn se levantou e esticou sua mão, confiante.

— Bom dia, senhor. Obrigada por me receberem. Como vai?

— Estou ótimo. E você, Josias, como está? — falou, voltando-se para mim. — E seu pai?

— Tudo ótimo, seu Vinícius, meu pai está bem, mandou-lhe lembranças.

— Perfeito. E você, Evelyn, fez uma viagem tranquila? — Sem esperar que respondesse, continuou: — Sabe que o prefeito da Capital nos ligou para nos dar suas indicações! Você é muito querida por lá e, sem dúvidas, fez um ótimo trabalho, pelo que contou.

— Eu agradeço a sua atenção em me receber e espero suprir as expectativas que tem a meu respeito. O trabalho social e pedagógico que realizamos com as mães adolescentes, nos últimos anos, foi espetacular.

— Suprirá, com certeza. Bem, quero demonstrar a minha tristeza e revolta com o recente ocorrido e...

— Obrigada, mas prefiro não falar sobre o assunto, espero que o senhor não se importe, é claro — Evy o interrompeu, com educação.

— Não, de maneira alguma. Compreendo e peço desculpas por minha intromissão num assunto tão pessoal e delicado. Então, vamos, entre! O secretário está esperando. — Segurou Evy pelo braço e a conduziu para dentro da sala.

— Vou te esperar aqui, está bem? — sussurrei quando ela se voltou para se despedir.

Aguardei, ali, por eternos minutos, aproveitando o tempo para absorver as palavras do prefeito. O prefeito da Capital ligou para dar as recomendações?

Até aí, tudo bem, mas, e aquela história sobre PERIGOSAS ACHERON

tristeza e revolta com o ocorrido? Com certeza é algo relacionado aos pesadelos e aos telefonemas que Evy não quer atender. Qual o segredo que esconde, afinal?

Até o prefeito da cidade sabia! Eu também merecia saber! Era seu amigo, não?

Após trinta longos minutos, Evelyn saiu, transmitindo tranquilidade e um lindo sorriso no rosto. Levantei-me e aguardei que se despedisse dos ícones políticos. Fiz um leve aceno de cabeça, me despedindo também.

Controlamos a ansiedade até estarmos do lado de fora da prefeitura. Na calçada, paramos frente a frente, esperei que ela comesse falar, respeitando seu silêncio, se assim o quisesse.

Evy se virou para mim e, com o sorriso mais lindo e contagiante que havia visto, olhou em meus olhos, dizendo atrapalhada, que havia dado tudo certo e que a vaga era dela.

Sorrindo e segurando minhas mãos, tão próxima de mim, tomei-a em meus braços e a abracei, alegrando-me junto a ela, pois, afinal, esperava com avidez que não fosse embora.

Seu corpo quente e macio, a pele fresca e suave, o perfume... as sensações de prazer inundaram meus sentidos. Não podia mais resistir.

Abracei ainda mais forte, a envolvi em meus braços, descansando a mão em sua cintura curvilínea enquanto a outra repousava em sua nuca, com os cabelos entrelaçados nos dedos. Aprofundei-me em seus cabelos, afastando-os de seu pescoço. Queria beijá-la, sentir o sabor de seus lábios outra vez, sentir o calor de seu corpo. Suas mãos, envoltas em meu pescoço, deslizaram devagar sobre meu peito.

Pude senti-las quentes e úmidas, pressionando-me de leve. Seu rosto se afastou, devagar, e pude ter a visão de seus lábios.

Meus dedos acariciavam a pele de seu rosto, olhei em seus olhos. Evy, com os olhos semicerrados, fitava meus lábios... um momento perfeito. Queria beijá-la!

Senti seu corpo estremecer e se afastar em seguida, arrumando as mechas do cabelo atrás da orelha, com os olhos baixos. O momento durou apenas alguns segundos, mágicos, tempo suficiente

para senti-la nos braços e nunca mais querer outra em seu lugar!

Compreendi que estava perdido. Vencido e apaixonado por essa mulher!

CAPÍTULO 21

Evelyn

— Bom, deu tudo certo — disse, recobrando o fôlego e a consciência sobre meus atos.

Deveria estar louca! Perdi-me em seu abraço, no contato com sua pele... o toque das mãos em meu rosto, deixou-me desorientada.

Como poderia me deixar levar pelos desejos e pela emoção, ou, até mesmo, querer me envolver com alguém no momento em que estava com a vida de cabeça para baixo? E justo por ele! O mulherengo nato e assumido da cidade.

Afastei-me de Jim, lutando contra o desejo aflorando à pele. Deveria manter a distância, não permitiria que fosse iludida e enganada por um rapaz de uma cidade interiorana. Nasci numa cidade grande, aprendi a me virar e a sobreviver sozinha. Não cairia na conversa de um sem vergonha que vivia atrás de um rabo de saia.

Gostava de sua companhia e só esperava

amizade, nada mais. Um amigo, um companheiro de quarto e, agora, colegas de trabalho. Assim deveria continuar.

Não podia me envolver com Jim, com ninguém, aliás. Não poderia me apaixonar! Procurava me convencer disso. Seria tudo ainda mais complicado. Contudo, a cada dia, a cada aproximação, se tornava ainda mais difícil.

Apesar disso, faria dar certo uma nova vida nesta cidade, pois não suportaria recomeçar outra vez. Este era meu único objetivo: trabalhar, esquecer meu passado e construir uma nova vida. Tinha consciência de que seria uma tarefa árdua e precisaria do apoio dos amigos. Precisaria da ajuda de Jim.

— Hã... — procurava a voz e as palavras. — Eles... é, me receberam muito bem e tivemos uma conversa agradável. Me deram a vaga no colégio.

— Que bom, fico muito feliz por você! Quer dizer que não vai mais embora, não é?

— Da cidade, não. Obrigada pelo apoio.

— Vamos comemorar, então! Aproveitar o fim das férias, pois, a partir de hoje, nos restam vinte

dias! — Jim me pegou pela mão e caminhamos para o carro.

...

Depois de passarmos em casa e buscar roupas de banho e outros apetrechos para a piscina, seguimos ao clube. Eles eram sócios e, é claro, já tinham dado um jeitinho de me incluírem também. Faltava, apenas, fazer o exame médico para minha entrada ser liberada.

Jim aguardava na entrada da piscina, segurando minha toalha. Estava pronto para entrar e cair na água, apenas de sunga. Eu ainda precisava tirar o vestido que cobria o biquíni. Fugia-me a coragem.

Ao me trocar, em casa, fiquei em dúvida entre colocar biquíni ou maiô. Primeiro, coloquei o biquíni, pois com vinte e oito anos ainda me considerava jovem. Eu sabia que meu corpo não era invejado pelas garotas mais novas, mas tampouco estava fora de forma. Entretanto, ouvindo a voz de Jim do outro lado da porta, apressado, mudei de ideia.

Não queria que me visse assim, estaria com poucas peças e ficaria constrangida. Não ficaria à

PERIGOSAS ACHERON

vontade. Tirei o biquíni, trocando pelo maiô, porém, olhando no espelho, me senti uma velha. O que ia fazer? Optei outra vez pelo biquíni e uma saída de praia. Assim me sentiria mais confortável. Não entraria na piscina e tudo daria certo!

De pé, olhando para a ducha do clube que nos separava, seria obrigada a tirar o vestido e me expor com o biquíni. Esquecera-me deste detalhe: a ducha!

Arrependida da escolha feita, não podia voltar a trás.

— Vem logo, Evy! A água está uma delícia! Vem! — disse Laura de dentro da piscina.

— Vem, Coelhinha! Está com medo da água fria? Passa correndo! — falou, rindo de mim. — Te ajudo quando chegar aqui.

Recuei mais alguns passos, mas sabia que não poderia desistir.

— Tira esse vestido, aí, e joga pra mim. Vai, anda logo! — apressou-me, com a toalha estendida para me secar.

Sem olhar para ele, tirei a peça que me protegia e joguei em sua direção, passando correndo pela

PERIGOSAS ACHERON

ducha, como uma idiota, com certeza. Peguei a toalha de suas mãos, recusando a ajuda. Não deixaria que ele me tocasse de novo.

— Tem medo de água fria, é? Quero ver quando te jogar na piscina...

— Só na sua imaginação! — disse, olhando séria para ele.

— Okay, não te jogo, se entrar de bom grado, comigo!

— Vou pensar no seu caso!

A piscina e o espaço que a cercava eram grandes, com várias cadeiras expostas ao sol. Como era período de férias e o dia estava quente, o lugar encontrava-se lotado.

O dia parecia perfeito para comemorar, com sol, calor e boas notícias. Romeu me felicitou de dentro da piscina, Laura veio ao meu encontro festejando, com seus famosos gritos histéricos, enquanto eu recolocava o vestido.

— Agora sou a mais nova moradora da cidade e cumpridora das funções trabalhistas! — brinquei com Laura, sentando-me na espreguiçadeira, ao seu lado.

— Que legal o prefeito de lá te recomendar, em pessoa, não é?

— Como sabe disso? — Eu não havia mencionado nada.

— Jim comentou comigo, ao telefone. — Percebendo minha reação, continuou: — Algum problema com isso, Evy?

— Não, só havia esquecido de que ele estava presente quando o prefeito comentou. — *O que mais ele havia escutado?* — Ele falou mais alguma coisa?

— Nada além do que você mesma me contou. Por quê? Tudo bem? Sua cara está estranha.

— É que o prefeito comentou algo sobre o que aconteceu comigo na Capital e, não sei dizer se Jim ouviu a respeito.

— Jim é discreto, Evy, mesmo que tenha ouvido, não irá comentar nada, tenho certeza.

— Disso não tenho dúvidas! Lembra que te contei, ontem, sobre o telefonema? Ele não perguntou nada, em absoluto, e ainda disse que podia contar com ele! — Lembrei-me do dia em que presenciei o ataque de pânico no meio da rua,

PERIGOSAS ACHERON

o que também não expôs a ninguém. — Só não quero que ninguém mais saiba, entende?

— Por que você não fala logo pra ele? Tenho certeza de que pode ajudar de alguma maneira ou pedir para o irmão...

— Não, Laura! — interrompi minha amiga. — Não quero mais ninguém envolvido nessa história, você sabe que é perigoso! Estou fugindo de tudo isso e não quero trazer problemas pra vocês.

— Até quando vai ficar se escondendo, menina?

— Para o resto da vida, se for preciso! E outra, não quero ser motivo de pena e piedade de mais ninguém! — Laura me olhava com dúvidas ou impaciência. — Me entendeu, Laura? Ninguém pode saber! Jim não pode conhecer a verdade sobre mim, okay?

— Ai, amiga... tudo bem, mas sabe minha opinião.

— Olá, meninas. Como vai, Laura? Curtindo o dia?

Olhei para cima, apertando os olhos para enxergar através da claridade do sol. Um rapaz bonito e elegante se aproximou sem que PERIGOSAS ACHERON

houvéssemos notado. Usava uma bermuda xadrez em tons claros, sem camisa. Sua pele clara estava bronzeada. Seu cabelo com gel e bem penteado mostrava que não pretendia entrar na piscina. Cumprimentou minha amiga com um saudoso beijo no rosto.

— Oi, Leo, tudo bem? Deixa eu te apresentar a...

— Evelyn, da Capital! — interrompeu o rapaz.

— Já nos conhecemos? — levantei-me, impressionada. Beijou-me o rosto, como fez com Laura.

— A Celeste me contou que havia uma moça nova na cidade e estava hospedada com a Laura, então, quando te vi, deduzi que era você. Muito prazer!

— Igualmente.

— Celeste só se esqueceu de mencionar que a moça da Capital era assim, tão linda! — Olhou-me de alto a baixo, me avaliando.

— Muito obrigada — respondi sem jeito e olhei em volta, à procura de Jim.

— E o que uma moça tão bonita, que já morava no centro do estado e das informações, onde tudo

acontece, veio parar nesse fim de mundo?

— Um pouco de sossego destas tantas informações e acontecimentos! — brinquei.

Jim estava na beira da piscina conversando com Romeu, mantinha os olhos fixos em nós, com uma expressão de não estar gostando da aproximação do rapaz. Laura se deitou na espreguiçadeira e fez sinal para que nos acomodássemos na outra mais próxima. Sentei-me ao lado do rapaz.

Minha amiga me lançava olhares questionadores e um sorrisinho malicioso no canto dos lábios, mas a ignorei, procurando concentrar-me na conversa do jovem.

Leo era o seu nome, não era? Um rapaz simpático e inteligente, com a fala impecável. No entanto, algo me incomodava nele... ou seriam os olhares de Jim para o cara, que estava me deixando tensa?

Eu já ouvi Laura e Romeu contando as inúmeras situações em que Jim arrumara brigas e confusões por pouca coisa ou por uma garota. Não estava a fim de presenciar nada deste tipo. Detesto qualquer tipo de violência e já tinha vivido demais com isso.

Concentrei a atenção nas histórias de Leo. Ele

PERIGOSAS ACHERON

contou que trabalhava com o pai na agência bancária da cidade, falou das vezes que viajou a negócios, além de suas aventuras pela cidade grande. De súbito, Jim veio até nós, com semblante encolerizado. Romeu buscava alcançá-lo.

Oh-oh. Problemas!

— Coelhinha, você veio aqui pra ficar aí, sentada conversando, ou para se divertir na piscina? Estamos comemorando, lembra?

— Coelhinha? Que nome é esse? — perguntou Leo, se levantando e encarando Jim.

— É um apelido carinhoso, só isso — respondi, levantando e posicionando-me entre os dois.

— Quem tem um nome tão bonito não precisa de apelidos! — disse Leo, procurando motivos para conflito, ainda encarando Jim.

Percebendo que acabariam brigando, preferi tirar o rapaz dali.

— Com licença, Leo, prazer em conhecê-lo. A gente se vê por aí. — Adiantei-me para o inevitável, pois pressentia que, se continuassem ali, acabariam se agredindo. Peguei as mãos de Jim e levei-o para perto da piscina.

— Por que está tão nervoso?

— Não gosto desse cara e não quero que ele fique perto de você!

— E qual o motivo de não gostar dele?

— Tenho meus motivos e ponto. Agora, se quer ficar de conversinha com o cara, pode ir, mas não diga que não te alertei!

— Tudo bem, relaxa! Não quero conversar com ele, viemos aqui para nos divertir, não foi? — falei, tentando acalmá-lo, sentando ao seu lado à beira da piscina.

— Certo. Não pretendo estragar o nosso dia. — Jim lançava olhares ameaçadores para Leo. Respirou, procurando se acalmar. — Venha, vamos no divertir!

Entrou na água esperando enquanto eu tirava o vestido, envergonhada. Em seguida, me puxou pela cintura para junto dele. Logo, nossos amigos nos encontraram e esquecemos o episódio desagradável.

No entanto, eu me perguntava o porquê de se estranharem por tão pouca coisa. Havia algo a mais nesta história... não era ciúme, não podia ser...

Tudo indicava que eu não era a única a ter segredos. Quem diria?

CAPÍTULO 22

Jim

Linda, sem dúvida! Eu não conseguia tirar os olhos dela. Tímida e receosa para entrar na piscina, notei que ela própria desconhecia ser dona de tal beleza.

Seria tudo perfeito se Leonardo não aparecesse para paquerar e lançar seu charme para cima da Evelyn. Fiquei cego, tomado pela ira, entretanto, não pretendia desapontá-la, o dia exigia festas e comemorações.

Não sou santo, na verdade, estou longe disso, mas o cara tinha o prazer em me provocar para briga, isso aconteceu diversas vezes. Depois, o pai, dono do único banco da cidade, um cara sociável e influente, ajudava Leonardo a sair ileso das situações. Eu acabava me tornando o carrasco da história

O dia terminou e, ao entardecer, seguimos de volta ao apartamento.

— Pensei que iria entrar no soco com Leonardo lá no Clube, mais cedo, cara! O que foi aquilo?

Conversava com Romeu na sacada, tomando uma cerveja, enquanto as meninas estavam no banho.

— O cara tem o dom de me provocar! Fala sério.

— Essa rixa entre vocês dois tem que acabar. A corda sempre arrebenta do lado do mais fraco, uma hora ou outra...

— Sei disso, *brother*. Sei disso.

— E você e a Evy? Parece que estão se entendendo... — disse, socando meu ombro.

— Não do jeito que gostaria, cara. — Procurei esconder um sorriso malicioso.

— Não desrespeite a garota, Jim! Estou de olho em você, okay?

— Okay, cara. Não vou, de forma alguma.

Pedimos pizza e comemos na sala como de costume. Evy se recusou a sentar-se no sofá, com certeza por ter conhecimento sobre as garotas que eu levava para lá.

Deveria providenciar um novo, em breve.

Sentamos no tapete, em frente à TV, sobre as

almofadas que faziam parte da decoração de Laura, que, até então, não havia encontrado utilidade alguma.

— Foi um ótimo dia, mas estou muito cansado.
— Bocejou Romeu. — Vou para cama, vem comigo, amor?

— Claro, também estou me sentindo em pedaços!
— Laura se espreguiçou e caminharam abraçados, rumo ao quarto.

Eu e Evy decidimos ficar mais um pouco e assistir a outro filme. Desta vez, escolhido por ela, o que durou longos noventa e cinco minutos. Assistimos lado a lado, vez por outra fazíamos comentários sobre os personagens ou sobre o roteiro que seguia.

— Credo! Filme água com açúcar, melado demais — reclamei quando os créditos levantaram, sinalizando o final do filme. — Não, na verdade, mais açúcar do que água!

— Ah, cala a boca! — Evy jogou uma almofada em mim. — Eu gosto de filmes assim! A vida real é tão aguada, é bom ver finais felizes, pra variar.

— Pra mim é demais. — Joguei a almofada de
PERIGOSAS ACHERON

volta. — Ouvi dizer que esse filme foi baseado em um livro, verdade?

— Sim, li o livro um tempo atrás. É ainda mais bonito!

— Você já conhecia a história e assistiu de novo? Pior ainda, me fez assistir junto com você! Ah, não acredito! Foi golpe sujo, hein?

— Eu não te obriguei a ficar, lembra? Mas, desculpa, devia ter te avisado que era um romance *bem* romântico — disse sorrindo.

— Tudo bem, te perdoo, mas o próximo será de terror e você assistirá comigo, okay?

— Okay, mas não hoje! Depois, será minha vez de escolher de novo, combinado?

— Outro meloso, deste jeito? Nem pensar!

— Não vai ser tão meloso, prometo! Tem vários que estou querendo assistir. Posso deixar você me ajudar a decidir. Que tal?

— Beleza, mas, vem cá, me diz uma coisa: qual a vantagem de assistir a um filme que já se conhece a história toda, inclusive o final?

— Os filmes nem sempre são iguais aos livros. Eles sempre mudam.

— Tem outros filmes desse autor, que viraram filmes?

— Tem sim, vários já foram lançados.

— E já leu todos os livros dele? — perguntei cético.

— Não! São muitos... — Respirei, aliviado, ela continuou: — Li quase todos! — Rimos, abafando as gargalhadas para não incomodar Romeu e Laura que já deviam estar dormindo.

— Estou ficando com ciúmes desse cara, viu?

— Fica tranquilo, ele nem sabe que existo!

Eu gostava de vê-la sorrir.

— E sua vida? — perguntei curioso. — É mais água ou mais açúcar?

— A minha? Está mais para uma salmoura! — Riu, sem jeito.

Fitei-a, vendo-a brincar com a linha da almofada. Peguei a mecha de seus cabelos castanhos que cobriam seu rosto e coloquei atrás da orelha. Evy virou a cabeça e olhou-me nos olhos.

— Obrigada, mais uma vez, pela companhia hoje cedo. Foi muito mais fácil ir à reunião com você ao

meu lado.

— É sempre um prazer! — Meus dedos roçaram na pele macia de seu rosto.

Esta brincadeira de gato e rato entre nós dois já estava ficando cansativa, porém era irresistível ficar ao seu lado e não tocá-la, não desejá-la. Queria prolongar o momento, para sempre. Mas sabia que ela não cederia. Não ainda.

— É tarde e preciso descansar — disse, espreguiçando-se.

Levantei e a ajudei a se colocar em pé. Esperei que arrumasse as suas coisas para dormir e se deitar, para depois entrar no quarto.

A luz estava apagada quando entrei, mas a brilho da lua passava pela janela aberta.

— Quer que feche a janela? — perguntou, olhando-me na penumbra do quarto.

— Não, a noite está agradável, se quiser deixar aberta, por mim, não há problema algum.

— Noites assim me trazem boas recordações! — suspirou.

— Quer compartilhar alguma? — arrisquei e me deitei em minha cama, com os braços sob a cabeça.

— Quem sabe outro dia. Estou cansada e só me tornaria nostálgica.

— Coelhinha?

— Sim, pode falar.

Permaneci em silêncio pensando em como abordar o assunto

— Está tudo bem? — ela insistiu depois de uma pausa.

— Te devo um pedido de desculpas por hoje cedo. Por causa do Leonardo, na piscina.

— Não precisa pedir desculpas, nada aconteceu. Mas por que ficou tão nervoso?

— Odeio aquele cara, apenas isso. Só... fica longe dele, ok?

— Algo que eu deva saber?

— Sim, mas não agora. Quem sabe outro dia. — disse, repetindo suas palavras.

— Humm... Quando quiser, pode contar, está bem?

— Espera aí, quem esconde segredos aqui é você e não eu! — Apoiei-me sobre o cotovelo, meu olhar fixo nela. Era um terreno perigoso, sabia,

mesmo assim, atrevi-me.

— E irá permanecer em segredo! — Evy olhou em direção à janela.

— Pode confiar em mim. Sabe que sou seu amigo.

— Sei... obrigada. Mas é complicado, pelo menos por enquanto. — fez uma pausa. — Boa noite, Jim!

— Boa noite, Coelhinha!

CAPÍTULO 23

Meses antes

— Amiga? Estou aqui! — Ouvia, distante, uma voz familiar.

O que está fazendo aqui, no meu quarto?

Foi o que procurei dizer, no entanto, meus lábios não se mexeram e nenhum som foi emitido.

A boca seca deixava um gosto horrível e amargo. Um som constante e perturbador preenchia o cômodo.

— Vim pra te ajudar! Estou aqui e não vou a lugar nenhum até levá-los para casa!

*Não estou em casa? O que quer dizer com isso?
O que está acontecendo, afinal?*

— Só não entendo por que não me chamou para estar contigo nesses dias? Passou por tudo sozinha! Sei que não poderia ajudar em muita coisa, mas poderia estar ao seu lado e te apoiar, como sempre fiz...

Foi muito difícil...

Como ficou sabendo?

— Devia ter ligado, amiga. Fiquei sabendo pela TV! Todas as mídias falam sobre isso, sabia? Estou guardando todos os recortes. A gente vai rir de tudo isso ainda, viu? Muitos estão torcendo por vocês, pra conseguirem sair dessa. Vai ficar tudo bem, mas precisa acordar logo. Ele precisa de você!

Gustavo precisava de mim. O acidente! Foi horrível.

Tinha de levantar, precisava ajudá-lo! Já passou por muita coisa na vida. Ele dependia de mim e eu precisaria ser forte neste momento!

A dor atormentava em cada movimento que fazia para despertar do sono profundo, ocasionado pelas drogas. As pálpebras pesavam e algo incomodava minha garganta. Os pulmões doíam com entrada de ar. *Bips* e ruídos vinham de longe, até alcançarem meus ouvidos. A voz de Laura era constante e estridente.

Verifiquei o restante do corpo: os braços formigavam e alguma coisa agarrava minhas pernas. Lutei para abrir os olhos pesados.

Tudo à minha volta parecia cinza e nebuloso,

PERIGOSAS ACHERON

pisquei várias vezes até focar no rosto da amiga de infância.

— Enfermeira? Venha rápido! Ela está acordando — gritou Laura, histérica como sempre.

...

— Precisamos operá-lo com urgência — dizia o médico, com voz melancólica e semblante cansado.

— Mas ainda não se recuperou da última que fizeram! Ele está fraco — retruquei, retendo os soluços. Mãos e braços me ampararam, levando-me ao banco mais próximo no corredor interminável do hospital.

Foi-me permitido estar junto a ele no dia anterior. Não pude, nem ao menos, abraçá-lo, colocá-lo junto ao meu corpo. Muitos fios ligavam sua frágil vida a enormes aparelhos hospitalares.

Seu rosto, agora pálido, ainda apresentava os arranhões dos estilhaços, assim como o meu. Uma máscara de oxigênio cobria, em parcial, sua face. Tubos e monitores conectavam seu corpo, mantendo-o vivo.

Segurava forte em suas mãos nos momentos de

intensa dor e acariciava-lhe o rosto quando a dor abrandava e se acalmava. Era difícil suportar vê-lo nesse sofrimento, várias vezes, perdi os sentidos e quase desmaiei.

Senti-me incapaz. Impotente! Na extrema miséria humana, chegando ao meu limite. Precisava ser forte por ele, mas não encontrava meio de arraigar forças.

Queria encontrar uma forma de arrancá-lo daquele sofrimento, desejava ocupar seu lugar. Arrancá-lo de tal angústia. Sentia-me culpada por toda dor que incidia sobre seu corpo.

Meu amor não merecia, tudo aconteceu por minha culpa... não estaríamos ali, naquele momento, se não fosse pela minha incapacidade de cuidar e de protegê-lo.

— Sim, mas a hemorragia continua — prosseguiu o médico —, agora em outro órgão. Se não o operarmos neste momento... — O doutor fez uma longa pausa. Não havia necessidade de terminar a frase. — Precisa assinar os papéis.

Mordi os lábios nervosa, acenei devagar a cabeça em afirmativo, porém sequer consegui mover as

mãos. Entregou-me a prancheta com uma infinidade de documentos. Não tinha cabeça para lê-los. Laura se adiantou e segurou-os por mim.

Minhas mãos tremiam, minha fé estava abalada.

Sentia-me sozinha.

Uma das lâmpadas acima de nós piscava, intermitente. O cheiro de formol e produtos de limpeza impregnavam os sentidos. Um arrepio passou por minha coluna.

Chorei abraçada à minha amiga.

CAPÍTULO 24

Evelyn

— Dávamos todo o apoio de que precisavam, desde cestas básicas, integração ao mercado de trabalho, serviço de creche noturna para as mães poderem trabalhar nas fábricas e indústrias com tranquilidade, ou fazerem cursos profissionalizantes. — Jim ouvia com atenção demasiada ao que eu falava, com as mãos nos bolsos da calça.

Bem cedo eu já estava correndo, como de costume, no entanto ganhara um companheiro de corrida. Jim levantava-se de manhãzinha, comigo, e seguíamos no mesmo ritmo por quilômetros.

Ao fim de mais uma corrida, caminhávamos com o intuito de diminuir a frequência cardíaca. Aos poucos, eu contava partes da vida que tinha na Capital, contudo nada muito pessoal, apenas sobre o projeto social e pedagógico em que atuava como professora e coordenadora, ou sobre amigos,

vizinhos e outros assuntos enfadonhos da rotina de uma cidade grande.

— Era um trabalho realizado com jovens de baixa renda — continuei —, com mães solteiras que abandonaram a sala de aula tendo em vista a chegada do bebê na vida delas.

Já havia passado uma semana após a reunião com o secretário e o prefeito. Tudo caminhava bem. Os dias eram divertidos. Gostava da companhia de Jim, que respeitava minhas reservas e parecia interessado quando, raras vezes, falava sobre mim.

— Muito interessante, mesmo, esse projeto! Quais eram os cursos oferecidos?

— Ofereciam cursos pré-vestibulares e para concursos, cursos técnicos de estética, corte e costura, e outros desse tipo para as mães conseguirem independência financeira, já que não podiam contar com a ajuda do pai da criança ou dos demais familiares. — Fiz uma pausa, lembrando da triste realidade das jovens-mulheres, passando por certas dificuldades na vida, assim como eu.

— E você atuava como coordenadora da escola?

— Na verdade, coordenava o projeto da cidade.

Muito trabalho, mas prazeroso.

— Poxa, que bacana, um trabalho muito legal! — falou Jim, chutando uma pedra que se encontrava no caminho.

— Eram três escolas ao todo, além disso, dava algumas aulas de redação, interpretação... adorava esse trabalho. Uma verdadeira motivação!

Era a primeira vez que expunha algo particular para ele, no entanto, escolhia as palavras com cuidado para não entrar em território muito pessoal.

— E o que aconteceu? O projeto terminou? Não posso acreditar que te tiraram de lá, tendo em vista que o prefeito Rossi disse que estava fazendo um ótimo trabalho na Capital.

— Não me tiraram. Tive uns problemas pessoais e precisei me afastar — disse nervosa, arrancando uma folha de árvore por onde passávamos.

Havíamos saído do território neutro e ele começava a fazer perguntas que eu não gostaria de responder. Estava se aproximando demais do motivo da minha chegada a Borópolis, pois a saída do projeto correspondia, nem mais nem menos, aos últimos fatos e acontecimentos traumáticos.

Precisava tomar cuidado ao expor a minha vida, não queria que mais ninguém soubesse. Repórteres e jornalistas haviam feito muito alvoroço em cima disso, mas o escândalo não havia chegado até ali, no interior do estado, e eu gostaria que continuasse assim.

Minhas mãos transpiravam, geladas! Se ele perguntasse os reais motivos para minha mudança ou quais eram esses problemas, precisaria encontrar uma mentira para dizer, não poderia ser ríspida dando uma resposta atravessada. Não queria mentir, muito menos podia contar a verdade. Tinha um carinho muito especial por Jim, apesar do princípio conturbado, não queria magoá-lo.

A solução seria mudar de assunto para voltar ao meu casulo, e tudo estaria resolvido!

— Alô — Jim atendeu o celular que vibrara algumas vezes no bolso da bermuda. Atendeu sem interromper a caminhada. — Sim, sou eu!

Respirei, aliviada, sendo salva pelo toque do celular. Procurei não prestar atenção na conversa ao telefone, pensando naquelas mães... como estariam hoje? Quem assumiu o projeto, precisaria ter feito

algumas alterações nos documentos para atender as jovens de outros bairros que procuravam o curso. Será que as salas comportariam mais pessoas? Era necessário contratar mais professores, monitores para se adequar à nova demanda. Divaguei sobre as questões que não competia mais a mim resolver.

Jim segurou-me pelos braços, fazendo com que eu parasse na calçada. Nesta altura da caminhada, estávamos a um quarteirão de distância do prédio.

— Claro que vou! Pode confirmar, sim — olhava-me com excitação. — Você aceita ir a um barzinho, hoje à noite, com música ao vivo? — perguntou-me, afastando o aparelho celular da boca.

— Sim, por mim tudo bem.

— Confirmado, então. Pode, por favor, reservar uma mesa para quatro, próximo ao palco? — Abriu seu sorriso de menino travesso e lançou sua costumeira piscadinha para mim.

— O que é que você está tramando, hein? — Voltamos a andar assim que desligou a chamada.

— Nada, apenas marcando um compromisso especial para a noite. Um show ao vivo, em um

barzinho familiar daqui. Espero que goste de música.

— Gosto de músicas, boas músicas. Poderia ser mais específico quanto ao estilo musical e o repertório que vamos ouvir, por favor? Não é funk e nem pagode, espero! — Jim gargalhou.

— É boa música, você vai gostar. — Puxou minhas mãos apressando os passos de volta para casa.

...

Depois do café, os meninos saíram, dizendo que precisavam levar o carro ao mecânico, trocar pneus e outras coisas, iriam demorar. Laura se sentou na sala com seu notebook a fim de fazer algumas pesquisas para a festa de aniversário. Peguei um livro, sentando na poltrona da sala, fazendo companhia à minha amiga.

Ela tagarelava e me fazia infinitas perguntas sobre itens de decoração, copos e outras tantas coisas. Deixei o livro de lado, dando-lhe toda a atenção.

— Vem! — disse, puxando-a para a cozinha comigo, depois de algumas horas.

— Pra onde, menina?

— Para a cozinha! Vamos preparar o almoço.

— De jeito nenhum! Você prepara e eu lavo a louça depois — reclamou, contrariada.

— Vamos? Vai ser divertido, Laurinha! Como nos velhos tempos... vem!

Era mais fácil para mim, quando os meninos não estavam por perto, por mais que gostasse da companhia de Jim, precisava escolher as palavras para não me expor demais, evitando certos assuntos para não contar partes do meu passado, como ocorreu pela manhã.

Com Laura era mais fácil, podia ser verdadeira. Ela sabia e evitava tocar no assunto, e, assim, nos divertíamos tal como quando éramos mais jovens. Lembramos da época em que morávamos juntas e que saíamos para dançar com os rapazes. Rimos, conversamos e, no fim, preparamos uma bela de uma macarronada! Seu prato favorito.

— Já é uma hora da tarde. Acho melhor a gente comer, antes que esfrie.

— Mas, e os rapazes? Disseram que horas voltariam? — perguntei, olhando para os quatro

pratos postos sobre mesa.

— Quando resolvem arrumar o carro, levam o dia todo! É melhor não esperar.

Era estranho não ter Jim ao meu lado, onde costumava se sentar, eu sentia sua falta.

— Bem, é um dia do Clube do Bolinha e da Luluzinha! — disse Laura, percebendo meu desapontamento. — Pelo menos você está aqui, comigo. Várias vezes fiquei sozinha, por horas intermináveis, enquanto mexiam no carro. — Ela parou para colocar uma porção em seu prato. — Depois, apareciam todos sujos de graxa, como se nada tivesse acontecido.

Sorri com a imagem dos dois enfiados debaixo do carro e voltando sujos de graxa! Difícil de imaginar.

Terminado o almoço, lavamos a louça e fui colocar algumas roupas na máquina de lavar. Estava começando a ficar sem roupas limpas e precisava criar uma rotina, não estava viajando de férias. Essa seria a minha casa por um bom tempo. A ideia começava a me agradar.

— Agora, vem, chega de trabalhar — disse

Laura, sentando no sofá com o controle remoto nas mãos. — Quero terminar aquela temporada.

Eram cinco horas da tarde quando Laura correu ao quarto para atender o celular que persistia em tocar, gritando no meio do caminho para que eu pausasse a TV.

— São os meninos! — gritou de longe para mim. — Está bem, estaremos prontas no horário. — Eu a ouvi dizer ao telefone. — Evy, os meninos já estão voltando! Jim pediu para que a gente se arrume e deixe o banheiro livre pra eles, para quando chegarem.

— Por que tanta pressa? O que houve?

— Vamos a um barzinho. Ele disse que você já estava sabendo.

— Ah, sim, havia me esquecido! Que horas vamos sair?

— Parece que às oito — falou distraída, pegando uma troca de roupas no armário e indo ao banheiro do seu quarto. Segui até o meu, fazendo o mesmo que ela, e indo tomar banho no banheiro do corredor.

Romeu chegou sozinho, uma hora depois e, em
PERIGOSAS ACHERON

instantes, se aprontou enquanto terminávamos de nos maquiar.

— Como vocês demoram. Credo! — exclamou Romeu da sala, onde nos esperava.

— Pra homem é fácil dizer, não é? É só vestir a primeira roupa que veem pela frente e pronto!

— Mas e o Jim? Onde ele está? Ele não vai com a gente pra lá? — perguntei, estranhando ele não ter chegado.

— Ele teve um imprevisto mais cedo e passou aqui para buscar a moto. Vai encontrar com a gente lá. Agora, vão, se apressem!

Minutos depois, Romeu dirigia por entre as ruas da cidade, até parar no tal barzinho, não muito longe do apartamento.

O ambiente parecia familiar, com luz baixa, tornando o ambiente agradável. Espectadores ocupavam boa parte das mesas e cadeiras. À direita, via-se o balcão expondo suas diversas bebidas, onde rapazes uniformizados agitavam os coquetéis no ar. À frente, havia um banco alto e um violão encostado na vertical, ao lado de um microfone preso em um pedestal, provavelmente o

local preparado para o cantor da noite. Caixas de som espalhadas nas paredes, transmitiam uma suave música da MPB, tornando o ambiente ainda mais aconchegante. Retratos de pessoas famosas estavam expostos em grossas molduras de madeira, completando a decoração do ambiente.

Procurei Jim, olhando por todos os lados. Laura segurou minhas mãos.

— Ele vai chegar a qualquer momento. Fica tranquila e procure se divertir!

— Sim, eu sei. — Tentei parecer confiante, porém, meu coração se apertava devido à sua demora. Esforcei-me para relaxar, notícias ruins chegam rápido, não é?

Celeste e Gonçalves estavam em uma mesa próxima, acenei para que se aproximassem, era bom revê-los.

— Como vai, querida! — cumprimentou Celeste, com um carinhoso abraço. — Fico feliz em ver que ainda está na cidade! Sinal que as coisas estão dando certo, sim?

— Tudo está indo muito bem. Preciso acertar alguns documentos, mas a vaga está garantida! —

Virei-me ao seu esposo: — E você, Gonçalves, como vai?

— Melhor agora, minha flor — disse-me, beijando as costas de minha mão. *Muito gentil e cavalheiro*. Celeste, com certeza, era feliz ao seu lado. — Mas deixe-nos voltar à mesa, hoje viemos para namorar, além de prestigiar esse maravilhoso cantor — concluiu em meio a largos sorrisos.

Acomodei-me junto ao Romeu e à Laura. Um garçom se aproximou de nossa mesa para entregar refrigerantes, cerveja e uma porção de batatas fritas. O local, de um minuto a outro, estava repleto de pessoas, com as mesas todas ocupadas.

— Jim ainda não chegou. Estava tão animado pra vir aqui hoje.

— Houve um imprevisto. Logo, logo estará aqui — tranquilizou-me Romeu.

— Imprevisto? Que tipo de imprevisto? Ele está bem?

— Está preocupada com ele ou com saudades, Evy?

— Acostumei com a sua companhia, só isso. — Dei de ombros.

As luzes diminuíram e pude ouvir o som do violão sendo testado. Um suave dedilhar encheu o ambiente.

Percebi os sorrisos maliciosos dos meus amigos. A verdade é que sentia a falta de Jim, da maneira como falava comigo, como olhava para mim, segurava-me pelas mãos ou arrumava meus cabelos... Quando ele se aproximava de mim, eu perdia o chão, os sentidos cediam e a razão me abandonava. Meu coração disparava quando seus lábios... *Meus Deus!* Afastei os pensamentos.

Deveria tomar cuidado, ficar o mais longe possível. Não poderia me apaixonar, no entanto, precisava de sua companhia e não conseguia me afastar. Estaria mentindo para mim mesma, se negasse. Estava cada dia mais difícil de disfarçar e esconder de mim mesma.

Aos poucos, as luzes do palco aumentaram de forma gradativa, e todos aclamaram o cantor da noite. Tamanha foi a minha surpresa quando olhei. Era *ele!*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

Evelyn

Jim estava bem ali, à minha frente, sentado, usando a perna como apoio para tocar violão. Estava lindo! Vestia uma camisa preta e uma calça jeans. Seu sorriso e olhar eram voltados para mim. Eu não podia acreditar!

Estava encantada com a surpresa, boquiaberta e derretida! Devia ser uma espécie de pegadinha, uma brincadeira, com certeza! Não sabia que ele cantava, muito menos que tocava em barzinhos à noite.

Começou a cantar com uma voz suave e rouca, ainda desconhecida por mim. Continuei ouvindo, atenta, com as mãos sob o queixo, maravilhada, esperando alguém me dizer que tudo não passava de uma pegadinha. Sentia a garganta secar, diante à surpresa que tive.

Por que nunca comentou comigo que tocava e cantava? Por que não me disse, pela manhã, que

era ele quem estaria tocando? Deve ser por isso que sumiu o dia todo.

Cantou uma música bonita, *House of Rising Sun* do White Buffalo, estilo country que se ajustava com perfeição ao seu tom de voz e estilo de vida. Era incrível. Todos aplaudiram quando terminou a primeira música.

Como ele pedira ao telefone, haviam reservado uma mesa bem em frente ao palco improvisado. Minha visão era privilegiada.

— E aí, o que achou? — perguntou Laura, me tirando da letargia enquanto ele iniciava uma nova música.

— O que achei? É lindo! Quero dizer — sentia-me uma adolescente idiota —, Jim canta muito bem, não imaginava. Foi uma surpresa e tanto!

Como sempre acontecia, garotas desfilavam para ele com sorrisinhos, exibindo o corpo através dos decotes e roupas justas curtíssimas. Uma vez ou outra, deixavam bilhetinhos para ele. Então compreendi porque tinha as mulheres que queria!

Jovem, bonito, desimpedido e ainda cantava à noite... Elas se atiravam sobre ele, que, por sua

vez, não as deixava esperando. Isso me irritava, porém a vida era dele, e as garotas, “vacinadas”, sabiam o que estavam fazendo. No entanto, seus olhos não saíam da mesa onde me encontrava. Eu adorava tudo aquilo. Vidrada em sua voz, meus olhos estavam ligados aos dele, e os dele aos meus.

— Boa noite, pessoal! Amigos — falou, assim que terminou mais uma música. — Agradeço a presença de todos nesta noite... — Foi interrompido pelos aplausos e gritos de felicitações. — ... muito especial para mim.

— Até que enfim, hein, Jim! — gritou um rapaz na multidão.

— Já estava sentindo a sua falta com esse violão na mão! — gritou uma mulher não muito longe de nós.

— Como puderam perceber, estava meio afastado do violão, por alguns motivos pessoais... na verdade, estava um pouco desanimado.

— Que nada, estava mesmo é com preguiça! — exclamou Romeu, fazendo muitos rirem.

— Mas o que acontecia, na realidade, é que eu procurava por alguma inspiração ou algo especial

que me motivasse a cantar de novo. — Mais aplausos e ovações. — E encontrei, há alguns dias atrás, uma musa inspiradora... a minha musa!

— EVELYN! — gritou Laura ao meu lado.

Meu rosto ardia de vergonha. Alguns assoviaram estridente.

— Agora, ninguém me segura, voltei com gás total! — terminou de falar e me lançou uma piscadinha. Todos aplaudiram e gritaram, meninas sacudiam as mãos, espantando o “calor”.

Depois de mais algumas músicas, e sempre muito aplaudido, Jim se levantou, descansando o violão no mesmo lugar de antes, e veio à nossa mesa, sentando-se ao meu lado.

— E aí, Coelhinha, o que achou? — Beijou-me na testa. Romeu e Laura nos olhavam com sorrisos exuberantes, nada discretos.

Um garçom se aproximou, entregando-lhe uma lata de cerveja. Sua pele brilhava com o suor, diante da pouca luz do ambiente. O perfume exalava por seus poros. Sedutor...

— Parabéns, foi maravilhoso! Você escondia de mim esse tempo todo o seu talento? Não acredito!

— Não escondi, apenas não surgiram oportunidades para falar sobre isso. E, como disse, estava desanimado. Hoje de manhã, quando o dono do barzinho me ligou...

— A Evy te inspirou! — interrompeu Laura, escandalosa como sempre.

— Cala a boca, Laura! — recriminei.

Sentia borboletas no estômago e estava nostálgica com o que dissera há pouco. De fato, era muito romântico e toda mulher gostaria de ouvir, mas não queria me iludir ou dar falsas esperanças a ele.

— Desculpa, desculpa. Não está mais aqui quem falou. Mas que foi fofo, foi!

— Querida, vamos pegar mais uma bebida, comigo? — Romeu a arrastou para longe, contrariada.

— E as músicas? O que achou do repertório? Você disse que não curte funk e pagode, mas este estilo musical te agrada? Country, soul, blues ou jazz... Gosta de Country-rock americano?

— Muito! Amo essas músicas! E ficou perfeito em sua voz. Parabéns!

— Então, você deve ter um pedido especial?

— Tenho vários — disse fitando seus olhos. — Mas por que tanto suspense, hoje? Sumiu o dia todo. Disse estar consertando o carro, seu mentiroso!

— Não menti! Levamos o carro à oficina mecânica, de verdade, só que, de lá, vim para cá, passar o som, essas coisas. Tomei banho aqui e coloquei as roupas que Romeu trouxe — disse, saboreando a bebida.

— Pois é, e Romeu completou seu suspense! Disse que você teve um contratempo ou algo assim. Fiquei preocupada. — Abaixei os olhos, sentindo a face corar.

— Ficou? Por quê? — indagou, se aproximando de mim.

— Sei lá, fiquei preocupada. Acho que foi isso. Você me convidou para vir com você e depois sumiu. Romeu disse que estaria aqui, mas quando cheguei não te vi e...

— E... — insistiu para que eu terminasse a frase. Respirei fundo, procurando as melhores palavras.

— Senti sua falta. — Meus cabelos soltos caíram por sobre os ombros e, como de costume, Jim

colocou-os para trás. Um arrepio passou pelo meu corpo ao receber o seu toque.

Pessoas se aproximaram dele, parabenizando-o, pedindo ou sugerindo canções. Senti alívio pela interrupção, não era o momento certo para expor sentimentos que nem ao menos eu conhecia direito.

Minutos depois, Jim avisou que precisaria voltar ao palco.

— Quer pedir alguma música em especial?

—Não. Quero apenas te ouvir.

Havia uma música, muito especial para mim, mas não me atreveria a pedir que a cantasse. Seria o mesmo que abrir uma ferida que ainda não cicatrizara.

CAPÍTULO 26

Jim

Minha musa inspiradora! Era a mais pura verdade e não apenas flerte e cortejo. Outrora, recebera convites para tocar, mas recusara, apesar da grana ser muito boa. No entanto, me encontrava desanimado no último ano e, quando recebi esse convite, Evy estava ao meu lado, era a inspiração que precisava para tocar naquela noite.

Era maravilhoso ver a forma como ela olhava para mim enquanto cantava, como se existisse apenas nós dois, sem problemas, reservas e segredos.

A casa estava cheia, muitos haviam aparecido, mas, para mim, nada importava, tocava apenas para Evelyn. Mesmo sabendo que insistia em sermos amigos, eu não conseguia esconder de mim, e de mais ninguém, os sentimentos que mantinha por ela.

Em certos momentos, através de seus olhares e

sorrisos, percebia que ela sentia algo por mim além da amizade que tanto persistia, e isso me motivava a tentar conquistá-la um pouco a cada dia.

Do palco improvisado, vi o momento em que Leonardo aproximou-se da mesa de meus amigos, sentando-se no lugar reservado a mim. A noite deveria ser perfeita, não ia permitir que aquele otário estragasse tudo, entretanto, a paz que sentia enquanto tocava, de repente, esvaneceu-se, transformando-se em ira.

A presença dele me irritava. Era pura provocação, tinha consciência disso e precisava me controlar. Romeu estava com ela e não o deixaria levá-la dali, mas o fato de vê-lo tão próximo de Evy me aborrecia ainda mais.

— E aí, Leonardo será que poderia desocupar o meu lugar? — procurei ser calmo ao me aproximar, depois de algum tempo cantando.

Não queria briga, tinha outros planos para o fim desta noite, entretanto, não conseguia manter a concentração no show com Leonardo provocando-a com seu flerte.

— Não. Não vou me levantar porque estou tendo

uma conversa muito agradável aqui com a... *Coelhinha* — disse irônico.

— Coelhinha? — levantei-o a força puxando pela gola da camisa. — Esse não é o nome dela pra você. Se você não se recorda, posso te refrescar a memória.

Ao dizer isso, senti mãos segurando meus braços. Estava tão tomado pela cólera e pelo ciúme que não iria parar até quebrar a cara dele.

— E o que pretende fazer? Ir à delegacia? Qual será a acusação? — Ele ria com escárnio. — Ou partir para a pancadaria, como das últimas vezes? — disse, se livrando de minhas mãos, arrumando a camisa. Você é previsível demais, cara.

— Acho bom resolverem o problema de vocês lá fora, Leonardo — Romeu tentou apaziguar a iminente briga. — Viemos para nos divertir e ninguém aqui quer testemunhar as desavenças dos dois. Por favor!

Muitos tinham conhecimento das nossas discordâncias e diferenças, sabiam que a linha de equilíbrio era tênue. Por isso, alguns tentavam evitar o conflito, se interpondo entre nós, enquanto

outros se aproximavam ao redor para ver de perto a cena que se desenrolaria desta vez.

— Jim, para com isso! Escuta o que o Romeu está falando, por favor! — Pude ouvir a voz assustada de Evy.

O que ela não sabia era que eu fazia isso pela segurança dela. Ninguém sabia, aliás, os reais motivos que me levaram a brigar com ele das outras vezes.

— Não vim para brigar; pelo contrário, sou contra qualquer tipo de violência, você sabe disso, não é Jim? É bom vocês controlarem esse seu amigo aí. Ouvi dizer que uma coleira ajuda...

— Presta atenção, seu hipócrita idiota! — falei, empurrando o peito dele com o dedo indicador. — É bom ficar longe da Evy, senão vai ter que se ver comigo, entendeu? Talvez, resolva contar algumas coisas para as pessoas certas.

Leonardo levantava as mãos como se pedisse desculpas, mas ria sentindo-se superior a tudo.

— Deixe Evy em paz! — continuei.

— Por quê? Você é o dono da garota, por acaso? Ela é só mais uma de suas *azarações*, todos aqui

sabem disso. Foi isso que você falou dela por aí, não foi?

— O quê? — Evy parecia indignada.

O que esse otário estava dizendo? Inacreditável!
Desta vez ele havia se superado.

— Ah, desculpa — falou olhando para Evy —, você não sabia disso, não é? Muita gente anda falando que...

— É melhor calar essa boca, Leonardo! —
Avancei em sua direção.

— Okay, estou queimando seu filme com a gatinha, não é? Mas me diga, logo ela estará disponível? Creio que em mais alguns dias, poderei ver o que te agradou tanto nela. Dizem por aí que ela é boa de cama, por isso você está tal qual um cachorro...

Agarrei-o, desta vez acertando um soco em seu olho direito antes mesmo que terminasse a frase. Alguém previu o que ia acontecer e se antecipou, segurando meus braços, mas, mesmo assim, consegui golpeá-lo com toda força.

O rapaz, mesmo cambaleando pelo impacto do golpe, conseguiu pegar a garrafa de cerveja acima
PERIGOSAS ACHERON

da mesa e desferir em minha cabeça. O sangue jorrou, escorrendo pelo meu rosto. Não importava. Nada mais me importava. Estava louco e cego de raiva.

Precisava calar a boca deste imbecil que estava desmoralizando Evy na frente de todos! Não importava o que eu era para ela, se me amava ou se o que sentia por mim era apenas amizade. Queria protegê-la de tudo e de todos. Este canalha não iria ofendê-la, como fez com as outras garotas, e sair ileso. Nunca! Não desta vez.

Preparei-me para dar outro golpe. Ouvia Laura gritando histérica e Romeu tentava dialogar, inútil. Eu estava fora de controle. A fúria controlada durante o último ano veio à tona e ninguém conseguiria me segurar. Dei-lhe um soco no estômago e mais outro em seu rosto, jogando-o de encontro às mesas mais próximas.

Só ouvia-se gritos de protesto, ao longe, e ossos quebrando, não sei se de minhas mãos ou da cara dele. Peguei Leonardo do chão, pela gola da camiseta, obrigando-o a ficar de pé.

— Jim, para, por favor! — Era a voz de Evelyn

gritando, sem saber o que fazer para impedir o próximo soco que se aproximava. — JIM!

Ao som de sua voz alterada, refreei meu punho e olhei para ela. Lágrimas corriam por seu rosto. Larguei aquele imbecil que caiu de volta ao chão. Virei-me para ela, secando-lhe as faces.

— Desculpe, Coelhinha, não podia deixá-lo falar assim de você! Desculpe, não queria estragar a nossa noite.

— Me solta! Ele não falaria assim se não soubesse da fama que você tem! — Olhou para o rapaz que estava sendo atendido por outras pessoas.

— Não é bem assim! Você não conhece esse cara, ele não é o bom samaritano na história.

— Incrível, como você consegue me fazer passar por ridículo na frente de todos! — disse olhando para os lados. Muitos olhavam para a cena, assustados. — É desta forma que a cidade está me vendo, não é? Como mais uma de suas meninas? — Um riso seco saiu de sua garganta. — Sabe o que é engraçado? Eu já imaginava isso.

— Não é nada disso, Coelhinha.

— Para de me chamar assim! — Apertou os

PERIGOSAS ACHERON

olhos com os dedos. — O que você anda falando por aí? Que já conseguiu me levar pra cama ou me arrastar para o seu sofá? — disse, tentando controlar o volume da sua voz.

— Não! É claro que não! Nunca falaria uma coisa dessas, não de você! Você não é apenas uma conquista, meus sentimentos são verdadeiros! Não estou brincando contigo, Evy, gosto de você pra valer!

As palavras saíram num ímpeto. Não queria me declarar desta maneira, ali, na frente de todos, em meio a brigas e confusões. Estava sendo sincero, no entanto, percebi que ela ficara desorientada com o que falei.

— Quer saber... — Virou-se para a saída. — ... esquece!

CAPÍTULO 27

Evelyn

Olhei os expectadores ao redor, se aglomerando para ver aquela cena grotesca, esperando a próxima reação num silêncio constrangedor. Avistei Laura e Romeu, espantados, ao meu lado. Leonardo foi levantado do chão e Jim parou em minha frente, ofegante. Os dois estavam com o rosto sangrando.

Saí correndo de lá, esbarrando nas pessoas, perdida e confusa. Tomada pela vergonha. Não era possível, Jim me fizera passar por ridículo mais uma vez. De acordo com Leonardo, a cidade inteira comentava que eu não passava de mais uma de suas conquistas e, ainda, de estar transando com ele!

Imaginava que muitos estariam comentando sobre nós dois, afinal, nós estávamos sempre juntos; contudo, não esperava que Jim fosse tão cafajeste a ponto de inventar intimidades e sair comentando por aí, aos quatro cantos da cidade. O que havia falado de mim? Sobre nós?

E, agora há pouco, falou sobre sentimentos verdadeiros. *Rá! Até parece!* Baboseiras, cantadas de um *mulherengo sem vergonha!* Não acreditava que eu estava fazendo papel de idiota, caindo direitinho na conversa dele.

Audacioso, veio à nossa mesa com violência gratuita e desmedida, considerando-se meu dono. Até aquele momento estava tudo bem, Leonardo apenas conversava conosco, não havia nada de mal nisso. Está certo que se enchia de insinuações, mas não estava interessada nele.

Mas o que eu podia fazer? Expulsá-lo da mesa? Ser ríspida e grosseira com um rapaz que não havia feito nada para mim? A desavença dos dois não tinha nada a ver comigo! Correto? E aquele ataque desmedido? Pra que tanta agressão?

Odeio qualquer tipo de violência, comigo ou com outra pessoa. Minha vida, nos últimos anos, fora baseada nela, e não ia admitir nenhuma atitude descabida. Não, nunca mais!

Não queria me envolver com Leonardo! Não podia me envolver com ninguém. Na verdade, não *queria estar* interessada em ninguém! Só Deus sabe

como isso complicaria meus planos para o futuro, se emaranhando com o passado não resolvido, de maneira calamitosa.

Tentei, em vão, me soltar, quando mãos firmes me seguraram. Olhei para meu interceptor: Gonçalves. Celeste se aproximou, me envolveu com seu abraço fraternal e me levou para fora.

— Por que está acontecendo tudo isso, Celeste? — disse, já dentro de seu carro. — Vim parar aqui, nesta cidade, porque estava cheia das pessoas me olhando e apontando o dedo. Agora, sou motivo de comentários na cidade por causa de um idiota como Jim.

— Oh, minha querida, as pessoas falam daquilo que não sabem! Você é nova numa cidade pequena e mora no mesmo apartamento do rapaz mais mulherengo de Borópolis. — Celeste me abraçava, sentada comigo no banco traseiro do carro, enquanto Gonçalves dirigia.

Não queria chorar, não por ele. Enxugava os olhos com força, me livrando das lágrimas teimosas que insistiam em cair.

— Mas e o que ele disse sobre o que sentia por

você? Não está levando em consideração, Evy?

— Desculpe, Celeste, sei que você é amiga dele e da família, mas que se dane o que ele disse. Okay? — falei, revoltada. — É tudo mentira, papo furado pra me iludir e se safar das acusações do outro...

— Tudo bem, compreendo sua raiva, mas fica tranquila que tudo vai passar.

— Calma, querida! Você também não pode dar tanto crédito para o que Leonardo falou — Gonçalves comentou, olhando pelo espelho retrovisor —, ele sempre teve inveja do Jim e de seus irmãos, por isso disse tudo aquilo. Os dois brigam desde pequenos.

— Deve haver mais alguma explicação! Ninguém tem inveja ou despeito por outra pessoa, se não há um motivo real — falei, procurando por informações que justificassem a atitude violenta.

— Sim, há um motivo... — Celeste fez uma pausa, passando as mãos em meu ombro, ainda abraçada comigo. — ... há um ano, Jim...

— Meu bem, acho melhor deixar a garota conversar com o Jim, e ele contar.

— Não! Eu preciso saber. Fala, Celeste! Por

PERIGOSAS ACHERON

favor...

— Leo sempre foi provocador, mas, há um ano, sua namorada o deixou para ficar com Jim, pelo menos é o que comentaram na época. Depois disso, se engalfinharam várias vezes, na sua maioria, por causa de mulheres. Mas creio que Jim deve ter uma explicação razoável pra isso.

Não podia acreditar no que ouvia. Eu servia apenas de troféu para eles? Jim roubou a namorada de Leonardo, agora este queria dar o troco?

...

O quarto tinha a decoração toda em cor de rosa e era composto por uma cama e um guarda-roupa de solteiro. Fotos de uma jovem garota estavam espalhadas pelo espelho e no painel sobre a cama. Reconheci Celeste e Gonçalves, abraçando a garota em diversas fotos, ilustrando fases e momentos de sua vida: praias, festas de aniversário, Natal... Deduzi que era a filha dos meus anfitriões, mas onde estaria neste momento? Na Universidade, como o irmão de Jim? Julgando pela decoração do quarto, ainda era muito nova para isso.

No banheiro, tomei uma rápida ducha para me

PERIGOSAS ACHERON

recompor. Coloquei a roupa separada por Celeste: uma calça de moletom preta e uma camiseta cor de rosa, com desenho de ursos. Serviu com perfeição.

Saí do quarto mais calma e envergonhada pela situação em que eu mesma me encontrava. Percebi que os dois conversavam na cozinha e caminhei até lá.

— Jim está acostumado a ter todas as garotas que sempre quis.

— Pois é, e agora, com Leonardo rondando, ficou atormentado com a ideia de perder a Evelyn. — Pude ouvir a voz da Celeste e de seu esposo, sussurrando na cozinha. Não haviam percebido a minha presença.

Estagnei, enfurecida. Justo no momento em que havia percebido estar apaixonada por Jim, entendia que eu não passava de um brinquedinho nas mãos dos dois! Apenas um objeto de conquista.

Não era mais adolescente para sofrer por amores impossíveis ou indesejáveis, problemas maiores assombravam-me dia e noite. Havia aprendido muitas coisas na vida e dar a volta por cima era uma delas, não deixar me abater.

Logo ninguém mais lembraria da noite de hoje. Iria seguir a vida sozinha e esquecer o que achava estar sentindo por Jim. Era o melhor a se fazer.

Respirei fundo, organizando as emoções, e continuei o trajeto até a cozinha, decidida. As vozes do casal continuavam em sussurros quando entrei.

— Olá, querida! Sente-se aqui — disse Celeste ao perceber minha aproximação.

— Tome um chá conosco.

— Obrigada. — Peguei a xícara, sentando-me à mesa. Acompanharia por educação, não conseguiria beber, meu estômago doía.

— Como você está, meu bem? — perguntou Celeste segurando minhas mãos, assim que Gonçalves se retirou, nos deixando sozinhas.

— Vou sobreviver, não se preocupe — respondi forçando um sorriso. — Não queria estar envolvida nessa situação, mas já que foi inevitável, vou seguir em frente. Amanhã procuro um novo lugar para morar. O mais difícil, o emprego, consegui, as outras coisas são mais fáceis de resolver.

— Vejo que você tem força de vontade, superará isso com “os pés nas costas”, como dizia minha

PERIGOSAS ACHERON

mãe — falou isso dando batidinhas na minha mão, me confortando.

— Posso passar a noite aqui? Se não for atrapalhar?

— Claro, não atrapalha em nada! Aquele quarto está vazio há anos, será um prazer para nós vê-lo ocupado outra vez. Fique o tempo que precisar.

— É o quarto da sua filha? Onde ela está?

— Ela foi embora há oito anos, para outra cidade, depois de uma discussão tola que tivemos. Tinha vinte anos na época, ainda uma criança! — Secou os olhos com as costas das mãos, emocionada pelas lembranças.

— Sei que estou intrometendo demais na sua vida, mas... o que houve, que a deixou tão frustrada para ir embora desse jeito?

— Escondemos dela que não era nossa filha legítima. Quando descobriu, bem, você imagina como ela se sentiu traída, não é? Mas não fizemos por mal, nós apenas... queríamos protegê-la.

— E depois disso nunca mais a viu?

— Fui atrás dela algumas vezes, porque uma mãe nunca desiste, não é? Mas ela não quer saber de PERIGOSAS ACHERON

mim. Não quer me perdoar.

— Sinto muito, Celeste. Isso é, de verdade, muito triste. Quando foi a última vez que falou com ela?

— No Natal, há alguns anos.

— E por que não tenta de novo?

— Não, querida. Ela deixou bem claro que não iria nos perdoar e não nos queria por perto.

— Às vezes está apenas esperando sua ligação para voltar correndo, Celeste. Ou, talvez, necessitando receber um abraço — disse a ela, afagando suas mãos. Era a minha vez de confortar Celeste. O rosto molhado pelas lágrimas deixavam-na anos mais velha, precisava de apoio.

— Será, querida? Já perdi as esperanças em tê-la perto de mim de novo.

— Celeste, uma mãe nunca desiste. Você mesma disse isso. Ela está viva e tenho certeza de que, com as palavras certas, o coração vai se quebrar e ela vai te perdoar! Não importa o que aconteceu no passado, não é? Tudo ficou para trás.

— Ah, minha menina! Você fala com tanta prioridade, mas ainda é tão jovem. Não sabe como é difícil...

— Ela está viva, em algum lugar, Celeste, talvez pensando e precisando de você neste momento — animei-a.

Não queria me expor, no entanto, precisava rasgar meu coração para mudar a história da Celeste e da filha.

— Sabe, Celeste, preciso contar uma história pra você. — Olhei-a nos olhos e contei-lhe a minha vida, a minha história.

CAPÍTULO 28

Jim

— E aí, Jim? Como está? — Romeu surgiu no quarto, sentando-se aos pés da cama.

Voltara ao apartamento após levar cinco pontos na testa, enfaixar a mão e comparecer à delegacia.

— O quarto fica vazio sem ela, cara. Como pude, em tão pouco tempo, me acostumar com Evy ao meu lado? — Sentei-me junto a ele.

— Sinto muito te falar, irmão, mas sabe que tem grande parcela de culpa por ela não estar aqui, não sabe?

— Eu sei. Sei e me condeno por isso! Não imagina o quanto. — Abaixei a cabeça, decepcionado com minha própria atitude. — Mas não fui eu quem provocou, você estava lá e viu. — O silêncio de Romeu era acusador. — O que queria que eu fizesse, Romeu? Sentasse junto com Leonardo, como se fôssemos colegas de infância, enquanto o via dar em cima da Evy?

— Só não precisava agir com tamanha violência. Você foi desmedido e imaturo em seus atos.

— Obrigado, amigo! Suas palavras são honestas demais, não acha, não?

— Ela não dava a mínima para o idiota, não precisava de tanto ciúmes.

— Errei, Romeu. Errei feio e agora... — disse olhando para a cama ao lado, vazia.

— Gosta dela de verdade, não é?

— Sabe, não tinha parado pra pensar sobre isso ainda, em como estava envolvido e apaixonado. No começo não passava de um passatempo, jogava as cantadas pra cima dela pra ver no que ia dar.

— Como faz com todas as garotas!

— Evy é linda! E todo aquele charme de mistérios e segredos me deixou perdido. — Sorri, sem graça. — Com o passar dos dias, fui me envolvendo de certa forma e, quando dei por mim, vi que não queria, apenas, levá-la pra cama. Queria mais que isso! Não queria só a amizade que ela estava disposta a me oferecer e exigia receber de volta.

Lembrei-me de seu sorriso e gargalhadas quando
PERIGOSAS ACHERON

estávamos juntos, a pele quente e macia. Estava ainda mais linda nessa noite, usando um dos vestidos longos que critiquei dias antes. Não imaginava que ela ficaria perfeita nele, acentuando tanto a simplicidade quanto suas curvas.

Entretanto, a imagem de Evy virando as costas para mim e me deixando naquela noite, era devastadora. Passei as mãos no rosto, frustrado.

— Pretende fazer o que, agora?

Iria atrás dela, aonde estivesse, precisava trazê-la de volta, para protegê-la e deixá-la segura ao meu lado. Explicaria meus motivos. No entanto, precisaria ponderar, pois a história envolvia outra garota e não achava justo expô-la desta maneira.

— Vê-la, amanhã bem cedo. Falaram que saiu de lá com a Celeste, então, vou até lá. Explicar, de certa forma, o que me fez agir de maneira tão pré-histórica.

— Acha mesmo uma boa ideia conversarem amanhã? Não é melhor esperar os ânimos esfriarem um pouco?

— E dar a oportunidade daquele canalha se aproximar como um cachorro sem dono? Nem

pensar, Romeu.

— Na delegacia não deu em nada, como sempre?

— Como seria diferente? — cuspi de raiva. — Com a grana que a família dele tem, abrem e fecham as portas que querem, calam as pessoas por medo.

Não prestaram queixa contra mim porque eu sabia demais, e tudo fora esquecido, como das outras vezes. Minha vontade era contar tudo o que sabia sobre o Leonardo, mas, com a influência que tinham na cidade, meu pai e irmãos seriam prejudicados. Portanto, precisaria manter a boca fechada.

— Não entendo essa rixa entre vocês dois. Nunca se deram bem, me lembro disso, mas de uns tempos pra cá, está insustentável.

Ninguém sabia a verdade e, de modo lamentável, deveria ser assim. Contudo, não ia permitir que acontecesse de novo! Não ia permitir que Leonardo machucasse outra garota. Muito menos, Evelyn.

CAPÍTULO 29

Evelyn

Meu corpo todo doía, tive uma péssima noite, os fantasmas fizeram questão de me acompanhar. Não consegui levantar cedo e sair para correr. Esperei até que houvesse movimentação na casa da Celeste antes de sair do quarto, não queria incomodá-los e nem atrapalhar a rotina.

Ficamos até de madrugada conversando. Ela me contou a história sobre sua filha e contei-lhe a minha.

— Trocas de experiências de vida — disse Celeste.

Saí do quarto, seguindo para cozinha, de onde vinham ruídos do café da manhã sendo preparado. A mesa estava posta e me senti confortável, como em casa.

Lembrei-me de cenas de infância, com meu pai sentado à cabeceira da mesa, com seus jornais abertos, bem de manhã, e minha mãe preparando o

lanche para que eu e meu irmão levássemos à escola. Gonçalves estava tal qual meu pai, e Celeste, na pia, coava o café.

— Bom dia! — falei aos meus novos anfitriões.

— Bom dia! — responderam juntos.

Jim disse, certa vez, que quando isso acontecia, era um bom sinal. Agora vejo como estava errado.

— Dormiu bem, meu anjo? — perguntou Celeste, com carinho.

— Não tão bem quanto gostaria — retorqui, sentando-me na cadeira próxima ao Gonçalves. — Mas nada como um dia após o outro, não é?

— Isso é verdade!

— Evelyn... sabe, conversei com Gonçalves sobre o que falamos ontem, a respeito de nossa filha. — Fez uma breve pausa enquanto trazia a garrafa de café até a mesa, abastecida com pães, bolos e compotas de geleias. — Ele concorda contigo e, por isso, vamos até a Capital, onde ela está, amanhã mesmo, para tentar resolver o mal entendido.

— Estamos rezando para ela nos perdoar — disse o marido, dobrando e entregando o jornal a esposa.

— Ela irá, tenho certeza.

— E você, também está pronta para perdoar o Jim? — provocou-me Gonçalves. Como não respondi, ele arriscou mais uma vez, pousando suas mãos em meus ombros :— Ouça-o, querida. Escute os argumentos dele. A cidade fala muita coisa, mas há assuntos que aqui são proibidos.

— Ouvirei, sim, mas preciso digerir tudo isso primeiro — sussurrei, olhando para a xícara de café à minha frente.

— Bem, mas tome o seu café antes que esfrie. Ah, quero que fique aqui o tempo que precisar, está bem? Esta casa agora é sua.

Agradei o carinho e a hospitalidade, mas sabia que não ficaria por ali, não por muito tempo.

...

— Quem será tão cedo? Está esperando alguém, amor? — perguntou Celeste ao ouvir a campainha da casa soar.

É o Jim, com certeza. Mal havíamos terminado o café da manhã e o cara já estava batendo na porta.

Dentro de poucos minutos, a senhora voltou

trazendo uma bela moça de cabelos escuros e compridos, contrastando com a pele branca. Ela usava calça jeans e uma blusinha preta, devíamos ter a mesma idade.

— Evy, está moça quer falar contigo.

— Comigo? — Levantei-me, limpando as mãos uma na outra, livrando-as dos farelos de pão. — Desculpe, mas nós nos conhecemos?

— Te vi algumas vezes pela cidade, mas não fomos apresentadas. — Estendeu as mãos em minha direção. — Meu nome é Renata, sou colega do Jim e vi o que aconteceu ontem.

Por certo não teve coragem de vir ele mesmo, então, mandou uma de suas garotas para dar seu recadinho.

— Olha, você me desculpe Renata, mas acho que não deveria fazer o papel de pombo correio. Não estou interessada no que ele mandou me dizer.

— Querida, escute-a, por favor! — suplicou Celeste.

Como poderia negar o pedido desta amiga que me acolheu tão bem desde o dia em que cheguei à cidade, e que tinha muita consideração? Passei as

PERIGOSAS ACHERON

mãos pelos cabelos, pedindo forças aos céus! Fomos à sala, a fim de conversar sem sermos interrompidas.

Um ambiente acolhedor, todo atapetado. Quadros e porta-retratos decoravam as paredes, via-se uma estante com bibelôs de diversos tamanhos e tipos. O jogo de sofás de cor escura continha várias almofadas floridas, completando o espaço.

Sentamos, cada uma em um dos sofás, procurando ficar uma de frente para a outra.

— Em primeiro lugar, quero que fique bem claro que não vim até aqui como pombo correio — começou a moça —, ele nem sabe que estou aqui, muito menos que estava no bar ontem à noite.

— Okay — suspirei. O dia seria longo. — E em segundo lugar?

— Em segundo lugar, preciso contar sobre o meu envolvimento com Jim.

— Olha, estou tão cansada do Jim, das suas garotas, do Leonardo... não sei nem por que estou no meio dessa palhaçada toda! — Levantei-me, sem paciência, indicando a porta com as mãos. — Desculpe-me, mas acho que você deveria...

— Eu era namorada do Leo há um ano — disse, me interrompendo, sem sair do lugar.

— Ah, sim, sei quem você é, então. Aquela que o garanhão da cidade roubou dos braços do Leonardo! — Eu estava cética. — Bem, pode contar. Conseguiu minha atenção — concluí, me sentando outra vez.

Renata parecia envergonhada, com as mãos entrelaçadas em seu colo. Uma mosca zumbia, buscando uma saída pelo vidro fechado, preenchendo o silêncio constrangedor da sala.

— Leonardo é quatro anos mais velho, eu tinha apenas dezenove anos quando começamos a namorar. Ficamos juntos por um tempo, sem ocorrer nenhum problema. Estava apaixonada.

A garota olhava um ponto fixo na parede, sem vê-lo de verdade, as mãos unidas procuravam coragem para prosseguir.

— Depois de um tempo, ele começou a forçar as coisas, sabe, no namoro. Queria que fosse pra cama com ele... eu não queria. — Seu olhar se desesperou com essa lembrança, vi as lágrimas sendo reprimidas. — Ele tentava me convencer,

dizendo que já estávamos juntos por um bom tempo, ou que ele era homem e precisava dessas coisas. Mas eu não queria, eu era virgem e queria esperar mais um pouco, era muito nova...

Fez uma pausa, enquanto mexia nas alças da bolsa que estava ao seu lado. Respirou fundo e continuou.

— Um dia, teve uma festa importante na cidade e fomos todos para lá. Muitos jovens, com bebidas de graça — riu, envergonhada —, Leonardo bebeu muito! Sempre bebe. Ficou bêbado e usou essa desculpa para fazer o que fez, para se justificar.

— O que ele fez? — É claro que eu já sabia a resposta.

— Me arrastou à força para o carro e, bem... — falou olhando-me nos olhos. — Acho que você pode imaginar o que aconteceu, não é? Ele me agrediu e conseguiu o que queria.

— Desprezível! — arfei de raiva, compadecida de seu sofrimento. O cara não valia nada.

— Ninguém sabe desta história a não ser meus pais e o Jim. Ah, e o delegado, é claro!

— Por que Jim deveria saber desta história?

— Foi ele quem me salvou das mãos do Leonardo naquela noite. Mesmo depois de ter me estuprado, ele me batia e teria me matado se Jim não tivesse aparecido — falou, respirando com pesar. O terror ainda a atormentava. — Jim o tirou de cima de mim, o mobilizou e nos levou à delegacia. Eu estava muito machucada, então, me encaminharam ao hospital, onde fiquei internada, com alguns ossos quebrados e uma concussão.

— Ele ficou preso por quanto tempo? Foi julgado?

— Não. Nem uma coisa, nem outra.

— Como assim? Uma atitude dessas deveria tê-lo deixado por um bom tempo na cadeia! — Fiquei entorpecida com a história que me contava.

— Talvez na Capital, Evelyn, não aqui, numa cidade interiorana. O pai dele é o banqueiro da cidade. Tem ideia do que isso significa em uma cidade como esta? É o dono da maior fortuna daqui e da região. O delegado foi influenciado e não quis fazer o boletim de ocorrência.

— Mas e você? Deveria ter prestado queixa, levado isso adiante! Exigido que fizessem alguma

coisa! Por que se omitiu?

— Minha família foi ameaçada.

— O quê? Não estou acreditando — disse inconformada, com as mãos na boca e os cotovelos apoiados sobre os joelhos.

— Meu pai trabalha na fábrica e foi ameaçado a ser demitido. Minha mãe, na época, passava por problemas de saúde. Se ele perdesse o emprego, não poderíamos mais pagar o tratamento. Eu ainda estava na faculdade, então...

— Não acredito! Isso é um absurdo! Não poderiam ter negado a justiça a você!

— A revolta do Jim também foi grande. Ele nunca perdoou Leo, que saiu ileso de tudo isso.

— Por isso que Jim não suporta olhar para ele — compreendi.

— Exato. Jim ficou furioso quando o delegado resolveu arquivar o caso, ele não podia fazer nada. A família de Leonardo é muito influente e abafaram a história. Depois disso, Leo vive provocando-o.

— Porque sabe que ele não pode fazer nada.

— Exatamente. Jim me disse, certa vez, que

PERIGOSAS ACHERON

depois de mim, já livrou outras garotas das mãos de Leonardo, outras que provavelmente tiveram, ou teriam, o mesmo fim que o meu.

— Isso é um absurdo!

— Bem, a história ainda continua mais um pouco.

— Ainda te mais?

— Como eu estava internada, com vários ossos quebrados e machucada, começou a correr um boato na cidade de que eu havia saído com o carro do meu pai e dirigido bêbada, sofrendo um acidente. Leonardo precisava inventar algo para justificar o término do nosso namoro.

— E o que ele falou?

— Disse que me pegou na cama com o Jim, e como ameaçou terminar o namoro, me embebedei e provoquei um acidente.

— Por isso falam que Jim tirou você do Leonardo.

— Sim. Além de me agredir e me estuprar, desmoralizou a minha imagem como se eu fosse uma garota qualquer, e a imagem de Jim, colocando-o como um garanhão, conquistador e

PERIGOSAS ACHERON

etcetera.

— Não! Acho que nesta parte você está enganada! Esse perfil foi ele mesmo quem traçou. Já o vi, rodeado de garotas. Não é um boato ou um mal entendido, é a realidade.

— Jim é um cara bonito, inteligente, sedutor... isso eu não posso negar. As garotas caem a seus pés por que o querem. Têm consciência do que estão fazendo. São adultas. Ele nunca ficou com garotas menores de idade e, muito menos, as levou para cama, se essa não fosse à vontade delas também.

— Acredito que elas vão de boa vontade, mas isso não o livra de ter a fama que tem.

— Ele nunca investiu nenhum tempo nessas garotas, nunca ficou por mais de uma noite consecutiva.

— Isso só comprova o quão mulherengo ele é.

— O que estou querendo dizer é que, até hoje, não teve um relacionamento sério e nem se apaixonou por ninguém. Não até agora.

— Parece muita segura ao dizer isso — comentei sarcástica. — É confiante dele também?

— Não. Por conta do boato de termos um caso,
PERIGOSAS ACHERON

preferimos nos afastar e são raras as oportunidades em que nos falamos, mas procuro pensar que ele é meu anjo da guarda, e tento ser para ele, também. Devo muito ao Jim, e procuro estar por perto para quando precisar.

— Resumindo: Leonardo é o crápula da cidade, violentou você e outras garotas, mas continua impune porque é influente por aqui. Jim é o galante sedutor, mas não é um cafajeste, sendo tudo uma difamação. Certo, e onde entro nisso tudo? Por que veio até aqui me contar sua história?

— Porque o Jim te ama!

— Ah, entendi. Ele falou para você essa baboseira de amor e, como está devendo a alma a ele, resolveu vir até aqui fazer o papel de cupido... Entendi, mas não, obrigada. Não vou comprar essa.

— Você não entendeu. Ele nem sabe que estou aqui, como já te falei. Vim porque todos esses dias tenho visto vocês dois pela cidade, vejo como ele cuida de você e...

— Olha, Renata, respeito muito você, sua história, mas, pra mim, a conversa acabou.

— Me deixe terminar, por favor!

Minha cabeça girava com tantas informações. Recusava a ouvi-la falar sobre anseios e frustrações, pois não queria encarar os meus próprios sentimentos. Errei em deixar que Jim se aproximasse tanto assim, a ponto de sentir por ele algo mais do que amizade. A culpa era minha.

— Okay — respondi, recostando-me no sofá, esperando-a terminar.

— Como já falei, Jim nunca ficou com uma garota por mais de uma noite, e nunca passou uma noite sem estar com uma garota, entende? Você não reparou? Desde o dia em que te conheceu, não ficou com garota alguma!

— Não sei aonde quer chegar.

— Desde que chegou à cidade, Jim não procurou por outra garota, tem sido único e exclusivo para você! Está apaixonado, todos na cidade podem ver. E, ontem, lá no bar, ouviu o que ele disse?

— Renata, está sendo inconveniente. Não vou...

— Disse que você era a inspiração para a vida dele e que os sentimentos eram verdadeiros.

— Tudo bem, Renata. Você acaba de me dar mais um motivo para não voltar ao apartamento e

PERIGOSAS ACHERON

nem me aproximar dele. Você tem uma história triste e eu também. Não vim até aqui para ser redentora da alma do Jim, pois, ao menos, consigo salvar a minha. Não quero envolvimento com ninguém, então, o melhor é ficarmos longe um do outro. — Levantei-me antes mesmo de terminar de falar.

— Está bem, só espero que aceite as desculpas dele, porque ontem, lá no bar, ele não agiu por mal, estava te defendendo, como fez comigo — ao dizer isso, também se levantou. — Não estou fazendo papel de cupido, pedindo para namorá-lo. Não sou boa com essas coisas, mas estou pedindo para, no mínimo, relevar a atitude de ontem.

Esperou que eu falasse alguma coisa, mas me limitei ao silêncio. Ela prosseguiu, ajeitando as alças da bolsa nos ombros:

— Leonardo não é o coitado na história, vive provocando Jim e, depois, se faz de vítima. Os motivos você já conhece. Agora preciso ir.

Eu estava de pé no meio da sala de braços cruzados. Observei-a caminhar até a porta a passos lentos, se retirando sem ao menos olhar para trás.

Sentei-me prostrada no sofá, com as mãos na cabeça e os cotovelos apoiados nos joelhos, ainda mais confusa que antes.

CAPÍTULO 30

Evelyn

— Evy, você está aí? — Laura gritava do outro lado da porta junto ao som estridente da campainha. — Você está acordada? Sou eu, a Laura!

— Claro que é você! — respondi alegre ao abrir a porta. Já sentia a falta da minha amiga espalhafatosa. Fazia dias que não a encontrava, desde que vim para a casa da Celeste. — Quem mais faria um escândalo tão cedo na porta dos outros?

— E aí, como você está? — disse me abraçando forte e, sem esperar por resposta, entrou carregando uma mochila pesada.

— O que é, vai se mudar pra cá, também? — perguntei surpresa, enquanto ela jogava a mochila no sofá da sala.

— Achei que estava precisando de uma troca de roupas e mais algumas coisinhas. — Fez uma pausa, me analisando de cima a baixo, tirando os

óculos escuros. — E me agradeça, por favor, porque essa roupa está te deixando mais abatida do que nunca!

— É da filha da Celeste! — justifiquei, olhando para a calça de moletom azul marinho e uma camiseta branca com desenhos de borboletas. — Eu gostei.

— Essas roupas parecem as que usávamos na nossa adolescência! — Não pude evitar de achar graça, com ela me olhando naquela situação. — Somos mulheres adultas, por favor! Livre-se disso, agora!

— Mas bem que poderíamos descobrir uma máquina do tempo e voltar, não é? A gente era feliz.

— A gente não, você era feliz! Como ser feliz com a cara cheia de espinhas?! — arrematou Laura, me puxando pela mão e nos jogando entre as almofadas do sofá.

— Ah, está bem, você venceu! Por falar em voltar no tempo, sabia que Celeste tinha uma filha? — perguntei, sentando no sofá ao lado dela.

— Sim, mas não cheguei a conhecê-la. Parece

que elas se desentenderam, a menina foi embora e nunca mais voltou.

— Pois é, eles foram para a Capital hoje cedo. Vão procurar por ela e tentar desfazer o mal-entendido. Espero vê-los retornando com boas notícias o quanto antes.

Bem, sei que não seria tão simples assim, pois deveria ser uma mulher formada e, muito provável, construíra uma família, uma vida por lá. No entanto, eu acreditava que o amor de mãe, amor que Celeste tinha pela filha, seria capaz de restaurar esses laços e curar qualquer ferida acima de tudo.

— Nossa, mas como vão achar a garota por lá? A cidade é enorme!

— Passei uns contatos para eles, sabe, daquele advogado — informei, com receio de mencionar nomes e fatos, como se a qualquer menção tudo retornasse e tomasse vida, para me assombrar e me arrastar de volta para lá.

— Será que ele vai ajudar?

— Sim, ele é boa pessoa. Apenas pedi a eles que não mencionassem, em nenhum momento, o meu nome, caso contrário, minha fuga para cá estaria

arruinada.

— Espero que sejam sensatos quanto a isso!

— Eu também, amiga, eu também! — Suspirei, tensa, abraçando uma almofada.

— E sobre o Jim?

— Jim? O que tem ele? — disse, sobressaltada.

— O que pensa em fazer?

— Como assim? Não há nada a ser feito! Quero ficar longe e fora de confusão, só isso.

— Acho que vai ser meio difícil, amiga! Assim que mencionei o nome do Jim, seus olhinhos brilharam...

— Ah, fala sério! Claro que não! Coisa da sua cabeça maluca e casamenteira!

— Precisava ver a carinha dele ontem, todo triste e cabisbaixo, pensando em você. Estava preocupado, sabia?

— Até parece...

— Ele se declarou, Evy!

— Em primeiro lugar, aquilo não foi uma declaração. Foi apenas para se safar e arrumar uma desculpa fajuta para justificar a atitude agressiva.

— Não concordo. Ele se declarou e ponto. E em segundo lugar?

— O quê?

— Você disse: em primeiro lugar. Qual é o segundo?

— Laura, esquece, não quero falar sobre isso, está bem? — Mudei de posição no sofá, a fim de evitar seus olhares inquisidores.

— Não precisa falar, sei muito bem.

— Sabe nada, me deixa em paz. Veio aqui pra me ajudar ou me deixar ainda mais nervosa?

— Fala a verdade pra mim, Evy, não minta porque te conheço muito bem.

— Nossa, Laurinha, como você é chata! — retruquei, batendo as mãos no assento do sofá.

— Essa parte eu sei! Pode continuar, então!

Bufei, contrariada. Sabia que Laura não me deixaria em paz enquanto não falasse o que, de verdade, se passava dentro de mim. Ela não havia mudado nada, em absoluto! Continuava desajuizada e maluca, e eu a amava como a uma irmã.

— Sinto a falta dele...

— Humm...

— O que foi agora? Isso não quer dizer nada, só acostumei com ele por perto esses dias.

— Bom, e o que mais?

— Sei lá, Laura, o que você quer saber? — Ela me olhava com tamanha expectativa que seus olhos podiam saltar do rosto a qualquer momento. — Está bem! Gosto da companhia, de ficar junto dele ou de saber que está por perto.

Despejara as palavras de uma vez. Com mais calma, deixando que as imagens de momentos juntos voltassem à tona, ficando com o olhar perdido em algum ponto da parede, respirei fundo e prossegui:

— Gosto do sorriso fácil, das desculpas que encontra para me tocar... gosto... — Os olhos da minha amiga me incentivavam a prosseguir. — ... de sentir seu toque, o calor do seu corpo quando me conforta...

— Nossa, amiga... — disse Laura, depois de uma longa pausa.

— Satisfeita? Era isso o que queria ouvir? —
PERIGOSAS ACHERON

Enterrei as mãos no rosto, minha cabeça latejava e meu coração parecia saltar pela boca. Ainda não tinha parado para pensar como sua presença, ou ausência, me afetavam.

— Está apaixonada!

— Não, não estou! É só saudade, sei lá. Saudade de um colega de quarto que se tornou um grande amigo, só isso.

— Falou isso pra te convencer? Porque, pra mim, está muito claro! — Bateu palminhas de satisfação e alegria. — Vivaaa!

— Cala a boca, Laura! Não me faça arrepender de ser sincera contigo.

— Se você pudesse ver a sua cara enquanto falava... — Gargalhou alto, jogando seu corpo para trás e caindo deitada no sofá.

— Que cara? Está maluca? Dá licença que eu tenho mais o que fazer! — Fui em direção à cozinha tirar a mesa do café da manhã.

— Você sorria! Sorria como uma adolescente apaixonada! — continuava tagarelando atrás de mim.

— Se é minha amiga, para com essa conversa

PERIGOSAS ACHERON

agora, ou não te falo mais nada!

— O quê? Tem mais? Agora eu quero saber?

— Para, garota, credo! Que bicho te mordeu?

— Espera aí... — disse, se aproximando de mim, procurando meus olhos.

Será que eu sou tão transparente assim, capaz de deixar ler os pensamentos?

— Sai, Laura, me deixa em paz! — disse sorrindo, jogando o pano de pratos em cima dela.

— Vai me dizer que vocês se beijaram?

— O quê? Não! Claro que não!

— Evelyn Matias... Conta esta história direito pra mim!

Virei as costas para ela, procurando as palavras que, por certo, haviam me abandonado. Preparei a pia para lavar a pouca louça suja.

— Não há nada para contar.

— Como teve a coragem de esconder isso de mim?

— Isso o quê, tá maluca?

— O beijo que deram! Por que não me contou?

— Porque quando aconteceu, foi só um beijo, não

significou nada!

— Então confessa que rolou o beijo?

— NÃO! Não foi isso que eu quis dizer.

— Ah, foi sim! — Laura me puxou pelas mãos, fazendo-me sentar à mesa, de frente para ela.

— Está me confundindo e colocando palavras na minha boca.

— Palavras que não tinha coragem de pronunciar! Dei uma ajudinha, confesso. Já começou, agora termina, vai! Quero saber de tudo! Quando foi isso? E por que não me disse nada?

O que eu podia fazer, além de terminar a bagunça que havia começado?

— Foi no dia que fomos ao parque, a gente...

— Eu sabia! — exclamou exaltada, batendo as mãos no tampo da mesa de mármore. — Vocês se demoraram lá na trilha e depois você ficou toda dispersa no passeio, sem contar que, lá na Lagoa, ficou nervosa quando perguntei sobre vocês. Eu cheguei a imaginar, mas pensei que contaria pra mim se algo tivesse acontecido.

— Não contei porque, como já disse, não significou nada! Foi só um beijo.

— E como rolou?

— Não sei nem como aconteceu, na verdade. Ele veio com uma conversinha e me deixei levar, aconteceu muito rápido. Não foi importante. Pronto, satisfeita? Vê se para de me atormentar agora!

— Ai, amiga! Não sabe como essa revelação me deixa feliz! — disse eufórica, batendo palmas outra vez.

— Deixa de escândalo, Laura! Foi um beijo sem importância, já disse. — Voltei à pia, pegando o copo e os talheres para lavar. Queria fugir da conversa.

— E gostou? — Lançou-me um sorrisinho malicioso.

— Não! Nem o conhecia direito. Fiquei furiosa pelo atrevimento.

— Depois desse, teve outro?

— Não — respondi, incomodada.

— E gostaria que houvesse?

— Estou em um interrogatório, por acaso, Laura?

Virei-me, olhando para ela, com as mãos

ensaboadas e apoiadas na pia atrás de mim, lembrando de outros momentos em que quase nos beijamos. Eu negaria! Ponderei se a resposta que estava prestes a dar em voz alta condizia com meu coração.

— Sim — a palavra saiu sem que eu conseguisse refreá-la. Era a verdade, afinal.

— O que está fazendo aqui escondida?

— Não estou escondida, só estou dando um tempo, sei lá.

— Vai falar com ele! Vocês precisam resolver isso.

— Resolver, Laura? Está longe de ser resolvido e você sabe muito bem! Isto não é um conto de fadas, é vida real, garota! Aqui as pessoas sofrem e se machucam! Já me feri muito e não quero atolar o Jim na lama que estou. Ele não merece — concluí, alterando a voz. Senti um nó na garganta e o estômago revirar mediante as lembranças que vinham à tona.

— Certo, mas acho que precisam conversar, expor os sentimentos um para o outro e depois...

— E depois o quê? — interrompi. — Não posso

PERIGOSAS ACHERON

me envolver com ninguém, Laura.

— Está bem, Evy! Não está mais aqui quem falou. Você é adulta e sabe o que faz. Mas vai ao menos conversar com o cara? Contar a verdade? Jim não merece ficar no escuro, sem saber o que está em jogo!

— Eu vou... na hora certa eu vou.

— E quando vai ser isso?

— Não sei, mas você tem razão, ele não merece.

— Fizemos uma longa pausa. — E como ele está? Machucou muito?

— Sabia que ele precisou levar alguns pontos na testa depois da briga?

— Briga que ele mesmo provocou, esqueceu de mencionar.

— Como você é má, Evelyn!

— Cai na real, Laura.

— Jim é a vítima nessa história, se você quer saber.

— Leonardo é o vilão, disso tenho certeza.

A história da Renata, dias atrás, mexeu comigo. Eu não entendia de leis, mas tinha noção de que

negar-lhe a justiça era errado.

— O que foi? Aconteceu mais alguma coisa que não estou sabendo? — perguntou com sorriso malicioso. — Ele te procurou?

— Não venha com segundas intenções, Laura. Não quero vê-lo nem pintado de ouro, se quer saber.

— Quanta revolta! O que aconteceu? Vai, me conta? Senta aqui.

— Não posso te contar. É uma coisa que fiquei sabendo sobre o Leonardo e o porquê dos dois se odiarem tanto.

— Tem a ver com a Renata?

— Você sabe da história? — perguntei curiosa.
— A moça disse que ninguém mais sabia.

— Bem, você sabe que a mãe do Romeu era enfermeira até o dia em que faleceu, não é? Então, ela deixou alguns diários e, bem...

— Bisbilhoteira, como sempre, leu o diário da mulher, Laura? Você é muito intrometida, sabia?

— Como eu podia deixar de ler? Eles estão tomando um espaço enorme no meu guarda-roupa! O que queria que eu fizesse? Ignorasse?

— Romeu sabe? Contou para mais alguém?

— Claro que não! Sou curiosa, mas não fofoqueira.

— E mesmo sabendo não me alertou para ficar longe do cara?

— Sei lá, pensei que, talvez, pudesse ser só história da Renata para se safar da confusão. Ora, como eu podia adivinhar? Não ficou muito claro no diário.

— Tudo bem, não importa mais. A questão é: o que nós vamos fazer para ajudar a garota?

— Como assim, ajudar? Isso aconteceu há mais de um ano.

— Sim e há mais de um ano o cara está impune, cometendo as mesmas atrocidades com outras garotas!

— E o que você pensa em fazer?

Precisava ajudar Renata a mudar o rumo da história. Era certo um inocente sofrer e pagar um preço alto por outros que se julgavam donos da verdade? Não! Isso nunca!

Minha história, assim como a de Renata e tantas

outras por aí, não deveriam ter um final, desta forma. Precisava fazer algo, lutar e fazer com que a justiça fosse feita!

— Não sei, Laurinha, mas na hora certa precisamos fazer, com certeza!

CAPÍTULO 31

Jim

Precisava vê-la.

O sol brilhava forte no céu. Há três noites não conseguia fechar os olhos e adormecer. Não havia encontrado força, ou coragem, para encontrar-me com Evelyn nos dias anteriores e isso me atormentava. Achei melhor aguardar o momento certo, como sugeriu Romeu, mas não sabia quando seria. Essa espera me deixava louco.

Liguei para Celeste, a fim de ter notícias dela. Evy ficara muito nervosa, mas estava mais calma. Esta foi sua resposta, no primeiro dia.

— Dê tempo ao tempo, Jim — finalizou a senhora.

Laura levou alguns pertences pessoais à Evy dias depois, e, quando retornou, declamou a mesma ladainha. Quanto tempo seria o suficiente? Agonzaria nessa espera!

Voltar à rotina me ajudaria, ocupar a cabeça era

PERIGOSAS ACHERON

uma boa ideia. Coloquei uma troca de roupas e, depois de tomar um café forte, fui à academia. Exercício físico e suor manteriam a cabeça ocupada.

Estacionei a moto ao meio fio. Ao entrar, encontrei os rapazes de sempre e, é claro, as garotas. Não queria saber de nenhum deles, queria ficar quieto, sozinho.

— E aí, Jim? Anda sumido?

— Cara, o que foi aquilo na outra noite?

— O que deu em você, para partir pra cima do filho do banqueiro daquele jeito?

Enchiam-me de perguntas, no entanto, procurei me afastar e me exercitar sozinho, respondendo com meias palavras. Ninguém sabia da verdade e nem poderia saber, pelo bem da minha família e da garota.

Um absurdo o cara ficar livre e impune depois de tamanha violência. Todas as vezes que o via saindo com uma menina, sentia-me impelido a ir atrás e verificar se estava tudo bem ou se tentaria estuprá-la. Não podia permitir.

Suado e exausto devido aos exercícios, procurei

PERIGOSAS ACHERON

por meu celular que tocava estridente na mochila. No visor aparecia o nome do Romeu. Atendi.

— Fala cara!

— Jim, onde você está? Preciso de um favor, brother.

— Estou na academia, mas pode falar. O que precisa? — indaguei, secando o suor da testa.

— Estou em uma loja, comprando o presente de aniversário da Laura, mas preciso que você passe em casa e pegue um anel dela, para ter a medida exata.

— Posso fazer isso, mas só me diga: por que você mesmo não o faz?

— É que ela não sabe que estou aqui. Disse que iria resolver uns problemas no banco e se for em casa pegar um anel e sair outra vez, ela vai desconfiar.

— Mas como vou entrar no seu quarto para pegar? Também irá desconfiar, não vai?

— Vou ligar pra ela e dizer que você está indo pegar alguns documentos para mim. Ela deixará que entre sem fazer perguntas.

— Certo, então. — Romeu terminou de falar,
PERIGOSAS ACHERON

explicando onde encontraria esse anel de Laura e em qual loja ele se encontrava. — Vou só tomar um banho rápido e já estarei a...

— Não, cara! Quero dizer, estou um pouco apressado com a vendedora aqui da loja. Você precisa ir agora, entende?

Minutos depois, sem compreender a pressa do Romeu, entrei no apartamento e fui direto para o quarto do meu amigo. Estava tudo em silêncio. Nada fora do lugar, no entanto, considerei algo estranho, porém, não identifiquei o que seria.

Não sei qual era a preocupação de Romeu, pois a casa estava vazia, nenhum sinal de Laura.

Peguei o anel no lugar indicado e coloquei na mochila. Fui ao meu quarto em busca de uma troca de roupas. Saí da academia, sem pausa para o banho. Não pretendia demorar. Não seria louco de estragar a surpresa do Romeu. O amor e o carinho que um tinha pelo outro era legal de ver.

Ao abrir a porta, Evelyn estava lá, deitada em minha cama, abraçada ao travesseiro! Uma surpresa muito agradável, porém difícil de acreditar na inesperada coincidência.

Sobressaltada, ela se levantou, jogando meu travesseiro de volta ao colchão. Passou as mãos, nervosa, pelo cabelo.

— Desculpe, te assustar, não era minha intenção!

— Não, eu que peço desculpas! Não deveria estar aqui no seu quarto, muito menos na sua cama.

— É nosso... quero dizer... o quarto! Você pode ficar à vontade. Fico feliz em saber que voltou. — Não conseguia segurar o sorriso que surgia no canto dos lábios. *Por que estaria com o meu travesseiro e na minha cama?* — Você voltou, né?

— Só passei para buscar algumas coisas. Laura garantiu que não haveria ninguém em casa.

— Pois é. Também vim buscar uma coisa que o Romeu me pediu e...

É claro, Romeu e Laura armaram esse encontro. Lembraria de agradecer aos dois depois, mas, no momento, precisava fazer a coisa certa. Não poderia decepcioná-los.

— Coelhinha, quero dizer, Evelyn, olha, eu precisava falar com você sobre o que aconteceu na outra noite, será que a gente pode conversar?

— Não sei se é uma boa hora, já estava de saída.

— Pegou a bolsa que estava aos pés da cama e caminhou para a porta, passando por mim.

Pude sentir o seu perfume suave. O medo de perdê-la inundou meu corpo. Não poderia deixá-la ir, seria a minha oportunidade de arrumar a bagunça que fizera dias atrás.

— Espera! — falei segurando-a pela mão. — Ao menos escuta o que tenho a dizer! — Ela se soltou, arrumando a bolsa no ombro, em silêncio. — Fui um completo idiota, agindo como um boçal, mas queria que ouvisse o que tenho para falar.

Olhava-me nos olhos, mas nada dizia, buscando, desesperada, algo que pudesse se agarrar e acreditar. Prossegui:

— Não há justificativa para o comportamento violento, eu sei, mas ouça, por favor. Não precisa me perdoar se não quiser, vou entender e respeitar sua decisão, só volte pra casa!

Eu seria capaz de guardar o que sentia por ela e ser apenas o amigo que sempre pediu, ou, então, dedicaria a minha vida a amá-la e fazê-la feliz. Contudo, precisava estar ao seu lado, para sempre!

— Está bem, vamos conversar, mas não aqui.

Vamos até a cozinha, vou fazer um café. —
Depositou a bolsa, outra vez, na cama.

— Claro — concordei, seguindo-a até a cozinha.
— Mas, se me permite, *eu* faço o café!

— Você? E quando aprendeu?

Pude ver seu sorriso e um brilho de surpresa em seus olhos. Era um bom começo. Estava linda, havia algo diferente nela.

— Ontem e hoje. Alguém precisava fazer o café da manhã, não é? Então, Romeu me passou essa tarefa.

— Muito bem! Vamos ver como se sai — disse ao se sentar no banco alto, em frente ao balcão.

— Você está diferente. Cortou o cabelo?

— Ah, sim. Cortei ontem, eu e Laura saímos, como nos velhos tempos. Estava precisando de alguma coisa para... — respirou fundo, mexendo nas unhas —, bem, tenho uma mania esquisita, sabe, uma necessidade de mudança quando algo não está bem. Então mudo alguma coisa na rotina ou no visual.

— Da outra vez, mudou de cidade. — Evy se levantou, buscando as xícaras, o açucareiro e uma
PERIGOSAS ACHERON

rosca doce guardada na geladeira, colocando sobre o balcão. — Espero que não se mude desta vez — arrisquei.

— Não de cidade... — respondeu reservada, sem olhar para mim.

Já era um bom começo, entretanto não poderia deixá-la sair dali, do meu lado. Precisaria convencê-la a ficar.

— Evelyn? — procurei as palavras certas para explicar o que havia acontecido no barzinho, enquanto olhava minha xícara fumegante de café. — Queria te pedir perdão pelo comportamento violento. Como falei, não há justificativa para isso, mas quando vi Leonardo tão próximo de você... — respirei, afastando a raiva ainda acumulada.

— Jim?

— Sei que deve estar pensando que são apenas desculpas ditas da boca pra fora, mas preciso ser sincero contigo. Tenho uma rixa antiga com ele e não queria te envolver nisso. — Eu transpirava, as palavras se atropelavam na garganta. — Tenho meus motivos para não gostar dele, e é um assunto que não pertence a mim, contudo, acaba comigo!

Algo que pouquíssimas pessoas sabem e, sinto muito, mas deve permanecer assim.

Evy segurou minhas mãos, olhava fixo, em meus olhos.

— Sei os motivos, Jim. Renata me procurou e me contou. Você quis me proteger. Isso é louvável.

Evy não guardara mágoa pela minha atitude grotesca? Havia me perdoado, de verdade? Eu não podia acreditar no que estava ouvindo!

— Você quis me defender, como fez com ela, não foi? Não justifica tamanha violência, mas compreendo a raiva que sentiu.

— Não era só raiva. Tinha medo! Medo de que te levasse dali, que fizesse algum mal a você. Nunca me perdoaria.

— Eu estou bem! Não aconteceu nada comigo, ao contrário de você — a voz saiu melancólica e passou, com afeição, os dedos em meu curativo na testa.

— Ah, isso? Acho que mereci, não é?

— É você quem está dizendo! — disse, sarcástica.

— Bem, o que ele falou das pessoas estarem

PERIGOSAS ACHERON

comentando sobre a gente, ou que eu estaria espalhando boatos e contando vantagens sobre te levar para cama... quero deixar claro que não falei nada para ninguém, muito menos inventei um caso entre nós.

— Também preciso te pedir desculpas, pois fui infantil em acreditar em tudo o que Leonardo dizia. Poxa, nós nos conhecemos há tempo suficiente para que eu confie, primeiro, em você, não é?

— Não te culpo por isso! Tem toda a razão em acreditar nele, afinal, a fama que me precede na cidade não é nada digna de confiança.

— Tudo bem, não importa mais, okay? Esses dias que fiquei longe me fez entender que logo ninguém mais se lembrará do que foi dito naquela noite.

— Quero te proteger, Evy, e não ia admitir que aquele idiota te difamasse. Não me contive diante do que Leonardo falava ao seu respeito, ao nosso respeito.

— Bem, então, acho que estamos entendidos! — brincou, dando tapinhas em minha perna.

Percebi que Evy queria, a todo custo, encerrar o assunto, o que eu não permitiria sem antes dizer o

mais importante:

— Tem mais uma coisa que preciso falar... sobre te conquistar e seduzir...

— Jim, creio já termos esclarecido todo esse assunto, não é? Não há necessidade de falar mais nada — esquivou-se, indo até a sala e sentando-se no sofá.

Ela ficou em silêncio e, embora não olhasse para mim, continuei:

— Só queria te falar que, no início, tentei te levar pra cama, sim, você é uma mulher linda e estarei mentindo se falasse que não.

— Olha, é melhor a gente...

— Escuta, só escuta, está bem? Conforme fui te conhecendo, tudo mudou, o fato de querer transar com você... — aproximei-me de onde ela estava, seus olhos eram enigmáticos. — Você é uma garota especial e merece muito mais do que isso, merece mais que uma simples „transa“. Quando a conheci melhor, aprendi a te respeitar e a gostar de você.

— Jim — sussurrou assim que toquei em suas mãos.

— Evy.

Não sabia quais palavras usar, pois nunca as havia pronunciado para ninguém. Comprimi os lábios, respirando fundo.

Eu te amo!

Tentei dizer, mas as palavras ficaram presas em minha garganta.

— Você é muito especial pra mim e vou estar sempre aqui, pra você, está bem? — foi o que consegui dizer.

Puxei-a para os meus braços, envolvendo-a por completo.

Ah, como queria essa garota! Esperaria o tempo que fosse necessário para isso.

Queria eternizar aquele abraço, para nunca mais deixá-la sair, contudo, sentia-me impotente diante da covardia ao dizer, ou melhor, não dizer que a amava. Embora não compreendesse suas reservas, ponderei esperar o momento certo. Melhor tê-la por perto a vê-la partir. Senti um nó apertar a garganta.

— Obrigada. — Evy levantou o rosto de meus ombros. — Obrigada por cuidar de mim nesse período que estou aqui! Mas também tenho algo a confessar — comentou ao se levantar.

— Ah, sim? Pois, agora, eu quero saber!

— No começo, quando o conheci, te achava um mala, um chato com essa história de Coelhinha. — Sorriu sem graça. — Mas você se mostrou ser uma pessoa diferente do que me falaram. Gosto muito de você, apesar da maneira atribulada que nos conhecemos e das brigas de todos os dias. Obrigada mais uma vez. Por tudo.

Algo nos olhos dela passava a ideia de que ela queria algo mais que amizade, no entanto, deveria esperar o momento certo para ouvir de seus lábios. Abracei-a mais uma vez, tirando os pés dela do chão.

— E quanto a você ficar na casa da Celeste? — perguntei depois que ela se afastou outra vez.

— Bem, eles estão viajando e voltam na semana que vem, acho. Estava pensando em ficar lá até voltarem.

— E depois?

— Depois vou procurar outro lugar. Andei vendo umas quitinetes em um bairro próximo daqui.

— Queria que voltasse pra cá, esta é a sua casa! Sei que não merece um colega de quarto como eu,
PERIGOSAS ACHERON

mas...

— É melhor a gente se afastar, pelo menos, por enquanto. Até as pessoas esquecerem desta história.

— Não! De jeito nenhum! Já não resolvemos esse assunto? Vamos buscar suas coisas na casa da Celeste, agora! — Peguei as chaves da moto e puxei-a pela mão.

— Espera, não disse que Romeu te pediu para buscar alguma coisa?

— Poxa, havia me esquecido! — Voltei correndo ao quarto e peguei a mochila sobre a cama. — E onde está Laura? Pensei que estivesse em casa.

— Bom, quando liguei hoje de manhã, me disse que iria com o Romeu resolver algumas coisas do aniversário. — Parou, pensativa, após terminar de falar.

— O que foi? Algum problema?

— Algo me diz que aqueles dois armaram pra gente.

— Que isso, Coelhinha! Impressão sua! — disse malicioso. — Agora, vamos! Nossa primeira parada será encontrar o Romeu para entregar o que ele precisa. — Estendi meus braços para que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurasse. — Vamos?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 32

Evelyn

— Nem pense nisso, Coelhinha. Seu Paulo é um velho sistemático, é capaz de fazer tudo normal, independente da sua condição física. Se perceber que alguém acha o contrário, vira uma fera!

Insisti para que fossemos cedo para lá, a fim de ajudar na preparação do almoço, mas de acordo com Jim, seu pai não queria que aparecêssemos por lá antes de estar tudo pronto.

— Tudo bem, então. A intensão era apenas ajudar, de forma alguma quero ofendê-lo. Então, vou preparar uma sobremesa para levar.

— Pra quê se preocupar? Não há necessidade.

— A mãe da Laura ensinou que não devemos chegar com as mãos vazias na casa de outras pessoas.

— Só o estômago! — Rimos juntos do comentário maldoso.

Depois da conversa que tive com Jim e retornei
PERIGOSAS ACHERON

ao apartamento naquela mesma tarde, percebi que nossa amizade, ou seja lá o qual sentimento que nos unia, havia se intensificado.

Ouve um momento em que me derreti por completo com suas palavras, seu olhar, seus abraços. Contudo, não quis arriscar em dizer o que sentia, pois tudo mudaria e acabaria me entregando por inteiro ao romance que, com certeza, nasceria.

Entretanto, nosso relacionamento deveria permanecer como estava, seríamos apenas colegas de quarto, amigos. Jim era tudo o que eu precisava neste mar revolto: uma âncora, um porto seguro. Por outro lado, também podia ser o meu fim, enquanto eu não resolvesse o que deixei para trás.

...

Jovial, apesar dos cabelos grisalhos cobrindo os tons castanhos, seu Paulo nos aguardava no portão de entrada, recebendo-nos com um abraço caloroso. Seu sorriso era grande e acolhedor, mostrava-se muito simpático e educado. Apesar de sua condição física ocasionada pelo incidente com o cavalo, tinha aparência saudável e um porte físico forte.

A casa não era grande, tinha apenas dois quartos:

PERIGOSAS ACHERON

um destinava-se às visitas dos filhos, o outro ele ocupava. Ambos muito bem arrumados e limpos. O cheiro do almoço preparado estava maravilhoso e incendiava a casa.

A sala era espaçosa e bem iluminada, com grandes janelas de vidro que tomavam quase toda a parede lateral. Através delas, via-se um jardim de inverno com muitas samambaias e orquídeas.

Durante o almoço, sentamos em volta da mesa farta com travessas de lasanha, arroz, carnes e saladas. Seu pai era brincalhão e piadista, tal qual o filho.

A semelhança física entre eles era bem pequena, acreditava que Jim puxara os traços da mãe, porém a personalidade, com certeza, era do pai. Fizeram tantas brincadeiras e piadas que minhas bochechas ficaram doloridas.

— A Evy é uma cozinheira de mão cheia, sabia pai? — comentou Jim, ainda à mesa do almoço.

— Sério? Vai ter que cozinhar pra mim um dia desses, então.

— Será um prazer! Mas não sou cozinheira de mão cheia, é exagero do seu filho. Eu apenas gosto

de cozinhar uma coisinha ou outra para me distrair. A monotonia das tarefas quando cozinho, funciona como um calmante.

— Assim como correr? — perguntou Jim.

— É — disse pensativa. — A diferença é que na corrida perdemos peso e cozinhando só ganhamos. — Eles gargalharam com o que eu disse.

— Está aprendendo a fazer piadas também, Evelyn?

— Bem vinda à família, Coelhinha... — Tive a impressão que nossos olhares demoraram mais do que o normal para se afastar.

— E seus pais, Evelyn? O que acharam de você vir para esse fim de mundo?

— Eu os perdi quando ainda era menina. Tinha uns dez anos.

— Oh, me desculpe, não queria ser insensível, não fazia ideia.

— Não tem problema, seu Paulo, já faz muito tempo. Eles morreram em um acidente de carro.

— Mas você era tão pequena, foi morar com alguém da família? Uma tia, uma avó?

— Fui morar com a Laura.

Enquanto respondia, pensava em qual seria o melhor momento para mudar de assunto. Não gostava de falar da minha vida pessoal, queria o foco da conversa longe do meu passado.

— Foi aí que se conheceram? — Dessa vez quem perguntou foi Jim.

— Já a conhecia, na verdade. Estudávamos na mesma sala. Quando me encaminharam a um abrigo, os pais dela ficaram sabendo e me acolheram. Pegaram a guarda provisória até encontrarem alguém da família, o que nunca aconteceu, por isso, acabei ficando com eles até entrarmos na faculdade.

— E o seu irmão, Coelhinha? Lembro de ter mencionado sobre um irmão.

— Bem, é mais velho do que eu, já tinha uns quinze ou dezesseis anos, foi encaminhado para um abrigo também, mas não teve a mesma sorte que eu. Quando completou dezoito anos, saiu de lá e desapareceu no mundo.

— Você nunca mais o viu?

— Vi, sim. — Respirei fundo, procurando o ar

PERIGOSAS ACHERON

rarefeito no ambiente devido à minha tensão e estresse momentâneo. Senti o peso do meu passado pesar sobre meus ombros. — No ano passado, aconteceram algumas coisas e ele me encontrou. Precisava de ajuda, estava envolvido com drogas e o ajudei a ser internado em uma clínica de reabilitação.

— Poxa, que história sofrida, a da sua família.

— Não tinha comentado isso comigo, Coelhinha. Muito triste mesmo!

Não sabem da missa a metade. Minha cabeça girava num turbilhão de lembranças.

— Mas ele já conseguiu sair de lá? Reabilitou?

— Ainda está lá, em tratamento, mas sairá em breve.

— Desculpe por te fazer lembrar de coisas tão tristes. Vamos mudar de assunto? — seu Paulo procurou nos animar e pude respirar mais aliviada. — Vamos falar de coisas mais alegres. Onde está aquela sobremesa que vocês trouxeram, posso saber?

— Deixa que eu pego.

Precisava de um momento sozinha para me
PERIGOSAS ACHERON

recompor, ter o controle da situação outra vez, havia me exposto demais. Inspirei e expirei diversas vezes antes de voltar com a travessa de doce para a sala de jantar.

...

— Laura e Romeu estão bem? — Eu os ouvi conversando ao me aproximar de onde estavam. — O convite também se estendia a eles.

— Foram viajar no fim de semana para um hotel fazenda da região, queriam ter mais privacidade.

— Como se atrapalhássemos os pombinhos! — falei, retornando à mesa e participando da conversa. — Eles se amam e nós respeitamos o relacionamento dos dois.

— Sempre fazem isso. Somem um final de semana qualquer e depois voltam ainda mais melosos — comentou Jim, enojado. Mesmo assim, o sorriso não lhe abandonava os lábios.

— Seu Paulo, me tira uma dúvida?

— Sim, querida, pode perguntar! — Ele se adiantou sobre o doce, servindo uma generosa porção.

— O seu filho me contou, um tempo atrás, a respeito do Recanto lá do parque.

— Sim! Você foi conhecer? É lindo, não?

— Sim, com razão, um lugar magnífico. Queria saber sobre a construção daquele lugar, o senhor conhece a história?

Jim olhava como se não acreditasse no que eu estava perguntando, mas eu precisava saber se o que ele me contou procedia, ou não passava de mais uma de suas cantadas.

— Se conheço? Aquele Recanto faz parte da nossa família, de nossa herança! — respondeu o pai, com orgulho. — Meu pai construiu para a esposa, ou seja, minha mãe, avó do Jim! Na época, ele ajudava na construção do parque, isso já tem uns sessenta anos, pra mais!

— E ela estava grávida, não é?

— Sim, do terceiro filho — completou Paulo. — Ou seja, de mim!

— Incrível! É linda a história! Então é verdade?

— Eu te disse, não foi? — falou Jim, zombando de mim.

— Sim. Agora que seu Paulo confirmou, eu

acredito.

— E não acreditou quando contei por quê? Posso saber? — Inclinou-se para mim, cruzando os braços sobre a mesa.

— Parecia...

— Uma cantada? — encurralou-me com a pergunta.

— Sim, exato, parecia uma cantada!

— E parece que funcionou! — Gargalhou seu Paulo, lançando-me uma piscadinha como o filho costumava fazer.

— Seu Paulo! — dissemos ao mesmo tempo, o que fez aquele adorável senhor rir ainda mais às nossas custas.

Certa aflição passou pelo meu corpo, embora fosse uma sensação boa, respirei mais aliviada.

...

Jim empurrava a cadeiras de rodas e eu o acompanhava, ao seu lado, seguindo para o terreno dos fundos da casa, onde seu Paulo construía um pomar.

As árvores ainda não tinham galhos frondosos,

porém algumas estavam floridas e outras com frutos. Ao redor de todo o pomar, havia uma cerca baixa de roseiras, lindas e bem cuidadas, com flores vermelhas a desabrochar.

— É muito lindo! Estou encantada com o seu trabalho. Parabéns!

— O mérito não é só meu, querida. Conto com a ajuda da Renata, que vem aqui uma vez por semana e tira os matos que teimam em crescer. Ela também faz as covas para as novas mudas.

— Renata? — Não poderia ser a mesma, seria muita coincidência.

— Você conhece a Renata? — perguntou seu Paulo. — Deve tê-la conhecido, a cidade é tão pequena.

— Sim, ela conheceu a Renata há alguns dias.

— A Renata, a mesma Renata, Jim? Puxa, quem diria! — Senti uma pontada de ciúmes. O pior é que não consegui esconder a surpresa. Ela era mesmo próxima de Jim, como havia me dito, e do restante da família também, pelo visto.

— Por que o espanto, Coelhinha? Ela mora aqui perto e quer se sentir útil, apenas isso.

Apenas isso? Será? O que ela havia me falado mesmo? “Ele foi como um anjo para mim e eu tento ser o mesmo para ele”.

Senti meu coração se apertar. O fato da aproximação constante dos dois me incomodou de tal forma que necessitava de esforços para continuar a conversar e voltar a sorrir com naturalidade.

— É claro — disse para encerrar o assunto.

...

— Como mudou o tempo no fim da tarde, não é? A temperatura caiu de maneira drástica — comentei assim que paramos no estacionamento do edifício.

— Está congelando de frio, só com esse vestido!
— Jim guardou nossos capacetes, travando-os na moto. — Desculpe, não percebi! E ando com você na moto, ainda por cima. Devíamos ter ido com o carro da Laura que ficou aqui.

— Como íamos adivinhar que esfriaria, vendo o sol forte e o calor pela manhã? Assim que a gente subir ao apartamento, me esquento.

— Como sou idiota, me desculpa.

Jim tocou meus braços com delicadeza, procurando me aquecer, depois me envolveu, acariciando minhas costas. O coração acelerou forte no peito e minhas mãos transpiravam. Já não sentia mais frio, apenas seu corpo junto ao meu, desejando-o.

Mantive os braços paralelos ao corpo, sem reação. No entanto, ansiava por este toque e esperava permanecer ali para sempre.

De repente, estava com o rosto tão próximo ao dele que pude sentir sua respiração junto à minha. Queria beijá-lo, sentir o gosto dos seus lábios nos meus. Ansiava, com desejo e volúpia, por isso.

Sentia-me atraída por ele. Não era só uma questão física, era mais que isso, estava mesmo apaixonada... ou me enganava com todo aquele romantismo, charme e sedução de Jim?

Meu corpo estremeceu e meus olhos, hipnotizados, voltavam-se para seus lábios, não tinha forças para evitar. Não deixaria o momento passar como permiti com tantos outros. Desejava me entregar a ele.

Contudo, em questão de segundos, um carro entrou apressado no estacionamento cantando pneus. Outro buzinou e alguém gritou. Nós nos afastamos antes que acontecesse o esperado beijo. Fiquei envergonhada com a situação.

Arrumei os cabelos e sorri desconcertada. Desde o início, senti-me atraída por ele, não posso negar, mas a fama de “pegador” me deixava enfurecida com suas investidas. Precisava pensar sobre o que estava sentindo e se queria permitir esse novo sentimento dentro de mim. Isso não faria bem a mim e nem a ele.

— E aí, o que vai ser? — Jim falava comigo e eu não compreendia nenhuma de suas palavras, tamanha a complexidade de minha mente e coração.

— Ah, desculpe. O que dizia? — falei, arrumando minha bolsa nos ombros enquanto andávamos até a porta que separava o estacionamento do hall do edifício.

— Perguntei o que queria fazer mais tarde, se aceita sair comigo para dançar. Tem uns amigos que vão se apresentar no clube da cidade.

— Claro! Faz muito tempo que não saio para dançar! Vai ser legal.

— Ótimo, então — falou enquanto subíamos de elevador até nosso andar. — Agora são dezoito horas, nós podemos sair para comer antes, o que acha?

— Pra mim, parece ótimo.

— O que foi? Está distraída, distante.

— Ah, não é nada! Impressão sua. — Entramos no apartamento às pressas, o telefone tocava.

— Evelyn? — Ouvi do outro lado da linha.

— Sim.

— Eu só tenho a agradecer, querida. — Era Celeste. Sentei-me na poltrona, ansiosa e curiosa para ouvi-la.

— Diga, Celeste! Conte as novidades.

Mereciam sucesso nesta etapa importante da vida deles. Eu torcia muito por isso.

— Ela nos ouviu, Evy! Ouviu e nos perdoou! — sua voz parecia alegre e exultante. — Foi como você falou, parece que esperava por nós! Estamos muito felizes, como se tivéssemos ganhado uma

filha!

— Que maravilha, minha amiga! E, diga, quando vou poder conhecê-la? Ela vem par cá com vocês?

— Não ainda... Gonçalves voltou ontem, mas vou ficar mais alguns dias para curtir minha filha. Está terminando um projeto na empresa em que trabalha e não pode se ausentar no momento. Mas nos prometeu que daqui a dois meses vai tirar um período de férias e passar aí, conosco, junto com o noivo.

— E terei o prazer em conhecê-la, não é?

— Sim, minha querida! Nós devemos muito a você! Muito obrigada!

— Que isso! Não fiz nada.

— E você, minha flor, como está?

— Estou bem, Celeste, obrigada! Feliz pela vitória de vocês!

— E quanto você e Jim?

— Por incrível que pareça, estamos nos entendendo. Vamos sair para dançar mais tarde. — Ele lançou a habitual piscadinha, deitado no sofá, com as pernas entrelaçadas e as mãos sob a cabeça. Era inevitável deixar de admirá-lo.

— Amigos?

— Sim, amigos — disse, piscando de volta para ele.

— Bem, estarei de volta no próximo final de semana. Quero sentar contigo para conversar sobre isso.

— Okay, seja lá o que *isso* significa. — Celeste riu, do outro lado da linha. — Nos vemos no final de semana, então — despedi-me, colocando o telefone no gancho.

...

— Uau... você está linda! — Jim elogiou ao me ver entrar na sala.

— Obrigada! Você também não está nada mal — brinquei.

Ele estava de pé, encostado à parede, próximo à porta, mexendo no celular. Usava uma calça jeans preta e uma camiseta polo amarela que realçavam ainda mais seus olhos verdes e a pele clara.

— Vamos em um ambiente frequentado por pessoas jovens, não posso colocar meus vestidos de velha, não é?

— Seus vestidos não são de velha, e pare de se analisar assim!

— Não acho que sou velha, mas o fato é que já vivi muita coisa que equivalem a três encarnações. Pode acreditar — argumentei forçando um sorriso ao me lembrar de tudo o que passei até ali.

— Você é jovem e linda, precisa curtir, sair com alguém, digo, sei lá, ficar...namorar...

— Acha mesmo?

— Sim, por que não? Você merece ser feliz, se divertir.

Olhei para ele. O que estaria tentando me dizer? Estava me jogando para cima de outros caras ou estava me pedindo para ficar com ele? Procurava, inutilmente, as respostas em seu olhar.

— E quanto às suas roupas — continuou —, bem... estava brincando. Desculpe se levou a sério. Você fica linda de qualquer jeito.

— Sabe mesmo ser galanteador — falei, remexendo na pequena bolsa que carregava, procurando não me afetar com as cantadas.

— Não é um simples galanteio, é a verdade. Aliás, não tive oportunidade de falar na noite em
PERIGOSAS ACHERON

que fomos ao barzinho. Você estava perfeita naquele vestido!

— Ah, jura? Aquele que ameaçou rasgar e cortar em pedacinhos?

Sáímos do apartamento rindo e nos divertindo. Seria uma noite agradável.

CAPÍTULO 33

Jim

— Combinei de encontrar alguns amigos aqui, espero que não se importe.

A noite estava agradável, no céu, poucas nuvens acompanhavam a lua brilhante. Uma brisa soprava, leve e constante, fazendo sua pele arrepiar. Em particular, eu gostava desta temperatura incomum no final do mês de janeiro.

— É claro que não, você também precisa retomar a sua vida, não é? Já falei isso, lembra? Mas vê se não me deixa sozinha por muito tempo, viu? A Laura não está aqui e além de você, não conheço ninguém. Vou ficar deslocada.

Ela estava linda como sempre. Usava um sapato de salto e um vestido um pouco mais justo dos que costumava usar, era de uma cor azul escura e revelava seu corpo de forma discreta. Com certeza, morreria de ciúmes se algum otário se aproximasse dela.

— Fica tranquila, estou aqui! — disse, a abraçando.

Evy se desvencilhou do abraço, oferecendo-me sua mão. Eu gostava de senti-la perto de mim, estava acostumando com isso. Era confortável ficar assim com essa garota.

— Vou te apresentar ao pessoal, você vai gostar da turma. — Entramos no clube. A noite nos aguardava.

Na entrada, passamos por um segurança que fazia seu trabalho, checando documentos a fim de barrar a entrada dos menores de idade. Aos poucos, nossos olhos se acostumaram à penumbra e ao jogo de luzes. Muitos já estavam ali.

Apresentei Evelyn para o grupo de amigos que conversavam no bar à entrada do clube, com seus copos cheios e várias garrafas vazias à frente. Garotas e rapazes, jovens como nós, os quais conhecia desde moleque.

As meninas a cumprimentaram com educação e muitas foram simpáticas, perguntando sobre a vida agitada na Capital. Os rapazes, por sua vez, faziam piadinhas sobre estar desimpedida mesmo, ou se

tinha um caso comigo às escondidas.

Evy respondia a todos melhor do que eu poderia ter feito, com poucas palavras, mas sempre educada e segura.

A banda tocava músicas eletrônicas, animando a galera. Dancei com Evy por bastante tempo. Ela era sensacional, os movimentos e seu corpo suado me atraíam ainda mais. Não conseguia fugir do contato com sua pele.

Cansados, voltamos à mesa. Evy parecia enturmada com o pessoal, então fui ao bar para pegar uma cerveja para mim e um refrigerante para ela. Quando retornei, um de meus amigos estava de conversa com ela, próximo demais, o que me deixou irritado.

Augusto não era mau caráter como Leonardo, mas eu não gostava da ideia de outro cara tão perto da minha menina!

Ele era amigo de infância, morava ao lado da casa do meu pai e estudamos juntos todos os anos. Sempre fora mais baixo que eu uns bons quinze centímetros, mas as garotas curtiam seu estilo de bom menino.

— Qual é, Jim, você disse que eram amigos, vai querer me socar como fez com o Leo? — falou ao se levantar de modo defensivo, quando percebeu minha reação.

— Tranquilo, cara. Só quero respeito com ela, entendeu? Evelyn precisa se divertir. Não é, Evy?

Ao dizer isso, deixei a sua bebida na mesa e voltei ao bar. Fiquei a observá-la. Queria que Evy se divertisse, ela merecia, sem dúvida. Eu mesmo tinha dito isso antes de sairmos, não foi? Para que ela se divertisse e arrumasse um cara...

— Imbecil! — resmunguei em voz alta. O volume da música era alto demais para alguém ouvir.

Livre e desimpedida para sair com qualquer um. O que tinha passado pela minha cabeça? Queria sugerir que esse cara deveria ser eu, mas não terminei a frase, tive medo de sua reação e, ainda por cima, a deixei para ser assediada pelo cara.

Ardia de raiva e ciúmes ao vê-la com o Augusto.

Havia algo mais que me irritava naquela cena. Evelyn fazia questão em dizer aos quatro cantos que não pretendia se envolver e não podia ter um

relacionamento com ninguém, mas vendo-a ali, tão à vontade com ele, aceitando seus flertes, compreendi que, na verdade, ela não queria nada *comigo!* Otário!

Estava fazendo papel de idiota, mesmo! Passei todo esse período perto dela, respeitando-a e oferecendo o tempo de que ela precisasse para acertar sua vida, até que chegasse o momento de se entregar a mim. Mas, na verdade, ela estava me dizendo um educado: “Cai fora, não estou a fim de você”.

— Imbecil!

— Oi, Jim. Falou comigo? — Uma garota se aproximara de mim enquanto eu compreendia o papel de tolo que estava fazendo diante dos olhos da Evy.

— Não, apenas pensando alto.

— Tá a fim de dançar?

Não estava, mas não poderia ficar sentado a noite toda, vendo o cara paquerar a minha garota. Precisava voltar à ativa, já que não poderia ter quem eu quera. A única que quis, de verdade, em toda a minha vida. Segui a moça até a pista de

dança.

Carol era uma moça muito bonita, alta, loira, de olhos azuis. Era um pouco mais nova do que eu e sem juízo algum, imatura. Já tinha ficado com ela outras vezes e ambos nos divertimos. Com ela, não havia pudores nem reservas, no entanto, enquanto dançava, meus olhos não se desviavam de Evy e Augusto, que também dançavam.

Evy se divertia, seu corpo próximo ao de outro cara me fazia ferver de furor, raiva e ciúmes. Precisava me controlar, esquecer de que ela estava ali, ou melhor, esquecer de que entrara na minha vida e a bagunçara por completo.

Aproximei-me da Carol ainda mais, juntos, no ritmo da música e, depois de alguns movimentos, estávamos nos beijando. Seu corpo se encaixou ao meu, embora não conseguisse desviar os olhos e os pensamento da Evelyn. Ela continuava dançando com Augusto, que tinha os braços envolta de sua cintura, puxando-a para mais perto de si. Evy descansava os braços em seu pescoço.

Eu não era dono dela e nem sequer seu namorado. Evelyn era livre para ficar com quem

quisesse, assim como eu, essa era a verdade.

Fui ao bar, irritado, com a garota grudada em mim. Tentei conversar com Carol, como costumava fazer com a Evy, mas a conversa não fluía. A garota não tinha papo, sei lá, era um pouco infantil demais. Isso me fez sentir falta das longas conversas e da companhia da colega de quarto.

Até os momentos de silêncio entre nós não eram constrangedores, sem a necessidade de ser preenchido. Entendíamos um ao outro e isso bastava.

Precisava afastá-la de meus pensamentos e curtir a noite como costumava fazer, antes da chegada de Evelyn à cidade e na minha vida.

Bebi mais três cervejas para alcançar o efeito desejado.

CAPÍTULO 34

Evelyn

Não podia acreditar no que aconteceu! Ele me largou, ali, sozinha com um cara que eu nem conhecia e foi se agarrar com aquela garota?

Quando disse, em casa, que eu precisava sair e me divertir, não imaginava que estivesse falando sério ou que pretendia fazer o mesmo!

Pedi para que não me deixasse sozinha e não pensou duas vezes em me abandonar quando arrumou um *rabo de saia*. Pouco se importou em me abandonar, mesmo deixando claro que estava a fim de ficar comigo.

— Quer dançar?

— Oh, desculpe. Falou comigo?

— Perguntei se quer dançar — Augusto disse, próximo demais para que eu o ouvisse sobre a música alta.

— Não estou a fim, mas obrigada pelo convite.

— Ora, vamos! Sei que está a fim, não para de
PERIGOSAS ACHERON

olhar pra pista!

Não olhava apenas a pista de dança, na verdade, olhava Jim se agarrando com a garota, bem na minha frente!

— Vem, vamos dançar! — Augusto me pegou pelas mãos.

Fui contrariada e aborrecida. Respirei fundo para manter a calma e aproveitar a companhia, estava decidida em não deixar que Jim estragasse minha noite.

Na pista, tinha uma visão privilegiada da cena grotesca à qual se submetia com a garota. Fiquei incomodada, porém, pareciam não se importar.

Eu não conhecia este Jim, embora tenha sido alertada desde o início, por outros e por ele mesmo. Pressionei os lábios, sentindo uma mágoa se alojar no coração.

Devia me importar? Ele se importava?

“Minha fama me precede...”, sua voz veio junto à imagem, clara, como dias atrás.

— Que foi gata? — perguntou Augusto, percebendo que os olhava incomodada.

— Não estou me sentindo muito bem, podemos ir

PERIGOSAS ACHERON

lá fora? Preciso de ar, estou um pouco sufocada aqui dentro. — Na verdade, sentia-me enojada diante daquela cena.

Lá fora, o clima estava mais gelado que outrora. Tinha levado um casaco, mas Jim me obrigou a deixar dentro do carro. Não ia, de jeito nenhum, falar com ele para buscar a jaqueta.

— Está com frio, gata? Vem cá. Deixe te ajudar. — Percebendo que me encolhida de frio, Augusto me abraçou.

Lembrei-me do momento em que Jim me abraçou com a mesma intenção, ainda no estacionamento do prédio. Como fui idiota!

Estava pronta a dizer que me entregaria a esta paixão, sem importar com os problemas que isso nos traria. Frustrada, me liberei dos braços de Augusto com brusquidão.

— Desculpe. Não queria ser uma companhia desagradável. Acho melhor ir para casa.

— De maneira nenhuma. A noite ainda nem começou! Que tal a gente voltar lá pra dentro?

— Não serei boa companhia. Quem sabe outro dia?

— Você ainda não se sente bem?

— Estou melhor, obrigada. Só não quero voltar lá pra dentro.

— Posso te levar para casa, então?

Olhei para a enorme porta de acesso ao clube, nenhum sinal do Jim. Ao menos percebera que eu havia saído?

— Pelo que vejo, prefere que chame por seu amigo, não é? — concluiu, após acompanhar meu olhar.

— Não. Não quero que o chame.

— Se não quiser voltar lá pra dentro, podemos ir pra outro lugar, ficar mais à vontade — disse sugestivo.

— Desculpa, mas... não, obrigada. Preciso descansar, faz tempo que não saio para dançar. Acho que estou desacostumada! Vou procurar por Gonçalves. Vi que estava por aqui quando chegamos.

— Deixe que te levo. Prometo me comportar! — falou, colocando dois dedos em riste na testa, como fazem os escoteiros. Não pude evitar de achar graça.

Não achava certo aceitar carona de desconhecidos, porém, o rapaz era amigo do Jim, então concluí que não haveria problemas.

Seguimos de carro até o prédio onde eu morava com meus amigos. Já era tarde, a rua estava deserta e silenciosa. O porteiro percebeu a parada do veículo junto ao meio fio e se pôs em prontidão para abrir a porta, como sempre fazia.

— Obrigada pela carona, Augusto. Foi muito gentil comigo.

— Não me custou nada, gata. Foi um prazer. A gente podia subir ao seu apartamento para conversarmos um pouco. Seus amigos não estão em casa e, é muito provável que, Jim nem volte hoje. O que acha?

— Quero apenas ficar sozinha e descansar. Desculpe. Mas, como já disse, a noite ainda nem começou. Você deveria voltar para lá e se divertir, está cheio de meninas procurando caras como você.

— Como eu? — perguntou, se aproximando.

— Bonito, simpático, gentil...

— Você é linda, sabia? Jim é um otário de não ter investido em você. Quero dizer, no bom sentido,

PERIGOSAS ACHERON

sabe, namorar e tal...

— Jim é meu amigo — informei, mais para convencer a mim mesma do que para ele ouvir.

— Está a fim dele?

— Quem, eu? Não, claro que não! — retruquei com a voz trêmula.

— Por que quis vir embora, então, quando viu que ele se agarrava com a Carol?

Era esse o nome da garota? Espera... que me importava? Não tinha nada a ver com a vida dele.

— Não! Imagina, não foi nada disso. — Forcei um sorriso. — Só estou fora de forma pra noites de balada.

— E está livre e desimpedida, mesmo? — Augusto se aproximou ainda mais, mexendo nas alças da bolsa suspensa em meus ombros, tocando suavemente a minha pele.

— Sim, e pretendo continuar. Minha vida é muito complicada e não vai querer fazer parte dela, garanto.

— Bom, a gente podia sair outras vezes, para se conhecer melhor, o que acha? Eu gostei muito de dançar e conversar contigo.

Augusto era um cara bonito, conseguia marcar presença com seu jeito carismático. Era magro, tinha os olhos castanhos e cabelos pretos e lisos, que cobriam a testa, obrigando-o a colocá-lo de lado, várias vezes, o que usava como charme.

— Podemos sair, sim. Sem compromisso, se não se importar.

— Não me importo, gata.

De súbito, senti falta de ser chamada de Coelhinha. Onde estaria Jim naquele momento? Na cama de outra garota, com certeza.

— Mas, agora, me deixe entrar. Preciso descansar — comentei abrindo a porta do carro, rumo à calçada.

— Espere... — Augusto saiu apressado do carro, me alcançando na porta do prédio. — Passa o número do seu celular, para te ligar, sabe, pra combinar um encontro.

— Nada de encontros, mas podemos sair pra conversar.

— Claro, sem encontros, então. Outro dia e sem compromisso, como disse. — Sorri do seu embaraço.

— Desculpe, mas não tenho celular. Perdi quando cheguei à cidade — menti. A verdade é que havia desmontado e deixado nas mãos de Jim, não sabia o paradeiro do meu aparelho de comunicação.

— E até agora não providenciou outro?

— Pra você ver como não preciso dele por aqui. Ainda não tenho muitos amigos e...

— Pois precisamos mudar isso — disse me interrompendo. — Andou muito tempo com a Laura e os dois caras, eles te monopolizaram. A partir de hoje, te declaro livre!

— Obrigada, meu senhor! — Entrei na brincadeira, fazendo uma reverência.

— Bom, anota o meu, então. — Correu até o carro e pegou uma caneta, anotando os números em meu antebraço, acima de seu nome.

— Tchau, até outro dia — disse, assim que terminou de escrever. Virei-me para a porta de entrada. — Espere! — Segurou em meus braços, me dando um beijo úmido no rosto. — Agora, sim, boa noite!

Entreí no prédio, cumprimentando, com educação, o porteiro. Olhei para trás e lancei um

PERIGOSAS ACHERON

último tchauzinho ao rapaz que ainda estava de pé junto ao meio fio.

...

Estava mesmo muito cansada. Joguei minha bolsa no sofá e caminhei até o quarto. Troquei de roupa olhando os números marcados no braço. Deveria apagar, não iria sair com ele mesmo.

Cai na cama, exausta. O dia fora muito extenso e cansativo. Lembrei-me de, mais cedo, ter conhecimento da proximidade de Renata à família de Jim.

O que mais ela fazia para ele e por ele? Qual a proximidade dos dois? Será que tiveram um caso depois da violência desmedida de Leonardo, e nenhum dos dois assumiu para mim? Ou, talvez, tivessem até hoje...

— Ah, que ódio! Como fui tão infantil pra cair na conversa dele! — resmunguei entre dentes, apertando os olhos com força.

Minha cabeça doía e girava com as recordações da noite. Um mal estar percorreu meu corpo e meu estômago se revirava com a cena que teimava em rondar na memória.

Imagens de Jim se agarrando à loira oxigenada no clube vinham à memória. Precisava dormir. Seria desagradável demais se ele a trouxesse para cá, para o sofá...

Ele não seria tão ousado, seria?

Ao menos percebeu minha saída com outro cara? O que pensava de tudo aquilo? Era provável que sequer tenha percebido que eu já não estava mais lá. Estava ocupado demais com a tal Carol para se lembrar de mim.

Eu estava com ciúmes! Ardia em ciúmes e nada podia fazer. Como pude ser tão imbecil e me deixar envolver, como se fosse uma garota inocente!

Conhecia o perfil de Jim: galã e sedutor. Fui alertada por muitos, além do mais, sabia que qualquer relacionamento traria sérias complicações por causa do meu passado não resolvido. Havia deixado isso bem claro a ele, não havia?

“Quero, apenas, a sua amizade”, eu insistia em dizer.

Além de sempre falar a ele que deveria parar de me arrastar para todo canto e que precisava voltar a sair com os amigos, como de costume.

Resumindo: Jim tinha todo o direito de procurar por outras garotas, como sempre o fizera. Eu o convenci disso, mas esquecera de convencer o meu coração.

— Idiota! — minha voz ressoou no vazio do quarto. Olhei para a cama ao lado. Vazia.

...

Acordei com barulhos vindos da sala. Permaneci onde estava e apurei os ouvidos a fim de ouvir o que se passava no outro cômodo. Nada. O ruído que me despertou não aconteceu outra vez.

Será que havia me esquecido de trancar a porta?

Não era comum em cidade pequena, entretanto, na Capital, corríamos o risco de ser assaltados a qualquer hora do dia, mesmo mantendo as portas trancadas.

Ouvi vozes do outro lado da porta. Resolvi levantar para averiguar. Desperta e assustada, acendi as luzes do quarto. Parei, de súbito, com as mãos no trinco da porta.

— E se for Jim com a garota no sofá? — falei para mim mesma e, no mesmo instante, a imagem

se formou diante de mim. Não queria ver os dois se agarrando. Não teria estômago para isso. Todavia, não permitiria um absurdo deste! Não debaixo do meu nariz! Respirei fundo e girei a maçaneta, rumo à sala.

— Ela está em casa! Tudo bem, agora. Tchau — Jim falava ao telefone, desligando assim que me viu. — Onde estava com a cabeça para sumir desse jeito? Sair de lá sem me avisar? — disse alterando a voz enquanto eu olhava pelo cômodo à procura da garota.

— Fala sério, Jim! Vai se fazer de vítima agora?

— Estava preocupado, tá legal! Não te vi mais! E os rapazes me disseram que você tinha saído com o idiota do Augusto!

— Ah, ele não era idiota quando me apresentou?

— Depois Gonçalves me disse que te viu entrar no carro dele — continuou cuspindo sua ira, sem ouvir o que havia lhe dito. — Você está maluca? Entrar no carro de um desconhecido?

— Vê se me escuta, cara. Ele não era mais um desconhecido. *Você* me apresentou a ele, esqueceu? Quase me fez sentar no colo dele. Espera — disse,

ao notar que ele iria me interromper —, depois disso, foi se agarrar com aquela loira aguada e me deixou sozinha! Atitude que prometeu não fazer, pelo que me lembro.

— Sei que apresentei, mas fiz errado! Era pra você ter ficado do lado das meninas e não ir se agarrar com meu amigo na pista de dança.

— O quê? *Eu* fui me agarrar? — Sentia a raiva, outrora adormecida, voltar à tona. — Era *você* que só faltava arrancar a roupa da garota lá na pista de dança! Eu só estava tentando curtir, já que o meu amigo tinha me abandonado por uma *siliconada*!

Ambos gritávamos um com o outro, às três horas da manhã.

— Não estou te condenando por se divertir, só estou dizendo que fiquei preocupado e que deveria ter me esperado para vir embora!

— E por que esperaria? Pra fazer o serviço de motorista? Para ajudá-los a chegar mais rápido no seu sofá? Ou, então, levá-los até o motel mais próximo?

— Agora, quem vai esperar um pouco é você! Está revertendo a história para o meu lado? Quem

sumiu sem dar satisfação? Eu fiquei preocupado, pensando que você estivesse...

Ele não concluiu, em vez disso, colocou as mãos na cabeça, como se fosse cair ao chão a qualquer momento. Virou-se de costas para mim.

— Estivesse o quê? Na cama com um homem? E se estivesse? Seria um problema meu e não seu! Já sou bem grandinha pra você querer fazer papel de pai!

— Não! Não é isso!

— O que é, então? Fala!

— Eu... eu...

— Ah, vai perder a fala? Justo agora?

— Não... eu...

— Esquece, Jim! Não precisa sair à minha procura bancando um herói, assim como fez com a Renata! Pois posso ter essa carinha de boba, mas sei me virar, okay? Não sou nenhuma criança e já passei por muita barra na minha vida, já passei por momentos como esse, em que caras como você se aproveitam de garotas só porque são homens e se acham no direto!

— Está me comparando ao Leonardo, é isso?

PERIGOSAS ACHERON

Você deve ter batido a cabeça, garota! Nunca fiz isso! Nunca vou desrespeitar uma mulher! Fiquei preocupado, sim, e não devia tê-la deixado sozinha. Desculpa!

Fiquei em silêncio. Ele estava alterado, mas a forma que havia iniciado a conversa era absurda. Quer dizer, então, que eu sou a culpada? Ele me largou sozinha e depois vem jogar a culpa para cima de mim?

— E posso saber quando percebeu a minha ausência?

— Assim que você saiu, é claro!

— E que horas eram Jim?

— Ah, sei lá, uma hora atrás ou um pouco mais...

— Está vendo? Há três horas eu já estava aqui dentro.

— Está de brincadeira comigo!

— Não. Falo a verdade, mas você estava ocupado demais para perceber. Ocupado demais para reparar em mim ou em minha ausência.

— Não acredito que te deixei todo esse tempo sozinha... Por quê, ao menos, não me avisou que ia

PERIGOSAS ACHERON

sair, vir embora? Eu a traria de volta! — sentou-se no sofá, procurando se acalmar.

— Por esse motivo! Você estava se divertindo, se eu falasse que não me sentia bem, estragaria sua noite!

— Não está se sentindo bem? O que você tem? — disse preocupado, se levantando e vindo até mim.

— Estou bem, esquece! — Afastei suas mãos do meu rosto e me distanciei, dando um passo para trás. — Não se preocupou comigo quando estava com a Carol, e agora se importa? Por quê?

— Não te entendo, sabia? — disse ofendido. — Você diz que quer apenas a minha amizade, mas está tendo um ataque de ciúme, como se eu tivesse te traído ou algo assim!

— Ciúmes? Eu? Ah, me poupe, Jim! — Virei as costas para ele. Tinha atingido um ponto fraco.

— Ciúmes, sim! Da mesma forma que sentiu da Renata, hoje, quando meu pai mencionou que ela o ajudava.

— Ah, fala sério! — Ri com escárnio.

— Não tente me enganar! Pude sentir no tom da

PERIGOSAS ACHERON

sua voz, neste exato momento, quando falou da Carol.

Não consegui pensar em nada inteligente para pronunciar a meu favor. Defini que seria melhor ficar calada a dizer coisas que me arrependeria pela manhã.

— Fala alguma coisa!

— Dizer o quê? — bati as mãos no encosto do sofá, contrariada.

— Se defenda, me conteste ou, ao menos, diga que tudo isso é a verdade! Que está com ciúmes! O que sente por mim, Evy?

— Quer que diga que o amo? Que não posso viver sem você? Esquece, está bem? Já tenho tantos problemas para resolver! Desculpe se o seu ego está ferido, mas não sou como as mulheres desta cidade que caem a seus pés!

Não me renderia, não admitiria o que sentia por ele, principalmente depois de hoje à noite, quando tive a certeza de que ele não sentia nada por mim, que eu era apenas um passatempo, um troféu de conquista.

— Estou sempre pisando em ovos contigo.

Quando estou apaixonado por você e dedico meus dias, apenas, a te conquistar e te agradar, você me esnoba e me rejeita com essa conversa de amizade, dizendo não estar à procura de romance.

— O quê? Apaixonado? Você deve estar maluco!

— Não queria ter essa conversa, muito menos, estando nós dois de cabeça quente.

— Pois saiba que eu estava, sim, com ciúmes de você com o Augusto! — Ele se aproximou a passos lentos. — Diz que não pode se envolver com ninguém, que é muito complicado, mas ficou com o *carinha* essa noite! O que é que acontece com você? O problema, então, é comigo?

— É isso que está pensando? Não fiquei com “*carinha*” nenhum! — rebati, fazendo as aspas com os dedos. — E não há problema nenhum com você! Apenas não posso me envolver com ninguém, e isso é problema meu, não vem ao caso agora, okay? — Sentei no sofá contrariada, esta conversa não nos levaria a lugar algum.

Ele veio em minha direção e se abaixou, apoiando-se em meus joelhos. Desviei meus olhos dos seus, não queria encará-lo desta forma,

desarmada e sem forças para negar a verdade nua e crua. Eu estava apaixonada por aquele homem, embora o odiasse com todas as minhas forças!

— Tenho medo de te ferir, porque você é tão frágil...

— Não sou frágil, Jim, muito menos, me faço como tal — falei, olhando-o nos olhos com a visão turva. — Você não conhece minha história. Nunca precisou se sacrificar em favor de outro, como precisei fazer.

— Como posso te conhecer se tem a mania de se esquivar, de se fechar? Fala, me conta. Diga o que a aflige, Evy! Eu quero te ajudar, mas você não deixa me aproximar.

— Quer saber, é bom me deixar em paz!

— Está vendo? Se esquivando mais uma vez! É difícil entender alguém que tem tantos segredos e mistérios. Eu respeito suas reservas... — falou mais dócil, depois de uma longa pausa. — ... mas, não sei o que quer de mim. Preciso que diga!

Fiquei em silêncio. Ele aguardava, olhando para mim, à espera de que eu abrisse o coração e expusesse meus sentimentos. Queria gritar toda a

verdade, todo sofrimento, no entanto, nada disse. Jim se levantou e foi atender o telefone que tocava insistente.

— Sim, desculpe seu Osvaldo! — Deve ser o síndico, questionando sobre a briga em alta madrugada. — Não vai mais se repetir. Boa noite. — Desligou e depois se voltou para mim: — Coelhinha, quero...

— Vamos parar de falar. Porque a gente briga hoje, consegue se entender amanhã... e volta a fazer tudo de novo, no dia seguinte. Estou cansada disso.

Saí para o quarto de Laura, deixando-o sozinho na sala.

CAPÍTULO 35

Jim

— Errei! Errei em tudo, Romeu! A empurrei para o Augusto, depois fiquei com a Carol, na frente dela! E como se não bastasse, quando a vi, outra vez, em vez de me alegrar pelo fato de que estava bem e em segurança aqui no apartamento, fui um imbecil, um idiota, gritando e a ofendendo. Acusando de se agarrar ou ir para cama com outro cara.

Laura e Romeu chegaram bem cedo; estavam preocupados porque eu ligara para eles, a fim de saber o paradeiro de Evy. Não deveria ter atrapalhado o fim de semana romântico dos dois, mas pensei que talvez poderiam ter tido algum contato, sei lá. Estava apavorado com o seu sumiço.

Romeu ouvia minhas lamúrias em silêncio, enquanto eu andava de um lado para o outro no quarto.

— Por que ela não admite estar apaixonada tanto

quanto eu e acabamos com esse sofrimento? Em vez disso, vive proclamando nossa amizade a todo momento.

— Pra ela, é mais fácil assim.

— Prometi a mim mesmo que não iria mais tocar nesse assunto até que ela falasse primeiro. Tenho medo de coagi-la, estragar tudo e perdê-la de vez. Mas não dá, cara! Essa espera é... — procurei pelas palavras, incerto. — ... aterradora.

— Prefere, então, ficar nessa briga de cão e gato? Até quando?

— Dei uma oportunidade para ela falar, cara! Ela negou que estava com ciúmes e que sentia algo por mim. Falei que estava apaixonado e que a queria, mas, depois, estraguei tudo. Sou um tremendo de um imbecil. — Sentei-me na cama, exausto. Recriminava-me por cada palavra proferida na outra noite.

— Jim, não posso te falar muita coisa, você sabe. Ela não se abriu para contar a sua história, mas você precisa respeitar seu silêncio. Evelyn sofreu muito, antes de chegar aqui, antes de te conhecer, e há assuntos a serem resolvidos.

— Essa parte eu já sei, cara!

— Ela só precisa de tempo para acertar algumas coisas. Ficar pressionando não resolverá nada, pelo contrário, vai piorar!

— E o que há tão terrível no seu passado para tanto mistério, Romeu? O que aconteceu para que ela se fechasse nesse casulo, nessa concha em que vive, que a impede de se abrir e se entregar pra mim?

— Desculpa, *brother*, eu mesmo não sei muita coisa, mas sei que é barra. Espera.

— Esperar...

— Sim, dê um tempo a ela, mas fique por perto, porque vai haver um momento em que esse casulo vai se romper e ela precisará do seu apoio.

— Isso me deixa louco! Essa espera, essa agonia!

— Evy veio pra cá para ter a ajuda da Laura, porém, muito provável, que será em você que ela se apoiará quando tudo vier à tona.

— E o que faço enquanto isso? Deito e finjo de morto? Porque ela não vai querer olhar na minha cara, nunca mais! Não depois de ontem.

— Parece que você não a conhece, Jim. Das
PERIGOSAS ACHERON

outras vezes que discutiram, ela não guardou magoa alguma, esqueceu? Basta conversarem.

— Não, Romeu, dessa vez foi diferente.

— Procure se desculpar, procure perdoá-la e entendê-la. — Repousou a mão sobre meu ombro ao dizer: — Não sei o que mais pode ser feito, não depende de nós.

— Ah, se fosse assim, tão fácil!

— Vamos para a cozinha preparar o café da manhã. — Suspirei e o segui, desanimado.

— A Laura está conversando com ela?

Evy se retirou para se deitar no quarto da Laura e do Romeu após a nossa discussão, de madrugada, e ainda não havia saído de lá.

— Sim. Vão fazer a sua *caveira*, com certeza — falou sério, mas escondia um sorriso no canto da boca.

— Desculpa, irmão! Estraguei o fim de semana de vocês.

— Tudo bem, o próximo ponho na sua conta e fica tudo resolvido! Agora, vamos.

...

Confesso que o clima não estava dos melhores. Evy evitava me olhar e eu não sabia o que dizer. Laura e Romeu tão pouco nos ajudaram no transcorrer do café da manhã.

Era segunda-feira e não havia muito que fazer. Nossos amigos foram se deitar, dizendo que estavam cansados da viagem, obrigando-nos a ficar sozinhos.

Evy foi ler seu livro na poltrona reclinável da sala. Sentei-me diante da TV, passando por todos os canais, sem me interessar por nada, o que me deixava ainda mais frustrado.

Próximo às onze da manhã, ela se levantou e foi à cozinha, preparar o almoço. Levantei e fui atrás dela, buscando o outro avental. Esse momento seria uma boa oportunidade para iniciar uma conversa. Da outra vez que trabalhamos juntos, fora agradável, talvez pudesse resgatar essa lembrança e melhorar as coisas entre nós.

Não sabia o que cozinhar, entretanto não me atrevi a perguntar, então, arrisquei. Peguei uma cebola e outros utensílios, e fui em direção à pia.

— Vejo que gostou de picar as cebolas! — Ouvi

Evy falar com ironia atrás de mim.

Não sabia qual a intenção de ter falado isso. Olhei as cebolas em minhas mãos e, depois, para ela. Vi um sorriso doce e brincalhão em seus lábios. Não me contive e retribuí, nervoso.

— Bem, foi só o que minha *masterchef* me ensinou até agora — brinquei, aproveitando a brecha que abrira para um possível diálogo.

— Mentira! Aprendeu a virar panquecas também, esqueceu? E já faz até café.

— Ah, verdade! E hoje, o que vai ser?

— Strogonoff. Gosta? Ah, você come até pedra, me esqueci.

Atrevi-me a outras piadas, entretanto, após uma frase e outra, voltávamos ao silêncio. *Precisava falar e sabia que ali era o melhor momento, contudo, por onde começar?* Perguntava-me, aflito.

Quando Evy me passou a panela, vi números marcados à caneta, pouco visíveis, em seu antebraço, junto ao nome do Augusto.

Fiquei apreensivo. Ele dera seu telefone a ela, o que queria dizer que rolou algo entre eles. Saber disso foi como um soco na boca do estômago.

— Reparei que não apagou por completo o contato dele, no braço... — as palavras saíram impulsivas.

— Tentei, mas... — Deu de ombros. — Sei lá... esqueci.

— Vai ligar?

— É um cara legal, mas não vou ligar.

Respirei, aliviado.

— Mas vocês não se entenderam, ontem? Não ficaram? — arrisquei perguntar. Eu precisava saber, por outro lado, tinha receio de ofendê-la novamente.

— Já disse que não. Só dançamos juntos, não significou nada.

— Mas, pra ele, deve ter significado, pra te dar o numero de telefone.

— Jim, não começa, tá?

— Sinto muito... desculpa. Perdoe-me por ontem, também!

Falava enquanto picava as cebolas. Ela nem ao menos levantou os olhos, esquivando-se, à procura de algo no armário

— Não sei aonde estava com a cabeça. Espero que você entenda que fiquei preocupado.

Ela estava de costas para mim, me impedindo de ver sua reação. Aguardei por uma réplica, que não veio.

— Nada justifica ter falado daquele jeito, te ofender ou te deixar com o Augusto... — Meus olhos ardiam e ela permanecia calada. — Compreendo que tem seus segredos e devo respeitar, mas queria que confiasse em mim e soubesse que estou aqui para o que precisar.

— Eu confio em você! — disse cautelosa. Depois de uma pausa, respirou com intensidade e se virou para mim.

Seus olhos marejados me fitavam. Limpei as mãos e fiquei de frente a ela, para recebê-la em meus braços. Poucos passos nos separavam, contudo Evelyn não se aproximou.

— Desculpa, também fui uma imbecil — continuou —, não quis reconhecer, ontem, mas...

— Mas? — Eu a via lutando contra as palavras prestes a serem ditas.

— Estava com ciúmes e não quis admitir.

— Ciúmes? — perguntei com expectativa.

— Sim. Eu... tinha pedido para não me deixar sozinha no clube, e foi isso o que você fez, assim que teve oportunidade. Fiquei furiosa, mas entendo que não estava sendo justa contigo. Você precisa se divertir e já chega de bancar a minha babá, não é?

— Ah, é isso? — falei desanimado. Esperava que fosse por outros motivos, mas sabia que, se assim o fosse, ela não admitiria com tanta facilidade.

— Quero tocar a vida pra frente e estou o impedindo de fazer o mesmo, te afastando de seus amigos e namoradas.

— Não está me afastando, acredite. Estou contigo porque gosto. Escuta, ambos erramos, não foi? Então, estamos quites. — Tentei fazê-la sorrir, no entanto estava nervoso demais para pensar em algo que pudesse aliviar o clima tenso.

Evy, por sua vez, limitou-se a voltar a atenção para o armário.

Queria abraçá-la, amenizar o conflito entre nós, porém compreendi que não era o momento. Terminamos de cozinhar em silêncio.

Assim que colocamos o almoço à mesa, nossos

PERIGOSAS ACHERON

amigos saíram do quarto, enchendo a casa com as piadas do Romeu e a alegria e risadas de Laura.

...

— Pronto — disse ao telefone.

O nome do Augusto havia aparecido na tela. Respirei, aborrecido, antes de atender, pois, de antemão, já sabia o que ele queria.

— Oi, cara, sou eu, o Augusto, beleza?

— Sei que é você! Pode falar. — Encontrava-me contrariado com aquela situação.

— Estava a fim de falar com a Evelyn, será que pode passar o celular a ela, caso esteja por perto?

Evy olhava para mim como se fosse capaz de ouvir a conversa do outro lado do telefone, sentada, com os pés sobre poltrona, abraçando os joelhos. Estávamos todos juntos na sala, vendo TV, após o almoço.

— Vou ver se ela pode atender. — Abafei o celular no peito.

O que deveria fazer? Incentivar esse romance? Fala sério, justo *eu*? Fazendo o papel de cupido?

— Evy, é o chato do Augusto. Quer falar com

ele?

Ela continuou me olhando, roendo as unhas.

— Não sei, acho que não.

Romeu e Laura olhavam de mim para ela, observando nossa reação.

— Larga a mão de ser boba, Evy! Atende o cara. Ouça o que tem a dizer, só isso.

Laura, sempre estragando tudo.

— Okay. — Estendeu as mãos para pegar o aparelho. — Obrigada. — Dirigindo-se ao telefone, continuou: — Oi, Augusto, tudo bem? — Pausa. — Estou melhor, obrigada por ligar! Muito gentil de sua parte... — fez-se silêncio enquanto ela ouvia o outro lado da linha. — Sério? Legal! — Esse suspense me agonizava!

— O que esse idiota está querendo?

— Cala a boca, Jim!

— Dançar, hoje? Mas é segunda, não está tudo fechado? — Outra vez o silêncio. Levantei e fui à varanda. — Ah, na casa de um amigo? — Não me aguentava de irritação. — Não. Fica para a próxima, estou um pouco cansada ainda, de ontem, acredita?

— O cara é um *mala*, mesmo!

— Shhh... — silenciou-me Laura, ouvindo-me replicar.

Evy e Laura se olhavam em uma conversa muda. Ela continuou ao telefone.

— Pois é... cinema? — Augusto queria arrastá-la de qualquer forma. Laura sentou-se ao seu lado. — Amanhã pode ser, então. Okay, combinado. Que horas? Sim, te espero nesse horário.

— Cinema? Com Augusto? Amanhã? — perguntei voltando contrariado à sala. — Pensei que tinha falado que não queria sair com o cara.

— Não queria, mas ele insistiu tanto que não tinha mais como negar.

— Ah, tinha, sim!

— Jim! — falou Laura. — Deixa de ser estraga prazeres!

Não deveria impedi-la de conhecer outros caras, ela era livre para fazer suas escolhas.

CAPÍTULO 36

Evelyn

Estava pronta, na hora marcada, com uma calça jeans preta e uma camiseta branca de mangas compridas, o que me fez lembrar do dia em que cheguei à cidade e conheci, de modo desastroso, Jim e seu jeito atrapalhado — o qual aprendi a gostar.

A campainha tocou, mas, antes mesmo de me levantar, Jim se adiantou e abriu a porta. Ele passou o dia todo calado. Era nítido sua falta de interesse pela minha ida ao cinema com Augusto.

Também não me encontrava animada. Na verdade, nem ao menos sabia porque aceitara o convite! Insistência de Laura? Talvez. Ou queria mostrar ao Jim que eu não era uma de suas garotas?

Isso estava ficando cada dia mais irritante e inoportuno! Não era mais adolescente para ficar com esses joguinhos de charme e sedução. Muito menos envolver outro cara na história em que eu já

estou atolada até o pescoço.

Seria o primeiro e o último encontro, conversaria e seria sincera com Augusto, explicaria que não poderíamos mais sair porque... porque... bem, na hora encontraria uma boa desculpa.

Levantei devagar e fui em direção à porta, passando por Laura e Romeu que conversavam deitados juntos no sofá. Jim e Augusto trocavam curtos e grossos cumprimentos. Deveria interrompê-los antes que se agredissem bem ali no corredor do edifício.

— Boa noite, Augusto.

— Boa noite, gata! — Ele me deu um beijinho no rosto, mas logo se afastou, olhando para o outro que teimava em permanecer ao nosso lado.

Podia ver os nós dos dedos de Jim se esbranquiçarem devido à força com que apertava a lateral da porta.

— Bom, é melhor a gente ir, se não perde o começo do filme.

— E voltam que horas?

— Jim, larga a mão de ser grosso! Está controlando o horário dos dois, agora?

— Só quero ter a certeza de que Evy ficará bem, Laura. Não estou controlando nada.

— Parece que está sim, *brother*!

— Boa noite, pessoal. Até mais tarde. — Saí do apartamento sentindo o olhar fulminante de Jim e as mãos de Augusto em minhas costas.

— Quer ir ao cinema mesmo ou prefere outro lugar?

— Cinema! Quero muito ver esse filme que está em cartaz. — Menti. Na verdade, não queria ver filme algum, tampouco queria ser obrigada a conversar com ele por longas horas. O filme, por sua vez, serviria como uma desculpa.

Seguimos de carro até a cidade mais próxima.

...

Augusto era um rapaz agradável, mas eu não queria ter mais uma pessoa envolvida na minha vida, exigindo saber sobre o meu passado. Isso tudo era constrangedor: infinitas perguntas sobre onde e com quem morava na Capital, meu último relacionamento, família...

Perguntas que requeriam respostas simples,

contudo não seriam tão simples assim. Pronunciar nomes e episódios em voz alta traria meus monstros à tona, eles me encontravam aonde quer que estivesse. O medo percorreu-me o corpo na forma de um arrepio gélido, se alojando em minha coluna.

— Qual lugar prefere? — perguntou ao entrarmos na sala escura, ambos carregando grandes baldes de pipoca e refrigerantes.

— Ali no meio, parece bom.

As luzes da tela se acenderam assim que nos sentamos, transmitindo os trailers de outros filmes e próximos lançamentos.

— Bem na hora! — constatou meu novo amigo.

A luminosidade do ambiente oscilava e a penumbra confundia os atrasados que adentravam a sala.

Em certo momento, tive a impressão de ver uma silhueta conhecida passar pela porta. Procurei olhar mais uma vez, porém não o avistei. Não conhecia muitas pessoas em Borópolis, muito menos na cidade vizinha. Era quase impossível encontrar alguém conhecido ali, naquela noite. Entretanto,

meus olhos insistiam em vasculhar entre vultos e formas.

— Procurando alguém, Evelyn?

— Não. Pensei ter visto uma pessoa...

— Bem provável ser seu cérebro à procura de rostos conhecidos na multidão.

— Sim, deve ser isso mesmo.

Voltei a olhar para a tela que anunciava o início do filme. Olhei mais uma vez para o outro lado das poltronas e vi, mais uma vez, a silhueta vagamente familiar, sentado, logo atrás, procurando se camuflar entre os telespectadores. Não acredito que ele me seguiu! Podia ser apenas impressão, mas meu coração disparou quando reconheci o vulto de Jim à espreita, nos olhando.

Como ele tinha a capacidade de se intrometer tanto na minha vida, ao ponto de me seguir até aqui?

— Parece nervosa! O que está te incomodando?

— Espero mesmo que não incomode...

— Não entendi. Quem? — disse, olhando na mesma direção que eu.

— Ninguém importante! Vamos ver o filme?

Aconcheguei-me à poltrona e, depois de alguns segundos, já estava envolvida no enredo do filme.

...

— Não acredito, Jim, que foi capaz de uma coisa dessas! — exclamei assim que irrompi pela porta do quarto.

— O que eu fiz?

— Ah, e ainda se faz de santo! — Joguei minha bolsa na cama ao lado, com força.

Ele estava lindo, com uma camiseta regata preta justa e uma bermuda, deitado na cama, com os cabelos despenteados, como sempre, mas sua cara de sínico só fez crescer a ira.

— O que foi desta vez? — Laura veio correndo até o quarto a fim de apaziguar a discussão.

— Você não vai acreditar, Laura! Ele nos seguiu até o cinema e ficou ali, a poucos metros da gente! Qual é o seu problema comigo, cara? — esbravejei, me dirigindo a ele.

— Não tenho problema nenhum! O problema deve ser seu, por ser cega ou ingênua ao sair com

aquele cara.

— Então você confessa que seguiu a gente? É isso?

— Calma, Evy, está muito nervosa! Não pode falar assim com ele sem ter certeza.

— Eu tenho certeza, Romeu! Eu vi! Eu o vi lá, se achando no direito de cuidar da minha vida.

— Jim? Você seguiu a menina, mesmo? — Romeu estava incrédulo.

— Como? Se eu não vi você saindo?

— Gente, eu não segui ninguém, tá legal? Fiquei aqui esse tempo todo. — Apontou para as dezenas de revistas e livros sobre a cama.

— Fala sério, Jim, conta a verdade!

— Evy, é melhor se acalmar. Você está muito alterada.

— Ok, estão achando que estou inventando tudo isso, né? Ou que fiquei louca, de repente?

Todos permaneceram em silêncio. Romeu olhava para outro lado, envergonhado, ao passo que Laura escondia um sorriso sob as mãos. Apenas Jim continuou me olhando, com o sorriso largo nos

lábios.

— O que foi? É isso, estão me achando louca?

— Coelhinha, você reparou em como você está? Suas roupas...?

Sem perceber, eu havia tirado a camiseta e estava apenas de sutiã. Por sorte ainda não havia tirado a calça jeans. Abri, precipitada, as portas do guarda-roupa em busca de algo que pudesse vestir para dormir, e fui ao banheiro, esbravejando pelo caminho.

— Idiota! Como odeio esse cara!

— Não, você não me odeia! — gritou para que o ouvisse mesmo à distância.

Bufei de raiva! Como ele podia ser tão hipócrita e sínico? Tinha certeza do que vira! Era ele! Deixava-me louca com isso. O que pensava que era? Meu dono?

Podia ouvir a risada dos meus amigos no quarto. Com certeza estavam por trás de tudo aquilo. Claro! Eram amigos mesmo antes de surgir na vida deles.

— Dá pra sair agora? Quero dormir! Ou vão vigiar meu sono também? — Já vestida com meu

PERIGOSAS ACHERON

pijama, entrei no quarto, expulsando Laura e Romeu que ainda riam à solta e às minhas custas.

— Sim, amiga.

— Até amanhã, Evy, e vê se fica mais calma, viu?

— Cala a boca! — Joguei um par de sapatos em direção ao Romeu.

— Coelhinha, se sente bem? — Jim perguntou assim que fecharam a porta.

— Não quero falar com você.

Deitei na cama, olhando para a parede branca. Queria evitar olhá-lo, sabia que se assim o fizesse, minha raiva se dissiparia no mesmo instante. Seu olhar e seu sorriso possuíam uma magia capaz de afastar sentimentos ruins. Gostava disso, mas não queria que minha raiva se dissipasse.

— Está mais calma? Se quiser, posso ir à cozinha preparar um chá.

— Está de brincadeira, né? — Sentei na cama, indignada com sua ousadia.

— Não, só estou querendo ajudar!

— Foi nisso que pensou quando me seguiu?

— Okay. Vai insistir nessa história? Acho melhor fazer um chá para nós...

— Não, não vai sair daqui e, sim, vou insistir nessa história até confessar. Posso estar nervosa, mas sei muito bem o que vi. Que droga! Está me fazendo passar por isso! Por quê?

— Talvez tenha sido um dos meus irmãos. Já falei como somos todos parecidos?

— Acha que sou criança, é isso?

— Não é criança, é uma mulher... linda... que muitos caras como o Augusto, ficam doidos pra levar pra cama. Eu estava lá para assegurar que iriam mesmo ao cinema em vez de outro lugar e ele a traria em segurança para cá.

— Acabou de confessar!

— Sim, eu confesso.

— Vou chamar a Laura, agora, e você vai falar para ela também — disse me levantando da cama.

— Estou falando apenas pra você! Não vou repetir isso em hipótese alguma.

— Por que isso, Jim?

— Te segui, para sua própria segurança.

- Não confia em mim?
- Não confio nele. É diferente.
- Idiota! Eu te odeio, sabia?
- Sei que é mentira, não me odeia!

Voltei a me deitar na cama, dessa vez de costas para ele. Não estava com raiva por ter nos seguido, apenas irritada por sua ousadia. No entanto, saber que estava tão próximo, a noite toda, me trouxe certa segurança.

Não o odiava de verdade. Contudo Jim conseguia, sem dúvida, me irritar, me deixar louca. Uma verdadeira relação de amor e ódio.

Adormeci, com um sorriso nos lábios.

CAPÍTULO 37

Evelyn

— Já faz um pouco mais de um mês que está morando aqui e parece que ainda não se sente em casa, Evy — constatou Laura, quando pedi licença para sentar junto aos meus amigos, na sala.

— Não quero atrapalhar o namoro dos dois, é isso.

— Nunca atrapalha, você sabe, amiga — disse sentando ao meu lado e me abraçando. — Mas acho que deveria sair, fazer mais amigos, arrumar um carinha interessante.

— Lá vem a Laura com suas manias de casamenteira!

— Para de se intrometer na conversa, Romeu — recriminou o namorado e, voltando-se para mim, continuou: — E o Augusto? Não saíram outra vez, por que não liga pra ele?

— Sabe que até hoje não entendi porque acobertaram Jim quando fui ao cinema com o

Augusto?

— Já falamos que não participamos de nada disso.

— Ah, faz de conta que eu acredito em Papai Noel.

— E aí, todos reunidos na sala? O que aconteceu?
— Jim chegou suado da academia, se jogando no sofá ao meu lado. — Alguma reunião especial? Do que estão falando?

— Você não vai querer saber, Jim — advertiu Romeu.

— Por falar nisso, Rô, já resolveu o assunto do salão para a minha festa de aniversário? — Romeu fez um movimento negativo com a cabeça e suspirou cansado.

— Quer ir lá, agora, ver isso, amor? — Os dois saíram, rindo e se abraçando, nos deixando sozinhos na sala.

— Por falar em aniversário — Jim se levantou e foi em direção ao quarto, voltando em segundos —, isto é pra você.

— Pra mim? Mas por quê?

— Achei que iria gostar. É daquele autor que
PERIGOSAS ACHERON

você curte, não é?

— É sim. Como se lembrou?

— Como não lembraria? Nos obrigou a assistir a trezentos filmes feitos a partir dos livros deste cara!

— Ai que mentira! Foram apenas dois.

Como ficar zangada com ele por muito tempo, quando ele vinha com sorriso travesso e brincadeiras de moleque?

Eu sempre evitava maiores contatos — como um abraço —, embora apreciasse sentir o seu toque mais demorado quando suas mãos buscavam a minha ao andarmos nas ruas ou nos parques.

Meus sentidos falhavam e me traíam. Gostava de estar ao seu lado, me sentia à vontade na sua presença. Segura, como não me sentia há anos.

— Vi você folhear este livro na livraria, no dia em que saímos com o pessoal, imaginei que gostaria de ler.

— Ah, obrigada, mas não precisava se incomodar — falei entusiasmada, folheando as páginas. — Adorei o presente, de verdade. Obrigada.

— Bom, e o que pretende fazer mais tarde?

— Ler este livro até o fim, com certeza.

— Nem pensar! Se for pra ficar grudada neste livro a noite inteira, vou devolver à livraria! —
recriminou-me, arrancando o livro de minhas mãos e o escondendo atrás de si.

— Tudo bem, tudo bem. A gente sai ou faz o que você quiser, mas devolve o livro!

— Okay! Percebeu o que disse, não? Faremos o que eu quiser! — balançava o livro no alto de sua cabeça.

— Não foi bem isso o que eu disse.

— Disse sim, mas vou ser bonzinho com você. À noite, vou tocar num barzinho chamado Saudosa. Quer ir comigo?

— Claro. — Aproveitei o momento de distração para tomar o livro de suas mãos. — Até lá, consigo ler a metade.

— Fui trocado por um livro.

— Cala a boca! — Gargalhamos, conversamos mais um pouco... acabei esquecendo-me da leitura.

...

Aproveitamos os últimos momentos antes do

retorno ao trabalho, que se iniciaria em três dias. As férias chegariam ao fim.

Sáímos juntos por diversas vezes, fomos ao shopping da cidade vizinha e ao cinema, mas sempre acompanhados por Romeu e Laura, ou em grupos maiores. Não sabia se eles queriam estar junto conosco ou se nós provocávamos situações para não ficarmos sozinhos. Eu, sinceramente, preferia assim.

Durante a semana, encontramos o irmão do Jim, Júlio, que mora na cidade. Rapaz muito simpático. Sua semelhança com Jim deixou-me impressionada.

Ele me contou histórias hilárias sobre a infância cheia de irmãos e um pai brincalhão e sorridente. Sua noiva era uma moça adorável e, por ser professora como eu, a amizade surgiu com facilidade.

Como combinado uma semana antes, íamos almoçar na casa do seu Paulo. Desta vez, também iriam Gonçalves e Celeste, que voltara da viagem contentíssima com a reconciliação entre eles e a filha.

Fora um dia agradável. Cheguei mais cedo para preparar o almoço junto ao Jim, como fazíamos em casa nos outros dias. A cozinha, para nós, havia se tornado um terreno neutro, onde nos desarmávamos e nos entendíamos.

Seu Paulo — sempre muito simpático — e Gonçalves nos divertiram com suas piadas e histórias do passado. Após o almoço, Jim pegou o violão e cantamos músicas antigas na varanda da casa.

Ele tocou outras vezes em bares e clubes da cidade e da região, no decorrer das semanas. Todos sempre lotados. Sua voz era linda e trazia um conforto incrível.

Contentava-me com sua companhia e amizade. Jim era sempre muito bom comigo, não brigávamos mais e, dia após dia, sentia que nossos laços se fortificavam.

Tive pesadelos muitas outras vezes e, em todas, Jim estava por perto. No meio da noite, sem dizer nada ou fazer perguntas, ficava ao meu lado, segurava-me as mãos e confortava-me em meio às lágrimas. Sei que um dia ia conseguir superar tudo

isso e, de cabeça erguida, conseguiria contar a ele a minha história.

Desconhecia o fato de que esse momento se aproximava.

CAPÍTULO 38

Jim

Acordei com Evelyn agitada em seu sono; estava tendo pesadelos, mais uma vez. Desta vez não gritava, apenas se debatia e contorcia-se em sua cama. Procurei ver o horário em meu celular; eram quase seis horas da manhã. A janela ficara aberta e pude notar que o sol ainda não nascera. Seria um dia nublado.

Pensei em ir até ela, mas, por outro lado, parecia invasivo ir a sua cama. Enfim, ela despertou, se sentando com brusquidão. Passou as mãos pelo rosto despertando dos terríveis fantasmas que, vez por outra, a assolavam nas noites.

Enrolou os cabelos em um coque, prendendo-os, desajeitada, com algo que estava sobre a cômoda. Nesse instante, percebeu que eu estava acordado e a observava.

— Desculpe se te acordei — sua voz parecia rouca, contendo o choro.

— Você está bem? — indaguei sentando-me na cama, com os pés descalços no chão. — Precisa de alguma coisa?

— Não, obrigada. — Saiu para o banheiro.

Esperei, impaciente, que retornasse. Quando voltou, vi que havia amarrado os cabelos em um rabo de cavalo e vestira sua roupa de corrida.

— Vai correr? — perguntei, mas não esperei sua resposta. Fui ao banheiro me lavar e trocar de roupa enquanto ela calçava os tênis. Queria acompanhá-la, não podia deixá-la sair sozinha. Estava muito nervosa.

Devo ter demorado, pois quando saí do banheiro já não a encontrei. Corri para fora do apartamento. Sabia que ela tinha ido pelas escadas, como de costume. Peguei o elevador, que chegou rápido. Enquanto descia, rezava para que pudesse encontrá-la ainda no prédio.

Os anjos devem estar jogando a meu favor, pensei, ao ver a porta sendo aberta pelo porteiro para que ela saísse, no mesmo momento em que o elevador abria a porta. Saí apressado.

— Evelyn, espera! — chamei-a pelo nome, o que

era raro.

O rapaz permaneceu com a porta aberta para mim, desejando-me um bom dia. Respondi, cordial, alcançando a rua.

No céu, nuvens carregadas anunciavam uma tempestade, embora a temperatura da manhã estivesse quente. Apertei o compasso da marcha até estar ao seu lado, com nossas passadas no mesmo ritmo. Corremos em silêncio por muito tempo. Sabia que ela queria desta forma, perdida em seus pensamentos. Era nítido, em suas feições, o peso que carregava do passado.

Ficando sem fôlego pelo cansaço da corrida, verifiquei que estávamos chegando ao limite da cidade. Precisava interrompê-la e fazer voltar à realidade.

— Coelhinha? — Segurei em seu braço, gentil, chamando-a mais uma vez. Ela conseguiu desvencilhar de minhas mãos e continuou a correr.

Não recuaria, seria mais firme com ela, contudo, esperava não aborrecê-la, nem ao menos, afrontá-la. Apertei o passo mais um pouco até estar à sua frente, segurei-lhe os braços, forçando-a a parar.

— Coelhinha, para, por favor! Acalme-se! — Ela tentou, em vão, se livrar de minhas mãos e, aos poucos, foi parando de se debater, desabando, por fim, de joelhos ao chão.

Seus ombros estavam tensionados e seu corpo tremendo. Ajoelhei com ela e a abracei. Podia sentir suas lágrimas quentes molharem minha camiseta. Segurava-a, firme, porém com afeto. Aos poucos, Evy foi relaxando seus músculos e correspondeu ao abraço. Esperei que se acalmasse até que restaram apenas soluços.

— Estou aqui! Pronto. Você não está mais sozinha. — Levantei-a do chão, mas continuei envolvendo-a com meus braços. — Venha comigo.

Retornamos por alguns quilômetros a passos arrastados, abraçados e sem nada dizer. Já não havia mais lágrimas, apenas aquelas que molharam seus olhos e riscaram a sua face. Nossa respiração era ofegante.

Avistei uma padaria em funcionamento e a conduzi até lá. Estávamos longe de casa, depois de tomarmos um café daria um jeito.

Devia acalmá-la a fim de que conversasse comigo

e se abrisse. Pensei em esperar chegar ao apartamento, no entanto era provável que fugiria de mim, procurando conforto em Laura. Precisávamos daquele momento.

Eu precisava.

Sentamos em uma mesa mais afastada da porta e de curiosos. Pedi dois cafés e dois pães. Enquanto esperava nossos pedidos, segurei suas mãos sobre a mesa.

Queria ouvir sua voz, mas não queria forçá-la a nada. Receoso e sem saber o que dizer, esperaria, mas não por muito tempo. Com a voz rouca e contida, pude ouvi-la:

— Eu tive um filho!

PARTE 2

CAPÍTULO 01

Evelyn

— Tive um filho! — foi o que consegui falar.

Nossos cafés, acompanhados pelo pão que ele pediu, foram trazidos por uma senhora de uniforme desbotado. Pude ouvi-la oferecendo ajuda e perguntando se eu precisava de um médico ou coisa assim. Jim se livrou dela e continuou me abraçando.

As lágrimas se atropelavam em meus olhos e não era capaz mais respirar direito. A dor rasgava o peito como uma faca à pele. As palavras vinham em minha boca, mas não conseguia pronunciá-las.

As imagens que havia vivido junto a ele, meu pequeno menino, passavam como um filme na mente, turvas pela dor e pelas lágrimas.

Jim deixou-me chorar, sentado ao meu lado, abraçando-me, Ele afagava e beijava meus cabelos. Sentia-me inútil, entorpecida, desfalecida. Contar tudo o que passara seria o mesmo que reviver

momentos de verdadeira amargura e angústia. Seria libertar meus monstros, meus medos, outrora guardados a sete chaves no interior da alma e do coração.

— Estou aqui pra você! Estou aqui! — ele repetia como um mantra, na tentativa de me acalmar.

Aos poucos fui me controlando, mas não me atrevia a dizer mais nada.

— Desculpe — minha voz saiu embargada devido à tristeza.

— Não precisa falar nada. Estou aqui porque gosto de você, não precisa dar explicações. — Fez uma pausa. — Procure se acalmar e comer um pouquinho, está bem? Vai se sentir melhor.

Ficamos em silêncio enquanto Jim, sem pressa, comia seu pão. Vez ou outra, segurava minha mão, me dando apoio. Eu, no entanto, cortava o pão com os dedos e o levava à boca, mas, no fim, o pão continuava em pedaços no prato. O café esfriou na xícara sem que eu conseguisse bebê-lo.

Sáímos de lá e fomos caminhando para casa. Ele insistiu em chamar Gonçalves para nos levar de volta, porém eu não quis, preferi andar. Precisava

encontrar forças para falar, queria me abrir com ele, contar-lhe meu passado não tão distante, falar tudo sobre a minha vida e o que me fez chegar a uma cidadezinha no meio do nada. Talvez andar ajudasse a organizar os pensamentos e me daria forças.

Próximo ao parque, entrelacei seus dedos aos meus, conduzindo-o ao Recanto, um lugar especial para ele. *Quem sabe seria para mim também.* Jim permanecia em silêncio desde o momento em que falei sobre meu filho. Não fez perguntas, esperava que eu concluísse em meu tempo.

Sentamos em um dos bancos ao lado do chafariz. Encostei-me e abaixei a cabeça. Ele, por sua vez, sentara-se voltado para mim, com a perna esquerda flexionada sobre o banco, sentando sobre ela. A cabeça repousava sobre sua mão, com o cotovelo apoiado no encosto do banco. A outra mão segurava as minhas, unidas, sobre minhas pernas.

O dia estava nublado, mas fazia calor. A brisa suave da manhã acariciava a pele, movendo meus cabelos. Pude ouvir, ao longe, crianças brincando. Elas estavam por toda parte. Isso me fazia lembrar

dos passeios aos parques e zoológico com o meu filho.

Era tanta coisa para falar ao Jim que não sabia por onde deveria começar e o que deveria contar.

Dizem que devemos começar do início, não é? Respirei, inalando pelo nariz enquanto buscava as melhores palavras.

...

Eu tinha dezoito anos quando o conheci. Era minha primeira semana na faculdade e me sentia deslocada e perdida. Cidade grande é o oposto de cidade pequena, são raros os momentos em que se vê um rosto conhecido.

Laura frequentava a mesma faculdade que eu, porém sua sala era em outro bloco, cursava História. Dividíamos um quarto na hospedagem próxima ao campus.

A faculdade era grande demais, dificultando que nos encontrássemos entre uma aula e outra. A biblioteca era o nosso ponto de encontro durante os intervalos e nos tempos livres.

Foi onde o conheci.

Um rapaz alto, magro, de cabelos e olhos pretos. Lindo e educado. Estava no último ano de Direito. Chamava-se Ricardo e tinha vinte e três anos.

Começamos a sair juntos, primeiro com a Laura e o rapaz que ela também conhecera. Acho que, por isso, insiste tanto que eu namore um amigo dela, outra vez. Depois de um tempo, começamos a sair e, no final do primeiro semestre, já estávamos namorando.

Ele era gentil e cuidava de mim, era o que eu mais precisava, pois perdi meus pais muito cedo, quando fui morar com a família da Laura. Apreendi a gostar dele. Fiquei apaixonada.

No fim daquele ano, ele se formou e passou na prova da Ordem dos Advogados do Brasil. Foi trabalhar na empresa do seu tio, que atuava na área de advocacia e era proprietário de uma importante sociedade de advogados da Capital.

Bem, três anos depois, terminei a faculdade e também estava com o diploma em mãos. Laura voltou para a casa dos pais, mas eu não queria voltar, precisava seguir a minha vida. Então alugamos uma pequena casa, no centro da Capital

e fomos morar juntos.

Eu estudava para concursos dia e noite, e entregava currículos em escolas particulares. Logo comecei a trabalhar com Educação Infantil, o que acabou se tornando a minha paixão.

Passei em um concurso para trabalhar com adolescentes no meio daquele ano. Comecei a desenvolver o projeto pedagógico e social que, depois de alguns anos, cresceu e recebeu o apoio do estado.

Estava tudo dando certo. Morávamos juntos, ele trabalhando no escritório do tio e eu em duas escolas, fazendo o que eu mais gostava.

Fiquei grávida no fim daquele ano, então, ficamos noivos e nos casamos, depressa. Eu tinha vinte e três anos na época. Ele me amava e eu o amava, não havia razão para isso não acontecer. Ricardo já tinha uma carteira razoável de clientes e eu adorava meu trabalho.

O bebê nasceu. Era um menino lindo, de pele clara e muitos cabelos negros. E foi aí que surgiram os problemas.

Meu bebê era tão frágil... os médicos diziam que

PERIGOSAS ACHERON

não iria sobreviver, que não iria resistir, pois nascera com um problema grave no coração.

Eu o amava desde o momento que soube que estava em meu ventre. Quando nasceu, agarrei-o como uma âncora e rezava o tempo todo para que ele se segurasse em mim e sobrevivesse... que saísse dessa.

Eu acariciava suas mãos pequenininhas e também o seu rosto quando o amamentava. Não ia desistir de lutar, daria a minha vida por ele!

Não foi fácil. Precisou de constantes cirurgias. O plano de saúde não cobria o tratamento e precisávamos de mais dinheiro. Ricardo era orgulhoso demais para aceitar a ajuda de seus pais ou de seu tio, tão pouco aceitou a ajuda que os pais de Laura ofereceram. A saída que encontrou foi aceitar outros clientes, por fora da empresa do tio. Clientes obscuros que deviam à justiça. Sua função seria livrá-los da cadeia por uma boa quantia em dinheiro.

Ele era um ótimo advogado e, com as brechas da legislação, conseguia deixar traficantes e assassinos à solta. Fui totalmente contra quando

descobri e começamos a discutir. As brigas se tornaram diárias, eu não concordava com suas atitudes, livrando pessoas ruins de pagar pelo que deviam. Não aceitava aquele dinheiro sujo dentro de casa.

“Mas é esse dinheiro que está pagando o tratamento do nosso filho”, ele dizia.

Devido ao estresse das idas e vindas intermináveis ao hospital e das brigas frequentes, acabamos nos distanciando. Pelo menos o tratamento estava funcionando, e logo comemorávamos o aniversário de um ano do nosso pequeno Gustavo.

Ricardo garantiu que, a partir daí, só iria advogar as causas passadas pelo escritório, já que nosso bebê melhorava e não precisava mais de cirurgias e remédios. Mesmo assim, continuamos separados. Nada me importava mais, apenas a saúde do meu anjinho, pois sua saúde ainda era delicada.

Depois de um tempo, descobri que Ricardo estava mentindo para mim, para seus pais e para a empresa onde trabalhava. Era ganancioso demais

para deixar passar todo aquele dinheiro. Continuava trabalhando de forma obscura e desprezível.

Um ano mais tarde, me procurou desesperado e nervoso, contando que havia um traficante o perseguindo. Para livrar um criminoso das grades, havia entregado outros para a justiça.

Ricardo simplesmente fugiu, deixando o filho para trás, talvez por pensar que estivéssemos em segurança longe dele, ou por não se importar conosco, não sei. Eu já não o amava como antes, a gente brigava muito desde o início do seu novo trabalho.

Embora não quisesse que o menino crescesse sem a presença do pai, segui em frente, eu e meu filho, porém o destino preparava outras surpresas para nós. Não seria assim tão simples.

Os traficantes descobriram a fuga de Ricardo e, enfurecidos, ligavam em casa e nas escolas em que eu trabalhava, nos ameaçando. Se não informasse seu paradeiro ou se meu ex-marido não retornasse, pegariam meu filho!

“Moeda de troca”, falavam.

Eu não sabia onde ele estava, não tinha mais contato comigo ou com a empresa que trabalhava, nem ao menos com seus pais. Havia desaparecido. Mas eles não acreditaram, estavam loucos atrás dele, e isso os levou a cumprir a chantagem.

A polícia local não deu crédito às ameaças, diziam que milhares de pessoas recebem ligações anônimas desse tipo e, na maioria das vezes, eram golpes para tirar dinheiro de cidadãos através do medo e coerção.

As ligações pararam e pensei que, enfim, descansaríamos em paz. Voltei à rotina de trabalho e meu filho voltou à creche, mas essa esperança de tranquilidade e vida normal deu lugar a dias de verdadeira agonia e sofrimento.

Em um fim de tarde de sexta-feira, em que precisei trabalhar além do horário do expediente num projeto, uma moça de confiança ficou de buscar Gustavo na escola. Éramos vizinhas e sempre que precisava contava com sua ajuda.

Atendi ao telefone e a ouvi, desesperada, atropelando as palavras, incoerente. Mesmo assim, pude entender o que acontecera: haviam

sequestrado meu filho.

Contou-me, chorando, que em certo momento do caminho, alguns homens a obrigaram a parar e, com uma arma apontada para a cabeça do meu filho, o levaram embora.

— Tinha apenas três aninhos! Entende o que é isso? — falei entre soluços.

Ele estava sozinho em algum lugar e eu, como mãe, me senti impotente. Não sabia se estava com frio, se havia se alimentado, ou se estava com dor, machucado... com medo... Logo escureceria e ele precisaria de mim.

Saí desesperada do trabalho e, nas proximidades da rua da minha casa, avistei as luzes dos carros de polícia. O medo do inevitável se alastrou pelo meu corpo e fiquei inerte por um tempo. Fechei os olhos, ainda dentro do carro, pedindo a Deus que tudo voltasse ao normal, que tudo desaparecesse quando os abrisse de novo. Mas não. As luzes, os carros, a polícia, os curiosos... permaneciam todos lá. O que poderia fazer, além de encarar a realidade que me esperava?

Saí do carro sentindo o peso do corpo e da minha

inutilidade diante da circunstância. Assim que me aproximei da entrada de casa, tudo pareceu desmoronar.

Minha vizinha tinha a aparência péssima, chorava aos prantos, sendo amparada por uma policial. Outro oficial, à sua frente, tomava notas e preenchia formulários.

“A senhora precisa colaborar” me pediam, diante da minha desesperança.

“Como podem se preocupar com essas coisas, se meu filho, meu menino, está lá fora, sozinho? Logo vai escurecer, esfriar e vocês preocupados com altura e cor da roupa? Precisam sair e procurar por ele! Ele está lá fora sozinho...”

Com o corpo curvado, eu chorava e implorava para trazerem meu filho em segurança. Não conseguia parar de pensar que Gustavo deveria estar com medo e confuso. Era apenas um bebê! Como foram capazes de fazer isso? Uma monstruosidade!

Foi uma semana de intensa negociação entre policiais e gangues. A TV acompanhou tudo de perto e a cidade toda ficou sabendo do “Terrível

sequestro à luz do dia a uma criança de três anos, filho de um importante advogado da cidade”, como anunciavam na imprensa em letras garrafais ou em alto e bom som.

Ricardo sequer apareceu para dar apoio nesse momento difícil. Era filho dele também, não era? Havia desaparecido do mapa, pensei até que estivesse morto.

Depois de dias de terror, a Polícia conseguiu encontrar o cativado onde mantinham escondido meu menino. Conseguiram trazê-lo são e salvo para mim!

Tamamha foi a minha alegria ao abraçá-lo outra vez. Pronto, estava tudo resolvido! Voltamos para casa alegres pelo fim do triste episódio.

Não passava de um engano. As ameaças reiniciaram e não podíamos mais ficar em casa ou retornar à rotina.

Fomos encaminhados para o Serviço de Proteção à Testemunha. Poucos meses após o sequestro, estávamos no carro da polícia, com apenas uma bagagem nos acompanhando à outra cidade.

Queríamos apenas recomençar, eu e meu filho.

Já havíamos percorrido algumas horas da viagem quando um terrível acidente nos deteve na estrada. Um caminhão desgovernado atingiu a viatura, fazendo o veículo capotar diversas vezes. O homem que o conduzia fugiu, abandonando seu veículo quilômetros à frente.

Os policiais prestaram os primeiros socorros, porém os oficiais também se encontravam bastante feridos. Fomos encaminhados ao hospital mais próximo.

Meu menino dormia no momento do acidente e nada viu. Entrou em coma profundo assim que deu entrada na emergência do hospital. Precisou fazer cirurgias para reparar as hemorragias internas.

Seu coração já era tão frágil...

Quanto a mim, tive várias fraturas pelo corpo e fui induzida ao coma devido ao traumatismo craniano leve. Acordei dias depois, sem me recordar muito bem do que acontecera. As lembranças do acidente eram vagas, confusas, apenas as marcas pelo corpo e a dor física me faziam lembrar da minha incapacidade em protegê-lo.

As escoriações pelo corpo ainda eram visíveis. Meu o rosto estava arranhado, meu ombro e braço foram imobilizados com talas e gesso. E eu, ali, deitada numa cama de hospital, sem poder me levantar e pegar meu menino no colo.

Um sentimento doloroso de vazio, de inutilidade, tomava meu corpo, dia após dia. Lutei e implorei até que os médicos me permitiram levantar e ir até ele.

Eu era sua mãe, contudo fui incapaz de protegê-lo e livrá-lo de todo esse sofrimento. As dores físicas me consumiam, mas a culpa corroía bem mais a fundo. A pior dor era saber que meu filho estava lutando numa cama de hospital e eu não podia fazer nada a não ser esperar e rezar.

E esperar...

Meu bebê, meu menino!

Já fora do coma, deitado naquela cama enorme e fria, de vez em quando abria seus olhinhos, suplicando-me por livrá-lo dos tubos e do sofrimento. Eu segurava as suas mãozinhas junto às minhas. Acariciava-lhe o rosto pálido e lindo.

Permaneci ao seu lado todas as horas e minutos

que me eram permitidas. Quando me obrigavam a sair, eu argumentava e discutia em vão, até me sedarem e levarem ao quarto para, na manhã seguinte, tudo se repetir.

Dias depois, em uma manhã, Gustavo apertou as minhas mãos e balbuciou “mamãe”, com sua voz fraca. Cantei para ele a nossa música, observando seu rosto sereno adormecer. Beije-lhe as mãos a cada refrão.

Por fim, as máquinas começaram a apitar anunciando que seu coraçãozinho, que já era delicado, não resistiria, até que parou de funcionar, levando-o a óbito. Os médicos tentaram reanimá-lo, fizeram de tudo para trazê-lo de volta. Em vão...

Era dor demais para ser suportada, um sofrimento que não tem nome e machuca só de pensar. É única e intensa. Impossível de medir a dimensão, o seu tamanho e profundidade. Não existe palavra para expressar sentimento assim.

Nem parecia real, apenas um pesadelo daqueles que você tenta acordar, mas não consegue, sabe?

Eu queria gritar, no entanto, a voz não saía.

Queria correr, destruir aqueles que levaram meu menino. E não podia fazer nada para cessar aquela dor monstruosa.

Meu filho, não!

Meu Deus, por favor...

Estou sozinha, preciso do meu bebê aqui, comigo!

Tragam meu filho de volta!

Meu Deus...

As mãos de Jim me abraçavam com toda força, me trazendo de volta à realidade. As lágrimas molhavam sua camiseta, enquanto escondia meu rosto em seu corpo. O pesadelo havia acabado, mas os fantasmas para sempre me assombrariam. Meu corpo agitava-se num soluço ritmado.

— Estou aqui. Você não está mais sozinha! Estou aqui...

Eu escutava sua voz doce e terna em meus ouvidos, me acalentando. Suas mãos firmes acariciava meus cabelos.

...

— Você está bem?

— É engraçado esse tipo de pergunta. — Havia me acalmado do rompante de lágrimas e conseguia ser mais coerente. — Nunca sabia o que responder quando me era feita. As pessoas com frequência perguntavam como eu estava. Eu limitava a dar de ombros. Era mais fácil do que encarar o que sentia de verdade, pronunciar as palavras era difícil e doía ainda mais. Por vezes era necessário respondê-las e eu odiava.

Ajeitei os cabelos tentando controlar o tremor das mãos. Forcei um sorriso, mesmo amargo. Evitava os olhos de Jim.

— O que elas queriam que eu dissesse? Que estava tudo bem e logo ia passar? “Obrigada por perguntar”, eu respondia, mas queria apenas que me deixassem em paz com minha dor. Era mais fácil não dizer nada, era mais honesto e verdadeiro.

— Entendo.

— Meu filho está morto. Sabe o que isso significa? Ele estava em meus braços e agora não está mais. — Abaixei os olhos para as mãos abertas e vazias sobre o colo. — Encarar as pessoas que, com bondade e empatia, tentavam me consolar, era

muito difícil. Sem contar aquelas que comentavam minha desgraça, sem perceber que podia ouvi-las.

— Não precisa dizer mais nada. Eu compreendo o quão difícil deve ser e respeito seu silêncio, okay?

— Preciso terminar... você precisa saber a história até o final.

— Apenas se isso fizer você se sentir melhor, certo?

Respondi com um fraco movimento afirmativo, inalando o máximo de ar que pude, e então continuei...

...

Laura foi até lá, para me apoiar no hospital, logo quando aconteceu, e ficou até resolver as questões do enterro. A dor de segurar meu filho pela última vez, já sem vida, me rasgou inteira por dentro. Não há dor maior para uma mãe do que enterrar seu próprio filho.

Já não tinha meus pais há muito tempo, meu irmão era um drogado internado, que procurava se recuperar. Não tinha ninguém por mim e o único

bem mais precioso que tivera, foi sepultado.

Por fim, Ricardo começou a me ligar, pedindo dinheiro para fugir dos traficantes. Nem ao menos se desculpou pela parcela de culpa. Na verdade, para mim, a culpa era única e exclusivamente dele. Eu não queria vê-lo outra vez. Nunca mais.

Não tinha aparecido nem ao enterro do próprio filho, temendo ser encontrado. Não se importou nem por um segundo. Como pode agir assim? Eu não conseguia compreender, até hoje não compreendo, e isso me traz ainda mais raiva e revolta.

Restou-me a dor e a desolação da perda do único bem que possuía. Com a clavícula quebrada e vários escoriações pelo corpo, devido aos estilhaços do acidente, enterrei meu menino. Carreguei o peso da culpa por sua morte junto ao seu corpinho inerte no caixão.

A vida perdera as cores. Entrei em depressão profunda, não me importava com mais nada. Perdi peso por não me alimentar e, duas vezes tentei tirar minha própria vida. Não encontrava motivos para continuar a viver, tinha desmoronado e não

encontrava forças para levantar.

Contudo, não podia desistir. Por Gustavo, lutei contra os medos e a tristeza que me levava ao fundo do poço e consegui me reerguer, mas não podia, não conseguia ficar mais na mesma casa... na mesma cidade.

Decidi recomeçar minha vida em outro lugar, onde ninguém me conhecesse ou soubesse de toda essa história.

Vendi o carro e a casa. Não temia mais pela minha vida, não precisava fugir. Apesar disso, não conseguia continuar frequentando os mesmos lugares onde outrora estivera com ele, segurando-o pelas mãozinhas e ouvindo sua voz pela casa ou em qualquer canto que ia. Seu cheiro ainda estava em cada cômodo, impregnado em minha pele.

Depois que consegui vender tudo, dei ao Ricardo a parte que lhe pertencia, torcendo para nunca mais voltar a vê-lo. Aceitei o convite da minha amiga de infância para morarmos juntas, em uma cidade desconhecida, longe da Capital, onde ela vivia com Romeu, o cara que conheceu num navio.

Foi aqui, onde cheguei há alguns meses, com

minhas malas cheias e um coração vazio. Onde encontrei amigos, esperando que me salvassem da dor e da solidão.

Anseio recomeçar a viver, mas sei que nunca me libertarei da dor da perda, da saudade e da culpa...

CAPÍTULO 02

Jim

Deixei que ela contasse e desabafasse toda sua dor. De vez em quando, interrompia seu relato, enxugando-lhe as lágrimas e observando seu olhar perdido e distante. Com certeza, revivia o sofrimento a cada palavra.

Enquanto Evy falava eu compreendia a grande dor que a assolava nas madrugadas em forma de pesadelos terríveis, como o desta manhã.

Sua dor era tão real como nunca, jamais, imaginara. Ela estava sofrendo e fui egoísta, olhando para o meu próprio umbigo, querendo conquistá-la ou desejando que me visse como homem, e não como amigo.

Ela precisava de espaço, e eu, tolo, a coloquei contra a parede diversas vezes. *Como pude ser tão insensível e ignorante?*

Abracei-a como nunca tinha abraçado. Queria arrancar de dentro dela toda dor, embora fosse

impossível apenas com um gesto. Só o tempo faria isso, assim como Romeu me alertara. Eu teria que esperar e deixar que o tempo se encarregasse de ajeitar as coisas.

Poderia levar meses ou anos, eu tinha consciência disso, e estaria disposto a ficar ao seu lado e esperar, apoiando-a. Todavia, a partir daquele momento, seria mais fácil, já que sabia com quais pesadelos estava lidando.

Suspirei, soltando o ar que nem reparei estar segurando por tanto tempo.

— Estou aqui e continuarei aqui, para te ajudar no que for preciso — era tudo o que eu conseguia e podia dizer diante de tudo aquilo. — Você não está mais sozinha. Estou aqui com você, okay?

O que mais poderia dizer? Que sentia muito? Ou que tudo ficaria bem e que isso ia passar? Não queria dar falsas esperanças ou iludi-la, pois a dor de uma mãe ao perder um filho é grande demais e leva muito tempo para abrandar.

— Como se sente, depois de ter me contado e revivido tudo? — perguntei à procura de seus olhos, segurando-lhe o rosto com as mãos.

— Exausta! Cansada ao extremo. Acabei de enfrentar os últimos anos de minha vida em poucos minutos.

— Foi mais de uma hora, na verdade — disse, olhando o relógio de pulso que ela carregava.

— Leva mais tempo para falar do que para lembrar. — Riu, sem jeito. — Desculpe, não devia ter te atropelado com todas essas coisas, só que não sabia por onde começar a contar. Tudo faz parte de um único pacote, então...

— Não precisava ter me contado. Se não quisesse, quero dizer. Eu queria muito conhecer a sua história, precisava ouvi-la. Mas aprendi a te respeitar e a confiar no seu silêncio. Desculpa se o que disser soar estranho, mas fiquei feliz por ter confiado em mim e revelado o que passou.

— Não é estranho, não se preocupe. Devia isso a você, queria contar há um tempo, mas não podia. A dor era grande demais, ainda é, na verdade. Precisava dividi-la contigo. Um alívio parece ter pousado em meus ombros. Obrigada por me ouvir.

— Fez uma pausa, como se procurasse pelas palavras certas. — Creio que deve ter várias

perguntas, fique à vontade para fazer, está bem? Já não há mais mistérios e segredos entre nós.

— Sim, há muitas perguntas que gostaria de fazer, mas haverá oportunidade para isso. Agora, venha.

Peguei-a pelas mãos e caminhamos lado a lado rumo ao apartamento, sem falarmos mais nada. Tudo o que fora dito até então, era o suficiente. Ela precisava descansar e minhas dúvidas poderiam esperar um pouco mais.

Minha vontade era fazer esse crápula do marido, ou melhor, ex-marido, se arrepender por tudo que a fizera sofrer. Como foi capaz de provocar tamanha atrocidade na vida dela e abandoná-la desta forma? Ela e o filho?

...

Ao abrir a porta, avistei Laura e Romeu conversando animados na sala.

— Meu Deus, o que aconteceu? — Vieram ao nosso encontro quando perceberam seu estado.

— Evy, você está bem? — perguntaram aflitos.

Fiz um aceno com a cabeça para que não se

preocupassem.

Conduzi Evy à sua cama, ajudando-a a tirar o tênis, em seguida, ela se deitou e adormeceu. Rezei em silêncio para que seus sonhos fossem leves e agradáveis e sua dor amenizasse com esse repouso.

Fui à sala encontrar meus amigos que esperavam preocupados. Conteí-lhes o que havia acontecido, desde o pesadelo à corrida desenfreada de Evy até, por fim, o momento em que se abriu e me contou tudo sobre seu passado.

— Agora, Evelyn precisa descansar. Deve ter sido um momento muito difícil para ela — disse Laura —, ainda sofre muito. Faz pouco mais de seis meses desde que enterrou o filho, é tudo muito recente.

...

Enquanto ela adormecia na cama ao lado, pesquisei na Internet, em meu notebook, sobre os fatos que foram relatados nos jornais da Capital, na época. Lendo as matérias publicadas, tudo parecia ainda pior, frente ao sensacionalismo que costumam fazer diante do sofrimento das pessoas.

Como não ouvira falar deste acontecimento?

PERIGOSAS ACHERON

Percebi como Borópolis ficava longe, não só do mapa, mas também das notícias.

Ou eu é que não me importava com o sofrimento alheio?

Fechei o computador assim que Evy abriu os olhos, depois de duas horas. Precisava ficar próximo a ela, por outro lado, não queria invadir sua privacidade.

— Ainda está aqui? — Evy perguntou ao se sentar na cama, arrumando os cabelos. — Perdeu uma bela oportunidade de fugir! — Riu, envergonhada.

— E por que fugiria?

— Não sei, acho que fugiria de uma louca com uma história maluca dessas!

— Não é louca, sabe disso. O que viveu foi uma barra e não devia ter passado por isso, muito menos sozinha! Não consigo acreditar que aquele canalha a abandonou desse jeito, num momento tão difícil.

— Mas assim o fez! Apenas para não ser encontrado. Prefiro pensar desta forma. Imaginei que nosso filho deveria significar algo para ele, já que se envolveu nessa história para ajudá-lo no

PERIGOSAS ACHERON

tratamento, atrás de dinheiro, recursos e tudo mais.

— Desculpa, Coelhinha, mas é injustificável, você sabe. — Sentei-me, colocando os pés no chão para olhá-la melhor.

— Eu sei. Apenas prefiro me agarrar a esses argumentos para não sofrer mais. — Ela se encolhia, abraçando os joelhos.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal?

— Sim, claro! Quantas precisar. Espero poder respondê-las.

— Ainda é casada com ele?

O silêncio que se propagou foi interminável.

— Perante a lei, sim, mas já não vivemos juntos há alguns anos — respondeu depois de um suspiro.

— Porque não se divorciou?

— Ele é o advogado, lembra? O que consegue *safar* criminosos da cadeia e deixá-los impune. Ele se recusou a assinar os papéis, sempre alegando que havia algo redigido errado ou que ainda me amava e deveríamos tentar outra vez, por causa do Gustavo.

— E depois do acidente? Não o viu mais?

— Ele entrou em contato por telefone, passou o número da conta para depositar uma quantia em dinheiro a ele, não cheguei a vê-lo.

— E você, ainda o ama?

— Não! — respondeu sem titubear, segura de sua resposta. Depois sorriu quando respirei aliviado.

— O cara que estava te ligando? Era ele?

— Sim.

— E o que quer contigo?

Balançou a cabeça em negativa

— Não sei... mais dinheiro, talvez? Não quero nem saber! Próxima pergunta? — indagou, procurando descontrair.

— Não vou perturbá-la com perguntas, deveria deixá-la em paz, sem fazê-la remoer tudo isso.

— Tudo bem, você faz parte disso agora, não merece ficar com dúvidas.

— Bem, então... — fui à sua cama, me sentando próximo a ela, mas com uma distância segura entre nós, como ela costumava fazer.

Queria dizer a ela que a amava e a queria junto a mim, para sempre. Precisava saber o que sentia por

mim e se havia alguma esperança de que, um dia, ficássemos juntos. Todavia, sabia que este não era o momento, ainda.

— ... Deixa pra lá, haverá outra oportunidade para isso. Venha cá, deixe-me cuidar de você. — Abracei-a com ternura e senti sua respiração pausada e tranquila.

— Quero mostrar uma coisa. Espera — falou, se afastando depois de um tempo.

Foi ao guarda-roupa e começou a procurar alguma coisa embaixo de roupas e cobertores. Surgiu com uma pequena caixa de couro com tonalidade escura.

— Aqui está tudo o que restou. — Sentou-se ao meu lado, colocando a caixa, ainda fechada, sobre meus joelhos. — Pode abri-la.

— Por que não abre você mesma?

— Não sou capaz! Ainda dói muito.

— O que vou encontrar aqui?

— Fotos minhas com Gustavo... algumas recordações da maternidade... e recortes de jornais que Laura guardou sobre o que aconteceu conosco, desde o sequestro, acidente... são apenas

PERIGOSAS ACHERON

lembranças.

— Ainda é difícil, não é?

— Muito. Sinto a falta do meu menino a cada segundo dos meus dias. — Evy alisava os nós existentes no couro da caixa. — Ver a vida de um filho ser interrompida é uma experiência que ninguém merece viver.

— Imagino como se sente. Você se questiona, se culpa pela morte dele, mas essa culpa pode acabar contigo. Precisa controlar ou vai te destruir por dentro. Precisa continuar a viver. Não é culpa sua, entendeu?

— Eu sei, mas não consigo abandonar esse sentimento e seguir em frente. Preciso de ajuda! Preciso que me ajude...

Segurei-a, firme, em meus braços. Queria beijá-la, entretanto queria acima de tudo protegê-la.

A chuva que ameaçava o céu durante a manhã, caía com força, batendo no vidro da janela com seus pingos grossos, deixando o dia ainda mais cinza e triste. Evy chorou mais uma vez e cantei para ela, pela primeira vez, a sua música.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 03

Evelyn

Passara aquele dia deitada, olhando para o teto, perdida nas lembranças. Não me sentia bem. Meu corpo doía, como se tivesse voltado de uma guerra.

A minha guerra, a qual não havia vencedores. Aquela em que perdi o bem mais precioso da minha vida.

E de quem era a culpa? Do sistema? Do Ricardo? Dos traficantes? Ou seria minha, devido à incapacidade de proteger meu próprio filho?

Não importava, na verdade. Queria que todos sumissem para poder continuar a viver, por ele.

— Como está, amiga? — Laura interrompeu meus pensamentos. — Desde ontem não sai desse quarto... Estou preocupada.

Um nó apertou em minha garganta. Sentia a dor se dilacerar dentro de mim, no entanto, não havia mais nada o que fazer. Meu filho descansava em uma pequena jazida, a quilômetros de onde eu me

encontrava. Pensaria nele todos os dias da minha existência, mas precisava seguir em frente.

— Estou melhor — limitei a responder.

Não deixaria me abater e me afundar em depressão como antes. Contava com três ótimos amigos para me ajudarem nisso, sem contar a Celeste que estava me dando muita força e me animava a continuar.

“Você é nova, pode ter outros filhos!”, me disse pela manhã, embora nada traria meu pequeno Gustavo de volta.

— Nem tocou na comida que te trouxe mais cedo? — recriminou-me enquanto se deitava ao meu lado, na cama.

— Desculpa, estou sem fome.

— Nem imagina a falta que está fazendo naquela cozinha, menina! Os meninos estão arruinando aquilo lá! — brincou, procurando me animar.

— Estão fazendo o melhor que podem, tenho certeza. — Depois de um longo silêncio, continuei: — Jim falou alguma coisa?

— Sobre o quê, exatamente, quer saber?

— Sobre o que contei, de ter um filho... ser

PERIGOSAS ACHERON

casada...

— Por que me pergunta isso?

— Depois que contei ao Jim, senti algo mudar entre nós.

Creio que o fato de não ter que esconder mais nada me trazia conforto em estar ao seu lado. Sem reservas e segredos, finalmente. Ele conhecia o lado obscuro e amargo do passado que eu carregava e procurava me confortar e ajudar à sua maneira.

Jim respeitava meu silêncio antes, mas não o compreendia. Após quebrar o sigilo no parque naquele dia, ficamos mais à vontade, sem ter que desviar de assuntos constrangedores e dolorosos. Sem pisar em ovos, como ele mesmo dissera.

Contudo, outra coisa havia mudado.

— Ele não me vê mais como a garota que via antes. Está mais distante — continuei —, o fato de ser casada o assusta, não é?

Não estava com Ricardo há muitos anos, porém um caso amoroso com alguém atrapalharia todo o processo judicial. Eu também não me sentiria confortável com a situação, pois, afinal, me via como uma mulher casada. Seria traição aos olhos

de Deus, não seria?

— Evy, não é isso...

— É claro que é! Quem iria querer um relacionamento com uma mulher casada com um cara problemático, com quem já tivera um filho?

— Não o julgue desta forma. Ele não é criança, sabe muito bem o que quer. Talvez esteja esperando você tomar alguma iniciativa para se aproximar. Já procurou dizer a ele o que sente?

— Não. Não é certo fazer isso com ele.

— Por quê não é certo, amiga? Vocês se amam! Não deveriam ficar mais um minuto escondendo ou se esquivando dos próprios sentimentos.

Tentava não pensar em Jim e no que eu sentia por ele. Tampouco queria pensar no que ele sentia por mim. Evitava lembrar o momento em que nos beijamos ou outros em que quase declarei o meu amor por ele, contudo, o desejo à flor da pele, abrasador, por diversas vezes me fazia lembrar que eu era uma mulher há muito tempo esquecida. Queria ser amada e desejada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 04

Evelyn

— E aí, está pronta? — era a voz de Jim do outro lado da porta do banheiro.

— Quase, podem ir descendo, alcanço vocês num minuto!

Era meu primeiro dia de trabalho depois de oito meses de luto e tristeza. Precisava voltar. Acreditava que me faria bem seguir a rotina, manter um padrão. Sempre me confortou.

Íamos todos juntos, num único carro, já que nesta terça-feira faríamos o mesmo horário de trabalho, no período da manhã. Eu, em particular, estava animada para conhecer os alunos, ao passo que Laura estava triste com o fim das férias.

— Passou muito rápido! Não fizemos quase nada, poderia estender mais uma semana, não podia? — reclamava, desanimada, sentada à mesa do café da manhã.

— Como assim? Não paramos em casa um único

PERIGOSAS ACHERON

dia! — protestei.

— A partir de hoje, só nos restam os fins de semana — completou Romeu.

A equipe da escola me recebeu muito bem no dia anterior, quando nos encontramos para a primeira reunião de organização e planejamento do novo ano letivo.

Ninguém sabia sobre o ocorrido e isso me trouxe certo alívio. Estava ansiosa para conhecer as turmas e os meus alunos.

Fiquei com as salas dos segundos e terceiros anos do Ensino Médio, sendo cinco salas ao todo. Fiquei responsável pelas aulas de literatura e redação, o que sobrecarregou meu horário no período da manhã, embora teria as tardes livres.

Laura, por sua vez, ocupara seu horário com as turmas de primeiro ano, à tarde, além do período da manhã com outras turmas.

Jim dava aulas para as turmas de preparação para o vestibular à noite. De manhã, atendia os adolescentes com orientações e ajuda psicológica, já que também podia atuar como psicopedagogo, orientando-os quanto às dificuldades na escola e na

família.

Romeu também trabalhava na escola, porém na parte administrativa. Foi por intermédio dele que Laura conseguiu a vaga de professora de História há dois anos.

Cheguei animada à escola e fui direto para o corredor que indicaram ser destinado aos terceiros anos. A manhã passou sem grandes novidades, mas foi com imenso prazer que nos reunimos no almoço, em casa.

— Evy, as turmas que peguei seguidas às suas aulas, só fizeram elogios. Pude ver que te adoraram! — elogiou Laura, se servindo de mais uma generosa porção.

— Também andei conversando com alguns adolescentes, todos falaram da aula bem dinâmica e descontraída que tiveram contigo — comentou Jim.

— Ah, que bom que gostaram! Prefiro dar aulas desta maneira, porque sei como é difícil para eles, nessa fase conturbada da adolescência, ficarem sentados tantas horas, só ouvindo professores despejarem conteúdo. Sobretudo, nas últimas séries. Devem se sentir pressionados com a questão

de vestibular e primeiro emprego, iminentes, ao fim do ano.

— Pois é, com estas dificuldades que trabalho. A tensão provocada pelos vestibulares, concursos e primeiro emprego, deixam os adolescentes nervosos no decorrer do ano, mais ainda a partir do segundo semestre, quando a cobrança da família tende a piorar.

— Evy — chamou Romeu —, sabe que não vou conseguir enrolar o pessoal da administração por muito tempo, não é? Eles estão me pressionando quanto aos documentos para finalizar a papelada da contratação. Você não entregou todos e, mais cedo ou mais tarde, precisará fazê-lo, não sabe?

— Eu sei, Romeu. A própria coordenadora veio me falar e acabei inventando uma desculpa qualquer. Não sei nem se acreditou!

— Mas qual o problema, Coelhinha? O que há de errado com seus documentos?

— Assim que me registrarem e meu nome cair no sistema, ele irá saber onde estou.

— Seu ex-marido? Qual o problema? Assim você já acerta a questão do divórcio com ele. Não há

motivos para fugir.

Na verdade, havia! Não sabia conseguiria vê-lo de novo, guardava muita mágoa, pois tudo o que aconteceu foi por sua negligência. Tinha certeza de não ser capaz de perdoá-lo pela morte do meu filho.

Permaneci em silêncio, junto aos pensamentos, enquanto os demais conversavam animados à mesa, comentando sobre alunos e situações cômicas ocorridas anos anteriores.

— O almoço estava uma delícia, Evy, mas acho que comi muito!

— Você acha, querida? Eu tenho certeza! Você acabou sozinha com a travessa de arroz!

— Ai, que exagero, Romeu. Mas, falando sério, acho que vou tomar um remédio para facilitar a digestão.

— Não, Laura. Vou preparar um chá que é mais saudável. Melhor não tomar remédio, por enquanto.

— Tudo bem, então. Tenho que voltar em meia hora. Vou me deitar um pouquinho. Acho que não estou preparada psicologicamente para o retorno às aulas.

— Quer conversar sobre isso? — disse Jim,
PERIGOSAS ACHERON

colocando seus óculos de leitura com ar de doutor.

— Cala a boca, Jim! — rimos.

Precisaria ficar atenta à Laura, nos últimos dias andou muito indisposta, mas não havia como ter certeza de minhas suspeitas. Ainda.

CAPÍTULO 05

Jim

— Pretende fazer o quê, agora, Coelhinha?

Havia passado uma hora que Romeu e Laura haviam retornado à escola. Evy e eu nos encarregamos de arrumar a cozinha, já que não trabalharíamos no período da tarde.

— Bem, não sei, sempre trabalhei o dia todo, não sei o que fazer com as tardes livres. — Ficou em silêncio por um breve minuto, perdida nas lembranças do passado. — Quando tinha um tempinho, era um milagre, então, aproveitava para passear com meu filho, dar uma volta em algum parque ou comprar um tênis para ele. — Sorriu, ao pensar no menino. — Ou os pés dele cresciam muito rápido, ou as pontas dos tênis estouravam de tanto jogar bola e correr!

— É bom ouvir você falar no seu filho, sabia? Seus olhos brilham e seu rosto fica ainda mais lindo!

— Ainda dói muito... — Parou de lavar a louça e se encostou à pia, sobrepondo o peso do corpo em um dos pés.

— Sei que não sou seu psicólogo particular, mas há uma explicação para isso. — Aproximei-me, aos poucos. — As fases do luto, já deve ter ouvido falar: raiva intensa, negação, culpa, depressão e medo. São sentimentos normais.

— Sim, sinto todas elas ao mesmo tempo. — Procurou sorrir.

— Se tiver vontade de chorar, chore. Permita-se sentir. Será muito mais difícil se você se fechar como vinha fazendo, sem expressar suas emoções, entende? Isso irá colocar você no caminho da aceitação.

— Às vezes, penso que nunca serei capaz de superar esse acontecimento. Foi uma adversidade após a outra e eu não consegui protegê-lo!

— Você se sente culpada pelo ocorrido e a dor da perda de um filho é muito grande, mas se criar forças para lidar com isso, em breve restará apenas a saudade.

— Sabe, nunca pensei que poderia conversar com

PERIGOSAS ACHERON

alguém sobre a morte dele sem me derramar em lágrimas. Parece que depois de me abrir e contar a você, consegui reorganizar o caos interior.

Evy me olhava nos olhos à procura de algo para se agarrar, como se eu pudesse salvá-la. Faria o que estivesse ao meu alcance, e muito mais, para ajudá-la e vê-la feliz outra vez.

— Que tal a gente ir tomar um sorvete? Tenho certeza de que te fará bem. Está bem quente hoje.

— Só vou trocar de roupa.

— Para com essa mania de cidade grande! Aqui ninguém repara nessas coisas de roupa!

— Ah, não? E quem queria jogar minhas roupas no lixo quando cheguei?

Rimos e, em poucos minutos, estávamos andando pelas ruas da cidade, com Evy, pendurada em meus braços. Conversávamos sobre diversos assuntos, desde eventos passados, momentos presentes e expectativas para o futuro.

Era bom ficar em sua companhia, sempre foi, entretanto estava mais fácil depois que eu soube com quais sentimentos estava lidando. Compreendi que ela precisava resolver o seu conflito interior

sozinha e estava ali para apoiá-la. Eu queria o seu bem.

Quanto ao seu marido, ou melhor, ex-marido, precisava persuadi-la a entrar em contato com ele e pedir o divórcio. Estaria ao seu lado para ajudá-la a enfrentá-lo, quando chegasse a hora.

— Foi aqui que tudo começou... — disse nostálgica.

— Aqui? Na rodoviária? Pensei que tinha começado na lanchonete da Celeste!

— Não! Começou aqui, sim. Se você estivesse aqui, me esperando, quando desci do ônibus como Laura pediu, a gente não tinha se conhecido daquela maneira desastrosa que acabou acontecendo na lanchonete!

— Mas daí não teria surgido o nome Coelhinha...

— Sério? — interrompeu com voz mais descontraída. — Ah, não brinca?

— E eu não teria me apaixonado assim que te vi entrando lá e se aproximando de mim.

— Jim!

— Evelyn!

Parei em frente a ela, nossas mãos ainda estavam unidas e ficamos assim por alguns segundos. Tirei uma mecha de cabelos que pendiam sobre seus olhos. Ela inclinou a cabeça junto ao meu toque, me deixando acariciar seu rosto.

Ela me amava, eu sabia disso, era capaz de sentir, mas não podia exigir nada no momento. Sabia que, por seu casamento ainda ser legítimo, Evy não abaixaria a guarda para receber o meu amor.

— É melhor a gente tomar esse sorvete logo! — exclamou, desviando de mim. — Ou vamos tomar um banho! Está derretendo na minha mão!

Voltamos a caminhar até sentarmos em um dos bancos da rodoviária, vazios como sempre, para que ela terminasse o sorvete.

— Mudando de assunto, Jim, você tem reparado em algo diferente na Laura?

— Não, para mim, continua a maluca de sempre, talvez um pouco indisposta, mas é comum após um longo período de férias. Por quê?

— É... deve ser isso mesmo.

— Acha que está doente?

— Não sei, espero que não.

— Que tal um passeio no parque, agora?

— Parece ótimo!

...

O sol pairando entre as nuvens confirmavam que o dia seria de muito calor. Nós nos sentamos no Recanto, debaixo de uma sombra.

— Toma, isso é seu. — Entreguei-lhe o celular montado e com a bateria carregada. — Deve ficar contigo.

— Obrigada, mas não estou precisando dele. — Evy fez uma pausa olhando pensativa para o aparelho. — Na verdade, há algumas coisas aqui que tenho saudades.

Ela ligou o celular e digitou a senha com destreza para o desbloqueio, procurando por algo em seguida.

— Veja essas fotos!

— É o seu menino? — perguntei olhando para a tela do celular, onde aparecia a imagem de um menino lindo, de pele clara, olhos e cabelos pretos. — Era um menino lindo! Se parecia muito com você!

— Era uma graça! Tinha uma animação fora de série — contou, mexendo no celular. — Essa música... ouça! Eu cantava para ele desde que estava grávida.

O som saiu baixinho e reconheci, de imediato, a melodia inconfundível do famoso grupo Guns N' Roses.

— Na verdade, essa música estava tocando quando abri o exame de sangue, dentro do carro, e descobri que estava grávida.

— Uma música muito bonita. Já a ouvi cantando pela casa. Imaginei que era muito especial pra você.

— Sim, muito especial! Faz me lembrar dele, sabe? Acaba me confortando.

— Evy, andei conversando com meu irmão, que é advogado, sobre o seu divórcio e ele me disse...

— Não, Jim, para isso acontecer precisaria falar com o Ricardo, olhar para a cara dele, e não estou pronta para isso! Não quero vê-lo, não quero que saiba onde estou!

— Do que tem tanto medo, Evy? Ele não vai te fazer mal, eu vou estar contigo!

— Não, Jim, não quero! Esse celular ficou desligado todos esses dias porque ele me ligava, me atormentava! Não se importou quando nosso filho foi sequestrado, muito menos quando morreu! Não quero falar com ele, não quero vê-lo, entende?

— Sim, Evy, entendo que deve sentir raiva dele por tudo isso, mas por que ele estaria te ligando tanto? Talvez queira resolver isso tanto quanto você.

— Você não o conhece, não conhece pessoas como ele, Jim. A única coisa de que precisa é de mais dinheiro para continuar fugindo! Dei muito mais do que competia a ele, na verdade, e vim pra cá. Ele, com certeza, está precisando de mais grana, por isso está atrás de mim. Não tenho mais nada! Tudo já me foi tirado, Jim.

— Entendo. Desculpa por me intrometer e te deixar nervosa com isso, Coelhinha. Eu só quero o seu bem, sabe disso, não é? Você tem a mim, agora. Pode contar comigo.

Ela assentiu com um movimento de cabeça, arrumando os cabelos atrás da orelha, contudo nada disse. Eu me aproximei de onde ela estava.

— Evelyn, eu...

— Shh... — disse, selando meus lábios com seus dedos macios, impedindo-me de continuar. Levantou-se, virando as costas para mim em seguida, me deixando desorientado e cada vez mais perdido por ela.

Seria muito difícil guardar os sentimentos e esperar o momento certo para trazê-la aos meus braços por completo. Estar tão próximo, dia após dia, sem poder beijá-la, me consumiria, no entanto faria de tudo para respeitar sua decisão.

CAPÍTULO 06

Evelyn

— Não vou, não insistam! Deve ser ansiedade para o meu aniversário, apenas isso! — Romeu queria levar Laura ao hospital, pois, por diversas vezes, queixava-se de dores no estômago. O mal estar era visível em seu semblante, contudo, rejeitava a ideia e se negava ao atendimento médico.

Mais uma semana se passou e, enfim, chegou o grande e tão esperado dia: a festa de aniversário da Laura! Ela estava radiante de felicidade e muito animada. Conversaria com ela depois do evento, só então ela iria me ouvir.

— Evy e eu vamos passar o dia fora. Vamos ter um dia de princesa!

— Mas e o almoço?

— Ah, já estão ficando mal acostumados, não é? Preparem vocês mesmos! Viu, Evy, você acostumou muito mal esses dois, aí!

— A gente se vira com qualquer coisa, não se preocupem. O Romeu está com graça. — Jim nos acompanhou até a porta do apartamento.

De bermuda e sem camisa, ainda não havia tomado banho após a nossa corrida. Seus cabelos estavam bagunçados e a barba por fazer, o deixando ainda mais lindo!

— Podem ir tranquilas e divirtam-se! — disse, beijando-me na testa.

Fiquei desconcertada com sua demonstração de carinho, no entanto, Laura nada percebeu, me puxando para fora de casa, apressada.

O que eu sentia por ele ficara mais forte nos últimos dias. Três meses se passaram desde que o conheci, de maneira catastrófica, e nossa amizade se tornou forte, apesar dos contratempos. Podia contar com ele para tudo, assim como ele podia contar comigo. Éramos confidentes e amigos.

Queria mais que isso, é claro, mas não conseguia assumir o que sentia. No entanto, estávamos cada dia mais próximos, ele sabia os meus segredos e também compartilhava os seus.

Sentia-me uma adolescente ao seu lado, desejava-

o como nunca havia desejado outro homem. Infinitas vezes procurava por seus abraços, mesmo sem motivos óbvios. Seus dedos em meu rosto ou seus beijos em minha testa, tiravam-me o fôlego.

Sabia que não conseguiria resistir por muito tempo. Eu o amava, em completo silêncio.

— Está tão distante, amiga! O que houve? Algum problema? — Laura perguntou, olhando de esguelha em minha direção, enquanto dirigia o carro rumo ao salão de beleza.

— Jim — respondi com um sorriso nos lábios.

— Vocês estão se dando muito bem, não é? Posso perceber pelo modo que um olha para o outro! Ele já te disse que está apaixonado por você?

— Algumas vezes. Mas não o deixo terminar.

— E você? Já disse o que sente?

— Não, amiga. É muito difícil assumir o que sinto.

— O que te impede, Evy? Se você também gosta dele, se entrega de vez nessa paixão e vai curtir!

— Você sabe o que me impede, Laura... Vem, já chegamos.

— Precisa, pelo menos, conversar com ele sobre isso. Dizer que o ama! Não deve ser tão difícil — Laura tagarelava ao entrarmos no salão.

— Está certa, amanhã converso com ele, okay? Agora esquece isso.

— Okay, mas é pra ser amanhã mesmo, viu, e não “amanhã outro dia”!

— Certo, Laura! Será amanhã, amanhã! — gargalhei com seus argumentos.

...

— Ouvi dizer que tem um homem novo na cidade! — Enquanto fazíamos o cabelo e as unhas, ouvíamos a conversa das meninas no salão.

— É um moço, e não um homem.

— Que diferença isso tem?

— Quero dizer que é um rapaz, e não um homem velho, entende? Muito bonito, por sinal!

— Você o viu, por acaso? — perguntou a cabeleireira para sua assistente.

— De longe, o vi atravessar a praça indo em direção à velha Pousada. Estava todo de social, parece que usava até gravata!

— Deve ser um advogado importante da Capital, então. Eles vivem por aqui, não é?

Ao ouvir isso, meus músculos se retraíram e meu coração disparou! Não poderia ser! Olhei para Laura que, por sua vez, também me olhava com expressão de espanto. A minha expressão não deveria ser diferente, porque as mulheres que conversavam pararam para nos olhar.

— Vocês estão bem? — perguntou a mais velha percebendo nossa reação.

— Talvez conheçam o homem. Vocês eram da Capital, não eram? — perguntou a outra.

— Não... quero dizer, sim. Éramos da Capital, mas provavelmente não conhecemos este homem — respondi, tentando recuperar o fôlego.

— E onde está hospedado esse Deus Grego da Capital? — perguntou a cliente que aguardava ser atendida.

— Se não tem família por aqui, deve estar na velha Pousada — respondeu a cabeleireira.

— Mary? — disse a assistente à outra cliente. — Você não tem uma *parenta* que trabalha de faxineira lá na Pousada?

— Tenho sim, por quê?

— Ai, menina, bem que podia ligar pra ela e se informar sobre esse homem misterioso...

— Vou ligar! Espera um minuto. — Pegou o celular da bolsa, com extremo cuidado para não estragar o esmalte das unhas, e logo estava falando com alguém do outro lado da linha.

— Laura — sussurrei, amedrontada, para minha amiga. Podia ouvir a mulher logo atrás de mim, sussurrar ao telefone à procura de informações. — O que acha?

— Não deve ser, Evy! Não pode ser! — procurou, em vão, me tranquilizar. — Calma, está bem, não deve ser ele.

Não seria possível! Como Ricardo me descobrira aqui, nesse fim de mundo? Precisava manter a calma, não devia ficar nervosa antes de saber se era ele mesmo. Qualquer pessoa pode vir da Capital, não é?

— Meninas, minha prima disse que ontem estava de folga quando o homem deu entrada na Pousada, mas ela o viu, hoje, quando ele saiu bem cedo. Não sabe o nome, mas disse que o rapaz é mesmo muito

bonito e educado. Deixou até gorjeta pra ela quando terminou de arrumar seu quarto. O cara deve ter grana.

— Não é ele, Evy! Ricardo não estaria esbanjando gorjeta. Ele não estava sem dinheiro para fugir dos traficantes?

— Espero que esteja certa, Laura! — Rezei baixinho para que não fosse quem eu imaginava.

Finalizando o trabalho, saímos do salão, ambas nervosas com aquela história.

— Vamos parar para almoçar, Evy?

— Desculpa, amiga! Mas depois dessa conversa alarmante, perdi a fome.

— Justo hoje, no dia da minha festa de aniversário, recebemos essa notícia horrível? Não é justo!

— Laura, me empresta seu celular, por favor. — Ela me entregou o aparelho e, em segundos, aguardava Romeu atender enquanto caminhávamos rumo às lojas para comprar um vestido novo para a aniversariante.

— Fala, princesa...

— Romeu, sou eu, Evy!

— O que foi, Evy? Aconteceu alguma coisa? Laura passou mal de novo?

— Ela está bem, mas preciso que me responda uma coisa.

— Sim, pode perguntar.

— Por acaso, a escola registrou minha carteira de trabalho? Colocou meu nome no sistema? — Pude ouvir a respiração do meu amigo do outro lado da linha. Algo não estava bem. — Responda Romeu, por favor, é importante!

— Evelyn, sinto muito, mas faltavam apenas alguns dados. O outro rapaz que trabalha comigo acabou descobrindo e... bem, não te contei para não te deixar nervosa.

— Ele me descobriu, Romeu! Ele está aqui!

— Quem?

— Ricardo! Ele me encontrou!

CAPÍTULO 07

Jim

— Fala pra esperar que vou buscá-la!

Quando ouvi Romeu contando sobre os documentos, pude imaginar o que Evy estaria passando. Peguei as chaves da moto e, assim que ouvi o nome da loja onde estariam, sai apressado do apartamento.

Evy precisava de mim e eu não a deixaria sozinha. Lutaria e brigaria por ela, se fosse necessário!

Cheguei o mais rápido que pude. Ela estava assustada e veio correndo em minha direção assim que adentrei a loja, abraçando-me apertado.

— Calma Evy! Estou aqui, pronto... está segura, agora.

— Ele está na cidade, Jim! Ele me encontrou!

— Lá no salão, as meninas estavam falando que um homem bonito, todo engravatado, chegou à cidade, e a Evy tem certeza que é o Ricardo.

— Calma, Coelhinha, não tem como ter certeza, são apenas fofocas. Se assim o fosse, já teria ido a sua procura, não é?

— Sei que estou me precipitando, mas fiquei agoniada com o que ouvi. — Olhando nos meus olhos, concluiu: — Estou com medo, Jim!

— Entendo seu medo, mas ele é desnecessário no momento. Fica calma e se divirta! Hoje é o dia das garotas, e logo mais teremos uma festa de uma pessoa chata. — Pisquei para Laura. Precisava descontraí-las, estavam tensas.

— Chato é você, idiota! — Laura entrou na brincadeira, me dando um soco no ombro. — Venha, Evy, ele tem razão. Vamos escolher nossos vestidos para terminar o visual da noite.

— Estou sem cabeça, amiga! Desculpa.

— Nem pensar! — argumentei, puxando-a pela mão em direção aos manequins. — Está na hora de trocar aqueles vestidos de velha, e vai ser agora!

— Ah, de novo essa história? — Forçou-se a sorrir.

— Vamos lá! O que acha deste aqui? — disse, apontando para um vestido vermelho curtíssimo

que estava em exposição na vitrine, provocando-a.

— Até parece que vou usar isso algum dia na minha vida! Não me conhece, não é mesmo? — ela respondeu, brava comigo.

— Então, vai lá, pega alguns e vai provar, quero ver como ficam!

— Era para ser um dia das meninas, esqueceu Jim?

— Azar o seu, *Mala Laura*! — brinquei. — Não vou perder isso por nada nesse mundo. Agora, vai! — Sentei-me em uma poltrona confortável colocada em frente ao provador.

Elas rodavam a loja inteira com a vendedora atrás do “vestido perfeito”, quase impossível de ser encontrado, por sinal. Vez por outra entravam no cubículo para experimentar.

— Mas desse jeito fica difícil! Você disse que me ajudaria a escolher, no entanto, todas as roupas que coloco, diz que está lindo! Olha o tamanho da pilha que está na sua mão! — reclamou Evy, um tempo depois.

— Leva todos e, na hora, você decide! — Eu não estava mentindo, ela ficou linda em todos! Era a PERIGOSAS ACHERON

absoluta verdade. O que eu poderia dizer?

— Como assim, ficou louco? Não vou gastar tudo isso em roupas!

— Está bem, experimenta esses aqui de novo e nós decidimos.

Evy, por fim, escolheu o que vestiria na festa, porém fez com que levasse mais três.

— Para outras ocasiões, Coelhinha, nunca se sabe! — Do lado de fora da loja, consultei as horas na tela do celular. — Ficamos mais de duas horas na loja?! Inacreditável!

— Você insistiu em ficar, lembra? Não reclame! Ainda faltam os sapatos. Vamos, Evy. — Atravessaram a rua apressadas, enquanto eu as seguia carregando as enormes sacolas.

Não estava entediado, ao contrário, divertia-me com elas e as provocava a todo momento. Estava ali para protegê-las, e assim faria se houvesse necessidade. Ficaria com elas até terminarem as compras e conduzi-las em segurança para casa.

Quando, enfim, terminaram as compras, verifiquei que já eram cinco horas da tarde. Paramos numa lanchonete para comer alguma

PERIGOSAS ACHERON

coisa. Depois, as meninas seguiram de carro para casa e eu as escoltei de moto, logo atrás. Não tocaram mais no assunto do homem na cidade. Tudo daria certo.

...

— Uau! — exclamou Romeu ao ver Laura pronta para a festa. — Está linda!

O pedaço de pano ao qual ela denominava vestido, era vermelho com desenhos uniformes, bordado com pedrarias.

— Está muito bonita. Mas, Romeu, esse vestido não é muito curto, não? Acho melhor, pedir pra trocar, senão... — provoquei.

— Senão o quê, estraga prazeres? — retorquiu Laura.

— Olha, pensando bem, amor... creio que está curto demais e muito colado ao corpo. Os caras vão ficar olhando, e... — interrompeu a frase, lançando uma piscadela em minha direção, em sinal de cumplicidade.

— Romeu? — chamou chorosa, sacudindo os cabelos soltos sobre os ombros.

Um cara de sorte, este meu amigo.

— E vão morrer de inveja da garota que eu tenho!

— Oh, que fofo!

— Está linda como sempre! Perfeita!

— Obrigada, querido! Aprendeu a lição, Jim? — Não pude deixar de rir. Laura acreditou que a provocação era verdadeira. — Agora, vamos, não quero chegar atrasada para minha própria festa! O pessoal já deve estar chegando.

— Mas, e a Evy? — perguntei, preocupado. — Ainda não está pronta?

— Ela estava terminando a maquiagem. Vamos no meu carro e vocês vão no carro do Romeu, pode ser?

Esperei que os dois saíssem e bati na porta do quarto, ansioso.

— Coelhinha, você está bem?

Escutei passos vindo em direção à porta que, em seguida, abriu-se devagar, revelando aos poucos a deslumbrante e mais formosa de todas as mulheres à minha frente. Estava linda, deslumbrante! Mais que todos os outros dias! Como conseguia?

Fiquei sem fôlego ao vê-la com o vestido novo. Era preto e eu já havia visto na loja, embora ficara ainda mais bela e atraente ao combiná-los com sapatos de salto alto. Seus cabelos estavam presos em um penteado no alto da cabeça, com alguns fios soltos, caindo ao lado da testa e da nuca. Seus lábios se destacavam na maquiagem, com uma cor intensa que atraíam os meus.

— Dá para segurar o queixo e me ajudar com essa fita aqui atrás?

— Claro — disse recobrando os sentidos. — O que eu faço com isso?

Ela se virou de costas para mim, a fim de que eu amarrasse um cordão dourado em volta da sua cintura. Aproximei-me de Evy e não pude resistir ao perfume que exalava de seu corpo. Era perfeita! Amarrei, sem pressa, para aproveitar ao máximo aquele momento. Deslizei meus dedos no contorno de seus braços, com um toque suave e apaixonado.

— E aí, como estou? — perguntou, ficando de frente para mim, tomando certa distância a fim de que eu a observasse.

— Bela! — faltava-me o ar, estava exaltado

diante da mulher pela qual me apaixonara meses atrás, contudo, ainda conseguia me surpreender, dia após dia.

— Não sei, estou em dúvida... — Voltou-se para o espelho, analisando a imagem refletida. — ... Algo não está bem, mas não sei o que é.

— Espere! — Vasculhei na gaveta de cuecas a procura de uma velha caixinha que há anos guardara, sem saber quando seria retirada dali outra vez. — Aqui está.

Abri a pequena e delicada caixa azul escura, amarrada com uma fita de cetim branca. A joia repousava da mesma forma que estava quando, há muitos anos, me lembrava de tê-la guardado. A imagem da última mulher que a usara sobreveio às lembranças e meu coração se apertou de saudade.

Tirei-a, examinando-a na palma da mão: dois finos cordões, um dourado e outro prateado, uniam-se, retorcidos como um só. Evy olhava sem compreender o que se passava. Aproximei-me e, olhando-a pelo espelho, coloquei minhas mãos em volta de seu pescoço, ajeitando a gargantilha.

— É lindo! Simples e maravilhoso.

— Era da minha mãe. Quero que fique com ele.

— Da sua mãe? Não posso aceitar! — disse exaltada, virando-se para mim. — É uma joia de família e deve ter um valor inestimável pra você, seu pai...

— Por isso, quero que fique com ela! Nenhuma mulher é tão perfeita pra ficar com a corrente que minha mãe usou em toda sua vida.

— Jim... — Ela examinava a delicada peça, descansando os dedos no pequeno pingente em figura de anjo. Voltou as costas para mim e, olhando em meus olhos através do espelho, suspirou: — Obrigada, é linda!

— Assim como você...

Não podia mais resistir, estava perdido e apaixonado por aquela mulher, desejava-a mais que qualquer outra coisa na vida! Acaricieei-lhe os ombros e os braços, aproximei meu rosto de seus cabelos, inalando a fragrância do perfume.

Evy estremeceu ao meu toque. Lembrei-me do nosso primeiro e único beijo, roubado, com ousadia, logo nos primeiros dias de sua estadia na cidade.

Ansiava por sentir outra vez seus lábios macios e úmidos junto aos meus, mas desta vez, seria diferente. Perfeito... pois queria que ela também desejasse, retribuísse. Não ia ficar longe dela mais um dia sequer. Meu corpo ardia à procura do seu.

Beijei-lhe o pescoço, uma vez e depois outra. Evy virou-se para mim, devagar. Estávamos tão próximos... Segurei sua cintura com uma mão, trazendo-a, gentil e sem pressa para mais perto de mim.

Podia sentir seu coração disparar. O meu sequer batia, com medo de assustá-la. Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Desejava aquele beijo, assim como eu! Não resistiria... Não permitiria que fugisse.

Encostei meus lábios aos dela, trêmulos, e nos entregamos a um beijo que há tempos esperávamos. Perfeito e suave, sem reservas, sem medos, sem receios. Nossos corpos ligados, tão próximos como se fôssemos apenas um.

Poderia ficar ali para sempre, perdido em seus lábios doces e desejáveis. Porém, aos poucos fomos nos afastando, continuei a abraçá-la e sua testa

repousou em meu peito.

Não sabia o que dizer, não haviam palavras. O silêncio se encarregaria de falar por nós. Evy levantou seus olhos e me olhava com o mais lindo sorriso que sabia oferecer. Não havia culpa em seus olhos, nem ao menos resistência.

— Jim, eu...

— Não diga nada! — Acariciei seu rosto, medindo e decorando cada detalhe. Segurei seu queixo e beijei-a mais uma vez.

CAPÍTULO 08

Evelyn

Chegamos à festa de mãos dadas, como sempre fazíamos, no entanto não consegui disfarçar a expressão. Estava feliz e radiante. Não havíamos falado muito, apenas nos beijado e, com trocas de olhares, chegamos ao salão onde estavam nossos amigos. Separamos-nos com um novo sorriso e uma piscadinha.

— Que alegria é essa, Evy? Sinto cheiro de paixão no ar! — felicitou-nos Celeste, assim que a encontrei, sentada em uma mesa com Gonçalves.

— Oi, Celeste, tudo bem? E a sua filha, como está?

— Está bem, mas não venha com enrolação, senta aqui e me conta! — Puxou-me para sentar ao seu lado.

— O que foi? — Pensava em alguma desculpa para lhe falar.

— O que foi, pergunto eu, mocinha! Pode ir

PERIGOSAS ACHERON

falando, o que aconteceu entre você e Jim? Vi o olhar e a expressão dos dois quando chegaram!

— Ai, Celeste! A gente se beijou, antes de vir para cá!

— Jura? E como foi?

— Foi... não sei... foi perfeito! Estou nas nuvens, anestesiada...

— Minha menina, como estou feliz por vocês se entenderem! — disse rompendo-se em alegria. — E o que resolveram?

— Nada. — Sorri. Fazia muitos anos que não me sentia tão leve assim. — Ele não me deixou falar, então...

— Não acredito! Pode contar direito essa história. Conhecendo-o como conheço, não viraria as costas depois do beijo, ainda mais por estar apaixonado por você, como sei que está.

— Bem, ele disse que me amava e não me permitiria mais que eu ficasse longe dele. — Meu corpo estremeceu ao lembrar do toque de suas mãos e de seus lábios, da voz rouca e penetrante ao pronunciar que estava apaixonado por mim.

— E você?

— O que poderia fazer além de me entregar completamente àquele beijo? — Abaixei os olhos, sabia que estava prestes a ser recriminada por Celeste, uma amiga que aprendera a respeitar como uma mãe. — Também disse que o queria tanto quanto ele a mim, mas...

— Querida?

— Ai, Celeste, sei que devo parecer uma idiota, uma antiquada, mas para mim é errado. Querendo ou não, estou casada, não estou?

— Menina, se o coração diz que não é correto, então, vão com calma. Logo tudo tende a se resolver!

— Eu o quero, quero muito, mas tenho medo de como pode ser desastroso se Ricardo aparecesse e usasse isso como...

— *Se*, Evelyn... *se* ele aparecer! E *se* usar isso para te fazer algum mal ou te chantagear. Não se preocupe antes da hora, certo?

— Por falar nisso, Celeste, você ouviu falar de algum homem que apareceu na cidade, vindo da Capital?

— Sim, ele passou lá na lanchonete mais cedo e

PERIGOSAS ACHERON

Gonçalves o levou para alguns lugares que necessitava. Mas por quê, querida?

— Estou achando que é ele, meu ex-marido!

— Santo Deus! — exclamou a senhora, colocando as mãos juntas ao peito.

— Não há nada que comprove, mas meu coração está aflito!

— Estamos aqui e vamos cuidar de você, está bem?

— Obrigada, Celeste! — Abracei-a com carinho.

Deixei Celeste e fui parabenizar a aniversariante para entregar-lhe o presente. Tinha comprado dois: o primeiro entregaria esta noite; o segundo, só amanhã, quando a convencesse a ir ao médico comigo.

— Ai, amiga! Obrigada, é maravilhoso!

— Que bom que gostou! Não sabia direito o que comprar, e como você gosta dessa banda, pensei que curtiria ir com o Romeu.

Aguardei, enquanto abriam o envelope, brincando com o delicado pingente entre meus dedos, impaciente e ansiosa.

— Ah, amor, olha isso! A Evy deu duas entradas para o show daquela banda que eu adoro!

— Sério? Quando?

— Vai ser daqui a dois finais de semana, espero que não tenham compromisso.

— Se tivesse, a gente cancelaria, sem sombra de dúvida!

— Obrigada, amiga! — disse Laura me abraçando.

Jim apareceu de repente, por trás de mim e, assim que me afastei de Laura, me abraçou, segurando minha cintura. Olhei por cima dos ombros e ele me deu um selinho.

— Espera aí! Para tudo! Desde quando? — Laura estava eufórica com aquela cena.

Coloquei as mãos no rosto, escondendo-o por estar ardendo de vergonha. Sentia-me como uma adolescente diante da situação.

— Desde quando o quê, sua maluca? — zombou Jim.

— Isso, que acabou de acontecer!

— Não aconteceu nada! Vem, Coelhinha, vamos

dançar.

Pude ouvir os gritinhos de alegria da Laura enquanto nos afastávamos para a pista de dança. A música era lenta, procurei seguir o movimento de seu corpo e relaxar com o ritmo cadente.

— Por que fez isso? Na frente de todo mundo, Jim? — Enterrei meu rosto em seu peito.

— Deixa de ser boba, Coelhinha! Nossos amigos torcem pela gente, não devemos esconder nossa felicidade.

— Mas acho que devemos ir com calma. Não sabemos se é *ele* que está na cidade. Não quero criar mais confusão!

— Nós vamos resolver isso, está bem? Juntos! E estamos indo com calma, foi só um selinho.

— Ah, sim! Entendo. E lá no apartamento?

— Bem, lá no apartamento foram dois beijos maravilhosos, que nunca mais vou querer ficar sem! — Jim se inclinou para beijar-me, suas mãos acariciavam minhas costas.

— Vamos esperar alguns dias, se não for ele que está aqui, prometo conversar com seu irmão advogado para organizar tudo.

— Está falando sério? — perguntou com um rápido beijo. Dançamos até sentir meus pés doerem, apertados pelo salto alto.

...

— Evelyn, tem um rapaz te chamando lá na entrada. Ele quer entrar e o impedimos, mas ele insiste em falar com você!

Um dos seguranças do *Buffet* estava à minha frente, esperando por minha resposta ou que eu o acompanhasse. Senti meus pés perderem o chão e me sentei na cadeira mais próxima.

Jim não estava comigo, entretanto percebeu a minha reação de longe e, em instantes, se encontrava ao meu lado!

— É ele, Jim! Está lá fora.

— O que eu devo fazer, Jim? — perguntou o segurança.

— Faça o seguinte: volte para lá e diga que não encontrou a Evy, mas pediu para outra pessoa procurá-la. Assim a gente ganha tempo para ela se recompor.

— Okay. — Saiu notificando outros seguranças

pelo rádio comunicador.

— Espere! — Jim o chamou de volta. — De maneira nenhuma deixe o cara entrar, está me ouvindo?

— Pode deixar, Jim.

— Não, Jim, eu não vou até lá! Não quero, não tenho forças para isso!

— Você vai, Coelhinha! Nós vamos, e se precisar o faremos entrar no próximo ônibus para fora daqui. Agora, se acalma.

Apertei os olhos com os nós dos dedos a fim de espantar as lágrimas, respirei e me levantei, segurando em seus braços.

O segurança já havia retornado a seu posto, ainda podia contar com alguns minutos. Jim fez sinal com as mãos, chamando por Romeu e mais alguns amigos.

— Romeu, ele está lá fora e quer falar com a Evy, preciso de vocês para levar o cara daqui, se for preciso!

— Jim, não quero violência, não será necessário.

— Só estou me precavendo, meu amor. Estão prontos? — perguntou para seus amigos.

Todos responderam em afirmativo, em unísono. Laura sustentou meu braços e seguimos atrás do Romeu e do Jim, enquanto outros cinco rapazes iam atrás de nós.

CAPÍTULO 09

Jim

Minha cabeça fervia de raiva pelo cara que fazia o meu amor sofrer. Estava disposto a quebrar a cara dele e fazê-lo voltar para onde veio. Romeu segurava-me, a fim de conter meus passos e controlar minha ira. Ninguém iria conseguir me segurar.

Chegando à porta de entrada, percebi que o segurança discutia com um cara que eu não reconhecia. Era ele. Livrei-me das mãos de Romeu e fui para cima, apesar de ser mais alto do que eu. Agarrei-o pela gola da camisa.

— O que você quer com a Evelyn? Já não causou dor suficiente a ela? O que mais quer, cara?

— Jim, para! Jim! — era a voz estridente da Laura, tentando impedir que eu batesse naquele maldito. Não ia funcionar.

Já não controlava mais meus pensamentos, nem a razão. Apenas a raiva comandava tudo. Levantei

meu punho esquerdo, atingindo-o no rosto, segurei-o outra vez, acertando o estômago.

— Jim, para! — ouvi a voz da Evy. Parei por alguns segundos e me preparei para o próximo soco. — Jim, é o meu irmão!

Olhei para o cara, se curvando de dor. Meus punhos continuavam cerrados. Desviei os olhos dele para Evelyn.

— É o meu irmão! Não é o Ricardo, é meu irmão, Luís.

Soltei o rapaz, que tossia com as mãos em volta da barriga.

— Prazer, cara! — teve a ousadia de dizer, enquanto passava a mão pelos cabelos cortados rentes à cabeça. Evy se aproximou, abraçando-o.

— Por que você não ligou e avisou que estaria aqui?

— Sei lá, fiquei com medo de não querer me ver, mas estou aqui, não estou? — Terminou a frase tossindo e cuspiando no asfalto. Passou as mãos pelos lábios, a fim de verificar se havia sangue.

— Aí, cara, desculpa por isso. Pensamos que era... — disse, mas ele me interrompeu.

— Eu sei, o Ricardo, eu entendo. — E, voltando-se para a irmã, continuou: — Seu amiguinho estava te protegendo, não é?

Fiz sinal para os rapazes entrarem. Pelo que pude ver no semblante de Evy, não havia mais motivos para preocupações.

— Se machucou muito? Como está se sentindo?

— Nada mal, eu acho... — Verificou o abdômen com as mãos, e o maxilar, em seguida. — Só me lembre de ficar longe do seu amiguinho, aí, porque, se com a esquerda destruiu meu estômago e arreventou minha cara, não quero testar sua direita!

— Peço desculpas por ele, Luís.

— Tudo bem, já entendi! É bom saber que a cidade conta com um amistoso grupo de recepção. — Evy e Laura riram. — Qual é a graça? O que eu perdi?

— Digamos que... também tive um comitê de boas-vindas, mas não tão violento. Esquece... outra hora te conto.

— Deixa eu te olhar, maninha... você está uma gata! — Assoviou para ela, ao terminar a sua frase.

— Humm, obrigada! Você também não está nada

PERIGOSAS ACHERON

mal! Foi bem cuidado lá na clínica, pelo jeito.

— Oi, Luís, quanto tempo! — disse Laura o abraçando.

— Foi você a culpada por arrastar a minha irmã para esse buraco, no fim do mundo?

— Pois é, mas estamos cuidando muito bem dela!

— Percebi! — disse, olhando para mim e para o Romeu, que também permaneceu ali, ao lado de Evy. Nós dois estávamos com os braços cruzados. Precisava descobrir o que esse irmão queria, aqui, atrás dela depois de tanto tempo.

— Precisa colocar um gelo nesse rosto! Vamos entrar, assim vocês conversam com mais calma.

— Não vai dar, não. O grandão da portaria não quer me deixar entrar de jeito nenhum. Pensei que vocês do interior fossem mais pacíficos, viu?

— Cala a boca, Luís! — Evy o recriminou.

— Fica tranquilo, Luís, o pessoal aqui é gente boa. Pode ficar à vontade que a festa é minha — disse Laura, guiando-o pelo braço.

Eles entraram. As meninas, cada uma de um lado do tal Luís, seguiam de volta para o salão de festas. Eu e Romeu fomos logo atrás, contrariados.

Evy procurou por uma mesa vazia num canto do salão, com o irmão segurando um saco de gelo no rosto, para conversarem mais à vontade. Laura voltou a circular conversando animada com seus convidados. ,

Fiquei afastado, a fim de dar privacidade aos dois. Romeu permaneceu ao meu lado por alguns minutos, mas logo foi chamado por outros à mesa, não muito longe dali. Enquanto isso, peguei uma bebida para relaxar e fui conversar com alguns amigos, sem tirar os olhos de onde estavam.

Tempos depois, Evy se aproximou de mim, com o irmão a tiracolo.

— Jim, deixa eu te apresentar, direito, o meu irmão Luís.

— Oi, cara, desculpa pela maneira como a gente se encontrou lá fora.

— Sem problemas — respondeu apertando minha mão. — Evy me explicou o que estava acontecendo. Eu só tenho a agradecer por cuidar dela.

— E você sabe alguma coisa desse tal Ricardo?
— perguntei, ainda tenso com tudo aquilo que
PERIGOSAS ACHERON

acabara de acontecer. — Seu paradeiro?

Evy, aproximou-se, colocando as mãos em minha cintura.

— Não sei não, cara! Sinto muito.

— Vamos esquecer isso, vai? Não quero mais pensar nisso hoje. — Evy, acariciou-me as costas com a intenção de me acalmar. — Luís, você vai fazer sucesso com as gatinhas da cidade! Você é o assunto do momento, sabia?

— Uau! Sério? Então me apresenta a algumas, por favor! — Evy o levou até uma mesa cheia de garotas, amigas dela e de Laura.

— Quem é o rapaz? — perguntou Celeste se aproximando. — Não é o tal do ex-marido, é?

— Não. É o irmão — respondi ainda desconfiado.

— E quer o quê? Ele disse?

— Não, mas vou descobrir.

...

Observei Evy durante alguns minutos. Ela estava feliz, era visível. O que o irmão queria e como a descobriu aqui, não havia mencionado. Vigiaría

esse cara de perto até conhecer suas verdadeiras intenções ao surgir, assim, tão de repente.

O DJ parou a música e a voz de Romeu surgiu através das caixas de som.

— Queria chamar aqui, a aniversariante! Laura!

Todos gritaram e assoviaram. Algumas amigas a arrastavam até onde ele estava. Laura não havia desconfiado de nada, estava boquiaberta, com as mãos no peito. De súbito, algumas flores surgiram em suas mãos.

— Todos sabem como sou um homem reservado e essas coisas de falar em público não é comigo! Sobretudo para falar de...

— Não diga *amor*, cara! — interrompeu uma voz masculina no meio da multidão.

— É... sinto muito, mas, como estava dizendo... Ainda mais para falar “coisas de amor”! — Todos riram. Romeu passou as mãos pela nuca para espantar a tensão.

— Já não tem mais jeito, o rapaz está apaixonado... — falou outra voz, caçoando do amigo.

— Vou ser breve, prometo... — Respirou com

intensidade, revelando seu nervosismo e continuou: — Minha linda, nos conhecemos dois anos atrás e, em poucos meses, já estávamos morando juntos, porque desde o primeiro instante, eu soube... tive a certeza de que você seria a mulher da minha vida! — Ouvia-se uivos, gritos e assobios. — E esse tempo juntos apenas confirmou que não quero mais viver longe de você!

Romeu se ajoelhou próximo a ela e estendeu os braços. Em sua mão, via-se uma pequena caixa aberta, alojando um delicado anel de noivado.

— Aceita casar comigo?

Ela se jogou em seus braços, gritando *sim*, para que os convidados ouvissem. Todos aplaudiram e ovacionaram nossos amigos, comemorando a alegria e felicidade dos dois. Evy surgiu do meu lado e a envolvi ao redor dos ombros, beijando o alto de sua cabeça.

Ao fim da festa, o dia quase amanhecia. Luís se despediu de nós e seguiu para a Pousada, não antes de combinar com Evy de se encontrarem no apartamento para conversarem com mais calma. Precisava descobrir o que o levara até ali e como

descobriu o seu paradeiro.

Chegando ao apartamento, esperei que Evy se trocasse, como era o costume, e segui para o quarto. Ela havia se deitado, mas olhava para o teto. Pensativa.

— Como está? — perguntei me sentando na ponta de sua cama, oposta a ela, acariciando seus pés.

— Hoje é o dia mais feliz desses últimos meses, sabia? — disse, se sentando na cama e se aproximando de mim.

— E posso saber por quê? — interroguei, me fazendo de desentendido, acariciando seus braços, chegando-me aos poucos até ela.

— Por nós, pelo meu irmão!

— Bem, quanto ao seu irmão, não sei, mas quanto a nós dois, dá pra melhorar um pouquinho... — Investi, aproximando meus lábios junto aos seus.

— Sim... Assim que me deixar dormir e descansar, vai melhorar muito — disse, me empurrando e me jogando para fora da cama.

Reclamei e protestei, mas nada a fez mudar de
PERIGOSAS ACHERON

ideia. Eu amava essa mulher e faria de tudo para proteger e fazê-la feliz.

— Okay, mas vamos entrar em contato com o meu irmão ainda hoje, quando acordarmos, certo?

— Voltei para minha a cama, olhando para ela.

— O que aconteceu com os dois dias que tinha me dado?

— Isso foi antes de saber que era seu irmão que estava na cidade.

Evy suspirou e encostou-se na cabeceira da cama, passando as mãos pelos cabelos.

— Amanhã, quero dizer, hoje, tenho umas coisinhas para resolver com a Laura e depois fiquei de conversar com o Luís.

— Ele te disse como te achou aqui?

— Não, foi tudo muito rápido, só me contou sobre a clínica que estava. Agora, vamos dormir que o sol já está nascendo!

Apaguei a luz e me deitei.

— Coelhinha?

— Humm...

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por existir na minha vida!

— Ai, que fofo! — Em segundos, pude sentir seus lábios úmidos e macios selarem os meus.

Estava apaixonado por essa mulher e sabia que ela também estava por mim. Nada podia estragar. Não deixaria acontecer.

CAPÍTULO 10

Evelyn

Despertei com o sol batendo forte na janela do quarto. Olhei para o relógio no mostrador do celular de Jim. Era mais de meio dia! Pudera, quando fomos dormir, o dia já estava quase amanhecendo.

Jim dormia em sono solto, lindo, como sempre. Eu ainda não acreditava que nos beijamos, parecia um sonho, entretanto era real!

Uma batalha se armava dentro de mim. Mente versus coração, razão versus emoção. Queria ser dele por completo, mas a realidade que me aguardava impedia de fazê-lo.

Peguei minhas coisas e fui ao banheiro me lavar e me trocar.

— Bom dia, Romeu! Levantou cedo!

— Vou precisar da sua ajuda, Evy! Quero preparar o café da manhã e levar para a Laura, na cama. Mas não tenho ideia do que colocar aqui...

— Ela vai adorar! Espera um pouquinho que eu já te ajudo. — Fui ao banheiro, voltando logo em seguida. — Vamos lá! Já fez o café?

— Sim, mas não sei o que colocar na bandeja! Ela tem estado tão enjoada esses dias, mas, em outros, devora tudo o que vê pela frente.

— Marquei médico para nós duas hoje, mais tarde — disse meia verdade. — Você me ajuda convencê-la a ir comigo, se for preciso?

Estava marcado sem que ela soubesse, daqui a duas horas. Laura vinha se queixando de mal estar, cansaço e dores, agora era a minha vez de cuidar dela. Nunca gostou de ir ao médico, tinha suas reservas, mas era importante desta vez, sobretudo se minhas suspeitas estiverem corretas. Tinha que conversar com ela, logo.

— Claro! Se ela não quiser ir, arrasto à força! — disse enquanto arrumava duas xícaras na bandeja. — Obrigado, Evy, você veio pra cá precisando de ajuda e, no fim, cuida de todo mundo por aqui.

— Para de drama, Romeu! E ontem? Estavam dispostos a arrumar briga com quem não conheciam para me proteger! Eu é que devo tudo a

vocês, por me acolherem e tudo mais.

— Que *melação* é essa de vocês dois aí, posso saber? — Jim apareceu apenas de cueca, na sala.

— Ah, Jim! Que horror! Vai se vestir, cara! Não sei como a Evy tem coragem de te beijar!

— Cala a boca, palhaço! — falou Jim, dando um soco nas costas do amigo. — Eu vou, por ela, e não por você, beleza? — Ele me jogou um beijo e devolvi-lhe com uma piscadinha.

Coloquei junto com o café, algumas bolachas recheadas em um prato pequeno, uma maçã, e preparei um pão na chapa com manteiga, para a Laura, enquanto Romeu buscou umas flores do jardim em frente ao edifício. Acrescentei mais um pão com geleia e estava tudo pronto.

Jim ajudou o amigo a abrir a porta do quarto do casal, ao passo em que eu preparava o nosso café da manhã na mesa de jantar. Logo voltou e se aproximou de mim, envolvendo-me com os braços fortes e beijos suaves.

...

Bati na porta do quarto de Laura e esperei que

fosse aberta.

— Pode entrar, Evy. Já estou saindo. — Pude ouvir a voz de Romeu.

— Bom dia, aniversariante! — parabeneizei, sentando-me na cama em frente à ela, enquanto o noivo se retirava.

— Bom dia! Hoje é o dia mais feliz da minha vida, Evy! — falou entre gritinhos, pulando, mesmo sentada na cama. Mostrou-me mais uma vez o anel de noivado.

— Pois é, mas o dia ainda não acabou! Talvez apareçam mais surpresas por aí.

— O quê? Você está sabendo de alguma coisa?

— Digamos que eu tenho mais um presentinho, ou dois, pra você. — Mostrei uma caixinha, envolta de um tecido vermelho e um pequeno laço dourado.

— E o que é? — Tentou pegar de minhas mãos, mas escondi atrás de mim.

— Antes, precisamos conversar, tudo bem?

— Claro! Diga, o que é? — Sentou-se à minha frente, com as pernas dobradas sobre a cama.

— Como está se sentindo, amiga, com relação ao

seu mal-estar e a indisposição dos últimos dias?

— Estou bem, hoje, Evy! Acordei disposta, tomei um delicioso café da manhã na cama... Acho que era devido à tensão da festa, sabe, se tudo ia dar certo, essas coisas. Sabe que sou neurótica com isso, não é?

— Sim, eu sei — respondi sorrindo. — Mas e as dores no pé da barriga? — prossegui, conduzindo a conversa para onde queria que chegasse.

— Ainda continua um pouco, mas deve ser apenas cólica.

— E por falar em cólicas, pra quando é sua menstruação, esse mês?

— Esse mês? — perguntou retórica, enquanto fazia suas contas nos dedos.

— Está atrasada, não está?

— Sim, mas não deve ser nada, com certeza meu emocional deve ter impedido de...

— Laura, amiga, para! — falei, olhando sério para ela. — Você sabe o que eu estou querendo dizer, não sabe?

— Ai, Evy, é coisa da sua cabeça! Eu não estou grávida! — falou sussurrando.

— Certo, acredito em você! Então, abra o seu presente.

Ela pegou o pequeno pacote de minhas mãos, desconfiada.

— Evy, eu não vou fazer um teste de gravidez!
— revoltou-se comigo ao abrir o embrulho e ver um teste rápido de farmácia.

— Qual o problema? Garantiu não estar grávida, então, prova. Vai lá fazer xixi no potinho e veremos que estou errada! Por que, amiga, se der positivo, nós temos um médico para ir, daqui a pouco!

— Eu não acredito, Evy, que você está pensando...

— Vai, garota! — falei, jogando o travesseiro em sua direção. — Mas volta aqui que quero acompanhar tudo de pertinho. — Esfreguei as mãos em sinal de ansiedade.

Ela se retirou para o banheiro do seu quarto e, em poucos segundos, agitava no ar a tira do teste em suas mãos. Nada falamos até o momento de verificarmos o resultado. Estávamos ambas apreensivas.

— Ai, amiga, olha você! Não tenho coragem!
PERIGOSAS ACHERON

— Larga a mão de ser boba, Laura. — Busquei suas mãos para que olhasse para mim. — Independente do resultado que der aqui, você continuará sendo a mulher mais feliz do mundo, não é? Mas...

— Mas o quê, mulher? Estou agoniada!

— Mas, dependendo do resultado, você pode ganhar mais um presente, um presente para a vida toda! — falei emocionada.

— Ai, amiga... — disse, roendo as unhas. Olhamos o resultado, que indicava duas pequenas marcas na tira de papel.

— Deu positivo, Laura! Você está mesmo grávida! — anunciei com efusiva alegria, mas abafando a voz para os meninos não ouvirem do lado de fora.

Laura começou a dar gritinhos de alegria, tamanha a sua felicidade.

— Eu não acredito! Eu não acredito! — gritou pulando pelo quarto. Eu apenas ria das loucuras de minha amiga.

— O que aconteceu? — perguntou Romeu, preocupado, do outro lado da porta — Meu amor,
PERIGOSAS ACHERON

você está bem?

— Sim, eu estou!

— Posso entrar?

— NÃO! — ela gritou. — Quero conversar com a Evy, sozinha, depois a gente conversa.

— Evelyn, ela está bem?

— Sim, Romeu, melhor impossível! — respondi gargalhando. — Menina, senta aqui! — disse à Laura. — Se acalma e presta atenção. Marquei um médico pra você. É daqui a quarenta minutos, vai tomar um banho e se arrumar. Vejo você na sala em meia hora, no máximo, beleza?

— Mas, espera, eu não queria que o Romeu soubesse. Não assim! Queria fazer uma surpresa, sei lá.

— Ele sabe que temos médico, eu disse a ele mais cedo, caso você não aceitasse ir comigo, mas falei que era para nós duas, de rotina e essas coisas... porque você estava se sentindo indisposta esses dias.

— Certo, vou me arrumar, então! — Levantou-se da cama. — Ai, amiga, você não existe!

— Existo, sim, olha eu aqui! — brinquei.

PERIGOSAS ACHERON

Saí, deixando Laura com seus gritos e pulos. Fui ao meu quarto e também troquei de roupa, colocando uma calça jeans, uma blusinha regata branca e uma sapatilha.

— Aonde vai? — perguntou Jim, assim que me viu sair do quarto.

— Vou ao médico com a Laura.

— Está doente? Você não se sente bem? — Levantou do sofá onde estava sentado e veio em minha direção, aflito.

— Não se preocupe, estamos bem, é só uma consulta de rotina.

— Quer que eu acompanhe?

— Não é necessário, Romeu. Aliás, será que vocês podem receber meu irmão, caso chegue antes de mim?

— Claro — falaram os dois, desanimados.

— Receber bem, por favor!

— Sim, sem problemas — disse Jim. — Vai ser bom ter esse tempinho pra gente conversar com ele.

— Olha lá o que vão aprontar com ele, viu? Luís é meu irmão e quero que seja bem vindo nesta casa,

okay?

— Sim, ele será.

Laura apareceu na sala e, em poucos minutos, estávamos no consultório médico, emocionadas.

CAPÍTULO 11

Jim

— Bem, estamos só nós aqui, será que pode responder à minha pergunta?

As meninas haviam saído há meia hora, quando Luís, o irmão da Evy, foi anunciado pelo porteiro. Assim que entrou, expliquei que sua irmã precisou sair, porém logo estaria de volta. Aproveitaríamos para ter uma conversa de homem para homem, anunciei.

— O que você quer que eu responda primeiro? Bombardeou-me com um monte de perguntas! — esquivou-se.

— Cara, eu sei que comecei contigo com o pé esquerdo — comecei, lembrando da sua chegada à festa no dia anterior. — Mas vê se colabora, está bem?

— Claro, quero colaborar. Evy é minha irmã e quero o bem dela tanto quanto você! Não estou aqui para atrapalhar o romance de vocês, se é disso

que tem medo. A verdade é que recebi alta da clínica e não sabia para onde ir, só isso.

— E veio atrás dela?

— Eu não vim atrás dela — disse enfatizando as palavras —, não foi bem assim, do jeito que está insinuando!

— Para de enrolar e fala logo, cara! — Sentado à minha frente, cada um em um sofá, eu o afrontava com poucos indícios de bom amigo e paciência.

— Escuta, como disse, não sabia para onde ir. Eu não tenho ninguém, quando me separaram da Evy, eu tinha dezesseis anos e acabei envolvido com coisas erradas.

Fez uma pausa, levantando os olhos da mão, me encarando. Meus olhos permaneciam fixos aos dele, à procura de alguma mentira em sua história. Algo me dizia que este cara traria problemas para nós, no entanto não queria ser preconceituoso com o irmão da Evelyn.

Ele merecia o benefício da dúvida, não merecia?

— Foi Evy quem me ajudou a sair dessa, cara. Vi que ela estava passando por uma dificuldade com o marido...

— Ex-marido! — corrigi, nervoso, passando as mãos no rosto.

— Ex-marido, desculpa. Uns caras da pesada tinham sequestrado o menininho dela! Vi tudo na TV. Daí fui procurar por ela. Quando cheguei à Capital, o lance já tinha se resolvido, fiquei com ela alguns dias, num lugar cercado de tiras, e aí contei sobre a dependência química e tudo mais.

— Então ela te ajudou? — interrompi, impaciente.

— Sim. A Evy tem um bom coração, mesmo cheia de problemas, me convenceu a procurar uma clínica de recuperação. E fui, não podia deixar de aproveitar essa chance de mudar, de melhorar, não queria decepcionar minha irmã.

— E? — forcei para que prosseguisse até o ponto que queria saber.

— No dia seguinte — suspirou, cansado —, fui à clínica com ela e, depois de algumas semanas, Evy foi levada para outra cidade, porque os caras continuavam a ameaçar por causa do traste do marido. Ex-marido. Fiquei sabendo do acidente por um enfermeiro, mas não me deixaram sair por

causa do tratamento.

— Humm...

— Fiquei revoltado, mesmo assim, não teve acordo... fiz o que pude e liguei para ela todos os dias. Ela passou por tudo sozinha, cara! O sequestro, depois o acidente, os dias no hospital e, por fim, o enterro do filho. Aquele canalha não apareceu pra nada, nem pra dar apoio para ela!

— Você chegou a conhecer esse tal de Ricardo?

— Não, porque, como te disse, quando me separaram da Evy, ela ainda era uma criança, tinha uns dez anos, se eu não me engano. Perdi por completo o contato e só fui encontrá-la porque vi na TV sobre o sequestro, sua imagem e seu nome apareciam em todos os jornais e tudo mais. Esse cara aí, nunca o vi pessoalmente, apenas por foto, mas sei que é um advogado muito influente e só tira gente ruim da cadeia.

— E por que você está aqui? Você saiu da clínica e veio atrás dela por quê?

— Como por quê, cara? É minha irmã, precisava agradecer a ajuda e dar o meu apoio a ela! Quero ajudar, agora que estou limpo. Não vou mais ficar

longe dela! Ela é a única coisa que eu tenho!

— E como soube que estava aqui?

— Bem, na verdade, não sabia.

— E como chegou aqui?

— Isso é um interrogatório, é?

— Responde!

— Bom, ela havia comentado por telefone que Laura, a amiga de infância, estava ajudando nas questões do velório, enterro, e tal... — sua voz demonstrava impaciência. — Então, saí da clínica e a única pista que tinha era a Laura. Fui até a casa dos pais dela e peguei o endereço. Simples. No dia seguinte vim parar nesta cidade. Não imaginava que ela estaria aqui também, pensei que conseguiria informações do paradeiro da Evy e iria para outro lugar, outro estado, talvez.

— Tenho mais uma pergunta...

— Pode fazer! Estou aqui e te respondo, na boa.

— Quando chegou à festa, ontem, pediu para chamar a Evelyn e não a Laura, não foi? — Ele concordou com um aceno de cabeça. — Já sabia que ela estava lá. Como ficou sabendo? Já que disse estar atrás de Laura e não de Evelyn...

— Quando cheguei e disse à moça da hospedaria de onde vinha e a minha procura por Laura, ela me contou sobre a festa de aniversário, me dando o endereço. Depois comentou sobre outra moça da Capital estar morando com a Laura, nos últimos meses.

— Aí você deduziu que seria ela?

— Exato. Deduzi que seria a Evelyn. Então, quando cheguei à festa, arrisquei, pedindo ao segurança para chamá-la.

— Okay — respondi, ainda pensativo, organizando as informações que acabara de receber. *Era provável estar falando a verdade.*

— Satisfeito, irmão?

— Desculpa por tantas perguntas, mas é que Evy está amedrontada com a possibilidade do ex-marido vir atrás dela. Estou apenas a protegendo, espero que entenda.

— Entendo, sim. Claro. E pode contar comigo para protegê-la também.

Procurei dar continuidade à conversa de modo mais informal, após compreender seus motivos e intenções. Contudo, nada me tirava da cabeça que

PERIGOSAS ACHERON

se Luís descobriu o paradeiro da Evy, Ricardo também conseguiria.

— Mas agora é minha vez de fazer uma pergunta.
— disse Luís — Você e a minha irmã estão morando juntos?

— Sim e não — respondi. — É complicado.

Expliquei a ele nosso envolvimento desde o início, deixando claro que a amava muito e conhecia seus sentimentos por mim.

— O fato de ela ainda estar casada com ele, a deixa constrangida em começar um relacionamento comigo. Mas concordou em procurarmos por ele para acertar as coisas.

— Não vai ser fácil, cara! Não vai ser fácil...

Disso não tinha dúvidas.

CAPÍTULO 12

Evelyn

— Sete semanas, Evy! Estou de sete semanas e se não fosse você, não sei quando ia me atentar sobre a gravidez! — falou exultante, quando saímos da sala do médico, segurando a fotografia do ultrassom. — Como você desconfiou, se nem eu percebi as mudanças?

— Eu já estive grávida, amiga, esqueceu? Já fui mãe...

— Oh, amiga... desculpa, eu não sei o que dizer!

— Não há motivos para se desculpar, além do mais, você percebeu sim, apenas não quis ver. Parabéns pelo bebê! — disse, abraçando-a.

— Obrigada por me ajudar e por vir comigo ao médico... por tudo, viu? — disse, correspondendo ao meu abraço, em frente ao consultório.

— Fiz o que toda amiga faria.

— Mas, vem cá, hoje é sábado! O que vamos fazer?

— Eu não pretendo fazer nada, *você* deveria sentar com o Romeu e contar para ele essa novidade! — Seguimos em direção ao carro, do outro lado da rua.

— É mesmo... queria fazer uma surpresa, mas não tenho ideia nenhuma.

— Logo você, sem ideias? Uma garota cheia de programações e eventos? Estou surpresa!

— É que esse assunto é delicado, nunca conversamos sobre ter filhos.

— Sempre tem uma primeira vez. Creio que ele vai ser um bom pai e você uma boa mãe. — Apertei suas mãos que repousavam no volante do veículo.

— Será, amiga? Estou tão nervosa com tudo isso! Não sei nem por onde começar. É fralda, roupinhas, cocô... Ai, meu Deus! — choramingou.

— Ei, calma! Fica tranquila. Você vai tirar de letra, assim como eu tirei! E tem mais uma coisa, eu estou aqui, vou ter o maior prazer em te ajudar, certo? Tanto na gravidez quanto na chegada do bebê, e para o resto da vida. — Sorri para ela, espantando seus medos. — Conte comigo para o

que precisar.

— Obrigada, Evy! Você não merecia ter passado por tudo o que passou, sabia? E, muito menos, continuar sofrendo por causa daquele homem.

— Esquece isso, vai. Vamos para casa logo, meu irmão já deve estar lá.

Laura deu a partida no carro, mudou a marcha e ganhou velocidade.

— Coitadinho! Você deixou seu irmão sozinho na toca do lobo? — Gargalhou. — Quando chegarmos lá, não vai ter sobrado nada do Luís! Jim vai ter feito picadinho dele!

— Ai, menina! Para com isso! Os dois vão se entender, você vai ver.

— Evy?

— Diga...

— Como vocês estão? Quero dizer, me contou que se beijaram, mas vocês estão ficando? Namorando? O que resolveram?

— Bem, ainda não resolvemos nada. Mas uma coisa eu sei, Laurinha...

— O quê? — perguntou, ansiosa, olhando para

mim enquanto trocava a marcha do carro, diminuindo a velocidade ao se aproximar do cruzamento próximo ao apartamento.

— Estou muito feliz por conseguir me entender com ele.

— Percebe-se, amiga.

— Eu o amo cada dia mais, sabia?

— Fico feliz por vocês... e sabe que tenho uma parcela de culpa nisso tudo, né?

— Parcela, não! A culpa é toda sua!

...

Saindo do elevador, apressamos o passo ao ouvir as vozes do Jim e do Luís alteradas, dentro do apartamento. *Laura tinha razão, eles estão se matando!*

— O que está acontecendo? — perguntei ao abrir a porta, imaginando encontrar móveis quebrados e objetos espalhados pela sala.

Os três rapazes, Jim, Romeu e Luís, estavam em frente à TV com os controles de vídeo game nas mãos e gritando um com o outro, sentados no tapete da sala.

— Não acredito que estão jogando vídeo game e fazendo esse barulhão todo! — falou minha amiga.
— Dá pra ouvir os gritos lá do elevador, sabiam?

— Nós pensamos que estavam se matando aqui dentro e vocês estão brincando?!

Eles riram do desespero que apresentamos, porém continuaram com os olhos vidrados na tela.

— Calma, meninas! A gente conversou, se entendeu, e agora estamos nos divertindo um pouquinho — Luís nos tranquilizou. — Por falar nisso, faz uma década que não jogo, sabia?

— E vocês pretendem ficar aí até quando?

— Depende do que querem fazer, Laura — falou Jim —, mas acho que eu vou parar. — Passou o controle para Romeu e veio até mim. — Evy, precisamos conversar.

— Sim. Luís, se importa de me esperar mais um pouquinho?

— Claro que não, Evelyn. Vai lá, vou ficar bem aqui.

Caminhei até o quarto com Jim atrás de mim. Conseguia imaginar o que queria falar comigo, com certeza seria sobre entrarmos em contato com o PERIGOSAS ACHERON

irmão dele para providenciarmos os papéis do divórcio.

Desanimada com a luta iminente, sentei-me, exausta, na cama. Jim abaixou-se diante de mim, com suas mãos acariciando meus braços, me fazendo acalmar e relaxar.

— Está tudo bem? Você está tensa, nervosa, aconteceu alguma coisa? Algo a ver com a consulta?

— Não, a consulta foi tudo bem, deu tudo certo lá. Fiquei nervosa quando imaginei vocês se matando aqui dentro!

— Viu que está tudo bem, agora relaxa — beijou, suave, meus lábios. — A gente conversou bastante e se entendeu. Está tudo bem.

— Obrigada. E você? Chamou-me pra cá, por quê?

— Ah, não desconfia?

— Humm... não. Vai ter que explicar... — disse, maliciosa.

— Apenas para ter alguns minutos sozinho contigo... — Jim acariciou-me os braços e as costas, concentrando seus olhos em meus lábios.

Não resistia a suas carícias e a seus beijos. Não podíamos continuar como se fôssemos dois adolescentes, no entanto eu precisava disso mais que tudo nesse momento. Haviam levado, me tirado tudo o que eu tinha, não podia deixar que o tirassem de mim. Não ia desistir dele, do meu amor por ele.

O beijos que se seguiram foram como a primeira vez, suave e apaixonante. Ficamos perdidos no beijo, que, aos poucos, foi se intensificando. Suas carícias me envolviam por completo.

Desejava me entregar a ele, ser apenas dele, queria permanecer para sempre naquele beijo. Sentir-me, outra vez, como mulher. Ser amada e desejada. Esquecer as dores e o passado, sem me importar com as leis, com o futuro.

Ouvi batidas na porta que, em seguida, foi aberta, às pressas com a entrada da Laura.

— Ai, desculpa! Não queria estragar esse momento do casal. — Laura parecia desconcertada por ter nos interrompido.

— Não tem problema, Laura — Jim confortou-a, olhando animado em meus olhos —, vamos ter

muito tempo como casal!

— Quem disse que somos um casal?

— São um casal desde que chegou à cidade. Só você não via isso e tentava fugir dele... — Minha amiga argumentou.

— Cala a boca, Laura! — Sorri. — Sai daqui!

— Calminha! Só acho que tem muita gente em casa pra vocês ficarem escondidos, fazendo essas coisas.

— Não estamos fazendo nada! Tira os pensamentos pecaminosos da sua mente maliciosa! A gente estava conversando.

— Ah, sim, claro! A cena que vi quando entrei não dizia isso! — Laura gargalhava às minhas custas.

— Acho melhor não contrariar sua amiga.

— Não vai me ajudar, Jim?

— Pra quê, Coelhinha. Ela tem razão!

— Não acredito! — Eu me soltei de suas mãos, dando tapas em seus braços e costas.

— E aí, pessoal — Disse Romeu entrando no quarto, seguido por Luís.

— Vão me levar pra dar um *tour* pela cidade, ou vamos ficar trancados no apartamento o resto do dia?

Não sei de onde veio a primeira almofada que se aplacou bem na cabeça do meu irmão e nem as seguintes, só sei que, em poucos segundos, estávamos em uma bagunçada e alegre guerra de travesseiros.

Não me divertia assim há muito tempo!

CAPÍTULO 13

Jim

Alguns dias se passaram sem mais nenhum infortúnio. Seguimos a rotina com as atividades da escola, entretanto Evy permanecia cautelosa em relação aos sentimentos por mim, evitando meu toque e meus beijos em lugares públicos, embora aparentava estar mais tranquila após a chegada do irmão.

Nos tempos livres, dividíamos a atenção com ele, mostrando a cidade e o apresentado aos nossos conhecidos. Luís era um rapaz simpático e logo se adaptou à nova cidade, com muitas garotas interessadas nele.

Fui tocar em um barzinho em uma das noites e, é claro, Evy e meus amigos, assim como seu irmão, também foram. Foi quando tive uma descoberta que me deixou entusiasmado: Luís também era músico.

— Não acredito que toca bateria tão bem! — Evy

estava eufórica quando descemos do palco no fim da noite.

— Obrigada, Evy. Mas tenho de melhorar muito ainda.

— Aonde aprendeu a tocar assim?

— Por aí, Laura. Por aí...

Em outra noite, saí com ele e Romeu para comprar algumas coisas que estavam faltando na dispensa. Como era o costume após a chegada de Evelyn, fazíamos as refeições em casa e isso demandava idas constantes ao mercado e à padaria.

Entrando no apartamento, ouvi vozes femininas alteradas, vindo do quarto.

— *Mas o que você quer, afinal, Evelyn?*

— *Quero Justiça! Justiça pela morte do meu filho!*

Não sabia qual motivo levou àquela discussão, entretanto sabia o assunto deixara ambas alteradas: o passado de Evy.

— O que a gente faz? — Coloquei as sacolas de compras do mercado sobre a mesa e olhei para os rapazes, estavam preocupados tanto quanto eu.

— Interromper? — perguntou Romeu retórico.

— Esperar pra ver no que vai dar? — sugeriu Luís.

— Não sei, *brother*! Laura está muito nervosa esses dias e tenho receio de que possa se arrepender do que falar lá dentro. — Ouvíamos as vozes abafadas através da porta fechada.

— *Quer que seu marido seja preso? É isso, não é?* — *Silêncio.* — *Qual é o crime dele? Diga.*

— Vou entrar! Essa história não vai acabar bem... — Segui para o quarto a passos largos e abri a porta de forma abrupta, mesmo assim, não interromperam a discussão.

O cenário que vi não era nada agradável. Evy estava sentada na cama com a cabeça enterrada nas mãos e Laura de pé, em frente a ela, gesticulando, com a voz ainda mais tensa e alta dentro do ambiente.

— Qual é o crime dele, me responde? Usar a lei para beneficiar outros? — Romeu se aproximou de Laura procurando acalmá-la. Ela, por sua vez, desviou e continuou despejando sua ira sobre Evy: — Muitos usufruem dessas brechas pra se safar,

seu marido é apenas mais um entre milhões, que usam a inteligência ou safadeza pra conseguir o que querem: dinheiro.

Aproximei-me de Evy e me sentei ao seu lado.

— Mas não é justo! — falou com a voz embargada pela dor e pela raiva.

— Muitas coisas na vida não são justas, cara amiga, e você vai se deparar com muitas delas! Deixa de ser criança!

— Laura, já chega! Romeu, a leve daqui!

— Meu filho morreu, Laura! Morreu! — bradou, amargurada, atrás de mim. — Você não entende isso? Não é capaz de imaginar a dor que sinto todos os dias quando acordo e vejo que tenho que continuar a viver sem...

— Mas não está vivendo! Está se escondendo atrás da sua dor, atrás da morte do seu filho!

— Chega! — Romeu a segurou pela cintura e a arrastou para fora.

Fechei a porta para que Evy não a escutasse gritando do outro lado. Sentei na cama mais uma vez. Suas palavras estavam atropeladas pelas lágrimas, ininteligíveis.

— Ela tem razão, Jim. Eu tenho medo de encarar toda essa dor e fujo. Fugi pra cá, pra me esconder. Fugi, por meses, do sentimento que tenho por você. Continuo fugindo todas as vezes que propõe entrar em contato com seu irmão...

— Calma. Laura falou o que não devia, depois vocês voltam a conversar. Agora, procure se acalmar!

— A culpa foi minha!

— Do que está falando?

— Meu filho...

— Não foi sua culpa! Não repita isso! — Segurei seu rosto em minhas mãos.

— Morreu por minha culpa! Eu não fui capaz de mantê-lo em segurança! Que mãe é capaz de deixar seu filho morrer?

— Não! Olha pra mim... — Segurei seu rosto com as mãos, porém seus olhos se mantinham baixos, cheios de culpa. Ela era incapaz de compreender o que eu lhe dizia: — A culpa não foi sua, foi uma fatalidade! Foi uma boa mãe e fez o que pôde dentro das circunstâncias que se encontrava. — Evy discordava do que lhe dizia,
PERIGOSAS ACHERON

agitando a cabeça. — Não se culpe dessa maneira!

— É fácil pra vocês dizerem. Não passaram pelo que passei! Não sabem...

— Não perdi um filho, mas vi minha mãe definhando em uma cama, corroída pelo câncer. Vi meu pai sofrer em um acidente alguns anos depois e levar outros tantos anos para se recuperar.

— Desculpe, não foi isso que quis dizer.

— Tudo bem, mas precisa ser forte e encarar a realidade!

— O que quer dizer com isso? — Evelyn levantou os olhos marejados e cansados.

— Está usando a dor pela morte do seu filho para se esconder e fugir de outros problemas, como a separação de seu marido, por exemplo.

— Ex-marido!

— Um marido de quem tem medo! Medo de encarar e enfrentar para se ver livre de uma vez por todas. Precisa enfrentar os obstáculos que você mesma colocou!

— Fala como se fosse fácil! Foi um golpe muito duro pra mim.

— Não é fácil! Imagino que não seja! Escuta, cada um de nós tem uma missão a cumprir. Seu filho cumpriu a dele e você deixa de cumprir a sua quando se afunda desta maneira. — Silêncio. — Se lamenta por estar na situação em que se encontra, mas não se dá conta da força que tem pra enfrentar tudo isso!

— Não tenho mais força, Jim, estou cansada, não consigo mais lutar.

— Vai recuperar sua força quando deixar de sentir medo.

— É agora que você me passa os ingredientes para essa fórmula mágica? — soou irônica.

— Não há fórmula, sinto muito. Mas o segredo talvez esteja no modo de encarar ou viver os problemas. Precisa voltar a se amar como pessoa, como mulher! Amar a vida! — Esperei para que minhas palavras surtisses o efeito desejado. Ela aguardou sem nada dizer. — Enfrente os problemas de cabeça erguida, Evy. Tenha orgulho da mãe que foi e sintase feliz por estar aqui, agora.

— Não é justo... não é justo ser feliz e viver como se meu filho nunca tivesse existido.

— Ele existiu! Você o amou, ele te amou. Agora deve voltar a viver, voltar a ser feliz por ele, por amor a seu filho, sem medos, entende?

— Sei disso! Preciso assumir minhas responsabilidades como mulher adulta, não é? — Secou as lágrimas com as costas das mãos trêmulas. — Eu entendo.

— Estou aqui pra te ajudar! Seus amigos estão aqui... Foi pra isso que veio para Borópolis, pra se deixar ser ajudada, então permita-se ser ajudada.

— Peço a Deus todos os dias para conseguir voltar a viver, e Ele, em respostas, colocou vocês na minha vida. Obrigada, Jim! Eu entendo o que disse. Laura tem razão, você também. Vou deixar de me esconder de mim mesma, vou mudar e lutar. Eu só preciso... — Parou de falar, pensativa, respirando pausadamente.

Observei-a se levantar e sair do quarto. Segurei Evelyn pelo braço quando já estava próxima da porta do apartamento.

— Aonde vai?

— Preciso de um tempo para pensar, decidir o que farei daqui pra frente.

— Vou com você! — Virei-me para a bancada da cozinha para pegar a chave da moto.

— Quero ficar sozinha. — Evy saiu e fechou a porta atrás de si.

CAPÍTULO 14

Jim

— O que aconteceu? Vocês discutiram também?

— Eu não sei... eu... ela parecia estar se acalmando e, depois, se levantou e saiu. Sou um idiota!

— A culpa foi minha — ressaltou Laura —, perdi a cabeça e descontei em minha amiga!

— Por que discutiram?

— Não lembro direito, Rô... ela disse alguma coisa e eu reclamei que ela se fazia de coitadinha e aí tudo começou. Em um momento, a gente conversava e, no outro, discutia! Eu me alterei... não devia ter falado aquelas coisas horríveis pra ela.

— Não fique assim, meu amor. Logo ela volta e vocês fazem as pazes.

— E você, Jim, não conseguiu reverter a situação?

— Também não ajudei muito. Falei que ela

PERIGOSAS ACHERON

precisava enfrentar esse medo e mais um monte de besteira...

— Vou atrás dela. Eu comecei essa discussão, preciso me desculpar.

— Não, eu vou. Já é tarde, preciso trazê-la de volta!

— Penso que, se ela saiu sem dizer nada, é porque quer ficar sozinha... — Luís comentou e olhei em sua direção, recriminando-o. — Mas vocês conhecem minha irmã melhor do que eu, então façam o que acharem melhor.

— Tem ideia para onde ela foi, Jim?

Sem responder a pergunta do Romeu, atravessei correndo o espaço que me separava da porta da sala, chegando apressado à minha moto.

Não poderia perder tempo, precisava encontrá-la e consertar o estrago que havia feito. Minha cabeça fervia, com milhões de pensamentos. Parei em frente ao parque. Fecharia em poucos minutos. Evy estaria ali, tinha certeza. Segui pela trilha até o Recanto, onde muitas vezes nos sentamos para conversar e onde me contou sobre seu passado conturbado.

Naquele dia, rasgara-se para contar as aflições e, agora, eu a pressionava para resolver o que deixou para trás. Definitivamente, não tinha esse direito. O que eu era dela, afinal?

Cheguei ao Recanto. Ela não estava ali! Olhei por todos os lados, o desespero tomava conta do meu peito.

Corri por todo o parque, mas não a encontrei em lugar nenhum. Precisava pensar aonde poderia ter ido. Minha cabeça fervia. *Aonde estaria neste momento?*

Voltei para o local em que estacionei a moto e, no percurso, apertei a tecla que ligava para Laura. Talvez tivesse ideia de onde Evy teria ido. Se tivesse um pouco de sorte, ela teria voltado e estava segura em casa.

— Jim, a encontrou? — perguntou, atendendo no primeiro toque.

— Não, Laura. Pensei que ela já tivesse voltado. Ela não está no parque. Tem ideia de onde mais poderia ter ido?

— O parque foi o primeiro lugar que pensei também, Jim.

— Não consigo imaginar outro lugar. Ela não saiu pra correr, não estava vestida para isso. Preciso de sua ajuda, Laura, estou preocupado!

— Jim, mantenha a calma! — Escutei a voz de Romeu, o celular se devia estar no viva voz.

— Nós vamos sair também, para procurá-la. Tenta na Celeste, vamos dar uma volta pelo bairro.

— A Celeste, é claro! Liga de volta se tiverem mais sorte do que eu!

— Jim?

— O quê?

— Ache a minha amiga, por favor! — a voz de Laura estava embargada pelas lágrimas, me fazendo sentir mais inútil ainda.

— Sim, Laura, vou encontrá-la!

Segui, correndo de moto, pelas ruas da cidade, rumo à casa da Celeste. Como não havia lembrado dela? Tinham se tornado amigas e Evy a considerava como uma mãe. É claro que estaria com ela.

Evy saiu a pé, não devia estar muito longe, entretanto, eu havia perdido tempo demais no parque, sem contar no apartamento. Com certeza já

PERIGOSAS ACHERON

estaria na Celeste, mas algo me fazia olhar pelas ruas paralelas e pelos becos.

Minha mente me impelia a ir mais rápido, a acelerar a moto, mas os instintos diziam que eu deveria ir com calma. Olhava atento às pessoas por onde passava, na vã esperança de encontrá-la.

Avistei casais enamorados, crianças brincando e idosos passeando... até que, em uma das pequenas ruas estreitas, paralelas à qual estava, avistei mais um casal.

Não eram um casal como os outros, eles discutiam.

Um homem segurava uma garota. Dei meia volta com a moto e adentrei a rua, encostando a moto ao meio fio. Era Evy, só podia ser, mas quem era a pessoa que a machucava desta maneira?

Desci da moto o mais rápido possível e parti para cima do homem. Não queria saber quem era e nem precisava, ele estava ferindo Evelyn e eu não permitiria que continuasse.

Desferi o primeiro soco em seu rosto, assim que o tirei de cima dela. O estranho cambaleou pela sarjeta, conseguindo se reerguer. Investi outros

golpes, acertando seu maxilar e o olho esquerdo.

Minha visão estava turva pelo ódio, mas consegui identificar o agressor. A ira se tornara ainda maior quando o reconheci. Ele se esquivou e acertou um soco no meu rosto, aproveitando a minha distração.

Era Leonardo. O mesmo que estuprara e violentara Renata. Não ia deixá-lo escapar desta vez, ia fazer justiça com minhas próprias mãos. No mesmo instante, o segurei pela camisa e desferi repetidos golpes.

Ouvi Evelyn gritando, no entanto não iria parar, não desta vez.

— Jim, você vai matá-lo! Para!

Soltei sua camisa e ele caiu ao chão.

— Levanta! — cuspi de raiva. — Levanta, seu desgraçado! Vem pra cima, luta como um homem!

— Chutei sua barriga.

Ele se curvou de dor, abaixei-me para levantá-lo.

— Não é justo bater em um homem deitado, não é?

— Jim, para, por favor! Não é essa a justiça que ele merece! — disse Evy, segurando meus braços.

— E o que pretende? Deixá-lo ir e ficar por isso mesmo, como aconteceu com a Renata e tantas outras garotas? — Joguei-o de volta ao chão.

Evy estava com sua blusinha rasgada e pude ver as marcas vermelhas da agressão em seus punhos. Isso me revoltou ainda mais, e ela queria deixá-lo ir embora?

— Não! Vamos fazer do modo correto. Se matá-lo, haverá justiça pra você, apenas. Não quero te ver na cadeia, Jim. — Evy estava alterada. — Estou cansada de ver pessoas erradas livres enquanto inocentes pagam por almejarem justiça. Não vou deixar isso acontecer conosco!

— E o que pretende fazer?

— Me empresta o celular.

— O quê? Vai chamar a polícia? — falei sarcástico. — O delegado vai liberá-lo assim que colocar os pés lá dentro, como das outras vezes. Não adianta...

— Veremos! — disse, discando os números de emergência. — Alô, preciso de uma viatura urgente aqui na rua... — Olhou para mim e falei o endereço aproximado. Ela o repetiu ao atendente.

— A queixa? Tentativa de estupro. Sim, contra mim. Sim, há testemunha. Ele está imobilizado, mas preciso que sejam rápidos. Okay, cinco minutos. Obrigada.

— Você vai levar isso adiante? Eles vão dissuadi-la a dar continuidade ao boletim de ocorrência.

— Você me disse pra lutar e parar de me esconder, não é? Pois bem, não vou parar enquanto não ver esse desgraçado atrás das grades e pagar pelo que fez com a Renata e outras garotas. Não vou ter medo!

— Estarei do seu lado até o fim, Coelhinha! —
Abracei-a a fim de apoiá-la.

Enquanto esperávamos, Evy ligou para Laura para explicar o que acontecera. Ela, Romeu e Luís ficaram de nos encontrar na delegacia. Em menos de cinco minutos, apareceram as duas viaturas da cidade que estavam em serviço.

O dia esmaeceu e a lua apontava no céu, ao longe. Os postes de iluminação acendiam um a um.

Fomos todos conduzidos, na viatura, à delegacia. Eu e Evy em uma, e o Leonardo, gritando e nos ameaçando, em outra. A viagem durou poucos

minutos, tempo suficiente para que eu olhasse melhor para Evy.

— Você está ferida! — exclamei ao verificar um corte no canto dos seus lábios, além de outras manchas roxas e avermelhadas que apareciam em seu rosto e braços.

— Isso vai passar! Precisamos ser firmes, precisamos seguir em frente com isso! — disse, descendo do carro, em frente à delegacia. — Você me ajuda?

— Vou ter o prazer de empurrá-lo para dentro da cela. — Abracei-a, encorajando.

Entramos na delegacia passando pela recepção ocupada por um policial de meia idade, com ar cansado. Conduziram-nos à mesa do delegado, o mesmo que ocupava o cargo há muitos anos. Era um senhor calvo, porém com ar jovial. Ele se levantou com brusquidão quando Evy entrou machucada, seguida por mim.

— O que aconteceu, querida? Sente-se aqui! — disse a ela e, voltando-se ao escrivão, continuou: — por favor, vá buscar um copo d'água para a jovem, sim? Com licença, se me permite... — Colocou seu

casaco sobre os ombros de Evy.

— Senhor, estou aqui para fazer uma denúncia de abuso, tentativa de estupro, na verdade.

— Quem fez isso com você? Conta tudo, menina. Não se acanhe.

Evelyn bebeu seu copo d'água e contou o modo como foi abordada e agredida, mas não citou o nome de seu agressor.

— Ele me agarrou e me forçou a entrar em seu carro, dizendo que queria... — parou emotiva.

— Sim, eu compreendo, tente se acalmar, sim?

— Se não fosse pelo Jim ter chegado bem na hora, nesse momento eu estaria sendo violentada por aquele homem!

— E você imobilizou o meliante? — perguntou a mim.

— Sim, ele reagiu e precisei usar um pouco de força contra ele — falei, contendo o sorriso.

— Fez bem, meu rapaz, fez muito bem. Esse tipo de gente é nos deixam irados! Violentar e estuprar uma garota... — Depois de uma pausa. — Por favor, tragam o homem para cá.

Leonardo entrou algemado, ainda carregando um sorriso de escárnio ao ser conduzido por dois policiais. Mesmo com alguns cortes e hematomas aparentes no rosto, não se deixou abater, crendo que logo tudo estaria resolvido, sem problemas para ele, como das outras vezes.

No entanto, tudo indicava que desta vez seria diferente. Evy estava disposta a enfrentá-lo e eu daria todo o apoio de que precisasse. Ela quis justiça em vários momentos de sua vida e não encontrou, esta seria sua luta contra toda a impunidade que sofreu.

— Santo Cristo! — exclamou o delegado Corrêa. — Leonardo Silvestre! Você quer fazer uma ocorrência contra Leonardo Silvestre? — perguntou retórico à Evy. — Veja bem, minha pequena, sei que se sentiu ofendida, mas não conhece a família deste rapaz...

— Não, senhor delegado — Evy se levantou, decidida —, não conheço e nem ao menos tenho a intenção de conhecer! O que sei, neste momento, é que este rapaz me agrediu e tentou me estuprar, e são essas as denúncias que me trouxeram aqui.

Olhe para mim e veja o que ele foi capaz de fazer! Imagine o que estaria prestes a cometer! — repreendeu Evy, procurando não alterar a voz. — Não estou ofendida, senhor, e sim ferida.

— Senhor Leonardo, tem algo a dizer em sua defesa, talvez convencê-la de que suas atitudes não eram essas?

— Queria apenas dizer à gatinha que se ela for em frente com essa história, também farei uma queixa contra o namoradinho dela por agressão e violência contra um cidadão, cujo pai é o banqueiro da cidade. — Ele mantinha o olhar altivo, entretanto não nos causava medo, não iríamos nos abater com suas ameaças. — Ligue para o meu pai, senhor delegado e também para advogado da família — continuou.

O olhar e a postura firme de Evy me deram forças para prosseguir:

— Ligue para o meu advogado, também, Senhor Corrêa, pois daremos continuidade na ocorrência.

— Tem certeza que vai continuar com esse joguinho, Jim? Seu irmão é um “advogadozinho” de porta de cadeia! — falou entre sorrisos e

gargalhadas. — Isso só pode ser piada!

— Sim, nós vamos continuar. E você? Também vai continuar no jogo? Sabe que vai ser um prazer te encontrar atrás daquelas grades, Leonardo.

— Está me ameaçando? — cuspiu, cheio de ira.

— Não estamos ameaçando. — Evy avançou um passo com segurança e altivez, ao dizer: — Estamos te denunciando por tentativa de estupro e agressão. Você vai dar continuidade? Está disposto? Porque nós estamos.

Do outro lado da parede de vidro, pude ver Laura acompanhada por Renata e outras garotas que também foram abusadas sexualmente por Leonardo.

— Senhor — dirigi-me ao delegado, que permaneceu calado diante da situação —, talvez as moças, lá fora, queiram dar algum depoimento pertinente ao caso.

O delegado, como tinha conhecimento de todos os casos de estupro realizados pelo rapaz, percebeu que o sobrenome Silvestre não o ajudaria dessa vez. Recostou-se sobre a mesa, com as mãos espalmadas, e, desconsolado, suspirou. Enxugou

sua testa calva com o lenço guardado no bolso da calça.

— Policiais, levem o rapaz até a cela! Hoje o dia não acaba tão cedo! — suspirou o delegado, desabando em sua cadeira giratória.

...

Uma policial feminina encaminhou Evy ao hospital da cidade para fazer exames de corpo de delito. Enquanto isso, fez duas ligações: a primeira para meu irmão Júlio que era policial, para acompanhar de perto os trâmites do boletim de ocorrência; a outra, para meu outro irmão, João, pedindo que viesse a Borópolis como meu advogado, caso Leonardo cumprisse com sua ameaça de registrar a agressão.

Laura acompanhou Evy ao hospital. Sua agilidade em trazer as outras garotas fora impressionante. Desta forma, o delegado se sentiu pressionado a não arquivar o caso.

Assim que estive informada sobre a violência desmedida provocada por Leonardo, e que Evy estava disposta a denunciá-lo, Laura foi à casa da Renata. Com alguns telefonemas, as duas

PERIGOSAS ACHERON

conseguiram convencer outras vítimas de Leonardo a denunciarem a violência.

Fiquei detido na delegacia, porém não fui levado à cela, pois Leonardo desistira de fazer um boletim de ocorrência contra mim.

As moças foram, uma a uma, encaminhadas para a sala do delegado para darem seu depoimento, enquanto o escrivão digitava com agilidade num computador sobre uma pequena mesa no canto da sala.

Haveria justiça desta vez. Evy estava bem, apenas isso importava para mim.

CAPÍTULO 15

Evelyn

Era tarde quando consegui repousar a cabeça no travesseiro, na tranquilidade do apartamento. Embora abalada, fui ao hospital com Laura para ser submetida a exames e mais interrogatórios da equipe médica, além do que já havia sido realizado pelo delegado.

— Como está se sentindo, amiga? — perguntou Laura enquanto aguardávamos a liberação do hospital, sentadas no longo corredor.

— Esgotada! — Tentei sorrir.

— Não é por pouca coisa! Lutou contra uma das pessoas mais influentes da cidade.

— Mas ainda não terminamos. Precisamos sustentar nossas forças e ir adiante com isso.

— Desculpa, amiga! Foi por minha culpa que isso aconteceu. — Ela olhava para as manchas em meus braços.

— Não foi culpa sua, Laura! Não tem que pedir

PERIGOSAS ACHERON

desculpa, por nada.

— Nada disso teria acontecido se não tivesse falado coisas horríveis pra você.

— Não. Você está errada de duas maneiras, amiga. — Esperei até Laura olhar em meus olhos. — Primeiro, falou coisas de que eu precisava ouvir e enxergar. Estava me escondendo atrás da morte do meu filho, o que você e Jim fizeram, foi abrir meus olhos para ver quão fraca estava sendo. Aprendi com isso e vou fazer de tudo para mudar a minha história, a partir de agora!

— Que bom que vê desta maneira, mas...

— Segundo — interrompi levantando dois dedos para o alto —, se eu não estivesse no caminho daquele homem, outra garota estaria, e talvez não teria um final como este, com Leonardo na cadeia.

— Parabéns pela coragem, viu! Muitas se esconderam com medo de represálias.

— Não teria forças sozinha, Laura. Ficou mais fácil com Jim ao meu lado. E a sua ajuda também foi essencial, amiga! A ideia de levar as garotas até lá foi decisivo! Parabéns pela atitude. Não teria agido com tanta destreza como você!

— Obrigada! Obrigada! — agradeceu fazendo lisonjas a si mesma.

— Agradeço, de coração, pelo apoio.

— Mas, falando sério, agora. Não fiz muita coisa, uma foi encorajando a outra e, em poucos minutos, estavam dispostas a irem à delegacia para lutar contigo.

— Sofreram caladas pela violência e o medo das ameaças envolvendo os familiares por todo esse tempo...

— Desta vez foi diferente! Juntas, lutaram por justiça.

— Sabe, é incrível como sobrenomes importantes são passaportes para a impunidade.

Depois de um tempo demasiado longo, fui liberada. Tomei um demorado banho, assim que chegamos em casa, e segui direto para o quarto. Estava cansada e machucada, no entanto, me sentia bem por ter ajudado aquelas mulheres de alguma maneira. Pude ver, no rosto de cada uma delas, o medo das ameaças, mas também vi a força e a determinação com que enfrentavam a situação atual, exigindo justiça. Não se calariam mais, uma a

uma foram emitindo a voz da liberdade contra injustiças e impunidades.

O quarto estava escuro. Podia ouvir Laura e Romeu conversando na sala. A porta se abriu e se fechou logo em seguida. Reconheci o perfume de Jim.

Deitada em minha cama, de costas para a porta, ele se deitou junto a mim, abraçando-me pela cintura. Senti sua respiração em meu pescoço e seu beijo doce em meus cabelos. Eu o amava e lutaria para ficar com ele, assim como lutamos juntos contra a impunidade no dia de hoje.

— Como está?

— Posso te dar várias respostas — disse evasiva. Ouvia a respiração contida de Jim e seus músculos se contraírem. — Desculpa, não é a resposta que está procurando, não é? — Virei-me para ele.

— Eu que peço desculpas, Coelhinha! Se não tivesse te ofendido mais cedo, não teria saído sozinha e nada disso teria acontecido.

— Você não me ofendeu, de maneira nenhuma. Ao contrário, tinha toda a razão. — Estava escuro, mas podia ver o vulto de seu rosto. — Não devo

ficar me escondendo. Estava sendo covarde, como aquelas garotas foram até hoje. Sofreram caladas a troco de sua segurança e da família.

Respirei, tentando organizar os pensamentos. Jim me ouvia calado, embora sentia seu abraço me confortando.

— Fui fraca e quis me esconder num mundo que criei pra mim mesma. Mas agora chega!

— O que vai fazer?

— Assim que seu irmão chegar, eu seguirei em frente com o pedido de divórcio. Só assim deixarei o passado no devido lugar.

— Você não vai estar sozinha, prometo. Estarei contigo em todos os momentos. Sabe disso, não sabe?

— Sim, eu sei. E obrigada, por seu apoio! Ah, e outra coisa... fiquei muito orgulhosa de você... não se deixou abalar quando Leonardo te ameaçou, continuou firme e seguro, o tempo todo!

— Era por você, meu amor, que estava firme naquele momento. Iria matá-lo, com certeza, se não tivesse me segurado e me convencido fazer de modo diferente. Não vi uma garota frágil e, sim,
PERIGOSAS ACHERON

uma mulher guerreira que luta pelo que quer. — Deitada em seu peito, abracei-o com mais ímpeto.

— Amanhã começaremos outra luta, nova batalha.

— E vamos atravessá-la juntos — concluiu, entrelaçando seus dedos aos meus e beijando-me os lábios.

...

Quando acordei, o sol ainda não havia saído, como de costume. Jim estava ao meu lado, na cama. Adormecemos assim, Jim cuidando e protegendo meus sonhos. Eu gostava disso.

Meu corpo doía devido ao infortúnio da noite anterior. Procurei afastar as más lembranças e colocá-las em uma gaveta mental, junto com outras tantas. Não ia permitir que nenhuma delas me incomodassem outra vez.

Levantei devagar e cautelosa para não acordar Jim, no entanto não fui bem sucedida, ele percebeu a minha intenção de fuga e me segurou, puxando-me de volta ao colchão.

— Nem pense que a senhora vai correr, hoje é

domingo e não vou deixá-la sair daqui até a hora do almoço!

— Me solta! — gritei em meio a gargalhadas. — Socorro!

— Não adianta, hoje será a minha prisioneira!

— Ah, não! Por favor, me deixa sair! Você sabe que eu gosto de começar o dia correndo, ainda mais depois de um dia complicado, como ontem.

— Não, Evelyn! — disse sério, olhando para mim, se apoiando no cotovelo. — Vou cuidar de você. Está machucada!

— Me chamou de Evelyn? — perguntei olhando em seus olhos. — Deve ser grave mesmo — constatei, não contendo mais o riso. Jim também se rendeu e, juntos, gargalhamos.

Horas depois, seu celular tocou na mesinha ao lado da cama, fazendo Jim se contorcer para buscá-lo.

— Oi, João! Já chegou? — Pausa. — Vou interfonar ao porteiro para liberar sua entrada.

— Seu irmão chegou?

— Sim, está lá embaixo, com a esposa e os filhos.

Não podia acreditar! Em poucos segundos conheceria mais um integrante da família e começaria a endireitar a minha vida, tudo de uma única vez.

Levantei apressada da cama, cambaleando. Tirei o pijama e coloquei um vestido, calçando minhas sandálias baixas em poucos segundos. Diante do espelho, pude ver que Jim me olhava de boca aberta.

— O que foi?

— Você se deu conta de que acabou de fazer?

Devido à correria e à tensão momentânea, trocara de roupa na frente dele! Como pude ser tão distraída desta maneira?

— Ah, meu Deus! Desculpa, Jim. Fiquei tão nervosa com a chegada da sua família que não me dei conta de que você ainda estava no quarto!

— Não desculpo, não! — Veio em minha direção e me abraçou. — Imagina, que atrevimento da sua parte!

— Ai, que vergonha! — Desta vez me escondi em seu peito.

— Você nem sabe o quanto é linda, não é? —
PERIGOSAS ACHERON

disse com carinho, me fazendo esquecer dos problemas ao simples toque de seus lábios.

CAPÍTULO 16

Jim

João não era muito mais velho do que eu, embora seu ar cansado devido ao extenso trabalho demonstrava mais idade do que tinha.

Era casado, há dez anos, com Gisele. Se conheceram na Capital quando ele foi para lá procurar seu primeiro emprego na área de advocacia. Tinham dois filhos, um casal. O menino, mais velho, com seis anos, tinha o mesmo nome do pai, e a menina, de apenas dois anos, linda, com seus cabelos compridos e cacheados, se chamava Isabela.

Evy se encantara pelas crianças, fazia brincadeiras e piadinhas para que elas rissem, enquanto organizava o café da manhã junto com Laura e Gisele. Eu, meu irmão e Romeu, estávamos na sala discutindo sobre o caso de ontem.

— Se vocês não solicitarem o arquivamento, posso pedir a um juiz, amigo meu, para apressar o

caso. Devido ao número de queixas de garotas violentadas por ele, qualquer magistrado teria o prazer de jogá-lo na cadeia.

— É isso que nós queremos, ninguém aqui vai arquivar nada desta vez! — falou Evy da cozinha.

— E quanto a ele prestar queixa por agressão? Se levar adiante? — Romeu indagou.

— Não haverão maiores problemas, Romeu. Jim agiu para defender a garota, não tem passagem pela polícia, tem trabalho e residência fixa. O caso não irá para frente, com certeza. O rapaz está atolado até o pescoço, creio que não irá querer mais confusão.

— Ele continua preso até quando? — continuou Romeu.

— Na verdade, foi solto hoje pela manhã, mediante fiança.

— Não acredito! Isso está certo?

— Sim, Laura. Aguardará o processo em liberdade. — Esperou o fim das exclamações e deu sequência: — Pelo que me foi relatado pelo delegado, o advogado da família Silvestre pediu permissão judicial para Leonardo se afastar da

PERIGOSAS ACHERON

cidade.

— Por medo de represálias da população, suponho.

— Exato. Por esse motivo, conseguiu, mas precisará manter residência fixa para eventuais esclarecimentos.

— Ótimo! Desculpe, João, por tê-los trazido até aqui por conta disso.

— Imagina! — falou Gisele, se aproximando do marido. — Faz muito tempo que estamos programando umas férias para ver vocês e seu pai.

A conversa se prolongou enquanto tomamos o café da manhã, embora já fosse hora do almoço. Laura e Evy conversavam com Gisele como se fossem amigas de longa data.

Havia um clima agradável na casa, livre do estresse dos últimos dias. As crianças traziam alegria com seus gritinhos e risadas, procurando a atenção exclusiva da Evy. Não me cansava de vê-la brincando sentada no chão, desenhando e recortando, ou correndo pelo apartamento como se fosse uma delas.

Imaginei-a com seu filho, o pequeno Gustavo. A

PERIGOSAS ACHERON

imagem vista em seu celular, um garotinho de vasta cabeleira, veio à memória. Era uma boa mãe. Um pensamento que nunca me ocorreu, instalou em minha mente para não mais sair.

Eu queria me casar e ter filhos com ela. Não queria mais a vida de solteiro com qualquer outra garota. Desejava apenas Evelyn, com ela formaria uma família. A minha família. Não era um adolescente há muito tempo, como dizia meu amigo.

— Agora, crianças terríveis, venham aqui um pouco pra jogar videogame! — chamou Romeu, levando-as à frente da TV.

— Primeiro, eu!

— Não! Eu sou mais velho... Primeiro, *eu*!

— Vamos fazer o seguinte — apaziguou Evy com voz terna. — O Romeu vai escolher um jogo em que os dois jogarão juntos! Pode ser? — As crianças vibraram de alegria enquanto se sentavam sobre as almofadas no tapete.

— Bem, Jim comentou que gostaria de conversar sobre outros assuntos... — investigou João, apontando-lhe a cadeira para que se sentasse junto

a nós.

Enquanto contava o que havia acontecido a ela e seu filho, meu irmão e sua esposa ouviam atentos, algumas vezes faziam eventuais perguntas.

— Acompanhamos essa história pela mídia no ano passado, nunca imaginei que estaria na sua frente um dia. Devem ter sido momentos terríveis que passou. Eu, como mãe, sofri por você, e posso, ao menos um pouco, sentir a sua dor!

— Obrigada, Gisele. Foram momentos terríveis e ainda o são, na verdade. Preciso muito de sua ajuda, João, como advogado, para conseguir me divorciar.

— Deu entrada alguma vez, no pedido?

— Sim, ainda na Capital dei entrada três vezes, mas em todas Ricardo conseguiu encontrar alguma brecha, ou alguma coisa errada para que o processo retrocedesse. Ele não admite a separação.

— Desculpa perguntar, Evelyn, mas estou fazendo minha função de advogado, okay?

— Claro! Pode perguntar o que for preciso.

— Há algum motivo que ainda a prenda a este homem? O filho, sei que perderam, mas há algum

PERIGOSAS ACHERON

sentimento de alguma das partes? Algo que possam fazê-los reconciliar o casamento?

— João, por favor! — Levantei-me da cadeira, onde estava sentado à mesa de jantar. Mesmo sabendo dos sentimentos de Evy por mim, tinha medo de ouvir sua resposta.

— Bem, são perguntas que o juiz fará na pequena audiência e não posso ser pego de surpresa. Espero que entendam.

— Sim, entendo, claro. Sei que essa pergunta é importante, pois essa foi uma das maneiras que ele encontrou para anular a petição. Não há nenhum motivo. — Evy sustentava o meu olhar, falando com segurança. — Posso te garantir que não há nada, nenhum sentimento bom, para que possamos nos reconciliar. Ao menos da minha parte. Ele não morava mais comigo e ficamos juntos por pouco tempo depois de casados.

— Há como comprovar que estavam separados matrimonialmente? Quero dizer, há como provar que não mantinham mais a união estável do casamento? Ele morava em outro lugar? Tinha outra mulher?

— Não, ele não tinha outra mulher, não que eu saiba. Ricardo morava em outra casa, alugada pelo tio, na verdade, paga pela empresa que trabalhava.

— Há a possibilidade de entrar em contato com esse tio? Pois deve ter os recibos do aluguel ou coisa que se equipare.

— Creio que sim, ainda tenho um número para entrar em contato.

— Certo. E esse tio é advogado também, não é?

— Isso. Tem uma rede de escritórios para advogados no centro da cidade. Foi ele quem me ajudou com a venda da casa e outras coisas.

— Ele é de confiança? Precisarei trocar informações com ele, porém quero ter certeza de que me dará os detalhes necessários.

— Sim, ele é. Poucos da família me apoiaram quanto às desventuras do meu filho. Esse tio, em particular, acompanhou tudo de perto.

— Apenas mais uma pergunta. Depois da morte do seu filho, o advogado da família entrou com o pedido de divórcio outra vez?

— Não. Eu não quis. Estava recebendo ameaças ainda, e Ricardo também me ligava pedindo ajuda

PERIGOSAS ACHERON

em dinheiro. Quis, apenas, dar um basta nisso. Vendi tudo o que tínhamos, entreguei boa parte a ele e me mudei, sem ninguém conhecer meu paradeiro.

— Certo, com todos esses detalhes vai ficar fácil conseguirmos um parecer favorável.

A pequena Isabela aninhou-se no colo de Evy para receber seu carinho e acabou adormecendo. Continuamos conversando, entretanto procurando por assuntos amenos e agradáveis. Horas depois, seguiram para a casa do meu pai, onde ficariam hospedados por um tempo.

...

A semana passou rápido, com o trabalho durante o dia e passeios com a família do meu irmão à noite. Evy se encantava cada vez mais pelas crianças e eu ficara fascinado com o carinho que ambos tinham por ela. Luís passou todos os momentos ao lado da irmã, confortando e encorajando-a.

João explicou que nosso relacionamento poderia, sim, atrapalhar no processo. Foi difícil mantermos essa distância, todavia, queríamos que desse certo.

PERIGOSAS ACHERON

No final, tudo valeria a pena.

Quando seguiram de volta à Capital, meu irmão nos garantiu que, dentro de alguns dias, entraria em contato conosco, a fim de nos dar um parecer sobre o caso do Leonardo e também do divórcio.

Seriam dias de espera e muita tensão.

CAPÍTULO 17

Evelyn

Mês de março foi embora e com ele chegou a alegria da novidade de Laura. Ela havia esperado passar as semanas conturbadas e, finalmente, fez uma bela surpresa para Romeu, contando-lhe sobre a gravidez. Ele recebeu a notícia eufórico, emocionado por saber que seria pai. Como não podia deixar de ser, Laura nos declarou padrinhos da criança.

Meu irmão, Luís, permaneceu ao meu lado todos os dias. Alugou um pequeno quarto num bairro próximo ao nosso prédio, e estava ajudando Celeste na lanchonete para custear sua estadia na cidade.

Ele e Jim, vez ou outra, tocavam em bares familiares e restaurantes da cidade e da região. Formaram uma dupla incrível! Como sempre, eu os acompanhava. De vez em quando, Romeu e Laura também os prestigiavam.

Em um desses eventos, fiquei feliz e muito

surpresa ao ver Renata e Luís se entenderem e, logo em seguida, assumirem o namoro. Minha família estava crescendo.

— A melhor coisa que fiz na minha vida até hoje, irmãzinha, foi vir à essa cidade atrás de você. Está tudo indo muito bem, sabe? Ganhei uma irmã, consegui um emprego, e agora tenho uma namorada linda! Não preciso de mais nada! — exclamou Luís, numa noite em que saímos todos juntos.

Aproveitei a ocasião para agradecer, mais uma vez, o apoio da Renata no caso da denúncia de Leonardo, e por mobilizar as outras garotas a fazerem o mesmo.

— Vocês foram muito fortes, aguentando caladas. Fico feliz por enfrentarem o medo em denunciá-lo.

— Só o fizemos porque nos sentimos motivadas pela sua força e garra, Evelyn. Não se deixou abater ou intimidar diante das ameaças. Eu é que tenho a agradecer! Por falar nisso, alguma novidade?

— João ligou dias atrás dizendo que o caso do Leonardo já estava nas mãos do juiz e, em breve,

terá de comparecer ao tribunal.

— Ele vai ter o que merece! — pontuou Laura.

...

Chegou, enfim, o aniversário do seu Paulo, pai do Jim. Haveria um grande jantar em sua casa, com todos os filhos e suas respectivas famílias, na sexta feira.

Conheci o segundo irmão, que morava na cidade vizinha com a esposa, ambos muito simpáticos. Eles nos contaram com alegria que adotariam um bebê e, o quanto antes, apresentariam o novo integrante àquela família.

— Então, você é a mulher que colocou juízo na cabeça do meu irmão? — perguntou, malicioso, o irmão mais novo, Jeremias. — Finalmente!

— Bem, Coelhinha, creio que agora conhece todos os meus irmãos! — concluiu Jim, desviando do assunto e me levando para outro canto da casa ao encontro de João.

— Sem maiores novidades, sinto muito. — Assegurou seu irmão, que ainda cuidava do processo do divórcio. Também viera com a esposa

e filhos. — A intimação ainda não foi entregue e Ricardo parece ser demasiado taciturno! Esquiva-se com perfeição, se permitem me dizer.

— Já esperava por isso. Só aparecerá quando precisar de dinheiro, posso garantir.

— Tudo dará certo em seu tempo — confortou-me Gisele. Jim inquietou-se em seu lugar.

Descobri, naquela noite, que todos os filhos do seu Paulo cantavam e tocavam muito bem.

— Dom herdado da mãe — disse o pai, orgulhoso, diante dos meus elogios.

Fora um fim de semana divertidíssimo, com almoços, jantares, bebidas, piadas e, claro, muita música. A alegria era contagiante e estar junto a essa família numerosa fazia bem à minha alma. Eram carinhosos uns com os outros e comigo, embora alguns tenham acabado de me conhecer.

— Isso só acontece uma vez por ano, então preciso aproveitar a família reunida — comentava seu Paulo, sem pressa para que chegasse a segunda-feira, dia em que cada um seguiria sua vida, cheios de compromissos.

...

— Pronto. Alô? — insisti ao atender o telefone do apartamento, diante do silêncio com o qual me deparei do outro lado da linha.

Era uma sexta-feira comum, após uma manhã cheia de trabalho. Laura estava repousando no seu quarto. Jim, em uma reunião com pais de alunos na escola. Romeu trabalharia o dia todo.

Os telefonemas se repetiram outras vezes e, em todas, quando atendia, nada ouvia. Pensando em se tratar de trote de crianças, ignorei, desconectando o telefone.

— O que aconteceu hoje, meninas? — perguntou Romeu assim que entrou em casa com Jim, colocando as sacolas do mercado sobre a mesa. Já era fim de tarde. — Liguei várias vezes aqui e não consegui falar com ninguém!

— Ah, então era você o engraçadinho?

— Como assim, engraçadinho? Eu ligava, ninguém atendia e, agora, sou o engraçadinho, Evy?

— Pois atendi várias vezes e você não falava nada, então desconectei o cabo do telefone pensando se tratar de trote.

— Estranho, porque das vezes que liguei, tocava até a ligação cair na secretária eletrônica. Ninguém atendia.

Meus sentidos ficaram em alerta total. Minhas mãos subitamente transpiravam, podia sentir o coração bater forte no peito. As pernas fraquejaram e sentei-me, tensa, no sofá.

Desconhecia se o fato era apenas um mal entendido ou uma brincadeira de mau gosto, entretanto, receava pelo pior.

Como não tinha imaginado quem realmente poderia ser? Eu me acomodei em minha nova vida e nova família de tal forma, que me esquecera, por breves momentos, da minha eterna fuga.

— Estranho mesmo — disse Laura —, atendi algumas ligações em meu celular também, e ninguém respondeu. Quem será que está fazendo essa brincadeira idiota?

— No seu celular também? Por que não me disse antes, querida?

Jim caminhou até o aparelho e apertou o botão que piscava intermitente. Ouvimos várias mensagens de Romeu, perguntando se estava tudo

bem e se Laura precisava de alguma coisa da rua antes que ele retornasse.

Entre elas, haviam outras em que a pessoa ficava em silêncio. Podia-se ouvir apenas a respiração presente e ritmada de alguém do outro lado da linha. A tensão preencheu a sala, de repente, como uma presença viva. Pares de olhos voltavam-se para mim. Todos sabiam o que aquilo significava.

— Coelhinha, fique calma — Jim pediu, com voz firme e segura, sentando-se no sofá junto a mim. — Sei que está pensando em se tratar do seu ex-marido, mas é muito provável não passar de brincadeira de crianças.

— Queria acreditar nisso, Jim, mas sabíamos que, uma hora ou outra, ele reapareceria, não é? Ainda mais quando colocamos um oficial de justiça em seu encalço.

— Jim, liga para o seu irmão e informe que Ricardo está na cidade!

— Não, Laura, estamos nos precipitando — interveio Romeu. — Jim tem razão, não deve ser o cara. Vamos esperar mais alguns dias.

— Laura — perguntei —, desde quando estão

PERIGOSAS ACHERON

ligando pra você?

— Não sei... desde segunda-feira, eu acho, mas não é sempre o mesmo número, são diferentes — contou, conferindo seu celular. — Olha...

— E alguém mais recebeu ligações como essas? — vi Jim e Romeu se entreolharem, mas nada disseram. Insisti. — Desde quando?

— Coelhinha, se acalma, por favor, não vai adiantar ficar nervosa desse jeito!

— Não adianta mentir ou tentar esconder! Prefiro que fale a verdade e pare de me tratar como criança!

— Está bem, meu amor, vou te contar tudo o que sei. — Aproximou-se mais, colocando sua mão em volta da minha cintura e acariciando minhas mãos com a outra. — A primeira ligação que recebi foi no domingo, depois que retornamos da casa do meu pai. No início, desligava assim que eu atendia, mas, depois, começou a demorar um pouco mais antes de desligar.

— É ele, não é? — perguntei, apertando as suas mãos com força.

— Não sabemos. Luís e eu fomos à hospedagem

PERIGOSAS ACHERON

da cidade, onde nos informaram que há um homem ali, desconhecido, mas se apresenta com outro nome em sua identidade, não é o Ricardo.

— Ele pode ter se apresentado com uma identidade falsa, sei lá! — pontuou Laura.

— Olha, vamos descansar, está bem? Amanhã faremos algo a respeito.

— Descansar como? Ele já descobriu o telefone de cada um de nós e o daqui de casa também! — exclamou minha amiga.

— Laura, você não está ajudando muito!

— Ele sabe onde estou, Jim! Não vou me esconder para o resto da vida!

— Jim tem razão, Evy — apoiou Romeu. — Vamos ficar aqui, em segurança, esta noite, amanhã a gente resolve.

...

— Mas você tem um compromisso, agora, lá na Lanchonete da Celeste, lembra? Combinou com ela de tocar hoje. Luís vai encontrar conosco, lá.

— Vou ligar para eles e dizer que houve um imprevisto. Vão compreender.

A noite de sexta-feira se passou sem maiores novidades. O telefone do apartamento, assim como os celulares dos meus amigos, permaneceram desligados.

Procuramos nos distrair com a TV, conversas e atividades rotineiras, contudo, nada fora suficiente para dissolver as nuvens de preocupação. A tensão transpassava pelo rosto de cada um.

Entretanto sabíamos que no dia seguinte tínhamos compromissos e atividades que não poderiam (ou não deveriam) ser desmarcadas. Precisava enfrentar, de uma vez por todas, meus medos e fantasmas, que rondavam cada vez mais próximos.

— Olha, não vai adiantar ficarmos aqui, trancados. Pretende esconder a Evy por quando tempo? Segunda-feira ela retornará à escola e, mais cedo ou mais tarde, se for o Ricardo, aparecerá aqui na porta!

Experimentei uma forte pressão no peito, uma dor se fez sentir em meu estômago. Reprimi a ânsia de vômito, comprimindo os lábios. Respirei fundo, tomando coragem. Não ia me permitir abater e me

esconder, como fizera até agora.

— Laura tem razão. Não quero mais viver sob essa opressão. Chega de viver oprimida e amedrontada por uma ameaça iminente!

— Não precisa resolver desta forma, Evelyn. Podemos esperar mais um pouco e ver se é ele mesmo.

— Não, Romeu. Terá que ser desta forma. Lembram-se quando me disseram para parar de sentir pena de mim mesma? Que precisava encontrar uma maneira de superar e voltar a viver? Lembra de quando me falaram para parar de me esconder e ter forças? Agora é o momento.

— Evy, naquele dia, falamos coisas horríveis pra você! Não deveria...

— Chegou a hora de enfrentar os obstáculos que eu mesma coloquei, para que eu possa seguir em frente, Jim.

Não iria mais me afundar na tristeza e depressão, muito menos, me esconder atrás da dor e da saudade, afinal, prometi a mim mesma que, acima de tudo, de toda amargura e dificuldade, viveria pelo meu filho!

Este era o momento em que enfrentaria todos os meus medos! Emergiria do meu estado de entorpecimento e dor.

— Vamos seguir com a nossa rotina. — Levantei, me enchendo de coragem. — Se for o Ricardo, acabo com essa angústia e resolvemos toda a questão do divórcio.

— Romeu, o que acha?

— Talvez elas tenham razão, Jim. Não podemos escondê-la para sempre, quanto mais cedo resolver, melhor.

— Certo. Temos uma hora antes do meu horário na Celeste. Vão se arrumar. Preciso resolver algumas coisas primeiro.

CAPÍTULO 18

Jim

Enquanto as meninas se arrumavam, liguei para o João a fim de me informar como agir diante da situação em que nos encontrávamos. Precisava saber qual o respaldo da lei que tínhamos.

Meu irmão, sem demora, pediu a um juiz que liberasse um pedido de proteção à Evelyn, impedindo que o ex-marido se aproximasse dela por alguns quilômetros.

— Essa medida cautelar só irá ampará-la caso ele apareça e queira fazer algum mal. Deixem o delegado de sobreaviso e, se for o caso, liguem na mesma hora para a polícia local. Entendido? — instruiu meu irmão na função de advogado.

E foi o que fiz, notificando o delegado sobre o possível aparecimento do ex-marido de Evy à cidade e suas constantes ameaças. O oficial, por sua vez, se prontificou em colocar uma viatura rondando os bairros próximos de nossa casa e da

Lanchonete da Celeste, por precaução.

Em seguida, liguei para alguns amigos nos quais confiava e podia contar, a fim de ajudarem a deter o tal Ricardo, se fosse preciso.

...

De onde estava sentado, em um banco alto com o violão sobre a perna, avistava Evy ao lado dos meus amigos, que a protegiam por mim, sentados próximos ao pequeno palco improvisado. Evelyn continuava linda. Em seu rosto resplandecia um lindo sorriso ao olhar para mim. Eu estava apaixonado e era correspondido.

Ela não merecia estar na situação em que se encontrava. Meu sistema nervoso se afligia por ela, apesar de vê-la aparentando tranquilidade. Como conseguia? Com todos os pesadelos projetados em seus sonhos, e seus fantasmas reais, prestes a se romperem em uma catástrofe iminente?

A casa estava cheia e, com o olhar cauteloso, eu vasculhava entre os presentes à procura de algum rosto desconhecido. Após certificar-me de que nada fora do normal acontecia, instalei minha atenção no violão e nas notas que dedilhava. Senti meus

PERIGOSAS ACHERON

músculos relaxarem, trazendo-me a tranquilidade e o bem estar costumeiros.

— Boa noite! Boa noite — falei após cantar duas músicas, sem conseguir tirar os olhos da Evy.

Não que eu quisesse deixar de olhá-la, é claro, nenhuma outra mulher me valia a atenção. Ter seu olhar sendo sustentado pelo meu, e seus lábios movendo-se com a letra da música, impelia-me a fazer o melhor naquela noite. Apenas para ela.

Após os uivos e assobios, continuei:

— Ouvi uma frase, certa vez, que dizia assim: “A música boa tem um condão de eliminar qualquer ruído que por ventura possa existir entre o corpo e a alma”. — Todos ouviam, em silêncio. — Acredito que isso seja verdade. A música tem uma magia incrível. — Novos aplausos e ovações. — Por isso, nessa noite, quero cantar esta música para a garota da minha vida, e espero que ela possa se deixar envolver pela letra tão especial para ela. — Toquei a introdução em meu violão. — Coelhinha, essa é pra você!

Cantei a canção preferida de Evy. Sabia que era uma música especial para ela, e queria que, naquela

noite, todo medo e tristeza fossem embora através da melodia.

— Quem diria? Jim está apaixonado, finalmente!

— Pois é, Gonçalves. Que bom que podemos viver para ver esse milagre! — Pude ouvir a gozação de meus amigos.

Ao fim da música fui aclamado por palmas ritmadas, porém estavam fora do compasso da música. Todos se viraram para conferir de onde vinha aquele som incomodativo, fora de hora e inconveniente.

— Bravo! Bravo! — disse um homem, olhando para ela, cada palavra acompanhada por uma palma. Sua voz ecoava áspera pelo salão. — Que romântico, isso, querida!

Eu vi uma foto dele nos sites de busca, quando procurava pelas notícias do sequestro e do acidente que envolveram Evy e seu filho. Era ele. Ricardo estava bem ali, à minha frente e diante de todos, aplaudindo, sarcástico.

Um silêncio lúgubre se instalou no ambiente. Todos ficaram curiosos com a aparição inesperada daquele indivíduo. Vestia um terno cinza

acompanhado por uma gravata preta, embora a noite estivesse quente. Era um homem alto, magro, de rosto fino e semblante confiável. Quem diria que uma pessoa com aparência íntegra fizera sofrer aqueles que mais necessitavam de sua proteção: o filho e a esposa?

— Não pare... não, por favor! — disse, se dirigindo a mim. — Quero presenciar essa linda declaração que está prestes a fazer à *minha* mulher!

Rumores e sussurros puderam ser ouvidos. Evy se levantou, calmamente, e caminhou ao seu encontro. Sem pestanejar, larguei o violão e fui me instalar ao seu lado. Laura e os outros rapazes também fizeram o mesmo.

— Até onde eu sei, já não é mais o meu marido desde o momento em que nos abandonou e nem se importou com a situação de risco em que colocara a mim e ao nosso filho!

— Para o seu bem — falei, segurando Evy pela cintura —, é melhor ir embora e voltar para onde estava. Não é bem-vindo aqui.

— Oh, fazem um caszinho tão lindo! Não acham? — ironizou, olhando ao redor.

— O que você quer, Ricardo? Até agora se importou apenas com o seu próprio umbigo! Abandonou a mim e entregou nosso filho na mão de traficantes, que queriam a sua pele. — Evy falava procurando controlar a altura da voz, porém, gesticulava nervosa. Uma sombra atravessava seu olhar, suas mãos estavam frias e o rosto vermelho de raiva. — O que você quer?

— O que eu quero, minha querida? Acho que sabe muito bem. Você vem comigo!

— Não ouse tocar nela! — Eu me adiantei quando o vi fazer menção de pegá-la pelo braço.

— A Polícia está chegando — avisou Celeste. — Esta é uma lanchonete de família e eu não vou admitir desordem aqui dentro! Acho melhor o senhor se retirar.

Já podiam ser ouvidos burburinhos mais altos e os rapazes cercaram o homem, com expressões nada amigáveis.

— Opa, opa, opa! Vim em missão de paz! — Ricardo falou, levantando as mãos em sinal de rendição. — Não há necessidade de polícia, eu sou a lei aqui. Evy pode confirmar isso para vocês, não

é querida?

Ao falar isso, se aproximou de Evelyn e tocou em seu rosto, como se fizesse um carinho.

— Tire essas mãos nojentas de cima de mim! — Evy se defendeu, empurrando as mãos do ex-marido para longe.

— Ricardo Silvino, não é? Temos um documento liberado pelo juiz que o impede de se aproximar do local onde Evelyn está. — Era meu irmão, policial que estava de serviço naquela noite e chegara para nos dar apoio. — Então, peço que, por gentileza, se retire deste estabelecimento ou terá que nos acompanhar à delegacia.

— Okay, vejo que foi longe dessa vez, Evelyn! Contratou capangas para te defender! Muito bem, minha esposa está ficando esperta! — Bateu palmas, ironicamente.

— Escuta aqui, não vou deixar que a ofenda desse jeito, entendeu? — Eu estava enfurecido, minha visão ficando turva pelo furor.

— O que é? Ela contratou um leão de chácara? — Gargalhou. — Diga, você é o cafetão dela também?

Ao escutar aquelas palavras, meu sangue ferveu, a raiva se instalou em meu maxilar e em meus punhos. Não me contive e avancei sobre ele. Apenas me dei por mim quando ele caiu sobre as mesas próximas, causando agitação entre pessoas presentes na lanchonete.

Assim que recuperou o equilíbrio, voltou-se para mim com os punhos em riste. Desviei de seu ataque, imobilizando-o, em seguida, com meu braço em seu pescoço.

— Ora, ora... vai me matar? — disse entre os dentes. — Tenho certeza de que ela ficará feliz com o caminho livre para casar contigo.

— Não, não vou te matar! — Soltei o infeliz. — Apreendi com a Evy uma coisa: não preciso fazer justiça com minhas próprias mãos, a lei se encarregará disso.

— Levem-no daqui! — ordenou meu irmão aos outros policiais que o acompanhava.

— Ninguém vai encostar as mãos em mim! — disse Ricardo, recobrando a altivez, limpando o filete de sangue que escorria de seu supercílios com as costas das mãos. — Não me conhecem e não

sabem quem eu sou, não é? Pois estarão com suas carreiras perdidas, se tentarem me levar daqui! — Ricardo disse aos policiais e, em seguida, para mim: — E você, seu desgraçado, vai se arrepender disso!

— Espera aí! Estou reconhecendo esse cara! E a moça também! — falou uma voz masculina, distante e abafada.

Os policiais algemavam Ricardo à força, pressionando-o contra o balcão da lanchonete.

— Esse é aquele advogado da Capital que se envolveu com traficantes.

— Sim, também estou lembrando — sou a voz de uma senhora. — Foi como a moça falou, mesmo... o filho foi sequestrado e nem se importou em pagar a fiança!

— E, depois disso — acrescentou Laura —, não se importou que ambos estavam no hospital, sofrendo por causa de um terrível acidente no qual o menino de três anos veio a falecer.

— Deixa esse cara com a gente, policial, que vamos dar uma lição nele! — falou outro morador daquela pequena cidade. Estavam revoltados e

queriam fazer justiça.

— Aqui a gente não abandona os nossos não, a gente protege! — declarou uma senhora que eu conhecia desde criança.

— Se afastem! — disse um dos policiais, conduzindo Ricardo para fora. — Vamos levá-lo para a delegacia, onde o delegado fará o que for necessário. Afastem-se!

As pessoas vaiaram a saída dele, que, sob diversas ameaças, entrou na viatura e seguiu seu destino.

Evy permanecia firme observando a multidão se aglomerar e seguir em direção à delegacia, gritando e ameaçando o homem que lhe havia causado tanta dor.

— Pronto, meu amor! Acabou.

— Não, Jim, não acabou — comentou, cruzando os braços, com o corpo ainda rígido de tensão. — Mas creio que agora falta pouco.

Havia encarado o ex marido de frente com ímpeto e sem medos.

— Estou orgulhoso de você! — Segurei seu rosto entre as mãos e fitei seus olhos.

Celeste retirou dali quem ainda se encontrava na lanchonete, anunciando o fim da noite. Gonçalves abaixou as portas logo em seguida. Fomos levados à sua residência. Evy se acomodou ao lado da Laura, deixando-se afundar no estofado macio.

Celeste se retirou para fazer um chá para todos, enquanto Romeu e Luís se limitavam a olhá-la. Quanto a mim, fui à varanda a fim de ligar para meu irmão e contar-lhe as últimas ocorrências.

— João, era ele mesmo que se encontrava na cidade!

— E vocês comunicaram à polícia local?

— Sim, fiz como você me orientou. Ele foi atrás de Evy e a ofendeu na frente de todos, foi um desastre! Os policiais o levaram à delegacia.

— Certo, Jim, mas tenho uma má notícia...

— O que é? O que pode ser ainda pior?

— O delegado vai mantê-lo apenas por essa noite sob sua jurisdição, amanhã cedo, estará em liberdade.

— Mas como assim, João? Ele precisa ficar preso! Faça a alguma coisa como advogado!

— O que eu podia fazer eu fiz, meu irmão! Há

um documento assinado pelo juiz dizendo que este homem não pode se aproximar dela. Esse é o meu trabalho. Se ele se descumprir a ordem, será outra vez detido, para em seguida ser liberado. Não há acusação sobre ele, compreende?

— O que faremos, então?

— Vou entrar em contato, mais uma vez, com o tio que Evelyn mencionou. Ele parece disposto a ajudar e, talvez, possa persuadir Ricardo a voltar para a Capital e deixá-los em paz.

— Acho que é uma tarefa impossível, mas não custa tentar, não é?

— Sim. Falarei com ele agora mesmo.

— Obrigado, meu irmão!

— Que isso, garoto! Boa noite.

— Boa noite.

Desliguei o telefone, decepcionado. Como daria essa notícia à Evy? Ficaria arrasada. Conversei com Romeu e Luís sobre o que meu irmão falara e ambos concordaram que era melhor não contar a ela. Não nesta noite.

— Coelhinha, você está bem?

— Sim. Estou bem.

Evy permaneceu no sofá, entretanto, não parecia muito abalada. Era como se esperasse por aquilo. Espantei-me com a força que encontrou para enfrentar o ex-marido, minutos atrás. Ali, sentada ao lado da amiga, parecia forte, destemida. Diferente da Evelyn de meses atrás.

— Vamos para casa, Evy! — falou Laura, apoiando-a.

Permanecemos em silêncio no caminho para casa. Aguardei no quarto, enquanto ela tomava uma ducha para relaxar. Depois, Evy parecia estar mais destemida e animada, porém, mesmo assim, obriguei-a a se deitar e descansar. Apaguei as luzes e deitei-me ao seu lado, até que adormecesse.

Voltei à sala onde estavam meus amigos. Laura estava arrasada e se sentia indisposta.

— Vá se deitar, querida! — convenceu-a Romeu. — Precisa repousar pelo bebê, e, além do mais, precisa estar preparada para ajudar a sua amiga amanhã.

— Certo. Eu vou, então. — Caminhou até porta do quarto. — Jim! — Retornou. — Por favor, não

hesite em me chamar se ela precisar de alguma coisa, está bem?

— Claro, Laura. Fica tranquila e descanse! — Esperei que ela saísse e desabei no sofá entre Romeu e Luís.

— Cara, que noite! É sempre movimentado por aqui? — Luís comentou.

— Nos últimos tempos, sim! — respondeu Romeu. — Bem, eu vou buscar um colchonete para você passar a noite aqui. Creio que não está com cabeça para voltar à velha Pousada.

— Agradeço, Romeu, mas não vou poder. Preciso resolver algumas coisas ainda hoje. Estarei bem cedo aqui, para acompanhar o momento em que ela acordar e souber que o pilantra do ex-marido estará à solta.

— Daremos um jeito amanhã. Daremos um jeito! — rebati tentando ser otimista.

CAPÍTULO 19

Evelyn

Acordei meio perdida entre a realidade e o sonho. Minha visão ainda estava nebulosa devido ao sono e às imagens que voltavam à memória. Sonhara com meu filho, mas desta vez não o via sofrendo, me implorando por ajuda ou com suas mãozinhas se perdendo da minha em meio a névoa e da dor. Eu o via brincando num campo cheio de flores, seu risinho estridente chegava aos meus ouvidos, trazidos junto ao frescor da brisa suave e o calor dos raios de sol.

Fechei os olhos. Queria voltar a adormecer, procurar por ele mais uma vez, sentir seus pequenos bracinhos em volta do meu pescoço como fazia antes, quando vinha correndo em minha direção, buscando por meu colo. Queria sentir seu cheiro inconfundível e único. Mas o sono se foi e não trouxe de volta o que eu tanto esperava.

Lembrei dos últimos acontecimentos. Quando

esta história iria acabar? Quando teria um fim? Estava levando comigo, ao fundo do poço, as pessoas que eu mais gostava, aquelas que eu amava. Meus amigos, meu irmão e Jim. Via o sofrimento, a tormenta em seus olhos e isso não era justo.

Sabia que Ricardo estaria solto pela manhã, pois não havia acusação sobre ele. É claro... Tudo aquilo era um círculo vicioso, uma bola de neve que não teria fim, só traria destruição, mais uma vez, às pessoas importantes da minha vida.

A luz da lua entrava pela janela aberta e o som da respiração de Jim me trouxe de volta a serenidade. Podia contar com ele! Sabia disso. Deitado de costas em sua cama, eu percebia, na penumbra do quarto, o seu sono tranquilo e invejável.

Fui com mansidão à sua cama e deitei-me em seus braços. Ergui a cabeça para apreciar o homem que tanto me apoiara, mesmo antes de saber da verdade por completo.

Renunciei tudo o que tinha depois da morte do Gustavo, sucumbindo à solidão e à tristeza. Desistira de amar e ser amada. Esquecera-me de ser

mulher. Até chegar a esta cidade e encontrar alguém que me fizesse enxergar que, apesar da dor, eu estava viva.

Lutei contra os sentimentos despertados pela presença de Jim, a troco de quê? De um marido, ou melhor, ex-marido que nunca me amou de verdade e apenas trouxe tristeza para mim e para meu filho?

Jim me trouxe a alegria de viver, e, junto a ele, via a possibilidade de chegar ao fim deste longo túnel de sofrimento. Com ele, me sentia viva, amada e desejada. Não iria mais fugir do que sentia.

Adorava o modo como me olhava, me tocava, o sorriso e o brilho dos seus olhos, o cheiro e a textura de sua pele. Trazia paz à minha mente aflita e aquecia meu coração de forma acolhedora.

Eu era obrigada a admitir que estava apaixonada por este homem!

Como se sentisse a intensidade do meu olhar, ou ouvisse os pensamentos e sentimentos que me afloravam a mente, Jim abriu os olhos e sorriu.

— Desculpa, não era minha intenção te acordar.

— Resolveu vigiar meu sono, agora? — brincou.

— Você vigiou os meus todos esses meses... achei que era hora de retribuir – disse, entrelaçando meus dedos aos seus.

— Outro sonho ruim? — Verificou as horas no relógio da cabeceira da cama, inclinando com suavidade a cabeça.

— Um sonho, mas não foi ruim, desta vez. — Ficamos em silêncio por alguns minutos, com ele acariciando meu braço. Podia sentir seu peito nu subir e descer a cada respiração.

— Você foi muito forte! Admirei sua força por não ter se deixado intimidar por aquele patife.

— Você também! Tenho certeza de que ele está lembrando do seu soco de direita até agora! — Vi seu sorriso na penumbra do quarto.

— Estava tão irado que só percebi quando ele voou sobre as mesas da Lanchonete da Celeste. — Gargalhamos lembrando da cena, apesar da perturbação que nos causou na ocasião.

— Obrigada. — Olhei, determinada, para ele. — Obrigada por estar comigo desde o início, respeitando minhas reservas, dando apoio e cumplicidade nesses dias mais difíceis!

— Não precisa agrade... — Interrompi que continuasse com uma de suas frases feitas, selando seus lábios com o dedo. Nossas mãos permaneciam unidas.

Precisava concluir, pois não haveria outro momento para isso, não tão cedo. Fugira por muito tempo, até mesmo do que sentia por ele, não iria mais esquivar. E este era o momento certo.

— Eu preciso! Não apenas agradecer, como também dizer que... — Respirei, buscando coragem para terminar a frase. Jim percebeu minha inquietude e se ajeitou ao meu lado, a fim de olhar diretamente em meus olhos.

— Então, fala... — sua voz demonstrava ansiedade.

— Eu te amo, Jim! — as palavras deslizaram pelos meus lábios com facilidade. Mantive os olhos fixos nos dele, percebendo o brilho da paixão retribuída e da felicidade.

— O quê? Repete! — disse sentando-se na cama e me trazendo para perto dele.

Consegui pronunciar as palavras que se apertavam em minha garganta há um bom tempo. O

alívio e a alegria inundaram meu corpo de uma maneira intensa. Eu o amava e não queria mais mentir para ele ou para mim mesma.

Não haveriam mais ameaças, nem mesmo papéis que me impediriam de me entregar a este sentimento e à felicidade. Joguei-me em seus braços, sentindo seu corpo quente junto ao meu.

— Eu te amo, Josias Ribeiro. — Ele envolveu meu rosto com as mãos e nossos olhos se cruzaram, pude perceber o brilho em seu olhar, mesmo sob a penumbra do quarto.

— Eu te amo, Evelyn Matias. Amo você, minha Coelhinha. — Inclinou-se e beijou com ternura os meus lábios.

Todos o sofrimento e anos de solidão, me trouxeram a este momento sublime e mágico. Meu coração batia forte dentro do peito. Minha respiração foi suspensa com o toque suave e macio de suas mãos em minhas costas, trazendo-me para mais perto ainda do seu corpo. Fechei os olhos.

Estávamos cientes de onde isso nos levaria, não éramos mais crianças. Eu não fugiria ou lutaria contra meus impulsos e desejos. Aos poucos, meus

lábios foram tomados por sua sensualidade e volúpia.

O calor do seu corpo de encontro ao meu arrepiava-me a pele. Deixei-me envolver em suas carícias, sem culpa e sem reserva. Nossos corpos se entrelaçaram com paixão, como se fossem apenas um. Sentia o peso dele sobre mim. Há quanto tempo ansiava por isso?

— Você tem certeza?

— Sim — sussurrei, sentindo seus beijos em minha pele.

— Não vai se arrepender, depois? — Forçou-me a olhar em seus olhos, levantando meu queixo com ternura.

— Nunca tive tanta certeza em minha vida! — Meus lábios se abriram num sorriso largo, as palavras saíam entrecortadas pela respiração.

Experimentava sensações que há muito não sentia: amor, carinho, desejo. Sentia-me amada e desejada. Viva! Novamente, viva!

— Então, diga...

— O quê? O que quer que eu diga? — respondi, instigando seus lábios junto aos meus.

— Diga o que você quer.

— Eu quero você! Quero ser sua...

Seus lábios e corpo me envolveram por completo e, sobre os lençóis macios, esqueci-me de quem eu era.

...

— Bom dia! — Acordei sentindo o carinho de Jim em meus cabelos, um sorriso lindo estampava seu rosto.

Jim olhava e cuidava do meu sono, como fizera em muitas noites desde que chegara, contudo, nesta manhã, as sensações que provava eram diferentes. Sentia-me leve e feliz, contrapondo-se ao medo e terror de outrora.

Na madrugada, adormeci em seus braços, embalada pelo prazer e o calor do seu corpo.

— Desculpa, não era pra você ter acordado agora. Queria, apenas, memorizar cada detalhe do seu rosto sereno, sem aquelas linhas de tensão na testa — disse, esfregando o local entre as minhas sobancelhas com o polegar.

— São rugas de preocupação — suspirei.

— Que não deveriam estar aí.

— Mas estão e vão permanecer até a gente se livrar de vez do Ricardo.

— Tudo acabará logo, confie em mim!

— Confio em você... — Levantei os olhos, sustentando os seus. — Jim, sobre a noite passada...

— Está arrependida? — indagou apreensivo.

— Não! Só queria saber... foi real?

— Foi real e será, para sempre! — Beijou-me com amor e carinho.

...

Ouvia vozes do outro lado da porta, estava sozinha na cama. Verifiquei o horário na tela do celular, que se encontrava na mesinha de cabeceira. Já se passava das dez horas da manhã.

A noite havia sido maravilhosa, um divisor de águas. Entregara-me a ele e nada me faria abalar outra vez, muito menos retroceder. No entanto, a realidade me aguardava para além daquelas quatro paredes do quarto.

A esta hora, Ricardo já fora solto, e só Deus

saberia o que ele seria capaz de fazer. Contudo, naquela manhã, experimentei uma força renovada, não permitiria me abater.

Ignorei as vozes que se intensificaram ao abrir a porta do quarto e segui até o banheiro. Tomei um banho demorado, pedindo à água que levasse embora todos os maus espíritos que poderiam se assolar sobre mim. Coloquei um shorts jeans, uma blusinha preta e fui descalça à cozinha em busca de um café.

— Evy? — Laura me interceptou no caminho. — Precisamos conversar.

— Claro, me deixe apenas pegar um café, pode ser?

Percebi, pelo canto dos olhos, que me olhavam em expectativa. Sabia, de antemão, o que pretendiam falar.

— Bom dia, Coelhinha. — Jim veio ao meu encontro, segurou meu rosto com suas mãos, beijando meus lábios e, em seguida, minha testa, me encorajando com seu sorriso travesso.

Eu o amava e sabia do seu amor por mim, isso traria forças para enfrentar Ricardo até o final.

Sentia-me confiante, apesar do tremor nas mãos. Acreditava que os constantes problemas que vinham me assolando estavam beirando o fim, e que eu voltaria a ser feliz.

— Pois bem, podem falar! — disse sentando com os pés sobre a poltrona, me encolhendo, segurando uma generosa xícara de café quente.

Não tinha intenção nenhuma de tomá-la, serviria apenas de fuga e escape para minhas mãos nervosas e trêmulas. Percebi que meus amigos se entreolharam, como se elessem quem seria o portador das más notícias.

— Coelhinha — começou Jim —, não quero que fique nervosa, mas preciso falar algo que talvez...

— Não enrola, Jim! — interrompeu Laura. — Evy, o delegado nos ligou mais cedo e nos disse...

— Disse que vão liberar Ricardo, porque não têm acusação sobre ele, apenas ficou detido por perturbar a paz e a ordem pública — interrompi.

— Como sabe disso?

— Bem, sou casada com um advogado, esqueceu?

— Não, *não é casada* com um advogado, você *foi*
PERIGOSAS ACHERON

casada! Para de falar assim, por favor! — Jim fez questão de frisar as palavras. Estava nervoso, precisava ser mais maleável com ele.

— Desculpe! — Descansei minha xícara na mesinha que alojava o telefone. — Não queria ser desagradável. É que... estou cansada de impunidades, só isso — emendei, abraçando-o, quando se ajoelhou à minha frente. — Alguma outra novidade? — perguntei rompendo o silêncio funesto que se instalou naquela sala.

— Sim. — Meu irmão que falou desta vez. — Ele exigiu falar contigo antes de ser liberado.

— Certo! Eu já esperava por isso também. Disse, ao menos, o que queria?

— Apenas que era um assunto do seu interesse, ou melhor, do nosso — respondeu Jim. — No entanto, o delegado avisou que não há lei que a obrigue a ir até lá. Ninguém pode forçá-la a falar com ele.

— Você me dá uma carona?

— Tem certeza de que quer ir, Evy?

— Você não tem obrigação de comparecer à delegacia, se não quiser, entende?

— Se não for, ele dará um jeito de me encontrar e dar o recado, então, não me resta outra opção. Vamos acabar logo com isso.

Segundos depois, minha bolsa estava em minhas mãos e seguíamos todos juntos, no carro do Romeu, à delegacia.

...

— Não posso permitir que mais ninguém entre, Jim, me desculpe — argumentava o delegado. — Esta é a minha delegacia e a ordem das coisas funciona assim! Policiais estarão dentro da sala, garantindo a segurança da Evelyn, mas sua presença, e a de mais ninguém, será autorizada! Ao menos que ela queira um advogado para acompanhá-la.

— Não preciso. Tudo vai acabar rápido.

Jim e os demais protestavam e me impediam de seguir em frente.

— Isso é loucura! Você sabe disso! Conhece o cara melhor do que a gente!

— Sozinha, você não vai, Evy! Ele que venha te encontrar aqui fora, onde podemos te proteger —

argumentaram.

— Chega, pessoal! Eu vou, está decidido.

Um silêncio se instalou na sala do delegado e, após alguns minutos, me enchi de coragem e me levantei. Segui atrás de um policial e ouvi uma voz conhecida trás de mim.

— Não se atreva a entrar sem o seu advogado, pequena Evelyn!

Virei-me para o local de onde vinha a voz, me deparando um senhor baixo e rechonchudo, com um terno dobrado, a camisa amarrotada e as mangas arregaçadas até os cotovelos, estendendo os braços abertos para mim.

— Tio! — respondi alegre, ao me envolver em seu abraço carinhoso.

— Bem, deixe-me apresentar, senhor delegado! — Estendeu a mão para o oficial, após retribuir meu abraço. — Sou Isaías Silvino, advogado, antigo advogado da Evelyn. Farei questão de entrar junto com ela naquela sala.

— O que está fazendo aqui? — perguntei curiosa. — Como soube tão rápido que Ricardo estava na cidade?

— As más notícias voam, minha pequena, assim como eu. — Sorriu e, dirigindo-se a Jim, continuou: — Você deve ser o Jim, muito prazer — disse, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Seu irmão advogado me ligou, hoje pela manhã, dizendo que meu sobrinho estava por aqui os importunando. Peguei um helicóptero e cheguei o mais rápido que pude.

— Só tenho a agradecer!

— Que bom que o senhor chegou! O delegado não estava deixando a gente entrar e a teimosa da Evy estava decidida a entrar sozinha! — choramingou minha amiga.

— Bem, então, vamos logo acabar com esse circo!

— Evy, meu amor, ele é de confiança? — perguntou Jim, interceptando-me, segurando as minhas mãos. — Pra entrar lá, contigo?

— Sim — respondi, segura. — Confio nele.

— Bem, então vamos.

Seguimos o policial por um corredor estreito, onde haviam diversas portas de madeira com um visor de vidro, organizadas lado a lado. Em uma

PERIGOSAS ACHERON

dessas portas, estava outro policial, em guarda e prontidão. Foi onde entramos.

— E não é que você veio, querida? — disse Ricardo, assim que surgiu na pequena sala. — Deve estar desesperada pelo divórcio, não é?

— Bom dia, meu sobrinho!

— O que está fazendo aqui, tio? Não me lembro de ter pedido um advogado.

— Não estou aqui como seu advogado, e sim para acompanhá-la.

— Diga logo o que quer! — falei aparentando calma, sentando-me na cadeira à sua frente, separados por uma mesa de ferro.

— Vou ser breve, porque tenho pressa para sair deste buraco imundo. Bem, minha querida esposa... — Fez uma pausa para que suas palavras surtissem efeito. O sorriso irônico não deixava a sua face. — Sei que quer muito o divórcio. É compreensível, pois quer se ver livre de mim e casar com aquele gigolô, que, muito provavelmente, deve estar lá fora te esperando.

— Escuta aqui — tentei rebater, porém, tio Isaías não me deixou prosseguir, segurando meus braços.

— Está apaixonada por ele, não está? — instigou.

— Diga logo o que quer, Ricardo! — esbravejou o tio.

Na sala, não havia mais nada além da mesa e três cadeiras, as quais estávamos sentados. Havia dois policiais ali, conosco, e o outro ainda podia ser visto, em pé, do lado de fora. Ricardo estava sentado em uma cadeira, com as mãos apoiadas no tampo da mesa, e não usava algemas.

— Só queria propor à minha esposa — sua voz era seca e monótona —, que eu assinaria agora mesmo os papéis do divórcio, se...

— É claro que haveria um “se” — falei em voz baixa, me sentindo desanimada ao encostar na cadeira.

— É claro, minha florzinha! Estou precisando de grana e você quer se ver livre de mim, então, vamos unir o útil ao agradável! O que acham?

— Sabe que não tenho mais nada!

— O seu amante deve ter algum dinheiro guardado, ou pode convencê-lo a conseguir pra você.

— Você é um canalha — levantei-me, alterada,
PERIGOSAS ACHERON

com as mãos sobre a mesa —, um crápula, um filho da...

— Evy, se acalme! — disse o advogado, me fazendo permanecer na cadeira. — É apenas isso que quer, sobrinho? Dinheiro?

— Sim. Se me der a grana, assino os papéis e sumo da vida de vocês.

— Bem... pois não se preocupe! Você vai voltar comigo ainda hoje à Capital, chegando lá, te darei o dinheiro que precisa. Você vai sumir deste país, seu passaporte está em dia, eu mesmo cuidei disso.

— O senhor foi sempre tão prestativo — sua voz me irritava cada vez que era emitida.

— Assim que estiver com o dinheiro em mãos, pegará o primeiro avião para qualquer lugar e nunca mais irá retornar! Estamos combinados?

— Assim, tão fácil? — ameaçou Ricardo.

— Não, antes assinará a petição do divórcio, para que nunca mais a Evelyn precise olhar na sua cara.

— Por mim, está certo, e para você, minha flor?
— soou sarcástico.

— Me diz uma coisa...

— O que quiser, querida! — Seu sorriso de escárnio me deixava enjoada.

— Você se importou comigo em algum momento, antes de tudo isso acontecer? — aumentei o volume da voz para que me ouvisse através da risada que enchia a sala. — Amou seu filho, de verdade? Ou éramos parte do seu joguinho o tempo todo?

— Se me importei ou amei vocês? É claro que sim! Fiz tudo o que fiz, por vocês dois! Via seu sofrimento, dia após dia, enquanto o menino agonizava sem a cirurgia e depois, após ser submetido a várias delas. Fiz o que fiz, por vocês! — Permaneceu em silêncio por alguns segundos. — Mas depois...

— Olhou para seu próprio umbigo, não foi?

— O dinheiro, sempre muito atrativo, vinha de um jeito ainda mais fácil! A lei estava lá, a meu dispor, e os caras inclinados a pagarem o preço...

— Seu filho foi esse preço! — retorqui com a voz alterada pela raiva e indignação, ao ouvir aquelas palavras. — Tem ideia disso?

— Alguém tinha de pagar, não é, querida?

— O quê?! Você ouviu o que acabou de dizer? Eu não acredito! — Recostei-me na cadeira, desesperançada.

A tristeza e a dor ameaçaram voltar, em forma de lágrimas. Afastei-as, e um nó se instalou em minha garganta.

— Depois, houve uma complicação, mas não imaginava que isso ia acontecer! Precisava pensar em mim, salvar a minha pele, entende?

— Em troca do seu filho? Do nosso sofrimento?

— Não podia voltar atrás! Eles me queriam morto e eu não imaginava que teriam a audácia de fazer o que fizeram.

— Não se importou, Ricardo, e continua não se importando, até hoje... Seu filho morreu! Nosso filho morreu! Você tem noção da intensidade de tudo isso?

— Era ele ou eu, querida! — disse olhando para as unhas, despreocupado.

Levantei-me com sofreguidão, erguendo as mãos e desferindo um tapa no rosto do Ricardo. O policial presente na sala se aproximou, porém tio Isaías fez sinal para que permanecesse onde estava.

A ira havia tomado minha visão e racionalidade, não acreditava na atitude tempestuosa que havia tomado, contudo, um alívio percorreu o meu corpo. Não era uma atitude louvável, sabia disso, mas me fizera muito bem. Há muito tempo eu aguardava e ansiava por essa ocasião.

Olhei para ele, esperando por sua réplica. Ricardo se limitou a passar as mãos pela face vermelha. Peguei a bolsa em meus ombros e saí da sala, sem olhar para trás, com a respiração ofegante e as pernas trêmulas. Queria esquecer aquele dia, esquecer as palavras pronunciadas e frias que saíram de sua boca.

“Era ele ou eu, querida!”

Fui direto para o carro, não aguentaria ficar mais um segundo ali dentro. O tio de Ricardo explicou ao Jim, e aos demais, o acordo estabelecido na sala. Em seguida, todos retornamos ao apartamento.

— O advogado disse que tudo se resolveria, Coelhinha. Vamos confiar e descansar, okay?

— Só o tempo dirá se ele cumprirá com sua palavra.

Recostada no banco do carro com os olhos

PERIGOSAS ACHERON

fechados, ouvia a voz do meu irmão e a do Jim.

Estava fácil demais...

CAPÍTULO 20

Jim

A manhã nasceu chuvosa e melancólica. Mesmo diante de todos os problemas, Evy insistiu em correr. Ainda era a sua válvula de escape e aprendi a respeitar isso. Acompanhei-a, como das outras vezes.

Não iria abandoná-la, apesar do meu cansaço. Estaria para sempre junto a ela, em todos os momentos, mesmo que não pedisse. Ela precisava de mim tanto quanto eu precisava dela.

Apesar dos meus receios, Evy parecia mais relaxada e descontraída. Arriscou algumas piadinhas com a intenção de me irritar e me provocar. Seu sorriso fluía mais solto. Tudo estava se resolvendo e, em breve, estaria livre para ficar comigo.

O dia anterior terminou, por fim, sem mais novidades. O advogado nos ligou assim que pousaram no aeroporto da Capital, avisando que

tudo estava acontecendo conforme o combinado. De lá, iriam ao escritório do meu irmão, para assinar os documentos e fazer a transferência do dinheiro para a conta do Ricardo.

— Isso basta para impedi-lo de voltar a te importunar, Evy? — perguntou Laura desanimada.

— Só o tempo dirá.

— Não pense assim, minha irmãzinha, uma hora ou outra, ele encontrará o que merece. Certas vezes, a pessoa se livra das leis comuns e da justiça, mas existem as leis da rua, não se esqueça disso!

— O que quer dizer com isso, Luís? — perguntou Romeu.

— Ele deve para traficantes e esse tipo de gente não obedece a mesma lei que nós obedecemos. As regras são outras. Veja o que fizeram com a Evy e seu filho para atingirem o Ricardo! Agora, estão apenas atrás dele, por isso, apareceu aqui, aceitando todas as condições para obter dinheiro e ajuda para sair do país.

— É triste pensar assim, mas há muita impunidade! — reclamou Laura, com pesar.

Meu celular tocou estridente, no bolso da calça.

— Alô? — atendi, sem reconhecer o número que aparecia no visor.

Uma voz masculina soou do outro lado, abafada.

— É o senhor Josias?

— Sim, sou eu.

Quem poderia ser? Há muito tempo ninguém me chamava pelo nome verdadeiro. Apurei os ouvidos para compreender o que dizia, a ligação não era nítida, sofria interferências.

— Quem está falando?

— Peça para a senhora Evelyn Matias Silvino ligar a TV, sim? — prosseguiu o interlocutor, ignorando minha pergunta.

Mesmo sem compreender, peguei o controle remoto da TV que descansava ao lado do aparelho e liguei. Nada vi, no momento, que pudesse ser do interesse dela.

— E o que estou procurando? — perguntei ao desconhecido, do outro lado da linha.

— Vá ao canal de notícias, ela entenderá! — Ouvi um som longo e estridente após essas palavras, indicando o término da ligação.

— Coelhinha, alguém disse que é pra você assistir a isso aqui. — Coloquei no canal indicado e aguardei, com o telefone ainda em mãos.

Evy aproximou-se da TV, com sua xícara de café.

— É ele! — falou Evy, engolindo a seco diante das imagens da TV. — É o Ricardo!

— Aonde? — falaram em uníssono, Laura, Romeu e Luís, aproximando-se dela.

Na tela, via-se cenas parecidas com as que costumámos ver em filmes policias: viaturas paradas com seus *highlights* ligados e policiais uniformizados isolando o local. Curiosos e repórteres, sob capas ou guarda-chuvas, permaneciam separados por um longo cordão amarelo e preto. Por fim, um corpo sob uma lona escura, com o emblema da polícia local, completava a imagem.

Permanecemos em pé em frente à tela, porém Evy se ajoelhou, depositou a xícara ao seu lado para, em seguida, levar as mãos à boca, estarrecida.

— Jim, o que falaram ao telefone?

— Não muito, Romeu, apenas que era para ligar a TV neste canal e chamar a Evy para assistir.

— Não disse ao menos o nome?

— Não. Mas devia ser alguém que a conhecia, pois usou o seu nome de casada: Evelyn Matias Silvino.

— A justiça das ruas foi feita! — celebrou Luís. Todos assistíamos espantados à cena, ali registrada.

De repente, surgiu, no canto da tela, uma foto retirada de algum documento pessoal, de um rapaz engravatado com o terno engomado. Reconhecemos, de imediato, o homem que aparecera na Lanchonete da Celeste na outra noite. No outro canto, via-se o nome do canal.

— Aumenta o volume, por favor! Ouça o que o repórter está dizendo!

O som estridente da TV, anunciou a voz do repórter:

Para você, que ligou sua TV agora, estamos transmitindo a cobertura completa do assassinato a sangue frio tendo como vítima um importante advogado da família Silvino.

Seu nome era doutor Ricardo Silvino, advogado criminal, que já apareceu neste canal em várias notícias, por ser responsável por livrar alguns

PERIGOSAS ACHERON

bandidos perigosos da cadeia, embrenhando-se nas brechas da lei.

Nos últimos meses vinha fugindo de traficantes. Testemunhas dizem que, a mais ou menos um ano, esse advogado havia ajudado um perigoso traficante a se safar da sentença da justiça.

Como muitos devem se lembrar, meses atrás, acompanhamos de perto o sequestro de seu filho, provocado por criminosos que estavam à procura deste mesmo advogado. Na sequência, acompanhamos também a morte da criança, após ter sido vítima de um terrível acidente.

Seu corpo foi encontrado em um beco nas ruas obscuras da Capital, na manhã de hoje, por um servidor público que realizava a coleta de lixo no local.

Segundo policiais da Capital, o corpo foi alvejado com vários disparos de arma de fogo, levando o advogado à morte imediatamente. Nada lhe foi levado. Entre seus pertences, se encontrava sua carteira com vários documentos, incluindo o passaporte e uma quantia em dinheiro.

Até o momento, não localizamos nenhum parente

ou amigo que pudesse dar depoimentos e declarações.

Ficamos por aqui e, em breve, voltaremos com mais informações, transmitindo a cobertura completa do assassinato do advogado Ricardo Silvino.

As palavras no rodapé do noticiário comprovaram o que acabamos de ouvir:

“Importante advogado é morto a tiros por traficantes na madrugada de ontem.”

A imagem foi substituída por outra e abaixei o volume da TV.

— Incrível... — falou Laura, sentando-se no sofá mais próximo. Romeu ainda estava boquiaberto com o que acabara de ouvir. Luís parecia se divertir, de modo sombrio, com aquilo.

— Evy? — chamei.

Ela ainda se encontrava na mesma posição, olhando assustada para a tela. Não sabia o que se passava em sua cabeça ou qual a maneira adequada para abordar o assunto, diante da situação.

— Como você está? — Eu me aproximei, agachando junto a ela, com as mãos em sua cintura.

— Acabou! Embora eu não quisesse desta forma. Sinto-me aliviada, porque... acabou!

— Acabou, meu amor! O importante é que acabou.

Evy não demonstrava quaisquer sentimentos, apenas olhava absorta para a tela, ainda ajoelhada.

Poderíamos, enfim, respirar aliviados.

EPÍLOGO

Jim

— Calma, Coelhinha! Vai dar tudo certo.

Corri para dentro do quarto a fim de buscar a bolsa que já estava pronta há meses. Levei até a sala, onde ela me aguardava sentada no sofá.

— Vamos, Jim! Pare de enrolar! Meu Deus! — gritou Romeu, enquanto eu voltava outra vez ao quarto.

Estava perdido, não sabia o que fazer. Era tudo novo para mim. Sentia a boca secar e o coração disparar dentro do peito, prestes a sair pela boca a qualquer momento.

— Calma, Evy. Você vai ficar bem! — disse Laura, ninando sua filha.

A menina linda que veio para alegrar a casa, há um ano e meio, se chamava Elisa. Tinha a pele negra como a mãe e os traços físicos do pai, que por sinal estava nas nuvens de tanta felicidade. Investia seu tempo em mimá-las, esposa e filha.

Agora, era a minha vez de ser pai e eu não sabia por onde começar.

— Estou bem, pessoal — garantiu Evy após mais uma contração, segurando com força o encosto do sofá. — Mas se puderem acelerar logo esse processo das malas, casacos e sei lá mais o quê... — Pausa para mais uma contração. — ... Eu agradeço de coração, viu?

— Certo, está tudo aqui, agora. Vamos sair. — Fiz menção de pegá-la no colo, mas Evy me empurrou para longe.

— Nem pensar! Eu posso andar sozinha, okay?

— Okay! — dissemos os três.

Já havia passado dois anos da morte trágica do Ricardo. Evy ficou consternada pela forma abrupta pela qual ele morreria. Fez questão de ir à Capital, dar as condolências à família, pois ainda sentia muito carinho.

Acompanhei-a, é claro. Não podia deixá-la sozinha nessa ocasião. Embora já não vivesse com o Ricardo há muito tempo, passara de casada para viúva de maneira repentina e trágica. Respeitei o momento de luto.

Depois de três meses, nos casamos, diante de Deus, na pequena Capela da cidade de Borópolis, sob um dia lindo de sol e calor. Laura e Romeu foram nossos padrinhos de casamento, assim como Luís e Renata. Celeste e Gonçalves representaram seus pais, como não podia deixar de ser.

Ela estava linda em um vestido branco, segurando um delicado buquê de flores colhidas por meu pai, em seu jardim. Evy adorou a surpresa.

Tudo fora bem simples, mas planejado com muito carinho. Muitas pessoas estavam presentes, compartilhando conosco a alegria. Foi um momento muito especial.

Meses mais tarde, descobriu que estava grávida e me deu uma bela surpresa ao me contar durante um show, que fazia na Lanchonete da Celeste. Vibrei com a notícia, no entanto, me senti perdido e incapaz ao ver Laura e Evy pela casa, de madrugada, com a pequena Elisa.

Não sabia o que fazer quando chegasse a minha hora de ser pai, e este momento se resumia, AGORA!

Eu corria pela casa, desesperado e sem saber o

PERIGOSAS ACHERON

que fazer, com meus amigos gritando e minha esposa contorcendo-se com as contrações de parto.

Romeu dirigiu, com Evy no banco da frente. Minha esposa, de vez em quando, jogava a cabeça para trás com os olhos e a boca fechados com firmeza. Para ela, não era novidade, como havia nos dito, entretanto, para mim, vê-la sofrendo devido às dores, me deixava nervoso e impotente, como poucas vezes sentira na vida.

Eu me limitei a sentar no banco de trás, ao lado da Laura e da Elisa. Em minutos, que mais pareciam horas, chegamos ao hospital. A alegria invadia o meu peito de uma maneira inexplicável! Já amava aquele *serzinho* que estava prestes a vir ao mundo.

Evelyn

Estávamos diante do túmulo do meu pequeno menino.

Hoje, era aniversário de cinco anos de sua morte, por isso fiz questão de vir à Capital e visitar o lugar que o acolhia. Ele não estava mais ao meu lado, descansava nessa pequena jazida.

Meu pequeno anjo, Gustavo.

Podia sentir ainda a dor pela sua morte. As lágrimas, em certas noites, teimavam em cair. Mas não ali, não hoje.

Sobre mim, no céu, estava uma grande nuvem escura e chuvosa, que ameaçava despencar há horas, embora o dia estivesse quente e abafado. Pássaros revoavam ao longe, procurando abrigo ou felicitando pela chegada iminente da chuva.

Diferente de anos atrás, quando chorei minha tristeza debaixo do sol e calor, sozinha, agora, já não estava mais só. Minha família crescera, de forma inesperada, dentro desses últimos anos.

Luís havia se casado com Renata e até mesmo

seu Paulo encontrara um novo amor. A filha de Celeste e seu esposo vieram morar com ela na pequena cidade. Sempre estávamos todos juntos, nos feriados e finais de semana.

Ainda morávamos com Romeu, Laura e a linda Elisa, entretanto tivemos que nos mudar para uma casa maior, a fim de comportar nossa família grande e feliz.

Ao meu lado, como sempre fazia, segurando-me pela cintura, estava Jim, o meu amor. Aos meus pés, brincando com as pedrinhas e a grama, podia ouvir a voz doce e estridente de Rosa, nossa filha. Linda, com sua pele branca como a minha e o sorriso largo e fácil como o pai, Rosa era uma garotinha meiga e brincalhona. Tinha dois anos de idade, porém sua determinação e segurança eram incríveis para seu pequeno tamanho.

Jim ficou emocionado com a homenagem que decidi fazer ao escolher o nome de nossa filha. Rosa era o nome de sua mãe.

Abaixei-me junto à jazida.

— As memórias que tenho de você, ao meu lado
— disse baixinho, como se Gustavo pudesse me

ouvir —, trazem um sorriso ao meu rosto e alegria ao meu coração... — Pressionei os lábios e fechei os olhos, visualizando seu pequeno rosto sorridente. — Sentirei saudades para sempre. Até a eternidade. Foi um privilégio conhecer você. Continuarei sentindo sua falta a cada segundo dos meus dias.

Jim repousou suas mãos sobre os meus ombros, me confortando e apoiando. Minha âncora e meu refúgio. Respirei fundo, antes de me levantar.

— Quem vai querer um sorvete de chocolate gigante, agora? — perguntei fazendo festa para a pequena menina que, com vivacidade, se levantou batendo as mãos, se livrando da sujeira.

— EU! — gritou correndo à nossa frente em direção à saída.

Jim me segurou antes que eu pudesse correr atrás dela, e nos beijamos como a primeira vez. Estava feliz, pois, afinal, eu tinha uma família.

A minha família.



Tempo de imperfeição

Vaccaro, Lilian

9788553270057

250 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando conhecemos uma pessoa não temos noção de tudo o que ela já viveu e passou em sua vida.

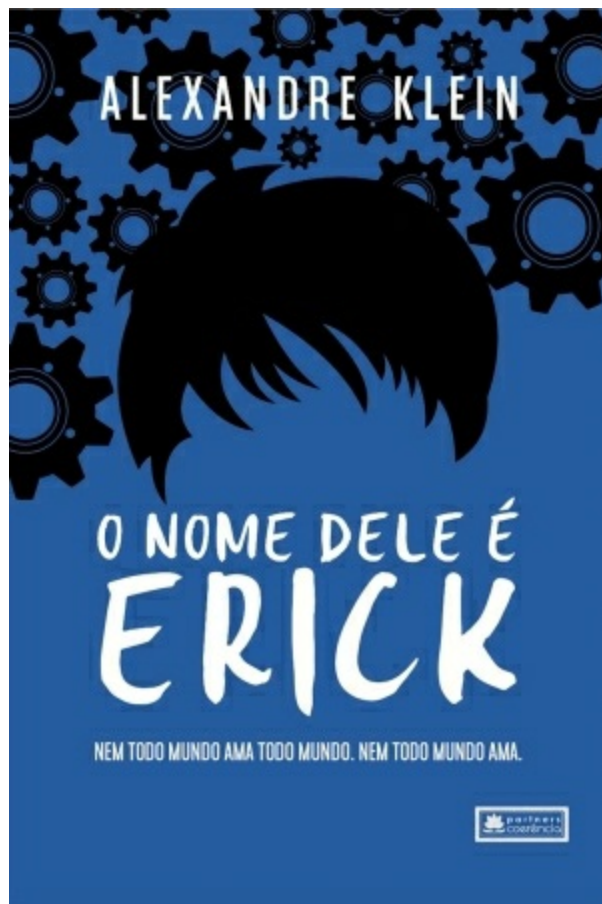
Pensamos: "Nossa, como ela é guerreira, batalhadora, consegue tudo o que quer, é feliz e está sempre com um sorriso no rosto!" Ou então: "Aff, que pessoa mais amarga, baixo astral e pessimista. Ela é tão infeliz." Mas a verdade é que julgamos sem nunca tentamos entender e descobrir pelo que essa pessoa já passou. Em "Tempo de (im)perfeição" você terá a chance de conhecer a trajetória de uma mulher incrível, que passou por momentos difíceis em sua vida. Foi rejeitada por sua aparência quando o seu intelecto era capaz de muito e o seu coração gigantesco. Uma esposa

PERIGOSAS ACHERON

companheira, uma mãe carinhosa, uma professora espetacular que encontrou um grande casulo em sua vida, mas que ao aceitá-lo e passar por sua grande transformação se tornou uma linda borboleta que hoje conhecemos e admiramos: Lilian Vaccaro.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

O nome dele é Erick

Klein, Alexandre

9788553270804

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lucca Angiani é reconhecido por toda a cidade como um dos alunos mais inteligentes da White Cloud, o notório e renomado colégio da região, além de ser o futuro prodígio da genética nacional. Após o recente término de seu relacionamento nas férias, Lucca se encontra perdido e sozinho na véspera de seus dezoito anos, portanto seus amigos decidem que ele precisa fazer alguma loucura, e, envolvido com drogas e bebidas, Lucca acaba por seguir em direção à casa mal-assombrada da região em marcha com sua equipe. Mas ao que parece, ela não está completamente abandonada. Com o retorno das aulas em seu último ano no ensino médio, Lucca precisa se dar conta de que

PERIGOSAS ACHERON

há um novo aluno e que existe muito mais por trás da repentina aparição dele. Na intenção de se recuperar dessas memórias que o machucam, ele se joga em direção ao desconhecido para descobrir quem é este garoto e porque ele é tão incrivelmente apático. "Nós pensamos muito e sentimos pouco"

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Ritmo perfeito

Júnior, Roberto

9788553270279

420 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lara está prestes a sair do ensino médio e, diferente da maior parte dos colegas, não pensa na faculdade, só tem certeza de uma coisa: será uma grande estrela da música. Sua vida quase pacata começa a mudar quando Samuel Evans, o bonitão do colégio que, além de tudo, é músico, inicia uma amigável aproximação. Ela só não imagina que a súbita proximidade de Sam tem a ver com uma aposta firmada entre ele, Sophia e Juliano — a patricinha e o valentão do colégio. Lara vê seu sonho se tornar mais próximo quando surge o concurso musical Ritmo Perfeito. Mas ela ainda precisará convencer seu pai de que seus sonhos valem a pena, tornar-se mais sociável, ajudar seus únicos dois amigos,

PERIGOSAS ACHERON

que têm problemas pessoais, e, sobretudo, entender-se de uma vez por todas com Samuel Evans.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Meridial

Hortenciano, Miya

9788553270859

330 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um reino politicamente instável, onde seguir ordens é a realidade de toda a população, seguir seu coração é um ato de rebeldia. Os jovens elfos da realeza, Brietta e Oriel, sabiam disso quando se entregaram a um romance proibido. Embora o amor fosse forte, as consequências também seriam. A inocência da juventude e o fogo de uma paixão cegam os jovens para essas consequências. Quando elas chegam, se tornam necessárias a maturidade e a força para que os jovens lutem por seu relacionamento e por seu reino. Quando você é parte da realeza as ações têm reação, a rebeldia tem um preço, a guerra tem consequências e o amor exige luta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS ACHERON



Borboletas na janela

Rangel, Sinéia

9788553270323

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Miguel Barcellar não esperava que o passado fosse invadir seu escritório, vestindo uma saia lápis, saltos Luiz XV, batom carmim e com um segredo que mudaria a sua vida. Há cinco anos ele se tornou pai. Em alguma parte do mundo, havia um filho que ele nunca conheceu, um garoto que foi entregue para adoção logo após o nascimento. Leon cresceu entre abrigos e lares temporários, até que conheceu Elena. Com histórias de vidas parecidas, foi criado um vínculo de irmãos e uma promessa: nunca abandonariam ao outro. E quando essa promessa parece impossível de ser mantida, o destino faz a sua magia. Pais e filho se encontram. Uma família conta a sua história. E as borboletas voam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS ACHERON